



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**JOÃO PAULO BRAGA CAVALCANTE**

**AUTOLESÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO: ABORDAGEM SOCIOLÓGICA**  
**ACERCA DE UMA SUBCULTURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA**

**FORTALEZA**  
**2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C364a Cavalcante, João Paulo Braga.  
Autolesão na era da informação : abordagem sociológica acerca de uma subcultura  
juvenil contemporânea / João Paulo Braga Cavalcante. – 2015.  
222 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa  
de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015.  
Orientação: Prof. Dr. Antônio George Lopes Paulino.
1. Adolescentes. 2. Automutilação. 3. Subcultura. 4. Tumblr. I. Título.

CDD 301

---

JOÃO PAULO BRAGA CAVALCANTE

AUTOLESÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO: ABORDAGEM SOCIOLÓGICA ACERCA  
DE UMA SUBCULTURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia. Área de concentração: Sociologia

Orientador: Prof. Dr. Antônio George Lopes Paulino.

FORTALEZA  
2015

JOÃO PAULO BRAGA CAVALCANTE

AUTOLESÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO: ABORDAGEM SOCIOLÓGICA ACERCA  
DE UMA SUBCULTURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia. Área de concentração: Sociologia

Orientador: Prof. Dr. Antônio George Lopes Paulino.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antônio George Lopes Paulino (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Jânia Perla Diógenes de Aquino  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Lígia Maria de Souza Dabul  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Profa. Dra. Diocleide Lima Ferreira  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

À Tia Nininha, à minha família.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer o apoio que tive dos meus amigos Camila Almeida, Marco Aurélio e Thiago Sampaio, amigos de profissão e sempre presentes nos momentos mais importantes. Gratifico também à amiga Patricia Pavesi, antropóloga com quem dividimos os mesmos interesses de pesquisa. Tive a satisfação de conhecê-la durante o ENEC. Ela se tornou mais presente durante esta fase final do meu trabalho compartilhando ideias. Agradeço ainda ao amigo Edilson Barreira, doutor em sociologia pela UFC, que tem me incentivado desde a época da graduação, recentemente também um companheiro de viagens durante os congressos.

Agradeço ao meu irmão Leonardo de Queiroz, tanto por sua compreensão das minhas ausências junto à família, nesta fase de estudo, como por sua empolgação em discutir temas deste trabalho em diversas ocasiões.

Ao amigo Aimberê Botelho, homem sábio e também muito divertido, um apoio significativo, um funcionário exemplar e dedicado ao Programa de Pós-graduação de Sociologia da UFC.

Ao amigo Anderson Goes (o Mr. Anderson), jovem vocalista e compositor de rock alternativo, com grande talento.

Aos amigos Sóstenes Farias e Márcia Viana, compreensíveis durante meus afastamentos ao trabalho, dando-me a tranquilidade necessária para a conclusão deste texto.

À minha mãe e à minha namorada Sirlei Nunes, pessoas excepcionais, amáveis e compreensíveis, as mais prejudicadas neste meu processo de isolamento para a conclusão deste trabalho.

Aos amigos e professores Geovani Jacó e Linda Gondim, que já foram meus orientadores, por dar-me grandes contribuições ao longo da minha vida acadêmica e apoio na presente fase.

Aos professores George Paulino e Peregrina Capelo, cada um a seu modo e em momentos distintos, deram-me sugestões e insights valiosos e, por isso, sou muito grato.

Tive o apoio da Coordenação do Programa, na pessoa do Prof. César Barreira, um incentivador dos alunos, prestativo e sensível sempre.

Agradeço aos professores da Pós-graduação da UFC, com os quais pude contar desde o meu mestrado.

Este trabalho teve o financiamento da fundação CAPES.

*A grande ameaça proveniente do adolescente é a ameaça àquele pedaço de nós mesmos que não teve realmente adolescência. Esse pedaço de nós mesmos faz com que nos ressentamos e nos irritemos porque essas pessoas foram capazes de ter sua fase de turbulência e depressão, e faz com que queiramos descobrir uma solução para elas.*  
Donald W. Winnicott

### **cortes que salvam**



**Meus cortes, minhas cicatrizes, minhas escolhas, as vezes eu não sei por que faço isso, só sei que foi assim que eu aprendi a lidar com a minha dor, sozinha. E se você acha que eu sou só mais uma garota idiota que se corta para chamar atenção, tenho uma solução para você, saia do meu tumblr, obrigada pela (in)compreensão.**

Fonte: Tumblr, [2010]

## RESUMO

Esta pesquisa abordou o fenômeno conhecido como automutilação ou autolesão, particularmente sua manifestação entre adolescentes, e que pode ser entendido como sendo o ato intencional de causar algum tipo de dano ao próprio corpo sem, no entanto, visar o suicídio, mesmo que este acidentalmente ocorra. Às vezes, também associada a alguns tipos de transtornos mentais, como o transtorno de personalidade *borderline* ou limítrofe, a conduta autolesiva – cortar-se, queimar-se com pontas de cigarro, autoenvenenar-se dentre outros – tem sido tema de estudos, em grande parte, concentrados na área médica e psicológica. Boa parte destas pesquisas encara este fenômeno numa perspectiva de doença e tratamento, às vezes, em ambientes clínicos, onde é menos relacionado a contextos mais abrangentes de experiências do indivíduo. Por esta razão, a investigação ora proposta é uma tentativa de compreender a conduta autolesiva a partir de uma abordagem sociológica, de modo a privilegiar contextos sociais e interpessoais interligados a este fenômeno, muitas vezes referido estritamente como um comportamento autodestrutivo. Em outras palavras, a ideia aqui presente, em síntese, é dar relevância ao ambiente externo ou contexto e sua relação com o modo como indivíduos lidam com suas emoções e sua identidade. Assim, tendo em vista o atual crescimento da autolesão entre adolescentes, particularmente sua manifestação em forma de cortes, como tem sido noticiado em diversos meios de comunicação no Brasil e no mundo, partiu-se da hipótese de que, muito mais que um transtorno interno, a automutilação pode estar relacionada aos processos ou transformações da sociedade da informação contemporânea, tais como consumismo, individualização, mudanças de valores, onipresença da tecnologia digital no cotidiano, o que também afeta mesmo os aspectos mais íntimos da vida social. Estas e outras considerações, no entanto, carecem ou necessitam de pesquisa empírica. Deste modo, dado a abordagem adotada, a investigação foi realizada a partir de contextos práticos de experiência social, considerando tanto lugares físicos, como também ambientes virtuais em torno dos quais supostamente práticas de automutilação vinham ocorrendo ou sendo veiculadas, em cada caso. Os espaços urbanos da cidade de Fortaleza, Brasil, foram aqueles apropriados por adolescentes e jovens que se identificam com os gêneros de rock pós-punk e pós-*hardcore*, em torno dos quais orbitam subculturas urbanas, tais como góticos, punks, emos ou mesmo simpatizantes. Muitos destes encontros tornaram-se conhecidos como pontos

de encontro da subcultura emo, por vezes referida pelos *outsiders* a ela como sendo uma “tribo” de adolescentes excessivamente emotivos, que cultuam ou vêem como normais o suicídio e a depressão. Concomitante aos trabalhos de campo, realizados entre agosto de 2011 a fevereiro de 2013, a automutilação foi observada no ambiente virtual da rede social Tumblr, onde conteúdos relacionados a esta prática vinham crescendo mais ou menos no mesmo período, em postagens de *blogs* de adolescentes e jovens. Através de métodos que incorporam a perspectiva etnográfica aliada ao uso de entrevistas, dentre outros materiais de coleta de dados, este trabalho procura explorar outros aspectos e lançar novos questionamentos para além da visão clínica em torno da automutilação.

**Palavras-chave:** Adolescentes. Automutilação. Autolesão. Subcultura. Tumblr.

## ABSTRACT

This research dealt with the phenomenon known as self-mutilation or self-injury, particularly its manifestation among teenagers, which can be understood as the intentional act of causing any harm to the body itself without, however, strive to suicide, even if this occurs accidentally. Sometimes also associated with some types of mental disorders, such as borderline or borderline personality disorder, conduct autolesiva - cut themselves, burning with cigarette butts, autoenvenenar up among others - has been the subject of studies in large part, focused on the medical and psychological area. Much of this research takes this phenomenon from the perspective of disease and treatment, sometimes in clinical settings, where it is less related to broader contexts of individual experiences. For this reason, the research proposed here is an attempt to understand the autolesiva conduct from a sociological approach in order to favor social and interpersonal contexts linked to this phenomenon, often referred to as a strictly self-destructive behavior. In other words, the idea here present, in short, is to give relevance to the external environment or context and its relation to how individuals deal with their emotions and their identity. Thus, given the current growth of self-injury among adolescents, particularly its manifestation in the form of cuts, as has been reported in various media in Brazil and in the world, broke the hypothesis that, much more than an internal disorder, self-injury may be related to processes or changes in society of contemporary information such as consumerism, individualisation, changing values, ubiquity of digital technology in daily life, which also affects even the most intimate aspects of social life. These and other considerations, however, require or require empirical research. Thus, given the approach taken, the research was carried out from practical contexts of social experience, considering both physical places, as well as virtual environments around which supposedly self-mutilation practices were occurring or being conveyed in each case. The urban spaces of the city of Fortaleza, Brazil, were those appropriate for teens and young people who identify with the post-punk genres of rock and post-hardcore, around which orbit urban subcultures, such as Goths, punks, emos or even sympathizers. Many of these meetings known as points against the emo subculture, sometimes referred to by outsiders to it as a "tribe" of overly emotional teenagers who worship or see as normal suicide and depression. Concurrent to the fieldwork, carried out between August 2011 to February 2013, self-

injury observed in the virtual environment of the social network Tumblr, where content related to this practice had been growing at about the same period, adolescents and blog posts young people. By methods that incorporate ethnographic perspective combined with the use of interviews, among other data collection materials, this paper seeks to explore other aspects and launch new questions in addition to the clinical view around the self-mutilation.

**Keywords:** Adolescents. Self-Harm. Self-injury. Subculture. Tumblr.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Cenas do filme “O Quarto do Suicídio” .....	18
Figura 2. Exemplos de adolescentes com estilo emo .....	20
Figura 3. Recorte de diálogo da rede social Tumblr: Interação on-line entre os usuários Rad1oactivo e Girl Depressed.....	32
Figura 4. Interface do Tumblr para dispositivos móveis .....	59
Figura 5. Exemplo de interface do Tumblr .....	62
Figura 6. Outros exemplos de imagens comuns no Tumblr: O quarto como expressão de conflitos existenciais e solidão .....	63
Figura 7. Vista aérea da Praça Portugal, Fortaleza, Brasil.....	66
Figura 8. Imagem de perfil público (sem restrições): adolescente no estilo emo fazendo corte vertical no braço na altura do pulso.....	68
Figura 9. Praça Portugal: Rodas de conversas de adolescentes e jovens na PP .....	69
Figura 10. Rotatória da Praça Portugal .....	72
Figura 11. Culto católico na PP .....	75
Figura 12. Alguns agrupamentos de reuniões à direita do culto católico .....	75
Figura 13. Entretenimento nas noites de domingo da PP .....	78
Figura 14. Cena do filme O Quarto do Suicídio.....	84
Figura 15. Autolesão com lâmina de barbear.....	92
Figura 16. Encontro de “tribos” urbanas na Praça Verde do Dragão do Mar .....	94
Figura 17. Trajeto DM (ponto A) até as imediações do Fafi Bar (ponto B).....	96
Figura 18. Vista aérea das proximidades do Fafi Bar.....	97
Figura 19. Imagem de uma típica reunião em uma squat (no caso, residência) punk .....	99
Figura 20. Galera <i>under</i> nas proximidades do Fafi Bar (D).....	100
Figura 21. Contexto de reuniões informais para encontros na área apropriada do gramado (C) .....	101
Figura 22. Tumblr sobre automutilação.....	112
Figura 23. Recorte de diálogo do Tumblr: conselho de uma jovem que se corta para outra jovem.....	114
Figura 24. Reunião informal de jovens da cena .....	116
Figura 25. Rede social de adolescente da pesquisa de campo .....	118
Figura 26. Reunião <i>under</i> no Centro Dragão do Mar .....	120

Figura 27. Agrupamentos de encontros de reuniões undergrounds aos sábados: Ponto “D” criado pelos adolescentes da cena .....	125
Figura 28. Recorte de tela de tumblr de cortes .....	128
Figura 29. Imagem de tumblr de automutilação: A noção do corte como vício e alternativa contra o sofrimento .....	130
Figura 30. Adolescentes da cena under do Fafi .....	134
Figura 31. Praça Portugal: Garrafas de bebida amontoadas em um pequeno local reservado da PP .....	137
Figura 32. Noite de sábado no Fafi: Cortes do garoto gay que relatou “tentar a sorte com os bombons” .....	139
Figura 33. Adolescente “underground” no estilo <i>scene kid</i> fala sobre <i>borderline</i> em seu tumblr .....	141
Figura 34. Adolescentes iraquianos com visual inspirado na subcultura emo ou pós-punk .....	146
Figura 35. Apedrejado até a morte por ser um emo: noventa estudantes iraquianos mortos por ter 'cabelo e apertadas roupas estranhas' .....	147
Figura 36. Exemplo de imagens que podem remeter à ideia de cortes como algo cool .....	151
Figura 37. Imagens de tumblrs de jovens depressivos que praticam a automutilação .....	159
Figura 38. Imagem do Tumblr .....	162
Figura 39. Exemplo de vivência contundente de automutilação.....	164
Figura 40. Postagem de imagem e texto em rede social .....	166
Figura 41. Vocalista Ian Curtis na capa da MOJO, edição de abril de 2005 .....	167
Figura 42. Exemplo de tumblr encontrado pela busca do termo “dor” .....	176
Figura 43. Pesquisa no Tumblr com o termo “amizade” .....	177
Figura 44. Postagem de imagem com cortes e cicatrizes onde se lê “eu me odeio” .....	183
Figura 45. Instagram de Andy Biersack, vocalista da BVB .....	189
Figura 46. Show do MCR em Kansas City .....	190
Figura 47. Visão coletiva em torno da autolesão e da depressão adolescente .....	197

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	17
1.1 Aflições virtuais adolescentes de um mundo real.....	17
1.2 A automutilação bate à porta nos anos 2000: os “novos” punks e os cortes .....	19
1.3 Questões em torno da pesquisa empírica sobre autolesão adolescente .....	22
1.4 Organização do trabalho .....	25
2. METODOLOGIA.....	27
2.1. Apontamentos preliminares acerca do recorte teórico-metodológico.....	27
2.2. O mundo empírico das dores da alma (adolescentes): perspectivas críticas em torno da individualidade e da modernidade.....	35
2.2.1. <i>O fenômeno da autolesão e as visões teóricas acerca do indivíduo e da modernidade .....</i>	<i>35</i>
2.2.2 <i>Algumas considerações sobre o underground e a subcultura no contexto do estudo da autolesão.....</i>	<i>39</i>
2.3. Materiais e métodos para uma pesquisa qualitativa da autolesão adolescente .	43
2.3.1. <i>Abordando contextos sociais em fenômenos “psicológicos”: uma proposta de análise qualitativa.....</i>	<i>43</i>
2.3.2. <i>Métodos e materiais como processo de imersão no campo.....</i>	<i>46</i>
2.3.3. <i>Observações preliminares acerca da pesquisa de campo .....</i>	<i>49</i>
2.4. Observações metodológicas sobre a “rede social do corte” .....	56
2.4.1. <i>A rede como fenômeno de investigação .....</i>	<i>56</i>
2.4.2. <i>O Tumblr/cortes como fonte de dados .....</i>	<i>60</i>
3. A “PRAÇA DOS EMOS” .....	64
3.1. Apresentação .....	64
3.2. Chegando à PP .....	67
3.2.1. <i>A breve experiência de ser encarado como “nativo” .....</i>	<i>73</i>
3.2.2. <i>Do plano da observação ao plano da interação: encontros e reuniões da cena under.....</i>	<i>76</i>
3.3. Jovens da cena, vodka, rupinol .....	85
3.3.1. <i>Algumas lições dos encontros undergrounds.....</i>	<i>85</i>
3.3.2. <i>A autolesão adolescente: o fuck you =&gt; irrompe o espaço da interação .....</i>	<i>89</i>
3.4. Entre o Dragão e o Fafi: apropriações espaciais e “narrativas do corte” .....	93
3.4.1. <i>Considerações iniciais à “largura de banda” da cena underground .....</i>	<i>93</i>
3.4.2. <i>O nascimento do Fafi da galera under .....</i>	<i>96</i>
3.4.3. <i>Após a apropriação, as narrativas “autodestrutivas” .....</i>	<i>102</i>
4. A ESCALADA DA AUTOLESÃO ADOLESCENTE .....	115
4.1. Considerações iniciais.....	115
4.2. A conduta de risco e as fronteiras existenciais do self-harm.....	116

4.3. Considerações preliminares acerca das camadas de desvio .....	122
4.4. Ambivalência e crise do eu no cenário jovem underground .....	130
4.5. Liberdade e controle social em torno do pós-hardcore punk emocional .....	142
4.6. A conexão entre o cutting e as subculturas do pós-hardcore punk .....	148
5. A AUTOLESÃO E O UNDERGROUND: CONEXÕES HISTÓRICAS E ESTÉTICAS .....	154
5.1. Considerações iniciais sobre as conexões históricas da cena alternativa e a virada emocional do pós-punk .....	154
5.2. Ressonâncias musicais e literárias das transgressões da dor .....	158
5.3. Subcultura, consumo e a autolesão .....	169
6. A POLÍTICA DA AUTOLESÃO .....	175
6.1. O universo do corte no contexto das interações em redes de computadores ..	175
6.2. O Poder crítico da melancolia em rede: a máquina narrativa por trás da autolesão .....	184
6.3. Rumo à dimensão crítica da autolesão na era informacional: uma leitura possível .....	192
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	199
REFERÊNCIAS .....	203
APÊNDICE .....	213
ANEXO A .....	214

## 1 INTRODUÇÃO



### I Can Be Perfect

I'm not good enough but okay... or no

“Somos adolescentes suicidas, dizendo para outros adolescentes suicidas, que o suicídio não é a solução”

—

#que ironia #ironico #ironia #cortes #corte #cutting #suicídio #morte #depressao

1.358 notas



Fonte: Tumblr

### 1.1 Aflições virtuais adolescentes de um mundo real

As "cenas" jovens contemporâneas podem ser muito bem traduzidas em linguagens menos formais ou técnicas, como as artes: literatura, fotografia, música, cinema e, mais recentemente, em artefatos de tecnologia de comunicação *online*.

Por exemplo, no que diz respeito aos dilemas de jovens e adolescentes, frente à construção da identidade e o desenvolvimento afetivo, que constituem o tema deste trabalho, o filme *O Quarto do Suicídio*<sup>1</sup> conta a história de Dominik, um jovem polonês filho de pais bem sucedidos e ausentes, bastante envolvidos em suas respectivas carreiras profissionais. O garoto, em uma festa da escola é desafiado pelo grupo a beijar outro rapaz, e assim o faz. Logo o vídeo do desafio cai nas redes sociais *online* e Dominik torna-se alvo de *cyberbullying*, insultos e humilhações através da Internet. Antes destes episódios, uma das cenas na escola mostra os adolescentes vendo um filme de automutilação postado numa rede social, similar a vídeos como “Minha Automutilação :/”, postados no Youtube<sup>2</sup>. Uma mensagem no vídeo lida por Dominik é “mundo fechado, feridas abertas”, no que ele escreve em resposta “mundo

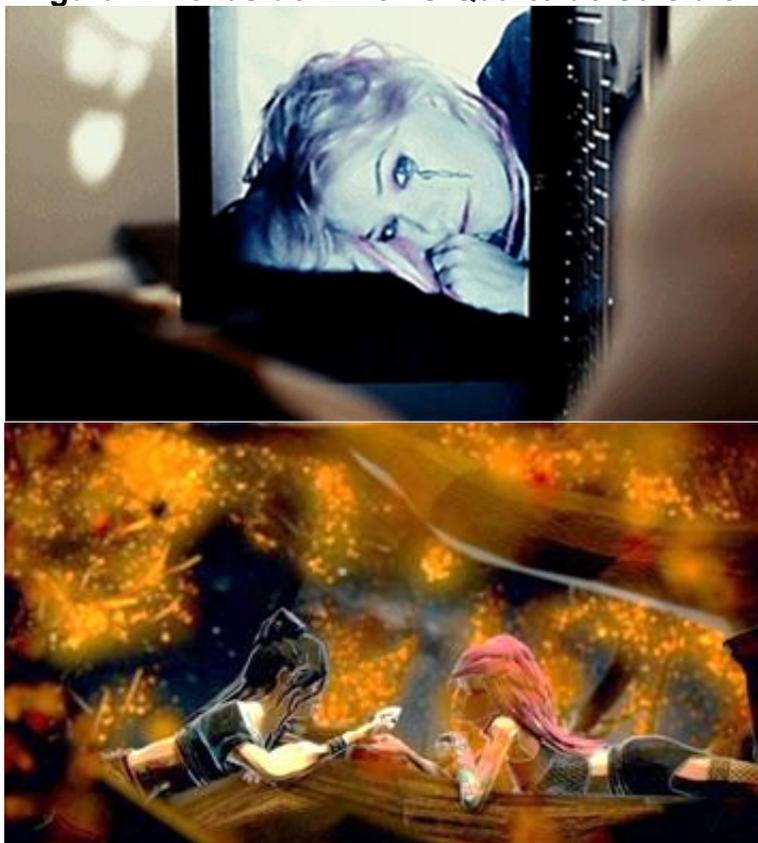
<sup>1</sup> *Sala Samobójców*, em polonês, de 2011, título que faz referência a uma comunidade virtual 3D.

<sup>2</sup> “me [sic] chamo amanda tenho 13 anos, nunca me cortei, mas vou começar pra ver se me alivio. Pais separados, família distante, brigas toda hora, problemas na escola na igreja e uma perturbação terrível na cabeça...” (Exemplo de um dos muitos comentários ao vídeo postado) (MORAES, 2012).

aberto, feridas fechadas”, uma mensagem de encorajamento para uma garota anônima.

Mais tarde, quando os eventos negativos com o personagem se intensificam, particularmente com agressões mais severas pela Internet, o garoto se isola em seu quarto, algo que só será notado mais tarde por seus pais, dias depois. Atormentado em seu quarto, com seus pensamentos, agitado, chorando, novamente vê uma mensagem no site do vídeo de automutilação anteriormente visitado por ele: “Estou sangrando, vivendo quietamente”. Ele responde “Estou vivendo, sangrando quietamente”. “Venha aqui!”, que consistia num convite para a *Sala do Suicídio*, ambiente virtual em 3D, onde outros jovens potencialmente suicidas conviviam. Ao entrar na Sala conduzido pela jovem Sylwia, que tinha ideias suicidas, mesmo com sua dor o garoto começa a tentar convencê-la de que o suicídio não é a solução. Eles criam um elo, um laço afetivo, e a Sala passa a ser o mundo de Dominik, afastado da sociedade lá fora. Na primeira imagem, Dominik e Sylwia conectados via Internet com webcam. Na segunda imagem, os mesmos personagens no ambiente virtual 3D com avatares.

**Figura 1. Cenas do filme “O Quarto do Suicídio”**



Fonte: KOMASA, 2011.

A amizade cresce em meio ao fluxo interno de conflitos de ambos, onde um tenta entender o outro – lá na Sala, Dominik consegue criar uma espécie de família e ser compreendido – sempre tentando sair do virtual para um encontro fora do computador em algum lugar, no intuito de afastar a ideia do suicídio de Sylwia. Seus pais, bastante preocupados com os exames finais da escola, tentam ajuda psiquiátrica para que o rapaz saia do quarto, inclusive dispensando um médico que adotava o modelo clínico dialógico para contratar outro que receitasse medicamentos, uma solução mais rápida diante da data das provas, importantes para o sucesso futuro dos estudos do garoto. Dominik aos poucos adota o estilo de corte de cabelo e as vestimentas da subcultura emo e, em meio ao desencadeamento de algumas situações, tem um final trágico.

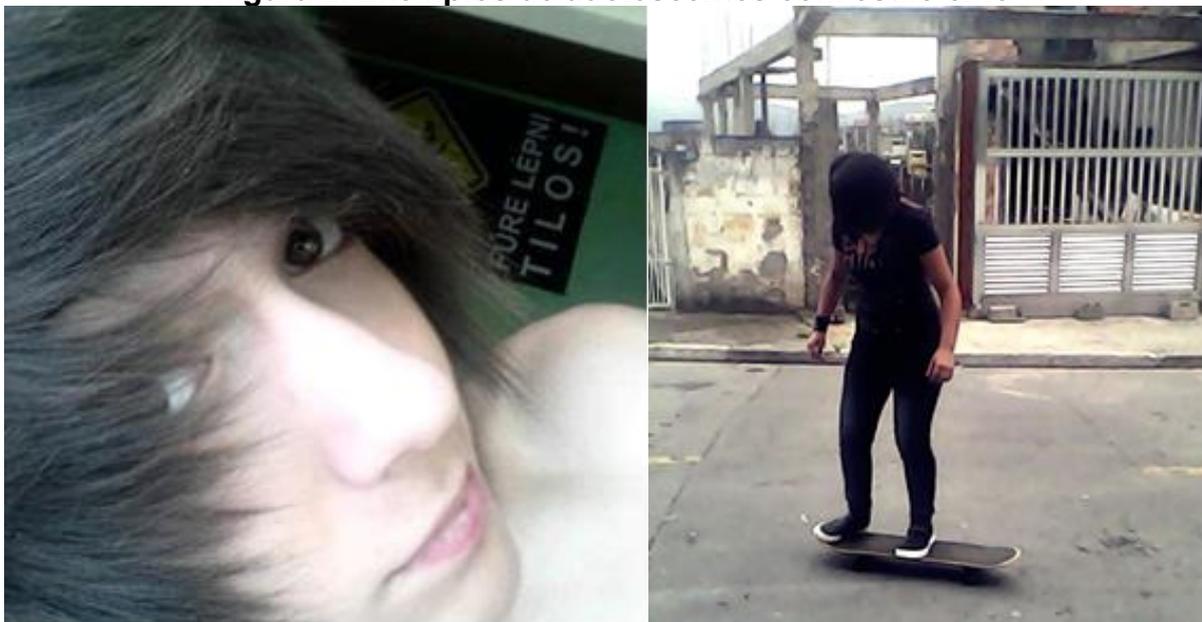
Com mais de mil notas de outros usuários que estão conectados e presentes naquela arquitetura de rede, a imagem acima, da rede social Tumblr, tem relação com a mensagem específica que o filme do diretor e roteirista polonês Jan Komasa procura transmitir. Muitos destes usuários, mesmo que eles próprios – adolescentes que veem a si mesmos como indivíduos esquecidos, isolados, criticados dentre outras coisas – estejam em aflição, em sofrimento psíquico que leva à automutilação e a outras formas de autolesão, tentam convencer outros jovens de que a vida deve ser vivida, tentam aconselhar e estimular seus pares neste propósito. Dentro deste ambiente eles estão muito frequentemente vinculados através de marcações como as que constam na imagem acima: #cortes, #cutting, #suicidio, #morte, #depressão... E esta vinculação é, também, de uma maneira importante, de contextos de vida. A rede é uma expressão das condições do “mundo lá fora”, simplesmente por que não é possível conceber as mídias separadas do mundo social e da cultura que lhes dão forma e significado (CASTELLS, 1999; BRIGGS, BURKE, 2004).

## **1.2 A automutilação bate à porta nos anos 2000: os “novos” punks e os cortes**

Outro aspecto importante em torno deste processo relacionado aos sentimentos dos jovens e suas conexões, um ponto intrigante, é o fato de temas como suicídio e automutilação terem começado a vir à tona nos anos 2000 associados à subcultura emo. O emo deste período é em grande parte um fenômeno das mídias eletrônicas digitais (SIMON, KELLY, 2007), expandindo-se pelo mundo através desta

poderosa ferramenta de comunicação, em meio a comunidades virtuais, blogs, redes sociais e outros. À direita, imagem aberta em perfil da rede social Facebook. À esquerda, imagem postada no grupo Emo in Tunísia no Facebook

**Figura 2. Exemplos de adolescentes com estilo emo**



Fonte: GENERATION, [2013].

O termo emo é um acrônimo da expressão inglesa *emotional hardcore* ou *emocore*, subgênero de rock da era pós-punk e que teve origem na cena regional musical de Washington DC, Estados Unidos. Em meados de 1980, bandas como Rites of Spring e Embrace, em meio à cena *underground*, ou seja, sons abrasivos e distorções pesadas de guitarra, não muito digeríveis no *mainstream*<sup>3</sup>, com gravações independentes, deram uma virada lírica – letras emocionais e expressivas, – em relação aos temas mais políticos das bandas da primeira geração punk. Dentre outras questões fundamentais (O'CONNOR, 2002), na nova estética e visão que surgia naquele período, incrementando o punk como uma voz e uma expressão, o *emocional*, sentimento também carregado de sentido político. Muitas das canções, executadas com aquela energia punk ao som de distorções de guitarra, pareciam profetizar os eventos descritos e interpretados ao longo esta investigação:

<sup>3</sup> Sabe-se que a primeira banda a popularizar o *hardcore* na grande mídia, alcançando extraordinário sucesso comercial no início dos anos de 1990 foi o Nirvana, grupo que encerrou após o suicídio do vocalista e compositor Kurt Cobain, em 1994. A banda é frequentemente vinculada à cena grunge de Seattle, Estados Unidos.

*Não posso suportar a rejeição  
Faz-me sentir inferior  
Eu sempre me empenho para a lição  
Por medo de que a vida não signifique nada*

*Preso em pensamentos  
Do que fazer  
Com o corpo quando  
A máquina apodrecer*

(Tradução livre, Embrace, canção "If I Never Thought About It" do álbum *Embrace de 1987* (IF I NEVER..., 1987).

No início dos anos 2000, porém, o que era um estilo musical de uma cena regional, conhecida como *Revolution Summer*, entrou na popularidade *mainstream* com o sucesso de bandas como *Fall Out Boy*, *Panic! at the Disco*, *My Chemical Romance* e outras, que se apropriaram do estilo e o tornaram mais comercial. No Brasil, as bandas conhecidas do gênero são, por exemplo, NX Zero e Fresno<sup>4</sup>. Foi neste período que o emo passou a ser visto não tanto como um subgênero de *hardcore punk*, mas como uma “tribo” urbana. Logo em seguida, vieram os *scene kids*, ou jovens da cena, e o *From Uk* (fenômeno urbano de um mundo globalizado e interconectado), muitas vezes confundidos com o emo e que foram criados e difundidos nas mídias informais da Internet<sup>5</sup>.

Além de certa rejeição e preconceito em torno dos emos (muito forte especialmente em países como México e Rússia), tanto por seu estilo de música contestado por “representantes” de outras tribos do meio musical, como pela profunda tolerância à bissexualidade nesta subcultura, alguns fatos começaram a favorecer uma visão *outsider* (aqueles que estão de fora do mundo emo, de suas convicções, de suas atitudes e de seu estilo) de que o emo tinha uma tendência ao suicídio e à automutilação.

Em 2008, o suicídio de uma garota britânica adepta do estilo emo de 13 anos causou uma espécie de estopim para propagar a ideia de que os signatários de tal estilo seriam propensos ao suicídio e à depressão, uma vez que a jovem, antes do incidente, segundo seus pais, havia feito cortes no próprio corpo. Antes deste

<sup>4</sup> Não irei aqui aprofundar sobre a validade artística ou não destes grupos diante da crítica musical acerca do que vem a ser ou não o legítimo pós-*hardcore*, pois estas bandas estão mais ligadas ao emo pop de grande circulação do que ao *underground*. Importa saber que elas estiveram presentes no movimento urbano da subcultura emo dos anos 2000. Os estilos mais *undergrounds*, porém, irão se vincular a outras bandas, de subgêneros como o *deathcore* e o *emo-violence*, ainda que comerciáveis.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, Generation Hredes-Emo-black-Punk-GoTh TunisiA, comunidade de jovens da Tunísia no Facebook (GENERATION..., [2013]).

episódio, um jovem que tinha um visual emo e postava roupas da loja Police emo nas redes sociais cometera suicídio em 2005. A década de 2000, uma das mais prósperas e economicamente importante para os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), parecia tomada por uma sombra que envolvia justamente pessoas bastante jovens e de vida materialmente confortável. Smith (2009), numa matéria para o *Chicagotribune.com*, relata o caso do suicídio do garoto de 15 anos, Iain Steele:

Iain's embrace of heavy metal set him apart from classmates. He let his hair grow to shoulder-length and wore mostly black clothing, including jeans with chains and T-shirts of heavy metal bands with dark, sometimes morbid lyrics. For this, his classmates at McClure Junior High School in Western Springs often called him "emo" -- a slang term for angst-ridden followers of a style of punk music, said Sikora, 15 (SMITH, 2009, *on site*).

Diante do crescente processo de construção e disseminação do estereótipo em torno de certas subculturas e de análises apressadas veiculadas na mídia, muitas vezes tomando a fala de alguns especialistas, o escritor e acadêmico Jack Sargeant, estudioso de produções *underground*, na ocasião do suicídio de duas adolescentes emos australianas em 2007, afirma:

There have always been young people who have felt hopeless, unloved, alienated and, yes, suicidal. And there have been all manner of often incorrect explanations proffered for such behaviour. The double suicide of Jodie Gater and Stephanie Gestier in Victoria is merely the latest to tweak media interest and inspire pointless armchair analysis. In this case, the media has focused on emo and MySpace.com (SARGEANT, 2007, *on site*).

O fato é que o termo subcultura começou a aparecer não somente em estudos sobre moda, mídia, consumo e culturas juvenis. Estudos sobre saúde mental e comportamento jovem vinham relacionando de muitas maneiras a automutilação e o suicídio a determinadas modas urbanas e gostos musicais, quando não indiretamente, como fatores estatisticamente associados dentre uma série de outras variáveis (DEFINIS-GOJANOVIĆ *et al*, 2009; BAKER; BOR, 2008; BAKER *et al*, 2013; YOUNG *et al*, 2006; YOUNG *et al*, 2014).

### **1.3 Questões em torno da pesquisa empírica sobre autolesão adolescente**

Quando iniciei minha pesquisa sobre as culturas jovens na cidade de Fortaleza, em 2010, minhas preocupações ainda giravam em torno da minha própria experiência com o fenômeno na ocasião em função de estudos anteriores, como a

pesquisa de Mestrado sobre a subcultura Otaku e as tecnologias digitais em 2008. A questão da autolesão, na realidade, foi surgindo aos poucos, não como algo previamente desenhado para o presente estudo. Ao passo que eu me perguntava sobre alguma relação entre as modas urbanas inseridas nas mídias eletrônicas e aspectos compulsivos do comportamento de consumo nelas envolvidos, acabei encontrando temas e fatos como os acima mencionados. Além do que, assim como qualquer outro cidadão desta grande metrópole que é Fortaleza, fui tomado por boatos de que a Praça Portugal era um lugar de encontro dos emos, o que já vinha sendo dito – de forma branda – por alguns informantes durante a pesquisa de 2008. Mas não apenas a este respeito, mas de que os emos se cortavam na Praça. Isso era curioso, por exemplo, na mesma época encontrei uma matéria *online* de jornal (não mais disponível) sobre jovens em um parque de Rio Branco, Capital do Estado do Acre, adolescentes entre 14 e 17 anos, vestidos de preto, fazendo cortes como um suposto ritual de iniciação à subcultura emo<sup>6</sup>.

De posse desses fatos, poderíamos pensar sobre como atitudes como estas poderiam ser presenciadas em lugares tão distantes entre si, como Fortaleza e Rio Branco. Diante das diversas publicações médicas que fui levado a pesquisar em torno do tema da autolesão e da automutilação, a questão era se, de fato, seria possível associar estas condutas a um tipo de cultura jovem alternativa. Poderia um estilo de ser e um gosto musical particulares de uma subcultura levar indivíduos a fazerem cortes em si mesmos e até a cometer suicídio? Quem assim o faz necessariamente se percebe como Emo, Gótico ou se identifica a qualquer outra subcultura ligada ao gênero musical pós-punk? Existiriam outros elementos por trás destas condutas, em particular a automutilação, que não apenas a influência de grupo e da mídia informal, como as redes sociais?

Estas indagações iniciais serviram como a porta de entrada para os ambientes em torno dos quais os jovens de uma cena mais Punk, *Dark*, Emo, Gótica etc. reuniam-se para suas atividades e encontros na cidade de Fortaleza. Muitos dos problemas suscitados acerca do comportamento e dos sentimentos envolvidos em determinadas ações deveriam ser encaradas numa perspectiva de trabalho empírico, sendo esta a proposta deste estudo.

---

<sup>6</sup> Ver sítio Cabuloso. Disponível em: <<http://cabuloso.xpg.uol.com.br/portal/galleries/view/meu-jeito-emo-de-ser>>. Acesso em: 15 out. 2013.

Neste caso, afastando-se de questões acerca da autenticidade ou não de uma dada subcultura, a presente proposta de modo algum procura reduzir o fenômeno das modas jovens urbanas a condutas autolesivas. A questão é que, diante do crescimento da automutilação entre adolescentes e jovens, mesmo entre aqueles que não estão inseridos em cenas tidas como mais *underground* ou alternativas, muitos estudos têm encarado este comportamento numa dimensão clínica, por vezes o definindo como transtorno de personalidade, parte de fenômenos internos, a partir de métodos quantitativos (ROSS, HEATH, 2002; CLEAVER, 2007; WHITLOCK, 2012; CHRISTENSON, BOLT, 2011; MUEHLENKAMP *et al*, 2012).

Tendo isso em vista, a Sociologia pode ter um papel importante na compreensão do fenômeno em questão, lançando novos olhares ou fazendo novas perguntas, explorando perspectivas e abordagens que nem sempre coincidirão com o que tem sido proposto e seus diversos desdobramentos que chegam a passar até mesmo pela prescrição de medicamentos numa perspectiva de “cura” dos “sintomas” de condutas adolescentes doentias. Uma postura crítica, pautada em estudo empírico, pode contribuir para conscientização e reflexão em torno de determinados fenômenos contemporâneos, não simplesmente procurando enquadrar e classificar o adolescente, muitas vezes encarado como figura passiva em certos estudos e abordagens, quando não pelo senso comum e pelos meios de comunicação ou o modo como estes retratam a autolesão no meio jovem.

Diante disso, inicio a partir do que coloca a pesquisadora Amy Chandler (2012), em um dos primeiros trabalhos de Sociologia sobre a automutilação:

[...] emotional aspects of self-harm have been engaged with relatively superficially, despite this being a key clinical area, and there being a wealth of theoretical work on emotions that could be drawn on. [...] Accounts, and perhaps practices, of self-injury are shown to be closely tied to socio-cultural contexts. Sociological approaches should therefore be central to attempts to understand self-injury, challenging clinical psychological and psychiatric perspectives which tend to frame self-injury as a 'problem' located within the individual (p. 442).

Em outras palavras, deveríamos estender a abordagem que procura um “problema” dentro do indivíduo para uma perspectiva analítica que o observe em contextos mais amplos, em meio aos quais a conduta autolesiva pode ter implicações e significados distintos para diferentes atores diante de tla fenômeno.

## 1.4 Organização do trabalho

Este trabalho está organizado da forma como será sucintamente exposta a seguir e procura apresentar os dados e discussões que lhes são pertinentes de modo a realizar interpretações e reflexões com base na experiência do pesquisador no contato com sujeitos em torno do tema proposto, entre interlocutores e informantes, bem como através de outras fontes indiretas. A literatura técnica abrange trabalhos de Sociologia e das Ciências Sociais de um modo geral e outros trabalhos da área médica, uma vez que aí está a maior parte do que tem sido escrito sobre automutilação. A literatura não-técnica, dentre documentários, depoimentos e reportagens da Internet, vídeos, textos artísticos, canções de música dentre outros foram úteis como fontes ou dados primários para complementar o que foi possível reunir das observações de campo e de entrevistas.

No **Capítulo 2** trato de questões teóricas e metodológicas, trazendo os marcos orientadores da abordagem feita no presente estudo, bem como os referenciais de análise. Nesta seção está esboçada a estratégia de pesquisa de campo, assim como a problematização em torno do campo virtual e de sua importância para a pesquisa como fenômeno e como fonte de informações. No que se refere ao trabalho de campo, deve-se atentar para termos como encontros, reuniões, interações, que são tomados da obra de Erving Goffman e de Anthony Giddens.

No **Capítulo 3** descrevo o relato de campo, os aspectos mais significativos que são, em grande parte, resultado do meu olhar e recorte sobre um determinado contexto de experiência de sujeitos com distintas demandas e particularidades, mas que se relacionam entre si de diferentes modos e por diferentes fatores. Nesta parte do trabalho que denomino “relato” concentrei a descrição de situações e cito trechos de registro de campo, diálogos e depoimentos que em outros capítulos estão mais dispersos. O relato e também outros dados que uso ao longo desta seção e de todo o trabalho são “externos” e também um esforço de primeiras interpretações e de outras questões a serem aprofundadas ao longo dos demais capítulos.

No **Capítulo 4** me ocupo em discutir o que tem sido referido como o crescimento da autolesão e da automutilação entre adolescentes, o que é sucintamente apresentado nesta seção introdutória. Este fenômeno, no entanto, é tratado à luz do que pôde ser reunido durante a investigação e procuro abordar temas

que o orbitam de uma maneira crítica, especialmente sobre como a automutilação e a autolesão têm sido definidas – como repercutem estas definições, os “contextos íntimos” e de interação e como podem estar relacionados com as condutas dos atores sociais, as formas de controle e como os sujeitos se relacionam ou são vistos em esferas mais institucionalizadas da vida social, dentre outras questões apresentadas nessa seção.

No **Capítulo 5** discuto o comportamento dos jovens e os estilos alternativos por eles apresentados – ainda que sem perder de vista o fenômeno da autolesão – numa perspectiva mais abrangente, explorando elementos históricos, como também conexões éticas e estéticas possíveis ou comparações com outros movimentos jovens em décadas anteriores.

Esta e as outras seções precedentes são necessárias para que cheguemos ao **Capítulo 6**, em torno do qual “o mundo dos cortes” e dos sentimentos que ele parece expressar, traduzir e externalizar, e nisso as mídias eletrônicas tem um papel considerável, é explorado de modo a levantar novas questões e possíveis interpretações das aflições jovens dos nossos dias. Enquanto o emo foi perdendo força – e isso quer dizer também fama, pois ao final no início da década de 2010 o que importava era ter o próprio estilo – a automutilação, no entanto, veio tomando vulto, e não somente por dados estatísticos, mas de como o conteúdo de naturezas diversas produzidas sobre suicídio, depressão e *cutting*, como na primeira imagem desta seção, veio explodindo nas redes sociais.

Ideias que me influenciaram durante a realização desta pesquisa foram aquelas desenvolvidas no livro *Outsiders*, de Howard Becker, e *Mate-me por favor*, de Legs McNeil e Gilliam McCain (2004), obra na qual diversas entrevistas mostram os bastidores daqueles que viveram a época de ouro do punk rock. Em campo, eu me via, muitas vezes, em situações semelhantes às relatadas neste livro. Por último, alguns escritos de Donald Winnicott trouxeram *insights* para o presente estudo.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1. Apontamentos preliminares acerca do recorte teórico-metodológico

Após explicitar os objetivos da pesquisa e discutir os tópicos mais relevantes em torno do objeto de estudo e de sua problemática no âmbito das ciências sociais, no presente capítulo, pretendo abordar questões de teoria que são basilares para a pesquisa, como também expor a metodologia subjacente ao processo de investigação. O recorte a ser descrito é uma escolha e resulta numa forma determinada, mas não definitiva, de enxergar os dados e de interpretá-los para montar um “quebra-cabeça”. Ele também determina a escolha do tipo de abordagem a ser utilizada, a seleção de certos procedimentos de investigação, da orientação metodológica e de determinadas técnicas de pesquisa, que constituem os elementos a serem apresentados nesta seção.

Sendo este um trabalho no qual adoto uma abordagem qualitativa, vale destacar que os dados quantitativos são secundários e também precedem a investigação. Contudo, isto não quer dizer que tenham pouca relevância para o presente estudo. Há muitos trabalhos pertinentes baseados em abordagens quantitativas a respeito da autolesão que utilizei como referências, conforme se ver na lista de referências ao final deste documento. Embora não sejam estudos de sociologia, introduzem as características e as dimensões do fenômeno e sua extensão, ainda que tenham caráter exploratório ou restrito.

Com base na literatura pesquisada<sup>7</sup>, já parto da constatação de que a autolesão tem crescido nos últimos anos entre a população mais jovem, particularmente, a automutilação<sup>8</sup> (a exemplo do estudo de Muehlenkamp *et al.*, 2012). Diante de tal constatação, somado aos fatos que me trouxeram até aqui, tal como a

---

<sup>7</sup> Não apenas a literatura especializada, mas os próprios *cutters*, talvez como uma forma de advertência para o problema, divulgam dados sobre a autolesão, muito comum neste tipo de *gif* (ver Tumblr, disponível em: <[http://31.media.tumblr.com/1e5e7bc35817ef855481a0cf2a9309c6/tumblr\\_mkn8qckg6x1s5h3y0o1\\_400.gif](http://31.media.tumblr.com/1e5e7bc35817ef855481a0cf2a9309c6/tumblr_mkn8qckg6x1s5h3y0o1_400.gif)>. Acesso em: 17 set. 2014), no qual um garoto, que pode ser visto por leigos como sendo um emo, pelo estilo de cabelo, aparece aflito, com mensagem lembrando que garotos também passam por este tipo de situação ou problema. GIF's (*Graphics Interchange Format*, ou Formato para Intercâmbio de Gráficos), são sequências curtas de imagens como animações de diversos tipos na Web, recurso que tem sido vastamente utilizado para representar a prática da automutilação entre os jovens.

<sup>8</sup> Veremos que a autolesão não se dá apenas com a automutilação pelo uso de objetos cortantes, mas pode variar dentre outras técnicas, como queimar a pele com pontas de cigarro ou isqueiro, ou o autoenvenenamento, esta é mais ambígua em relação à intenção suicida.

suposta onda *teen* depressiva por trás de algumas subculturas, uma visão deflagrada por instituições de mídia, achei oportuno explorar outras dimensões envolvidas na autolesão e no corte, conforme os autores que empreenderam abordagens sociológicas.

Adler e Adler (2011) apresentam um dos primeiros estudos sistemáticos sobre autolesão fora da vertente clínica, a partir de uma abordagem sociológica. Nas palavras dos próprios autores:

We have charted the rise and evolution of self-injury since the early 1990s to the end of the twenty-first century's first decade. Our research makes a rare contribution to the literature on this topic because it is the first in-depth, sociological, longitudinal study of self-injurers living in their natural worlds, neither in psychiatric treatment nor in institutional settings. We add here to empirical knowledge about noninpatient groups alternative youth movements, adolescents, adults, and cyber populations, a previously untapped mass of individuals who manage their self-injury on their own, largely without recourse to clinical observation (p. 199).

Tal estudo acerca da autolesão e da automutilação para além do campo da medicina deu-se por meio de entrevistas em profundidade com mais de 135 pessoas (histórias de vida) via Internet, além de muitas delas, terem sido acompanhadas no “*solid world*”. Os autores consideraram milhares de publicações on-line (*postings*, ou postagens) como uma forma de complementar estas fontes de informações (*Ibid.*, p. 199).

Em uma visão introdutória, contextualizando o problema da autolesão, podemos vislumbrar seus pontos críticos que podem ser explorados, um campo aberto para novas discussões, particularmente para o estudo ora proposto:

As its practice spread, it became associated with different groups who used it in myriad contexts to express their anguish and disaffection with society. Unconventional youth used it to claim membership and express status in an alternative, hard-core punk subculture that over time morphed into the Goth and later the emo subcultures (*Ibid.*, p. 2).

Para além do acima exposto, no entanto, referente ao que eles chamam de movimentos jovens alternativos ou subculturas jovens alternativas (*alternative youth subculture*), o estudo de Adler e Adler (2011) permanece bastante restrito, havendo uma seção muito breve intitulada *From Hardcore Punk to Goth to Emo* (*Ibid.*, p. 169-171). Muitas vezes, uma subcultura é situada no contexto de fala dos informantes, circunscrita como uma dentre outras dimensões envolvidas na autolesão, a exemplo do que se observa neste trecho:

Some of these alternative groups, often considered by teachers as the “wrong crowd,” acted out, dressed in black, wore heavy makeup, listened to music such as Marilyn Manson, and identified as Goths. Eighteen-year-old Leith still wore a three-quarter-length black trench coat every day in college, a residual of his high school style. In 2000 he began to hang out with kids who were self-injuring. He found it an accepted behavior within his crowd. Many of them were nihilists who delighted in showing off by burning or cutting themselves (*Ibid.*, p. 30).

Por esta e outras razões, procurarei ampliar a discussão em torno do fenômeno da autolesão adolescente na cena das culturas jovens alternativas. Significa dizer que, ao falar em *cena*<sup>9</sup>, lançarei mão de uma abordagem empírica que incorpore, além de outros métodos, elementos do empreendimento etnográfico (aspectos tratados em uma subseção mais adiante), dentro do recorte a ser estabelecido ao longo desta seção. Como já colocado, o recorte é uma escolha teórico-metodológica dentre outras possíveis e não menos pertinente, que toma o mesmo fenômeno como tema de investigação.

Nesta perspectiva, adianto que o campo on-line ou a pesquisa de campo desenrolada na e pela Internet, o ciberespaço da autolesão, como espero elucidar mais adiante, será encarado como recurso e como uma dimensão das manifestações do fenômeno. Os “dados” *on-line* não servirão apenas para complementar a pesquisa de campo, mas eles serão integrados no cerne do problema. A razão disso não é tão simples ou direta.

As manifestações virtuais da autolesão no ciberespaço têm implicações concretas no mundo “real”, de maneiras muito diversas. O fato de o corte poder ser aprendido via Internet (não por menos, muitos culpam a Internet pela atual propagação da automutilação), pode ser visto como um exemplo destas implicações, mas ainda não é isso que queremos demonstrar. A colonização do ciberespaço por jovens que dizem viver uma dor e uma tristeza sem igual poderia ser vista como resultado de um mundo social árido, como os próprios *cutters* parecem fornecer as pistas por meio dos seguintes termos nos marcadores #SOCIEDADE #julgamentos #criticas que eles criam na rede social Tumblr. Além disso, há os *dilemas do eu* nos processos de interação suportados pela comunicação mediada por computador (CMC) que podem, então, ser experimentados coletivamente. É mediante esta relação

---

<sup>9</sup> O termo *cena* é uma derivação, assim como neo-tribo, da ideia de subcultura em estudos mais recentes sobre culturas juvenis (WILLIAMS, 2007), tornando-se muito propagado.

complexa que poderemos entender como o virtual e o real são concretamente interligados na vida social.

Wertheim (2001) apresenta uma discussão que se aproxima bastante da perspectiva aqui apresentada. Sua compreensão histórica sobre o espaço traz uma postura crítica diante das visões mais otimistas do ciberespaço e, neste sentido, recoloca-o dentro das questões contemporâneas que envolvem as crises do eu e da individualidade na modernidade tardia, como veremos na subseção 2.2. Citando Sherry Turkle, socióloga do MIT, para trazer à tona uma imagem das visões que ela considera “ciberentusiastas”, para quem a “Internet tornou-se um importante laboratório social para a experimentação com as construções e as reconstruções do eu que caracterizam a vida pós-moderna”, Wertheim faz as seguintes ponderações:

O que significa exatamente dizer que o ciberespaço é uma arena do “eu” é algo que devemos examinar com cuidado, mas a afirmação por si mesma merece nossa atenção. O fato de estarmos em vias de criar um novo espaço imaterial de existência tem profunda significação psicossocial. [...] A tentativa de Freud com sua ciência da psicanálise, de reinstalar a mente ou a “psique” de volta no domínio do discurso científico continua sendo um dos mais importantes desenvolvimentos intelectuais do último século. No entanto, a ciência de Freud era manifestamente individualista. Cada pessoa que começa a fazer análise (ou qualquer outra forma de psicoterapia) deve trabalhar com sua psique individualmente. A psicoterapia é uma experiência eminentemente solitária. Além dessa experiência individualista, muitas pessoas anseiam também por algo comunal – algo que ligue suas mentes a outras. Está muito bem enfrentar os próprios demônios pessoais, mas muitos parecem querer também uma vasta arena coletiva, um espaço que possam compartilhar com outras mentes (Grifos da autora) (WERTHEIM, 2001, p. 170).

A ideia de compartilhamento acima aludida implica em diferentes perspectivas de compreender o espaço, e irei me referir a ele nesta seção e ao longo do trabalho como uma propriedade com diferentes variações: (i) o espaço no sentido de estar no mundo e se relacionar com os outros; (ii) o espaço público dos encontros e interações; (iii) o espaço pessoal (mediante o controle e o uso do corpo – tanto o cortar-se como o “estilizar-se” – e a manifestação de emoções); (iv) o espaço como esfera de transformação frente ao seu caráter normativo; e, claro, (v) o ciberespaço como uma dimensão do eu em uma coletividade. Esta última dimensão, juntamente com as considerações acima sobre a autolesão e o virtual, repercutem em elementos imprescindíveis para a estratégia de análise, tema da última subseção.

A tentativa aqui é investir esforços na compreensão da *natureza intersubjetiva do universo da autolesão*<sup>10</sup>, à medida que procuro abandonar uma visão restritiva em torno das subculturas jovens alternativas<sup>11</sup>. Esta é uma das razões pela qual tenho me focado neste contexto particular de experiências sociais. Acreditando que esta postura analítica pode desamarrar a automutilação das limitações ou restrições do psicologismo clínico, parto da premissa de que tal comportamento expressa não apenas, ou tão somente, estados psicológicos<sup>12</sup>, mas, sobretudo, estados morais<sup>13</sup>. Estes estados devem ser vistos como frutos de contextos de experiência e de convívio sociais, mantenedores de laços e vínculos afetivos em meio a regras e normas.

---

<sup>10</sup> Quando falo em natureza intersubjetiva não tenho a pretensão de fazer uma discussão abrangente com a fenomenologia, mas a encaro como uma dentre outras tradições interpretativas no pensamento social que voltaram para o centro da teoria social (GIDDENS, 2003), e que considero particularmente importante para uma abordagem sociológica da autolesão. A ideia aqui empregada pode ser aproximada, tal como Geertz (2008) retoma Max Weber, da forma como aparece no seguinte trecho de sua *Interpretação das Culturas*: “No que concerne aos padrões culturais, isto é, os sistemas ou complexos de símbolos, o traço genérico de primordial importância para nós, aqui, é que eles representam fontes extrínsecas de informações. Com “extrínseco” eu quero dizer que — ao contrário dos genes, por exemplo — eles estão fora dos limites do organismo do indivíduo e, como tal, nesse mundo intersubjetivo de compreensões comuns no qual nascem todos os indivíduos, no qual eles seguem carreiras separadas e que persiste após sua morte. Com “fontes de informação” eu quero dizer apenas que — com os genes — eles fornecem um diagrama ou gabarito em termos do qual se pode dar forma definida a processos externos a eles mesmos. Assim como a ordem das bases num fio de ADN forma um programa codificado, um conjunto de instruções ou uma receita para a síntese de proteínas estruturalmente complexas que modelam o funcionamento orgânico, da mesma maneira os padrões culturais fornecem tais programas para a instituição dos processos social e psicológico que modelam o comportamento público” (*Ibid.*, p. 68). Outra discussão a este respeito está em Geertz (2008), na ocasião em que discute a perspectiva religiosa em comparação a outras formas pelas quais nós construímos e compreendemos o mundo social.

<sup>11</sup> Tais restrições, especialmente quando vinculam diretamente a autolesão a um tipo de moda jovem, é uma das razões pela qual irei explorar aspectos mais abrangentes sobre as subculturas como processo de transmissão de valores e de transformação social, sobretudo no Capítulo 5. Com este pensamento é que julgo relevante trabalhar interpretando o fenômeno, por exemplo, do *emocore* e o pós-*hardcore*, não apenas como algo ensaiado em praças e ruas de Fortaleza, mas explorando o significado cultural e histórico destes movimentos no âmbito dos processos e ações aqui investigados, pois a relação que se vem fazendo entre tendências autolesivas e gostos musicais tidos como depressivos e “pesados” parece não comportar a complexidade aí envolvida. Isto diz respeito mais a um recorte e não tanto a uma tentativa de lidar com toda a questão envolvida no que se tem denominado *underground*, ponto que será retomado oportunamente em outras seções.

<sup>12</sup> Por exemplo, Nock *et al.* (2006), onde inferências estatísticas sobre tipos de condutas, a relação entre a autolesão e o suicídio, são obtidas com entrevistas (estruturadas) de adolescentes internados (*clinical settings* ou cenários clínicos).

<sup>13</sup> Quando apresento a questão da moral, do modo como será imediatamente exposto, intenciono trazê-la para o âmbito de uma visão em torno da interação e não tanto apresentar uma visão normativa ou funcional da conduta. Com base no que estabelece Giddens (1996a), “embora Durkheim tenha elaborado seus pontos de vista originais nas últimas obras, tendeu, no entanto, sempre a sublinhar o significado das normas como *constrangedoras* ou obrigatórias: para serem abordadas através da noção de *sanções*. Por outro lado, Schutz, Winch e outros estavam mais preocupados com as qualidades que as normas ‘conferem’ ou ‘permitem’” (Grifos do autor) (p. 125).

Quem se automutila não apenas vivencia contextos de experiência socioafetivos semelhantes aos de outros indivíduos, como é capaz, também, de compartilhar estas experiências. Isso porque são capazes de compreender que aquilo que está sendo realizado não é um ato de desespero que carece de lógica, mas tem um propósito.

Em relação ao aspecto moral, isso traz uma consequência significativa sob outra perspectiva. Ao se automutilar, o indivíduo está transgredindo, irrompendo o espaço normativo, seja interagindo (como exemplificado na Figura 3, quando se conectam, usando os cortes para falar de suas depressões e medos via rede social on-line ou, ao perder o receio, deixando de esconder as cicatrizes em público e as expondo<sup>14</sup>), seja ocultando a autolesão para evitar ser estigmatizado de alguma forma.

**Figura 3. Recorte de diálogo da rede social Tumblr: Interação on-line entre os usuários Rad1oactivo e Girl Depressed**



Enquanto os motivos podem ser obscuros e de difícil compreensão, as sanções implícitas no ato são bastante claras, facilmente enumeradas, como, por exemplo, por indivíduos leigos que partem de um senso comum ou moralista a respeito de tal comportamento, quando afirmam que: (i) o indivíduo pode contrair uma

<sup>14</sup> A compreensão deste aspecto, de fundamental importância para as discussões posteriores deste estudo, foi inicialmente trazida face aos incidentes na ocasião da pesquisa de campo e do meio *on-line*. A Figura 3 é um bom exemplo para compreendê-lo. Como um caso real, o exemplo mostra de uma só vez a dimensão da interação mútua entre dois *cutters* e como tentam lidar com esta conduta diante dos grupos sociais, aqueles que estão de fora.

<sup>15</sup> Ver Tumblr de Girl Depressed. (GIRL..., 2013).

infecção grave; (ii) ficar com cicatrizes profundas para o resto da vida; (iii) acertar uma veia acidentalmente e pôr a vida em perigo; (iv) transmitir a ideia de que não vale a pena ter amor próprio; (v) demonstrar desequilíbrio emocional grave; (vi) agir irracionalmente diante de fatos insignificantes, dentre outras ideias deste tipo<sup>16</sup>.

Porém, a repercussão do que venha a ser caracterizado como transgressão, e o que possa ser enquadrado ou não como aderência às normas, situa-se no complicado campo de negociações, direitos e recursos no quadro da interação humana. Assim, concordamos com a seguinte visão:

A “interpretação” das normas e a sua capacidade para oferecer uma “interpretação” fiável aos participantes na interação estão ligadas a formas subtis do cumprimento de exigências morais. A coordenação moral da interação é assimetricamente interdependente da sua produção enquanto dotada de significado e da sua expressão de relações de poder. Isto implica dois aspectos, também eles associados mutuamente: (1) a possibilidade de confronto de diferentes “visões de mundo” ou, menos macroscopicamente, definições do que é; (2) a possibilidade de confronto entre entendimentos divergentes de normas “comuns” (Grifos do Autor) (GIDDENS, 1996a, p. 128).

Portanto, não se trata de considerar uma aderência mecânica às normas, nem, em outros aspectos, de uma falha adaptativa do sujeito para integrar-se de modo sadio à sociedade. Estas considerações preliminares, especialmente ao que se refere à possibilidade de confrontos de visões e de entendimentos neste mundo intersubjetivo, nos darão condições de aprofundar outras dimensões acerca das práticas de autolesão em contextos não clínicos, no caso, a cena *underground*<sup>17</sup> de

---

<sup>16</sup> A este respeito, vale destacar as seguintes considerações críticas de Goffman (2011), ainda bastante apropriadas para o contexto atual, em meio ao pânico moral em torno da automutilação supostamente devido à determinadas redes sociais e “modas jovens depressivas”. Tratando da complexidade envolvida em atos ofensivos e a ordem pública, ele dispara: “Ao se deslocar tão rapidamente do delito social para o sintoma mental, os psiquiatras tendem a não se sair muito melhor do que os leigos em sua avaliação da impropriedade de certo ato [...]. No momento, há uma linguagem bastante especial se estabelecendo, envolvendo termos como ‘achatamento emocional’, ‘postura inadequada’, ‘maneirismo’, ‘fora de contato’, e outros, o que resolve o problema de ter que escrever notas clínicas apressadamente, mas é completamente desajeitada para o profissional. A linguagem moralista nas ciências sociais, construída em torno da noção incrível de que as pessoas devem manter comunicação boa, clara, direta ou aberta entre si é ainda pior – como se a comunicação fosse um comprimido que devêssemos engolir porque é bom para a barriga” (GOFFMAN, 2011, p. 133). Esta crítica pode ser vista de outro modo, como fez o diretor e roteirista polonês Jan Komasa (2011), no filme *O Quarto do Suicídio*; impacientemente uma psiquiatra tenta minar o isolamento de Dominik, confinado em seu quarto ao tempo em que se conectava no ciberespaço com outros que o compreendiam, receitando antidepressivos após de um diagnóstico rápido, tentando dar uma resposta rápida aos pais também impacientes.

<sup>17</sup> Com o termo “cena *underground*” não quero me referir a um local fixo, muito menos pretendo categorizar a cena *underground* de Fortaleza, algo que extrapolaria os propósitos deste estudo, além de ser tema de muitas controvérsias entre aqueles que se julgam verdadeiros participantes da cena, o seja, que *curtem* o legítimo rock *underground*, e aqueles que são vistos como *posers* (gíria inglesa

Fortaleza – como um ambiente particular de sociabilidade – e as expressões e interações de adolescentes em torno da automutilação em mídias eletrônicas.

A conduta autolesiva deveria ser compreendida aqui na esfera das ações de agentes conscientes (GIDDENS, 2003), e não como sintomas de transtornos mentais. Se objetivamente o corte ou o autoenvenenamento trazem danos ao corpo, as reações a tais condutas que, por vezes também afetam negativamente o indivíduo, não deveriam servir de parâmetro para aferições de estados mentais ou inapropriadas regulações emocionais, despojadas da complexa rede de sociabilidade no curso da vida<sup>18</sup>.

Mesmo que aspectos relevantes tratados ao longo desta investigação sejam um diálogo com conceitos e esquemas teóricos abrangentes, o objetivo do presente estudo não é aprofundar o pensamento de determinados autores ou correntes das ciências sociais, mas explorar o potencial analítico deste campo do saber para entender o fenômeno da autolesão entre adolescentes e jovens, investindo esforços para explorar possíveis novas abordagens.

Pode-se dizer que um dos objetivos desta pesquisa possui um viés metodológico: Utilizar “ferramentas” da sociologia direcionadas a aumentar o conhecimento sobre o fenômeno conhecido como autolesão, sobretudo quando se manifesta na forma de automutilação. Por esta razão importante, é que, no próximo capítulo, apresentarei uma primeira sistematização dos dados, na forma de um relato, com particular atenção ao que pude extrair de observações, entrevistas e

---

que significa “aquele que faz pose”. O *poser* seria aquele que segue a banda ou o estilo da moda ou é influenciável). Além do mais, na perspectiva analítica deste trabalho, por dar primazia à noção de contextos de experiência e de interação (inspirado em Giddens (2003) e Goffman (2011) como se verá em subseção a seguir) a cena pode ser tanto a Praça Portugal e o Dragão do Mar, como pracinhas das cidades de Pacajus ou de Horizonte, municípios da Região Metropolitana de Fortaleza. Em outras palavras, a cena não é tanto o local, mas aquilo que atores investem, em termos de emoção, corpo e postura, em momentos de interação entre si, compartilhando coisas em comum e, para tanto, elegem um local para os encontros. Embora não tenham entrado na pesquisa de campo, destas cidades vinham bastante adolescentes para os pontos onde realizei observações e entrevistas. Conforme depoimentos – alguns informantes eram destas e de outras regiões mais afastadas – em suas praças ocorriam reuniões da galera *underground*. Assim, cena *underground* é uma referência oriunda da experiência de campo, onde aparecia de modo mais genérico, e não taxativo, como em “a galera *under* da Praça Portugal” ou “a galera *underground* de Pacas [Pacajus] tá indo toda pro Dragão”, ou para designar ou tipificar alguém, como em “ele era muito *under* [ou muito emo], aí não demos certo”. Outros esclarecimentos serão tomados oportunamente em outras subseções e capítulos.

<sup>18</sup> Goffman (2010) nos lembra que, referindo-se à necessidade urgente que psiquiatras têm de criar nomeações e esquemas de classificação para desordens e condutas inapropriadas, “o estudo psiquiátrico de impropriedades situacionais levou à observação do infrator ao invés das regras e círculos sociais que são ofendidos (p. 13). Estes elementos serão esboçados também a partir de Becker (2008), como se verá mais adiante nesta seção.

depoimentos durante a pesquisa de campo. Este relato é uma representação – ordenamento de uma complexidade de relações e de situações do mundo da cultura de natureza eminentemente dinâmica – da experiência do pesquisador com os sujeitos do estudo, o conhecimento resultante que pôde ser obtido e um diálogo com outras fontes ou tipos de dados<sup>19</sup>.

Algumas propriedades da automutilação, como, por exemplo, sua função para o alívio de tensões ou as dimensões com que estas propriedades variam – do uso acidental, frequente e até viciante – serão discutidos somente após a apresentação deste relato de campo, no capítulo seguinte, oportunidade em que deverei dialogar com o que já tem sido escrito sobre o tema. Portanto, em relação às questões de ordem teórica e conceitual, mesmo que condensadas no presente capítulo, elas deverão retornar, mas de posse da referida representação dos dados.

## **2.2. O mundo empírico das dores da alma (adolescentes): perspectivas críticas em torno da individualidade e da modernidade**

### ***2.2.1. O fenômeno da autolesão e as visões teóricas acerca do indivíduo e da modernidade***

Diante deste quadro, sendo fundamental explorar os dados em torno dos quais interessará a visão dos próprios sujeitos envolvidos no ato de autolesionar, os contextos de sociabilidade e de interação são centrais, ou, em outra perspectiva, o modo como os indivíduos vivenciam ou são afetados por estes contextos, uma vez diante de certas condições de vida, seja material ou emocional.

Neste trabalho, considero que os contextos de ação mais situados estão em constante interação com outros contextos mais abrangentes no espaço e no tempo, os quais não deveriam ser vistos apenas como pano de fundo para os modos de vida localmente observáveis. Evitando uma perspectiva excessivamente

---

<sup>19</sup> Para uma compreensão da autolesão, por meio de uma postura observacional em contextos de interação, como o das culturas jovens urbanas e suas mídias eletrônicas, me servi de materiais diversos, como mensagens de celular, vídeos e depoimentos da Internet, mensagens de bate-papo dentre outros, realizando certa “circularização” de informações, fazendo os dados “conversarem”, ainda que nos limites dos referenciais de análise aqui adotados, de acordo com o que está esboçado nas três últimas subseções deste capítulo.

subjetivista, como também um “confinamento” da *cena*, é básico estabelecer a seguinte relação, tomada de empréstimo de Giddens (2002):

As transformações na autoidentidade e a globalização, como quero propor, são dois polos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Em outras palavras, mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude (p. 36).

É nesta linha de pensamento que as questões relacionadas com a propagação das modas jovens contemporâneas devem ser entendidas neste trabalho. A globalização como uma condição estrutural traz implícita a noção de simultaneidade cultural<sup>20</sup>: códigos culturais e estilos de vida – o *emocore* e a subcultura *emo*, o *from UK*, os góticos e a comunicação digital que ajuda a propagá-las – afetam diferentes sociedades e culturas. Sendo um processo macro, não é abordado aqui como um fenômeno autônomo em relação aos contextos mais locais de ação. Isso implica dizer que o estilo de vida de uma pessoa pode estar mais conectado a processos distantes no espaço e no tempo do que aos modos de vida locais mais convencionais de seu cotidiano<sup>21</sup>.

Sendo assim, a investigação social empírica sobre a autolesão, no âmbito das culturas jovens urbanas, é no mínimo intrigante, uma vez que, na contemporaneidade, elas expressam o ápice da moda, do consumo e das mídias eletrônicas no seio da juventude<sup>22</sup>. Significa, historicamente, uma condição de conquista da liberdade jamais vista por gerações anteriores. Em outras palavras, temos observado a exacerbação do que estas gerações já vinham exercendo em meio

---

<sup>20</sup> Não é o mesmo que falar em homogeneização cultural. Acerca destas questões, ver, por exemplo, Canclini (1999) e Hall (2005).

<sup>21</sup> Ver, por exemplo, Giddens (1991, p. 140-142). Uma imagem ilustrativa do que está sendo afirmado, pode ser tomada de empréstimo de um fato empírico, como, por exemplo, aqueles que adotam um modo de ser e de se vestir parecido com o que faziam jovens britânicos do começo da década de 1980, como pude presenciar em alguns pontos de encontro de jovens alternativos de Fortaleza.

<sup>22</sup> Ao referir-me à categoria *juventude* ao longo de todo este trabalho, não estarei adotando-a de forma naturalmente dada. Uma das mais esclarecedoras problematizações deste termo está em Paes (1990). Para o autor: “Proceder à explicação das transformações que têm afectado a juventude quando referida a uma fase de vida, ou seja, quando referida a um processo que se desenvolve num período determinado de tempo, isto é, que se inscreve numa duração, é um dos desafios que se colocam à sociologia. A juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo (p. 146). Imediatamente, entendo que, e isso tem uma estreita relação com esta proposta de investigação empírica, culturas jovens urbanas não são “caixas de ressonância” das estruturas de mídia e de consumo, como entidades “indiscutíveis”. Ou seja, “a realidade poderá ser diferente. Para a ela chegar torna-se, contudo, necessário penetrar nos **meandros dos quotidianos dos jovens** (Grifo nosso) (*Ibid.*, 145).

à luta contra o moralismo, que foi também uma oposição ao consumismo, referido como contracultura<sup>23</sup>. Em meio a estes processos que desembocaram no hiperconsumo<sup>24</sup>, o fenômeno da onda da automutilação adolescente parece chamar a atenção para contradições em torno da condição de prosperidade, em meio a qual *as dores da alma* – expressas, em décadas anteriores, nas letras melancólicas e intimistas do pós-punk ou ainda no romance *Big Sur* de Jack Kerouac (2010)– têm ganho contornos eletrônicos no mundo da comunicação mediada por computadores.

Se por um lado, a exemplo de pensadores como Zygmunt Bauman (2008) e Gilles Lipovetsky (2007a, pp. 2-34), que empreendem, em uma visão mais abstrata, uma crítica contundente à sociedade de mercado, os estudos empíricos acerca do estado de ânimo dos indivíduos podem ser uma maneira de interagir com estas visões mais gerais sobre a sociedade e a cultura contemporâneas, ao explorar aquilo que reside no outro lado da fronteira da liberdade e da autonomia da ação, subjacente aos padrões de comportamento próprios das sociedades de consumo. Lasch (1990), no prefácio de sua obra *O Mínimo Eu*, publicada em 1984, na qual procura preencher as lacunas de *A Cultura do Narcisismo*, seu trabalho mais famoso, sustenta a tese de que, na sociedade contemporânea:

A individualidade supõe uma história pessoal, **amigos, família, um sentido de situação** (Grifo nosso). Sob assédio, o eu se contrai num núcleo defensivo, em guarda diante da adversidade. O equilíbrio emocional exige um eu mínimo, não o eu soberano do passado. [...] A preocupação com o indivíduo, aparentemente tão característica de nossa época, assume a forma de uma preocupação com a sobrevivência psíquica (grifo nosso, p. 10).

Uma das ideias básicas subjacentes a esta tese – que se relaciona, em linhas gerais, com outros pensamentos sobre o contemporâneo – é a contextualização do eu nos processos que caracterizam as transformações da cultura moderna, em que a individualidade é tomada como aspecto central no âmbito de tais mudanças. Pode-se inferir, também, que a história pessoal presume um conjunto de relações sociais em um nível fundamental para o equilíbrio e a formação do indivíduo, não apenas psicológico, mas moral e, por isso, “amigos, família, um sentido de situação” remetem a temas (experiências) marcantes em depoimentos e entrevistas de interlocutores.

---

<sup>23</sup> Ver, por exemplo, Goffman e Joy (2007, pp. 249-395).

<sup>24</sup> Ver Lipovetsky (2007b).

*As dores da alma* da forma como são traduzidas em letras de música de pós-*hardcore* punk ou em blogs estilizados de automutilação é um fenômeno que parece expressar bem as concepções teóricas acerca da modernidade e do indivíduo, mesmo entre pensadores que seguem vertentes teóricas por vezes opostas. Se por um lado, o mundo empírico por trás destas dores remete às discussões envolvidas na sobrevivência psíquica de Lasch, também podem ser encarado à luz de temas de fundamental importância na obra de Giddens (2002), para quem a modernidade é discutida a partir da trajetória individual e das questões existenciais no âmbito da vida cotidiana e de sua relação dialética com os processos globais.

No pensamento social clássico, Émile Durkheim foi o responsável por uma das mais vigorosas imagens das contradições entre o desenvolvimento material e a felicidade humana. Muitas das discussões contemporâneas sobre o individualismo (egoísmo, narcisismo) e a cultura moderna constituem reflexões a respeito da exacerbação de processos na origem sobre os quais Durkheim debruçou-se, em especial, o “culto do indivíduo” como um desenvolvimento moral da sociedade industrial (GIDDENS, 2000, p. 126).

Durkheim, em *O Suicídio* (2005), procurando ir além do tabu em torno do suicídio e desmistificando a visão comum de economistas e filósofos de sua época, de que prosperidade econômica é uma motivação natural por resultar na felicidade, utiliza o termo autodestruição (*self-destruction*) *ipsis litteris* quinze vezes. Tomado no conjunto da obra, isto demonstra como os fatores sociais podem ter influência mesmo em nossas motivações mais íntimas (GIDDENS, 1978, p. 34-48).

O conceito de suicídio anômico, como uma das dimensões da autodestruição humana, deve ser entendido em um quadro mais geral de desenvolvimento destes processos, e não, simplesmente, como uma inadequação psicológica à aderência positiva a normas sociais.

A noção de anomia, tal como Durkheim a empregou em seus escritos, parece, à primeira vista, bastante simples em sua forma; sua investigação posterior, entretanto, revela vários componentes superpostos que se inseriram em sua formulação. Como um elemento de sua avaliação crítica do utilitarismo, ela permanece acima de tudo como um conjunto de observações empíricas, que parecem ser a base principal da primeira apreciação de Durkheim sobre a sua significação. Essas observações diziam respeito à descoberta de que não havia nenhuma correlação direta, mas, sob certas circunstâncias, uma correlação inversa entre o aumento da prosperidade econômica e a promoção da felicidade humana. A evidência a partir das taxas de suicídio oferecia o índice empírico mais claro dessa afirmação (GIDDENS, 1998, p. 152).

Mediante estas considerações, é possível estabelecer uma visão crítica, particularmente, ao estudo da autolesão entre as camadas mais jovens em tempos de hiperconsumo. Vale ressaltar que, se por um lado o suicídio e a autolesão têm propriedades opostas (daí o termo *non-suicidal self-injury*, comum em estudos psiquiátricos), eles apresentam uma dimensão de autodestrutividade. No entanto, como ensinou Durkheim, e contextualizando dentro da perspectiva analítica discutida na presente seção, o que se entende por autodestrutividade pode ser bem mais complexo do que a inferência de sintomas em comportamentos impróprios<sup>25</sup>.

Os dilemas do eu na contemporaneidade, sobretudo numa abordagem que dá especial atenção à interação (compreensão), representam, de fato, as preocupações mais gerais desta investigação, particularmente, quando nos dirigimos à automutilação, a partir de cenários de sociabilidade.

### **2.2.2 Algumas considerações sobre o *underground* e a subcultura no contexto do estudo da autolesão**

Ao falar em subculturas, refiro-me a um mundo particular de relações e de interações sociais em um processo bastante dinâmico, embora não isolado de outros agentes e instituições. Considerando tal processo, nos últimos anos, tem-se estabelecido uma associação entre a subcultura emo, bem como a gótica, com tendências autodestrutivas<sup>26</sup>. Em outras palavras, isto representa uma visão de que certas vestimentas e gostos musicais podem ser indicadores de estados mentais entre indivíduos jovens. Devido a isso, como se verá adiante, alguns temas desta investigação dirigem-se para o que tem sido considerada saúde psicológica e de que maneira tais pressupostos avaliam estilos de vida, especialmente as modas jovens influenciadas pelo pós-punk.

O termo *underground* obviamente abrange, além de subculturas urbanas, uma diversidade bem maior de práticas culturais, como literatura, arte performática, música, ficção científica, crítica cultural, tecnologias, filosofia, movimentos sociais, política, comportamento, artes visuais, dentre outras. Muitas vezes, uma subcultura,

---

<sup>25</sup> Algumas destas discussões, um terreno mais árido entre conceitos e categorizações de estudos médicos e as elaborações decorrentes desta investigação estão no Capítulo 4.

<sup>26</sup> É de fundamental importância relativizar a noção de autodestrutividade, distanciando-se, como bem demonstrou Goffman (2011, p. 132-141), da classificação cartesiana de sintomas. Esta relativização, é bom lembrar, deve ser um empreendimento tanto empírico, como de adoção de novas abordagens.

além de possuir certo estilo, é marcada por seu envolvimento na criação e disseminação de música ou poesia influenciada por uma filosofia de vida anticonvencional ou radical<sup>27</sup> de extrema importância, como ocorreu no contexto dos anos de 1960 e 1970. Nestes anos, surgiu o contexto propício para o desenvolvimento de pesquisas que trouxeram novos horizontes para pensar a juventude. No entanto, conforme esclarece Williams (2007):

Subcultures were theorized as static and homogeneous entities vis-à-vis a dominant cultural regime, and subcultural variability was explained away as ideological struggle rather than an area to be empirically explored. The CCCS tended to ignore what subcultural participants actually said or did, focusing instead on 'reading' their resistance through style and ritual (p. 577).

Apesar das limitações historicamente situadas, ao longo de sua revisão da tradição sociológica em torno das subculturas, podemos concordar com Williams (2007) em torno da necessidade de discutir criticamente as subculturas e explorá-las na contemporaneidade:

Subcultural studies has retained its white, male history all too well. Lastly, I advocate for the continuing use of the subculture concept to the extent that it remains analytically appropriate. While 'scenes', 'neo-tribes', and 'club cultures' may be increasingly common on the youth cultural landscape, subcultures also remain highly salient and significant. Subcultural studies will strengthen as scholars bring insights from interdisciplinary and cross-cultural research to bear in their analytically precise research (p. 587).

Assim, no contexto deste trabalho, sem perder de vista essa diversidade que lhe é inerente, o *underground* é tomado mais a partir de uma vertente empírica, em um sentido sociológico. Isto implica que os sujeitos precisam se perceber ou se autodenominar *underground*, ou pelo menos se perceberem como “moderados” frente ao que entendem ser *under*. O moderado é aquele que prefere envolvimento “brando” ou modifica o próprio visual brandamente, permanecendo, assim, mais na órbita dos “casos extremos”, aqueles mais imersos nas modas alternativas.

Considerando a automutilação e o suicídio, a partir deste contexto das subculturas, esta pesquisa buscou empreender uma estratégia ou abordagem não muito diferente das etnografias<sup>28</sup>, particularmente na linha do que está na obra de

---

<sup>27</sup> Alguns autores são especialmente importantes para o diálogo acerca do *underground*. Ver, por exemplo, White (2012), Williams (2008), Goffman e Joy (2007), Home (2004), Hebdige (2002), Szemere (2001), Bollon (1993).

<sup>28</sup> Entrarei em maiores detalhes acerca desta abordagem na penúltima subseção. Para tanto, além da visão crítica aqui apresentada sobre a noção de desvio, este trabalho teve igual influência de Goffman (2010; 2011) e de Giddens (2003), como referenciais de análise.

Howard Becker (2008). Sua clássica obra ainda é inspiração metodológica, particularmente, suas conversas informais<sup>29</sup> em meio à dinâmica da vida social dos “jazzman fumetas” (músicos de casa noturna usuários de maconha e amantes do jazz):

Ao se considerar o desvio uma forma de atividade coletiva, a ser investigada, em todas as suas facetas, como qualquer outra atividade coletiva, vemos que o objeto de nosso estudo não é um ato isolado cuja origem devemos descobrir. Em vez disso, o ato que alegadamente ocorreu, quando ocorreu, tem lugar numa rede complexa de atos envolvendo outros, e assume parte dessa complexidade por causa da maneira como diferentes pessoas e grupos o definem (p. 189).

A partir desta visão de comportamento desviante, direcionada à questão das condutas autolesivas, é possível avançar no seguinte sentido: se cortar-se é tido como desviante, no sentido de que foge à norma, isso não é por razões da natureza do ato em si ou das regras que ele ofende. Mais sutil do que a prática de automutilação entre adolescentes, é a ausência dos pais ou daqueles que ocupam esta função por estarem, de certa forma, dissipando preceitos, como a necessidade de amor e afeto no cuidado com as crianças, ao fragmentá-los em razão de projetos de vida excessivamente individualistas ou “egoístas”.

O que pretendo chamar atenção, considerando que estaremos lidando com vidas humanas em suas experiências e emoções mais íntimas, é que, ao dirigirmo-nos para o universo do *corte*, não buscamos tão somente definições plausíveis acerca de como os sujeitos agem, mas compreender este ato – muito íntimo, doloroso e intenso em suas emoções – no âmbito de uma rede complexa que envolve diversos atores sociais em contextos sociais determinados.

Era basicamente essa a preocupação de Becker (2008) ao voltar-se, antes de qualquer coisa, para a realidade da vida de maconheiros e músicos de casa noturna, concentrando novos esforços intelectuais para rever diferentes perspectivas teóricas existentes na época acerca do desvio ou transgressão.

---

<sup>29</sup> O próprio Becker, em sua juventude trabalhando em ares mais “livres e românticos” como músico em bares e exposto à cultura da droga, pôde ter uma visão de mundo diferente que mais tarde iria influenciar esta sua crítica e reformulação em torno do desvio. As subculturas ao longo da história, como os hippies e antes os beats, também expressavam uma forma de se contrapor a formas de vida que consideravam inautênticas e passivas diante do moralismo e do consumismo.

Observam-se com facilidade que diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes. Isso deveria **nos alertar** (Grifo nosso) para a possibilidade de que a pessoa que faz o julgamento de desvio e o processo pelo qual se chega ao julgamento e à situação em que ele é feito possam todos estar intimamente envolvidos no fenômeno. À medida que supõem que atos infratores de regras são inerentemente desviantes, e assim deixam de prestar atenção a situações e processos de julgamento, a visão de senso comum sobre o desvio e as teorias científicas, que partem de suas premissas, podem deixar de lado uma variável importante. Se os cientistas ignoram o caráter variável do processo de julgamento, talvez, com essa omissão, limitem os tipos de teorias que podem ser desenvolvidos e o tipo de compreensão que se pode alcançar (BECKER, 2008, p. 17).

Nestes termos, agora sim retomando a preocupação com as definições, poderemos ampliar a compreensão de determinados modos de conduta e seus contextos de vida. Especificamente, o que pode ser considerado autolesão em um sentido restrito – dores, tristeza, gritos ou formas de sufocá-los – pode também ser relacionado a experiências de vida entre atores interdependes, mas não necessariamente detentores de uma mesma posição de poder, controle ou de decisão.

A compreensão da autolesão não reside em até que ponto ela prejudicará o organismo de quem a comete deliberadamente (mesmo que, objetivamente, isso ocorra e, de fato, às vezes quem assim o faz, necessite de algum tipo de auxílio). Ela deve se estender aos processos da vida e como eles afetam as pessoas, particularmente, crianças e jovens nas condições da modernidade tardia. Ou seja, a pesquisa empírica sobre as condições emocionais no curso das interações humanas (o “mundo da vida” de Alfred Schutz) pode ser uma forma de encarar transformações mais abrangentes na sociedade, como nos têm ensinado Bauman (2004; 2009) e outros autores.

Trazendo a questão da autolesão nos termos acima descritos, podemos considerar que, a partir de Bauman (2004):

O amor-próprio pode rebelar-se *contra* a continuação da vida. Ele nos estimula a *convidar* o perigo e dar boas-vindas à ameaça. Pode nos levar a *rejeitar* uma vida que não se ajusta a nossos padrões e que, portanto, não vale a pena ser vivida. Pois o que amamos em nosso amor-próprio são os eus apropriados para serem amados. O que amamos é o estado, ou a esperança, de sermos amados. De sermos *objetos dignos do amor*, sermos *reconhecidos* como tais e recebermos a *prova* desse reconhecimento. Em suma: para termos amor-próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor – a negação do status de objeto digno do amor – alimenta a autoaversão (Grifos do Autor) (p. 100).

## **2.3. Materiais e métodos para uma pesquisa qualitativa da autolesão adolescente**

### ***2.3.1. Abordando contextos sociais em fenômenos “psicológicos”: uma proposta de análise qualitativa***

O trabalho de campo a partir de métodos tais como observação participante e etnografias, associados a outros meios de obter dados, geram um grande volume de informações. Estes dados tanto precisam ser analisados minuciosamente<sup>30</sup>, como integrados de forma coerente de modo a auxiliar na tarefa de categorização e de generalizações acerca do fenômeno investigado. Embora existam muitas abordagens teóricas na aplicação de métodos e na interpretação dos dados resultantes, a realidade é que grande parte das pesquisas enfrentam problemas particulares de sua própria dinâmica. Por isso, os pesquisadores devem adaptar o uso de métodos ao seu próprio interesse, ao contexto prático da investigação e ao estilo de apresentação das informações, algo como o desenho da pesquisa. Antes de serem simplesmente adotados, os métodos constituem parte do processo de construção do estudo. Neste sentido, para os propósitos desta investigação, considero o seguinte:

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida e é aplicada dentro de uma variedade de tradições teóricas. Uma característica comum das diferentes tradições de pesquisa de ramos metodológicos da pesquisa qualitativa é que quase todo método pode ser relacionado a duas origens: um enfoque teórico específico e também a um assunto específico para o qual o método foi desenvolvido (FLICK, 2002, p. 114).

No caso do presente estudo, a escolha da pesquisa qualitativa é oportuna na medida em que se procura analisar um fenômeno ainda pouco explorado em sociologia, como é o caso da automutilação entre adolescentes, mas, por outro lado, bastante explorado em uma visão médica, a partir de análises quantitativas, inclusive

---

<sup>30</sup> Quando me refiro à análise minuciosa, baseio-me em Strauss e Corbin (2008), quando lembram que o uso do termo “pesquisa qualitativa” pode ser confuso, por ter diferentes significados para diferentes pesquisadores. Assim, numa visão introdutória, explicam o seguinte: “ao falar em pesquisa qualitativa, referimo-nos não à quantificação de dados qualitativos, mas, sim, ao processo não-matemático de interpretação, feito com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esses conceitos e relações em um esquema explanatório teórico. Os dados devem consistir de entrevistas e de observações, mas também devem incluir documentos, filmes ou gravações em vídeo, e mesmo dados que tenham sido quantificados para outros fins, como dados do censo” (p. 24).

da quantificação de dados qualitativos. Basicamente, a escolha dos métodos qualitativos tem uma relação com a natureza do problema:

A pesquisa que tenta entender o significado ou a natureza da experiência de pessoas com problemas como doenças crônicas, vícios, divórcios e o ato de “tornar-se conhecido” servem para sair a campo e descobrir o que as pessoas estão fazendo e pensando. Os métodos qualitativos podem ser usados para explorar áreas substanciais sobre as quais pouco se sabe ou sobre as quais sabe-se muito, para ganhar novos entendimentos (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 24).

Uma maneira interessante de exemplificar estas considerações é a partir de um estudo já realizado por Harris (2000) que se relaciona de perto com a presente investigação, tanto com os seus aspectos gerais, mais básicos, sobre a escolha e aplicação de métodos, como com o fenômeno da autolesão e algumas discussões que giram em torno dele. No trabalho de Harris (2000), pode-se dizer que a pesquisa qualitativa auxilia na exploração de novas dimensões de um fenômeno e, desta forma, abre espaço para uma revisão crítica da prática médica e hospitalar. A pesquisadora empreende uma abordagem qualitativa, em uma investigação junto a seis mulheres que se automutilavam com regularidade e, por este motivo, haviam dado entrada em emergências de hospitais no Reino Unido. As mulheres queixavam-se de como eram tratadas com impaciência e hostilidade pelos médicos e enfermeiras, pois estes as encaravam como pessoas de atitudes ilógicas e imaturas, a partir de um determinado parâmetro de racionalidade profissional, como no seguinte depoimento de uma paciente:

I was put into a psychiatric unit where I found the doctors were unsympathetic and not very understanding of why I was self-harming. They told me that I was wasting their time and taking up a bed that someone else could be using. **They did nothing to try to stop my self-harming** in any way whatsoever (Grifo nosso) (*Ibid.*, p. 168).

A pesquisa, através dos relatos e histórias de vida das próprias pacientes, descreve a lógica por trás das condutas autolesivas, compreendidas a partir de contextos sociais de experiências de vida das mulheres. A estratégia da pesquisadora para lidar com a obtenção de dados desta forma, em meio a um tema delicado, foi assim descrita:

From the desire to understand the meaning of self-harm acts for women emerged the problem of gaining access to a sample. Given the sensitive nature of the topic and the way the field has been dominated by quantitative approaches, it seemed clear that face-to-face interviews would be difficult to arrange and harrowing for all participants. I felt that it was unnecessary for the purposes of this project to subject all parties to the interview process because I was primarily interested in **understanding the contexts within which self-harm took place**, and this could be achieved just as efficiently with **letter writing** (Grifo nosso) (Ibdi., p. 165).

Em síntese, a pesquisa observou que cortes e outros procedimentos autolesivos traziam alívio ou sensação de controle para estas mulheres cujas histórias eram marcadas por rituais de humilhação, estupros e outros eventos emocionalmente negativos e fisicamente debilitantes, geralmente durante uma adolescência sem amor, cuidado e atenção. Os cortes tinham uma lógica interna para elas, tornando-se um mecanismo alternativo para suplantar as dores emocionais e, assim o fazendo, conseguiam continuar suas vidas, embora os ferimentos ocasionalmente, além das cicatrizes, as levassem para o hospital. Enquanto elas procuravam ajuda para dar um fim aos seus cortes, os médicos, com posturas que agravavam ainda mais a tendência à automutilação – impaciência e hostilidade – procuravam enquadrá-las a partir de modelos preconcebidos de suas condutas, chegando a conclusões, por exemplo, de que eram mentalmente doentes. A crítica às práticas médicas e de enfermagem pôde ser assim resumida:

The lack of understanding, uncaring attitudes, and ritual humiliation experienced by the women only further these ambivalent feelings toward their bodies and confirm their lack of worth. If the medical and nursing professions seriously wish to retain resources and prevent self-harm, they must closely examine these issues and reconsider strategies toward these patients, not least because there is some evidence that distressing incidents such as these actually increase the likelihood of further harming (HARRIS, 2000, p. 171).

O exemplo é ilustrativo de como a pesquisa qualitativa, dado determinado recorte metodológico – uma forma de conceber a realidade social e estudá-la – pode buscar novos entendimentos em determinada área ou campo do saber. Problematicando um pouco mais, trazendo para o contexto do presente trabalho, dentro do recorte discutido nas subseções anteriores, ao privilegiar o contexto social na compreensão de fenômenos que, muitas vezes, são tomados por uma lógica racionalista, particularmente o fenômeno da autolesão, deveremos lidar com sutilezas do mundo social.

No caso, para fazer uma simples analogia, as mulheres, no estudo de Harris (2000), seriam, mais ou menos, para nós os adolescentes e jovens da *cena* em Fortaleza que se autolesionaram. Olhando também o mesmo estudo, em uma perspectiva ambiental, as cartas de Harris, “*letter writing*”, obviamente um tipo de mídia, poderiam ser comparados aos blogs de *cutters*, como o *Girl Depressed* da rede social Tumblr, ilustrado na Figura 3.

### **2.3.2. Métodos e materiais como processo de imersão no campo**

Por esta razão, construir conceitos e categorias a partir dos dados é uma oportunidade de fazer novas perguntas e estabelecer outras relações que possam dar conta de uma compreensão sociológica sobre um fenômeno tomado pela “medicalização” dos sujeitos. Visto que as estratégias de investigação, a maneira que a abordagem foi desenhada para adequar-se aos problemas particulares do campo do presente estudo, encontram-se divididas nas duas últimas subseções, aqui farei uma breve descrição dos métodos e materiais empregados, que tornaram a observação de campo possível nos moldes do que será apresentado no próximo capítulo.

As entrevistas foram diversificadas, mas é possível dividi-las em duas categorias. As entrevistas mais longas, que ocorreram mais próximo do final dos trabalhos de campo, trataram de temas delicados; e muitas foram realizadas nos contextos práticos da interação no campo. Exigiram maior tempo de envolvimento e confiança do pesquisador com os participantes ou sujeitos da investigação. Estas poderiam ser definidas como sendo entrevistas em profundidade, mais próximas ao que Lalanda (1998) sustenta:

A eficácia na utilização da técnica da entrevista em profundidade não só depende do domínio da metodologia em que se insere, mas também exige uma atitude “antropológica” do entrevistador. A empatia é fundamental na entrevista. A psicologia social há muito que definiu essa condição básica para o sucesso da relação, nomeadamente na relação terapêutica (C. Roger). No entanto, a sociologia, porventura marcada por um formal distanciamento provocado pelo conceito de objetividade científica, tem sido levada ao uso exagerado de um rígido esquema predefinido de questões. A entrevista, como refere o texto crítico de N. Mayer (1995, 362), deve ser tida, cada vez mais, como um momento que pode ou deve proporcionar ao entrevistado uma ocasião inesperada de se interrogar sobre si mesmo e de testemunhar. Há, porém, segundo o mesmo autor, duas condições a não esquecer. Uma é de ordem ética, que poderá resumir-se na atitude básica da compreensão, o que não significa envolvimento, antes a capacidade de estar disponível para o

outro, de olhar de um modo diferente. A outra é de caráter cognitivo: exige ao sociólogo o conhecimento do meio onde se realiza o trabalho de campo e um olhar crítico sobre essa mesma realidade (p. 873).

Se por um lado, o olhar crítico depende, por exemplo, de um recorte que privilegie a visão dos sujeitos da pesquisa sobre suas condições de vida, o conhecimento do meio pode se dar através de outros métodos, que também se encaixam em situações e necessidades específicas do pesquisador no processo de investigação.

Neste caso, outros tipos de entrevistas, na realidade, interações informais com um ou mais indivíduos, conversas via SMS e as mediadas por computador, que são tipos de materiais, foram necessárias para que as entrevistas do campo, mais íntimas, mais delicadas, pudessem ser realizadas com maior cuidado e proveito. Assim, elas ajudaram a dirimir as dúvidas do pesquisador sobre aquele contexto particular de experiências, a cena *underground*, ou então serviram como ensaios para futuras entrevistas, suscitando esclarecimentos, novas dúvidas e subtemas interessantes para serem explorados (inclusive, levando a realizar incursões em outros tipos de dados, como redes sociais, filmes, etc.). As interações “mais livres” (como inspiração a partir da obra *Outsiders*) também forneceram o suporte para aprofundar o contato e a confiança com informantes. Assim sendo, estes processos de coleta de dados seriam aproximadamente classificados como análise de conversações e falas:

Na análise de conversação, os dados de pesquisa não são considerados como tendo um *status* especial que os separe de outra fala. O analista faz os mesmos tipos de perguntas que alguém possa fazer em uma conversação entre amigos à mesa de jantar, em entrevistas entre médicos e pacientes, em sessões de um conselheiro de orientação matrimonial, em locuções de rádio ou em conversas casuais entre estudantes de graduação. [...] Ela pode ser empregada para explorar os tipos de categorias pressupostas pelos participantes (e não aquelas do pesquisador). Ela pode mostrar como os participantes juntam e contrastam atividades e atores (ligações que podem ser perdidas na análise de conteúdo), e como eles apresentam mutuamente seus pontos de vista. Pode levar a mudanças práticas no estilo e na estrutura da entrevista, ou na moderação de um grupo. E ela pode ser um passo na direção de uma pesquisa mais reflexiva, capacitando os pesquisadores a considerar o tipo de situação que eles criaram, a orientação dos participantes para com ela e seus próprios papéis nela como pesquisadores (MYERS, 2002, p. 272).

Estes entrevistas e conversações, variando entre sondagem e profundidade, deram o tom da observação de campo, trabalho realizado durante o período compreendido entre maio de 2011 e janeiro de 2013. A observação e o

material resultante, as “anotações de campo”, foram mais uma consequência da dinâmica do pesquisador em campo do que algo previamente concebido. Neste caso, foi uma variação das diferentes maneiras ou estágios da interação e imersão do pesquisador no campo empírico.

Por aglutinar uma maior complexidade de interações, atraindo adolescentes e jovens de vários bairros de Fortaleza, os lugares que escolhi para realizar os trabalhos de campo foram: (i) a Praça Portugal; (ii) o entorno do Centro Cultural Dragão do Mar; e (iii) o entorno do Fafi Bar. Este último foi ocupado pela *cena* apenas algum tempo depois que a pesquisa foi iniciada, forçando-me a migrar junto com os informantes para este local.

Esta pesquisa utilizou-se ainda de uma variedade ampla de fontes de informações, tais como: (i) vídeos do Youtube; (ii) documentários; (iii) filmes; (iv) romances; (v) letras de músicas; (vi) matérias e artigos publicados em jornais e blogs da Internet. Alguns materiais são produções que dependiam da interação entre pesquisador e informantes, como as trocas de SMS, conversas em Chat, imagens feitas pelos sujeitos da investigação. Outros foram criados pelo pesquisador durante o processo de pesquisa, como vídeos, áudios e imagens (ou imagens congeladas destes vídeos), todos estes feitos por celular.

Por sua vez, uma quantidade significativa de dados foi resultado da decisão de ingressar no ciberespaço, como anteriormente discutido na primeira subseção, a partir da rede social Tumblr (graças a uma informante que utiliza esta rede para mostrar seus cortes), como um meio importante para observar a autolesão e a automutilação entre a população mais jovem. A especificidade que este empreendimento carrega merece um esclarecimento a parte, o que está contemplado na última subseção.

No que se refere ao que foi acima apresentado e, mais especificamente, aos materiais secundários diversificados, levo em conta a metodologia de Strauss<sup>31</sup> e Corbin (2008). Eles apresentam o que consideram uma visão apropriada de pesquisa qualitativa, a partir de Patton (1990), corroborando com o que tem sido denominada teoria fundamentada (*grounded theory*), como se segue:

---

<sup>31</sup> Anselm Strauss (1916 - 1996) tem sido associado à Segunda Escola de Chicago, juntamente com Howard Becker e Erving Goffman, e é um dos principais responsáveis, juntamente com o Sociólogo norte-americano Barney Glaser, pelo desenvolvimento da Teoria Fundamentada a partir da década de 1960.

‘A investigação de avaliação qualitativa se baseia em pensamento crítico e criativo – tanto na ciência como na arte da análise’. Ele prosseguiu fornecendo uma lista de comportamentos que acreditava ser útil para promover o pensamento criativo, algo que todos os analistas deveriam ter em mente. A lista inclui (a) ficar aberto a possibilidades múltiplas; (b) gerar uma lista de opções; (c) explorar várias possibilidades antes de escolher uma; (d) fazer uso de múltiplas formas de expressão, como arte, música e metáforas, para estimular o pensamento; (e) usar formas não-lineares de pensamento, como avançar, retroceder e elaborar um assunto para obter uma nova perspectiva; (f) divergir das formas usuais de pensamento e do trabalho de alguém, mais uma vez para conseguir uma nova perspectiva; (g) acreditar no processo e não retroceder; (h) não tomar atalhos, mas, sim, colocar toda a energia e o esforço no trabalho e (i) divertir-se enquanto trabalha. **Análise é a interação entre os pesquisadores e os dados** (Grifo dos Autores). (p. 25).

Aqui, refiro-me ao que os autores chamam de literatura não-técnica, item “d”, (*Ibid.*, p. 49). Neste sentido, por exemplo, tanto a literatura de escritores como Ginsberg (1984) e Burroughs, assim como a obra punk *Mate-me por favor*, ou ainda o filme *O Quarto do Suicídio* são recursos de fundamental importância para o processo de pesquisa. Logicamente, não são fontes para se alcançar uma determinada verdade ou validade científica, mas podem ser meios significativos para abrir as possibilidades de interpretação dos dados, de explorá-los sobre diferentes aspectos e dimensões. Estas propriedades das fontes não-técnicas permitiram-me, no presente estudo, divergir de formas usuais de pensamento, a partir de uma abordagem que se distingue das formas de classificação de condutas através de sintomas, mas também, por esta mesma abordagem, pude explorar a vida social em cenários de interação importantes para os atores que os vivenciam.

Tendo isso em vista, preocupado com os diferentes significados e manifestações da autolesão, na perspectiva até aqui discutida, explicitarei a estratégia para a abordagem do campo nos dois últimos tópicos a seguir, que servirão de base para as discussões dos outros quatro capítulos que constituem esta pesquisa.

### **2.3.3. Observações preliminares acerca da pesquisa de campo**

Boa parte da exploração de campo consistiu em observação "pura", com gravações aleatórias de áudios, imagens e pequenos vídeos realizados em interações, os *encontros*, em torno dos quais se agrupavam adolescentes e jovens,

meu "público-alvo", formando *reuniões*. Isso constituía a *cena* nos ambientes selecionados, Praça Portugal, Dragão do Mar e entorno do Fafi Bar<sup>32</sup>.

Denomino esta observação de *primeira camada de imersão*. Se no início teve um caráter mais exploratório, com o desenrolar da "participação" do pesquisador em campo, ela assumiu um caráter reflexivo. Esta primeira observação proporcionou vantagens e riquezas e dependeu muito do olhar e atenção aos detalhes, não apenas durante a atividade, mas também por meio do que pôde ser registrado em imagens e vídeos a fim de revisitar situações e vasculhar detalhes que o pesquisador julgou importante para a elaboração de respostas para suas questões<sup>33</sup>.

Para o que está sendo aqui exposto sobre a coleta de dados, é bastante esclarecedora a visão de Pétonnet (2008) acerca da experiência do encontro, como uma possibilidade de investigação social:

Se a multidão foi estudada como uma unidade psicológica, se a sintaxe oscila entre uma totalidade considerada coletivamente e uma pluralidade considerada individualmente, os encontros entre simples passantes não mostraram os segredos de seus ritos. E talvez caiba ao etnólogo a tarefa de surpreendê-los. [...] O método utilizado é aquele que nós qualificamos de "observação flutuante" e ao qual nos dedicamos há algum tempo, ao longo dos trajetos parisienses impostos pelas atividades cotidianas ou pela necessidade de movimento que o sedentário experimenta. Ele consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la "flutuar" de forma que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos então, a descobrir as regras subjacentes. Não é preciso dizer que, para obter de si mesmo esta disponibilidade de atenção, é necessário se preservar da influência de pensadores contemporâneos, tal como J. Baudrillard que denuncia os cidadãos separados e indiferentes, a cidade-gueto, a dessocialização, a socialidade urbana abstrata. (pode uma socialidade ser abstrata?) (p. 102).

---

<sup>32</sup> Encontros e reuniões são formas de acionar reflexivamente o corpo para participar de interações de muitos tipos. Os indivíduos mobilizam tempo-espço em diferentes reuniões e dão início a encontros. Um local como uma praça pode ser uma reunião mais vasta de interações não focalizadas (gestos e ações simplesmente pelo fato de os indivíduos estarem co-presentes). A característica destas reuniões pode influenciar nos tipos de gestões e ações "permitidos" na interação não focalizada. Já as interações focalizadas exigem mais envolvimento, encontros face a face. Para que um indivíduo se desloque a grandes distâncias numa noite de domingo, por exemplo, ao sair da periferia rumo à Praça Portugal, é preciso, poderíamos supor, objetivos ligados à autoidentidade e a motivações que afetam seus anseios por tipos de sociabilidade específicos. Acerca destas conceituações, ver Giddens (2003, p. 79).

<sup>33</sup> Muitos destes vídeos tiveram partes congeladas (capturas de tela), de modo a criar imagens de situações que julguei interessantes para análises. Algumas destas figuras estarão presentes no texto, com a indicação *captura de tela de vídeo*.

A exploração inicial consistiu não somente em leituras prévias do pesquisador, mas também nos “dados visuais” gerados pela *cena* que, de alguma forma, invadiram-no, mexeram com seus valores, ética pessoal e visão de mundo, contagiando-o. Estes dados, em um primeiro momento, são de um pesquisador que não interfere ou interage, um “observador flutuante” disponível para eventuais encontros. Estes dados visuais provocaram perguntas – como se vestem e como se comportam? Que tipos de produtos consomem e qual a faixa etária destes sujeitos? Que tipos de atividades estão a realizar, além de conversas e outros tipos de envolvimento? Este procedimento ocorre do privilégio de que gozou ao circular fisicamente próximo aos sujeitos. Sabia que havia outros indivíduos por perto, mas não lhes foi exigido um envolvimento face a face, havendo antes um monitoramento tácito das ações, baseado num tipo de confiança que os espaços públicos possibilitam como também dependem.

A desatenção civil é confiança como “ruído de fundo” – não como uma coleção fortuita de sons, mas como ritmos sociais cuidadosamente comidos e controlados. Ela é característica do que Goffman chama de “interação desconcentrada”. [...] A transição da desatenção civil para a abertura de um encontro, como Goffman mostra, **é plena de possibilidades adversas para cada indivíduo envolvido** (Grifo nosso) (GIDDENS, 1991, p. 86).

Esta condição do pesquisador, o seu posicionamento, nos ambientes onde a *cena* era constituída, permaneceu até o final do trabalho de campo. Sempre se é um observador em qualquer ambiente de interação social, mesmo que, de outro ângulo, sejamos um integrante ativo num espaço, quando participando de uma interação com outro indivíduo ou com um grupo de pessoas de um modo mais focado<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Para uma leitura mais detalhada destas questões, cuja obra tomei de empréstimo para pensar o campo, ver Goffman (2010). É interessante ressaltar que, hipoteticamente falando, em ambientes distintos daqueles tomados pela *cena*, as condutas entre adolescentes de modas alternativas poderiam “quebrar” a cortesia e a desatenção civil de que fala Goffman, como, por exemplo, ambientes mais formais ou convencionais. Muito do fato de estes jovens elegerem espaços para encontros entre indivíduos com interesses e gostos afins está ligado a estas questões de liberdade e confiança para se interagir mais livremente. Estas escolhas certamente conectam experiências emocionais e anseios mais íntimos a padrões de comportamento difundidos na criação destas situações de “desprendimento”. Alguns dos aspectos de como ética pessoal e novos estilos de vida associam-se para criar possibilidades de interações e experiências são tratados no Capítulo 5.

Uma *segunda camada de imersão* posicionou-me neste quesito de integrante ativo e, desta maneira, pude realizar uma observação participante. Neste caso, posicionei-me interagindo com os sujeitos da pesquisa, em condições de encontros e reuniões<sup>35</sup>. Isso exigiu envolvimento, aceitação e interesse mesmo que brandamente requisitados: alguns sujeitos procuraram explorar mais a "história" pessoal, os gostos e as intenções não imediatamente apresentados do pesquisador, ou então se permitiram às investidas por parte do pesquisador. Enquanto isso, outros só vincularam o interesse mediante olhares e expressões faciais amistosas, de modo a confirmar a empatia necessária para manter a co-presença, o estímulo para a interação prosseguir. Como participante de reuniões informais em meio aos encontros, mais que um o observador, introduzi conversações e entrevistas informais, registros "avulsos" do que determinados adolescentes e jovens pensam sobre algo ou alguém. Esta atividade proporcionou ganhos ou achados, entendidos como falas dos informantes em torno das quais reintroduzia novas perguntas. Quando passei a ocupar um espaço na cena *under* como integrante ativo<sup>36</sup> em ocasiões de reuniões "fechadas", do ponto de vista de outras reuniões, no entanto, permaneci como um observador.

Devido à condição de interagente nos encontros e reuniões, alguns informantes passaram a ser especialmente importantes, tanto por me conduzirem a outros encontros que ampliaram o campo de possibilidades do que poderia ser explorado em termos de diálogos e conversações, como também pelo fato de serem eles mesmos *experts*<sup>37</sup>, ou seja, tinham bastante conhecimento sobre o que denomino de "experiência de rua", algo relacionado à prática do "virar", categoria "nativa" que

---

<sup>35</sup> Quando me refiro a encontros e reuniões, entendo a partir do que foi discutido por Giddens (2003, p. 75) ao empreender na sua teoria da estruturação um diálogo com as principais terminologias Goffman (2010; 2011; 2012). Basicamente, "a maioria dos encontros que compreendem a serialidade da vida social tem lugar ou fora (no tempo-espaço) ou contra o pano de fundo das reuniões observadas em ocasiões sociais. Os envoltimentos face a face em muitos desses contextos não implicam fechamentos claros que eliminem toda a interação com não-participantes. Em tais circunstâncias, a monitoração reflexiva do corpo, do gesto e do posicionamento é caracteristicamente usada para produzir um 'fechamento convencional do envolvimento'. Quer dizer, uma 'barreira' normativamente sancionada separa os envolvidos no encontro dos outros que estão co-presentes. É um trabalho cooperativo, no qual os participantes do envolvimento face a face e os circunstantes – frequentemente envolvidos, é claro, em seus próprios compromissos com outros grupos – mantêm uma espécie de 'inatenção cortês' em relação uns aos outros" (GIDDENS, 2003, p. 87).

<sup>36</sup> Isso não deve ser confundido com a ideia ingênua de transforma-se em um "nativo".

<sup>37</sup> Para uma discussão de como modas e ideias se espalham (contagiam o comportamento), ver Gladwell (2002), autor que se inspira em ideias da sociologia clássica americana.

diz respeito à prática dos adolescentes amanhecerem nos pontos de encontro (Dragão do mar e Fafi Bar rumo à Praia de Iracema) junto à galera *under*<sup>38</sup>.

O ponto forte do contato com estes informantes foi resultado da envergadura do tempo em campo, o que compreendeu o envolvimento do pesquisador nas atividades de informantes-chave<sup>39</sup>, o que implicou a aceitação de suas demandas (crises), como quando se interagia via Internet e SMS (por exemplo, demorar em responder não seria uma boa atitude). Este ponto é o que denomino de *terceira e última camada de imersão*, na qual os fatos mais íntimos e a história de vida mais recente dos garotos e garotas eram a mim revelados e, deste modo, o fluxo dos fatos iniciais tornaram-se mais claros. Muitas destas conversas (depoimentos a partir de entrevistas) ocorreram de madrugada na rua, onde calçadas se tornaram verdadeiros divãs.

Este grau de interação implica uma atenção total, no sentido de que o pesquisador sai do campo da observação e de eventuais encontros para uma interação mais focada entre pesquisador e informante. É também mais profundo em termos de significado e de experiências uma vez que o sujeito, frente ao contexto de vida, é capaz de revelar de forma discursiva, para além de seus trajes e gostos musicais, por exemplo<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> Tal expressão é um tipo ideal, pois, obviamente, essa realidade empírica aqui descrita não é essencialmente *underground*. Quer dizer apenas que exacerbar determinados aspectos tem implicações válidas para o presente estudo, e para a discussão desta seção em particular. Para Giddens (2000), sobre a obra de Max Weber, “Um tipo ideal é elaborado através da abstração e da combinação de um número indefinido de elementos que, se bem que sejam todos eles extraídos da realidade, raramente ou nunca nos surgem sob essa forma específica. Esse tipo ideal não é, nem uma ‘descrição’ de um aspecto específico da realidade nem, segundo Weber, uma hipótese; contribui, porém, para facilitar a descrição e a explicação. Um tipo ideal não é ideal num sentido normativo: não implica que a sua realização seja desejável. Podemos construir um tipo ideal de assassinato ou de prostituição. [...] Um tipo ideal é um tipo puro num sentido lógico, e não num sentido exemplar... e o único propósito que orienta a sua elaboração é de facilitar a análise de questões empíricas” (p. 201). Este mesmo raciocínio deve ser aplicado ao termo adolescente ou jovem *cutter*, uma vez que um indivíduo não é em essência um “automutilante”, um viciado em cortes etc, muito menos assim o seja por ter eventualmente praticado o corte.

<sup>39</sup> A este respeito, a clássica obra *Sociedade de esquina*, de Foote Whyte (2005) ainda continua a ser bastante inspiradora.

<sup>40</sup> Em outras palavras, como em Lalanda (1998, p. 875): “A entrevista em profundidade (compreensiva) permite abordar, de um modo privilegiado, o universo subjectivo do actor, ou seja, as representações e os significados que atribui ao mundo que o rodeia e aos acontecimentos que relata como fazendo parte da sua história. Essa subjectividade é, para o sociólogo, não um mero reflexo da individualidade desse actor, mas de um processo de socialização e de partilha de valores e práticas com outros, ou seja, resulta de uma intersubjectividade”.

Esta terceira camada, fruto de um processo contínuo e persistente de frequência nos pontos de encontro e de interação com informantes, é caracterizada por ser o *ápice da investigação de campo*, quando se considera que o caminho que se seguiu era a busca do fenômeno da conduta autolesiva (que também era mais "superficialmente" relatado nas ocasiões de encontros episódicos e conversas de reuniões nas primeiras investidas em campo) na ótica de quem a pratica e seus contextos de sociabilidade e nas suas condições de vivência interpessoal<sup>41</sup> com foco na família. Novamente, aqui, lembro que os propósitos desta investigação não era tanto compreender o que se entendia por emos ou góticos, muito menos a análise de sociabilidades juvenis em praças e ruas em particular.

Desta maneira, adentramos em um mesmo "terreno" – mas com uma abordagem distinta, ainda que dialogue criticamente com outras – que foi dividido por estudos de saúde mental e comportamento adolescente e a autolesão, especialmente na forma de automutilação. Enquanto a autolesão tem sido objeto de estudo em análises quantitativas ou circunscrita ao ambiente clínico, a estratégia adotada no presente estudo foi sua compreensão no âmbito de modos de vida, observando um leque maior de possibilidades e de agentes envolvidos, que não apenas a visão do distúrbio interno de personalidade<sup>42</sup>.

É importante ressaltar ainda que alguns pontos de encontro foram mais significativos para uma *camada* do que para outras. As camadas não são necessariamente hierárquicas, no que se refere ao grau de objetividade e conhecimento da realidade. Elas representam mais uma forma didática de representar a experiência de pesquisa, multifacetada e complexa, como qualquer pesquisador com certa experiência de campo pode presumir. As camadas dizem respeito às diferentes formas e perspectivas de obtenção de dados, como recursos para se chegar mais perto das situações de intimidade, dos dilemas do eu a que nos referimos, onde reside o corte. Como este se trata, de certa forma, de um "ato ocultado", ainda que compartilhado, a ideia foi descrever o processo de investigação, indo da

---

<sup>41</sup> Alguns temas destas entrevistas acabavam focando a família, o cuidado ou atenção deste ambiente socioafetivo.

<sup>42</sup> Isso não significa que a estratégia aqui adotada de modo algum intencionou esgotar o fenômeno da autolesão adolescente, ainda que privilegiando o envolvimento com sujeitos, seja a partir de ambientes físicos ou através da expressão e interação em torno da autolesão no ciberespaço, como se verá na próxima subseção. Na realidade o que se vislumbrou foi discutir novas possibilidades para interpretar o fenômeno e relacioná-lo com discussões mais abrangentes das ciências sociais.

"superfície" ao "núcleo", das modas e estilos de vida e práticas de atores interagindo na *cena* até os relatos íntimos da autolesão.

No Dragão do Mar, por exemplo, onde passei a frequentar após conhecer a Praça Portugal, havia maior quantidade de jovens e de “tribos”, conseqüentemente de estilos e de atividades. Nesse espaço, muitas das observações posteriores às primeiras visitas foram importantes para pensar questões, boa parte delas instigando temas abordados no Capítulo 5 (olhar para os dados sob diferentes perspectivas e fazer comparações, como com a obra punk *Mate-me, por favor* (MCNEIL; MCCAIN, 2004)). Por sua vez, a Praça Portugal foi mais oportuna em relação à participação em conversas e o ingresso em reuniões informais. Já no Fafi Bar, talvez por ter sido o local mais recente no qual os *unders* migraram, onde as incursões foram realizadas perto da fase de conclusão dos trabalhos de investigação em campo, teve uma importância para a terceira camada de interação.

Além disso, o processo de pesquisa de campo foi marcado pelas informações via Internet; faz parte destas gerações o profundo envolvimento com as mídias digitais. Como se verá no capítulo a seguir, isso será constantemente explorado, sendo tão necessário quanto os relatos cujas partes mais significativas para o esclarecimento dos temas aqui abordados serão reproduzidos e discutidos e, sempre que oportuno também, invocados em outras seções da pesquisa.

O envolvimento com a tecnologia digital, a exemplo das redes sociais on-line e da telefonia móvel, característica marcante da propagação de subculturas do pós-*hardcore punk*<sup>43</sup>, deve ter a mesma preponderância na ocasião do processo de investigação e suas ferramentas: se a tecnologia é relevante para os próprios atores sociais, informantes do estudo, sendo inclusive uma propriedade do fenômeno, também deveria ser desta forma considerada pelo pesquisador e, neste caso, ele deveria lidar também com isso na exploração dos dados.

Estamos diante de uma onda de *cutting* e depressão adolescentes, que a tomada das redes sociais, um comportamento com ares comunais, torna flagrante para além das estatísticas. Por esse motivo, deveríamos suspeitar que este fenômeno consista em uma das faces da manifestação de transformações mais amplas na sociedade, do que apenas e simplesmente uma expressão de fraquezas ou

---

<sup>43</sup> As subculturas do pós-*hardcore punk* possuem uma atitude positiva frente aos meios de comunicação e uma maior negociação com o *mainstream*, como é sustentado nos trabalhos de Muggleton (2002) e Miernik (2013).

incapacidades individuais de formar a personalidade ou um cibermodismo perigoso que influencia crianças e jovens a fazerem cortes nos próprios braços e pernas.

## **2.4. Observações metodológicas sobre a “rede social do corte”**

### **2.4.1. A rede como fenômeno de investigação**

A expressão “rede social do corte” não é tanto uma comunidade virtual de pessoas que vivem em torno da automutilação ou a pregam como meio de vida ou de superar depressões. Ela também não está relacionada a fóruns de discussão on-line sobre esta conduta entre seus praticantes, o que seria algo mais restrito do que a ideia que uma rede social transmite, pois nela indivíduos com algum grau de proximidade (amigos próximos ou relativamente próximos e familiares) ou então apenas por interesse e afinidade, acabam criando vínculos, numa espiral crescente de pessoas e grupos, com o uso de um ambiente digital desenhado para este intuito, a exemplo do que foi o Orkut e agora o famoso Facebook. Quero dizer com “rede social do corte” o fenômeno do crescimento da automutilação e, por que não dizer, “invasão” nas redes sociais (as plataformas, os programas).

A automutilação tem crescido, sobretudo no período final desta pesquisa, em conteúdo on-line. Em torno dele, os *cutters* se vinculam e compartilham, ampliando-o ainda mais. Esta forma de expressar angústia e dor através de páginas pessoais em redes da Internet recentemente tem sido palco de controvérsias e endurecimento de agentes institucionais que veem este tipo de conteúdo como ofensivo ou que incitam outros adolescentes a se autolesionarem. Esta forma on-line de manifestar a autolesão também tem levado muitas pesquisas sobre a automutilação (*self-mutilation, self-harm, self-injury*) a abordarem os sujeitos, neste tipo de mídia, mediante análise do conteúdo publicado e compartilhado, basicamente porque é mais fácil abordar um indivíduo que assim se comporta via Internet do que em co-presença.

O fato é que, como já foi dito, o estudo da autolesão, particularmente a automutilação (*cutting*), a partir de grupos sociais em contextos de interação ainda é bastante reduzido. Um dos poucos que adotaram o método etnográfico acerca da automutilação foi Casadó i Marín (2011), trabalho no qual a autora reflete as questões

metodológicas envolvidas no embasamento empírico de estudos em comunidades virtuais que ela considera pró-autolesão. Assim, expõe a síntese de suas reflexões:

I have always had a sense with both the Ana and Mia [anorexia e bulimia, respectivamente] phenomenon and then monitoring the pro-self-harm [pró-automutilação] communities that I was witnessing a veritable Salem 1692-style witch-hunt, but in the twenty-first century. Indeed, some of the communities I worked with during the fieldwork process were constantly harassed, closed down and subsequently reopened. All this led me to reflect on what my role throughout this process should be. Should I be critical? Was it necessary to assume a position? What was obvious was that it was impossible for me to be neutral. Closing the pages was obviously not the solution, and as well as contradicting the logic of the Internet, also contributed to stigmatising the users (MARÍN, 2011, p. 91).

A rede social Tumblr, a qual me foquei, foi tomada pelo fenómeno do crescimento da autolesão adolescente, o que não poderia ser diferente, uma vez que a tecnologia está no mundo como parte integrante da vida das pessoas, e o que ocorre neste mundo é expresso em suas mídias. Até o momento em que este trabalho era concluído, o Tumblr continua sendo uma rede atraente, *cool*, para os jovens. Ocupou também um espaço privilegiado como fonte de informações relevantes para o presente estudo. Por estas razões, devo agora apresentar algumas perspectivas de ordem metodológica, aspectos conceituais e categorias “nativas” que irão nos acompanhar ao longo deste trabalho.

Embora não seja a única rede social onde possa ser encontrado o tema da automutilação, a escolhi pelos seguintes motivos: (i) É relativamente recente e a imensa maioria dos *cutters* por lá são adolescentes ou jovens com a mesma faixa etária dos informantes que encontrei em locais públicos e, obviamente, passam por situações muito parecidas; (ii) O conteúdo postado conecta-se às questões levantadas nas falas de relatos e entrevistas, quando não um destes informantes também tem uma “vida no Tumblr”; (iii) Ao invés de ser um *site* onde as pessoas criam grupos de discussão (simplesmente a discussão está disponível na Internet), a plataforma do Tumblr é uma matriz aberta sempre crescendo em complexidade e extensão, onde os *blogs* vão se conectando pelo vínculo de sentido. A metáfora visual deste processo é , que significa REBLOGAR<sup>44</sup>. Ao clicar nas *hashtags* #cortes, #automutilação ou

<sup>44</sup> Ao clicar nas *hashtags* #cortes, #automutilação ou #suicídio, eles estarão lá, amontoados na tela do navegador. Um tumblr pode seguir outro tumblr, ou então “gostar” ou reblogar uma publicação mesmo sem ser seguir do blog de origem do conteúdo. *Hashtags* são indexações de palavras-chave e para isso deve-se usar a cerquilha (#). Viram hiperlinks dentro da rede (ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>). Recurso tecnológico bastante útil, quando usado para

#suicidio, eles estarão lá, amontoados na tela do navegador. Um tumblr pode seguir outro tumblr, e reblogar é uma ação de demonstração de interesse particular por uma publicação específica. Depararemos-nos com este processo de interação mediada ao longo do trabalho, sempre que for oportuno para esclarecer pontos de discussão que envolve o objeto; (iv) Os indivíduos fazem de seus *blogs* um espaço onde podem extravasar seus pensamentos e sentimentos e compartilhá-los, e, para tanto, ambientam suas páginas para que este tema de maior relevância seja representado da forma mais personalizada possível. Tudo funciona mais ou menos como explica a usuária “crash-down”, no que aproveito também para mostrar a interface do Tumblr para dispositivos móveis, como se observa na Figura 4.

Nestes termos, há uma afinidade com o viés teórico do presente estudo, com o nosso recorte, algo como uma fenomenologia do *self-harm*, uma vez que o que a tecnologia proporciona é a extensão do caráter intersubjetivo da vida social para o ciberespaço. Do ponto de vista da presente análise, é importante ter em mente, como ensinou Schutz, a seguinte proposição:

Estar relacionado com o Outro em um ambiente comum e ser unido a ele em uma comunidade de pessoas são duas proposições inseparáveis. Não poderíamos ser pessoas para outros, nem mesmo para nós mesmos, se não pudéssemos encontrar um ambiente comum como contrapartida da interconexão intencional de nossas vidas conscientes. Esse ambiente comum é estabelecido pela compreensão que, por sua vez, é fundada sobre o fato de que os sujeitos motivam uns aos outros reciprocamente em suas atividades espirituais (SCHUTZ, 2012, p. 181).

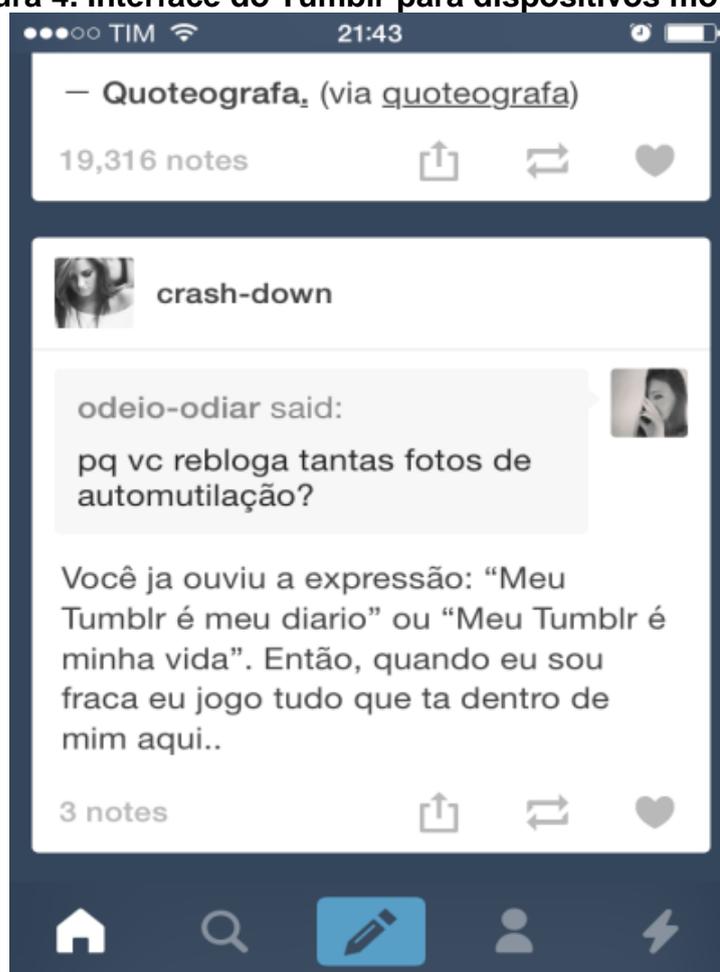
Esta visão analítica é fundamental na medida em que nos permite afirmar, por exemplo, que as imagens e mensagens de automutilação não são compartilhadas aleatoriamente. Os vínculos on-line das *dores da alma* são essencialmente vínculos emocionais. Quem compartilha e posta seus cortes ou os de outros jovens, numa forma estetizada, como veremos, tem motivos e tem uma história, e o ato também é uma forma de apresentar a “vida psicológica” (SCHUTZ, 2012). É uma forma “rudimentar”, mas de alto impacto comunal, coletivista: por mais intuitivo e sofisticado que uma interface digital possa ser, ela não substitui as complicadas manipulações verbais-corporais da co-presença.

---

determinados fins, pode ter um significado cultural e um impacto social amplo, como se verá oportunamente em outras seções.

No entanto, livres destas barreiras físicas e corporais, a conexão da interação muitos-para-muitos, exclusiva da Internet (MITCHELL, 2002), acaba demonstrando sua força na criação de conteúdo de cortes. As interfaces estão sempre tentando se aproximar e, neste sentido, de potencializar as características fundamentais do relacionamento humano (PREECE *et al.*, 2005). Desta forma, procuro sustentar que não deveríamos achar que estamos lidando com desequilíbrios psicológicos de quem não tem competência emocional para perceber a realidade e interagir de modo saudável. Para o presente estudo, basicamente, pressupõe-se que na rede é possível um ambiente mais informal, menos institucionalizado, para lidar com a automutilação, e a interação ocorre entre os próprios *cutters* nos seus próprios termos, e não daqueles que versam sobre estes atores, que discutem sobre eles e os classificam.

**Figura 4. Interface do Tumblr para dispositivos móveis**<sup>45</sup>



Fonte: Captura de tela de celular do Tumblr.com.

<sup>45</sup> A presente interação destaca um aspecto recorrente nesta rede social, na visão dos “nativos”, no que se refere à automutilação, e que acompanha o presente estudo. Pode ser interpretado, dentro do recorte aqui definido, para fins de análise, como um “prolongamento do eu” para dentro do ambiente digital.

O Tumblr tem recursos sofisticados da Web 2.0, o que torna seu uso uma experiência intuitiva tanto para o usuário, como para quem se posiciona como um observador ou, mais apropriadamente, um observador-usuário, como em uma observação flutuante on-line. Não há um paralelo atualmente em termos de tecnologia em que o fenômeno da automutilação e das depressões adolescentes venha sendo tão intensamente apresentado, publicado, tornado público<sup>46</sup>. E, por fim, talvez em razão do item 4, o Tumblr, no decorrer deste estudo, causou um impacto internacional, inquietando governos e autoridades públicas. Neste último caso, há elementos que vão além da preocupação metodológica, conduzindo-nos para uma dimensão ética e política em torno das formas e limites da expressão livre na era digital, particularmente, a respeito de até onde pode ir o direito dos jovens para expor suas emoções da forma como ocorre na “rede do corte”, algo que para muitos *outsiders* a este universo parece ser indigesto de se navegar.

#### **2.4.2. O Tumblr/cortes como fonte de dados**

No caso específico desta investigação, uma vez diante de emoções e conflitos existenciais envolvidos em condutas autolesivas, a rede Tumblr, entendida aqui como ferramenta para narrativas reflexivas do eu, vem a servir como um meio para os sujeitos tornarem público esta dimensão de tempo-espço bastante íntima da vida. Não simplesmente tornam públicas, no sentido de expostas, as dores da alma, mas criam um espaço “público” – um ciberespaço público, aberto à navegação<sup>47</sup> – para algo que, sem a ferramenta tecnológica nestes moldes interacionais, estaria restrito à esfera da intimidade. Uma das implicações disso é que estes indivíduos que se dizem atormentados têm começado a perceber que não estão tão sozinhos neste “sentir-se sozinho”, e que diversas outras pessoas passam por situações muito parecidas. Por esta razão, vinculadas em um ambiente interativo, conversam entre

---

<sup>46</sup> A rede social Instagram, de compartilhamento de fotos e vídeos com filtros especiais, também é um ambiente com muitos recursos, onde os jovens que vivenciam a autolesão procuraram conectar-se, mas tiveram suas contas ou conteúdos banidos, o que será discutido oportunamente ao longo do trabalho.

<sup>47</sup> Para navegar, basta ir em [www.tumblr.com](http://www.tumblr.com) e pesquisar por “automutilação” ou “*self-harm*” no recurso de busca, localizado no canto superior direito da janela.

si<sup>48</sup>, e conversar tem muitas implicações importantes para o “estar no mundo” do ator social.

Tendo isso em vista, do ponto de vista analítico, uma categoria “nativa” é a noção de quarto. Não o quarto como espaço físico, mas como uma forma de indicar um estado emocional que envolve o sujeito e que ele acaba por compartilhar através de metáforas visuais: um lugar seu, onde ele se fecha em seu mundo, um “ficar só, comigo mesmo” ao fechar a porta. Este é um tipo de vivência fundamental, aliado ao fato de os indivíduos serem produtores da interface, de posse de uma tecnologia cada vez mais intuitiva, mesmo que seus idealizadores não contemham com a presença deste tipo de conteúdo.

Uma forma bastante simples de perceber esta noção é a distinção do quarto como uma dimensão subjetiva em torno das dores da alma adolescentes e do quarto convencional, um nome para um ambiente da casa. Assim, se procurarmos no recurso de busca o termo quarto no Tumblr, o que resultará disso são diversos blogs agrupados mostrando imagens da moda, estilos de quarto e outras coisas afins. Ao contrário disso, o quarto do modo que é retratado em #automutilacao, #suicidio e #depressao é um recurso metafórico para falar de aspectos da vida emocional (ver Figuras 5 e 6). Esta categoria também instiga questões e pontos de vista do pesquisador no campo “off-line”, pois o modo como os sujeitos colocam o quarto é, de muitas maneiras importantes, uma representação de como eles lidam com suas vidas interpessoais, e como isso coloca em oposição o *quarto* e a *rua*.

Nesse sentido, o personagem Dominik, ao se retrair da sociabilidade e também se isolar em seu quarto, pois o seu lar não oferece afetividade autêntica, começa a criar vínculos no Quarto do Suicídio, que dá título ao filme (*Sala Samobójców*, em polonês). Na verdade, não é uma apologia à morte, mas acaba sendo uma possibilidade de interação via ciberespaço, assim como de autoterapia. Estado emocional, isolamento e construção de vínculos, mesmo que estes operem fora do padrão, são relações complexas a serem exploradas.

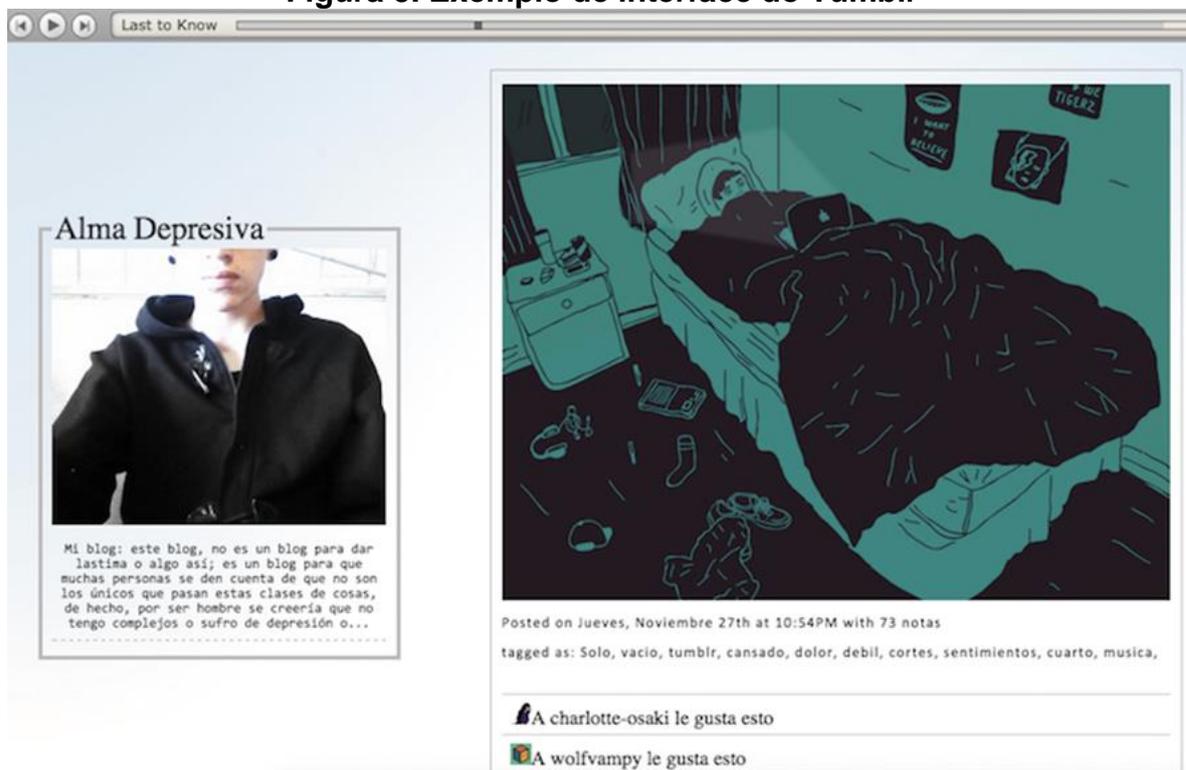
Finalmente, é preciso distinguir ao menos duas formas com que o Tumblr foi analisado no âmbito deste trabalho: o Tumblr foi um ambiente a ser observado em

---

<sup>48</sup> O Tumblr permite que os usuários façam perguntas, ou simplesmente enviar mensagens, a outros sem que seja preciso se identificar ou estar seguindo o blog de quem se deseja realizar a pergunta. A grande parte dos blogs, ao invés de nomes convencionais ou nomes próprios, utilizam *nicknames* como “menina-com-cortes”, “anjo-drogado-e-mutilado”, “alma-depressiva”, “olhos-oprimidos”, “pulsos-que-choram-sangue”, dentre outros.

sua atualização e apresentação das páginas de alguns usuários que o pesquisador se tornou seguidor, acompanhando estes diários via computador e, mais tarde, via aplicativo de celular. Outra forma com que esta rede foi analisada deu-se mediante o “congelamento” de uma imensa quantidade de dados via *software*<sup>49</sup>, armazenando o conteúdo produzido ao longo das interações em planilha eletrônica. Isso permitiu que palavras – sociedade, tristeza, dor, medo, amizade, família, cortes, depressão – fossem realçadas, de modo a pensá-las no âmbito do contexto das frases, o que facilitou uma forma diferente de exploração dos dados, quando da comparação de como estas palavras se relacionam a temas e dimensões importantes dos problemas desta investigação.

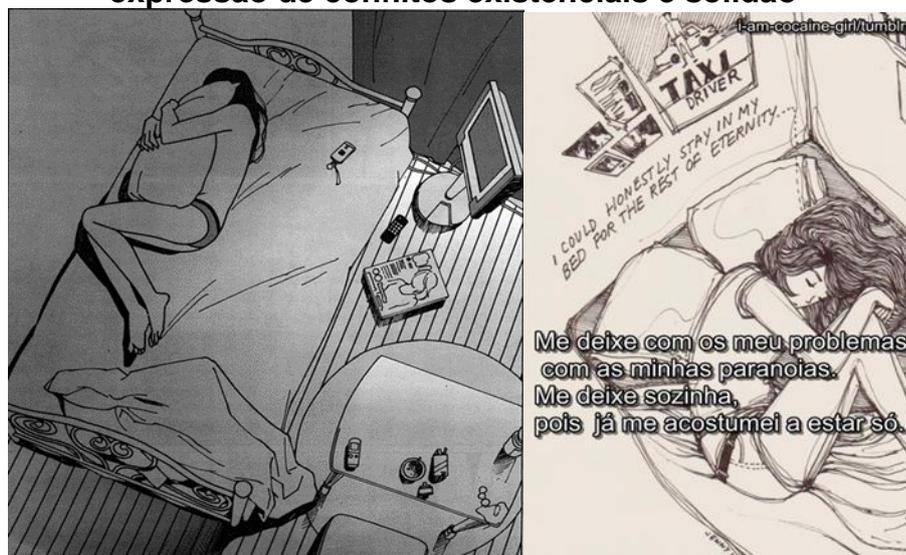
**Figura 5. Exemplo de interface do Tumblr**



Fonte: Tumblr.com

<sup>49</sup> Ver <<http://admintheweb.weebly.com/web-ripping.html>>. Acesso em 04 maio 2012.

**Figura 6. Outros exemplos de imagens comuns no Tumblr: O quarto como expressão de conflitos existenciais e solidão<sup>50</sup>**



Fonte: Tumblr.com

É provável que este seja um dos primeiros estudos sobre autolesão e juventude que tenha feito uso intensivo da rede Tumblr. Muitos dos aspectos evolutivos do fenômeno, nesta rede social, ocorreram durante a pesquisa, como crescimento de conteúdo e os avisos de alerta e intervenções de agentes institucionais, provavelmente em função deste mesmo crescimento, o que oportunamente será discutido ao longo deste trabalho.

<sup>50</sup> Estas imagens estão postadas em blogs de *cutters* e são marcadas com as *hashtags* #cortes, #cuarto (quarto), #laminas, #depressao, #tristeza dentre outros. Estas imagens fazem alusão direta ao universo do *quarto* como vivência da solidão, um lugar no processo de desenvolvimento psicossocial da adolescência, e que atualmente faz da conexão com o ciberespaço um suporte.

### 3. A “PRAÇA DOS EMOS”<sup>51</sup>

A história do urbanismo também é a história de mais signos mudos, construídos pelo comportamento coletivo de grupos menores e raramente detectados pelos institutos. Manchester abriga vários desses aglomerados secretos, persistindo a muitas gerações, como “uma onda que se ergue diante de uma rocha em meio à correnteza vertiginosa”. Um deles fica ao norte da Universidade de Victoria, no ponto onde a Oxford Road se torna Oxford Street. Há relatos, que remontam à metade do século XIX, de homens encontrando outros homens nesses quarteirões, procurando sexo casual, relações mais duradouras, ou até a camaradagem da identidade compartilhada, numa época em que essa identidade não ousava dizer seu nome. Alguns historiadores especulam que Wittgenstein visitou essas ruas durante sua estada em Manchester em 1908. Quase cem anos mais tarde, o local se autodenominou Gay Village e passou a promover ativamente seus cafés e butiques como um endereço imperdível para os turistas na cidade [...] (JOHNSON, 2003, p. 30).

#### 3.1. Apresentação

Um dos locais que veio recebendo nova designação a partir do estilo de seus frequentadores, e tem intrigado pessoas que passam por perto, pelas avenidas que o cercam, é a Praça Portugal. Localizada numa das regiões mais valorizadas de Fortaleza, cercada de shoppings e edifícios, no começo desta década, ela era por vezes referida como um local de reunião dos emos, sobretudo para os leigos e *outsiders* a este cenário. Embora fosse de fato um lugar na mira dos emos da cidade, ideal para seus encontros, acabava por atrair indivíduos de outras “tribos”. Antes dessa ideia criada em torno do emo, até meados dos anos 2000, o local já era famoso por ser ponto de encontro da subcultura otaku e seus simpatizantes; jovens, a maior parte de classe média, reuniam-se pelo gosto comum por cultura japonesa, a fim de trocar desenhos e quadrinhos (respectivamente, animes e mangás japoneses), expandindo o *otakismo* em Fortaleza.

Com o tempo, apesar do intenso fluxo de veículos que dificulta o seu acesso – a Praça constitui praticamente uma rotatória para encontro de avenidas (ver Figura 7 e 10) – o lugar passou a ser apreciado pelos mais jovens, que vinham de vários bairros da cidade, sobretudo da periferia. Na realidade, a diversidade de outras

---

<sup>51</sup> A presente seção é um esforço intelectual de ordenação e abstração a partir de diversos dados originários da própria experiência do pesquisador com seus informantes, inclusive através da Internet, bem como originário de outros recursos e materiais. Por isso, o que se verá aqui é o resultado do período de quase dois anos de pesquisa de campo, quando passo a me concentrar apenas por interações mediadas por computador ou celular, havendo outra parte desta pesquisa também distribuída nos outros capítulos, de acordo com a importância dos temas neles tratados.

“tribos” urbanas, a fama nas redes sociais, acabou por gerar um atrativo ainda maior. Diversidade atrai diversidade, porque as pessoas querem estar onde as pessoas estão – góticos, metaleiros, emos, apreciadores de rock alternativo ou simplesmente adolescentes desejosos de ares mais diversificados e “democráticos”, um ambiente mais aberto ou tolerante aos diferentes estilos, tipos de vestimentas e opções sexuais, um lugar para a “camaradagem da identidade compartilhada”. Apesar da diversidade, os emos eram a figura mais emblemática, era o que havia de mais recente em meados dos anos 2000 no Brasil e propagava-se entre os jovens com menos de 18 anos.

Assim, passado a fase otaku da Praça Portugal<sup>52</sup>, o ambiente iria ser um amplificador de experiências múltiplas, concentrando-as. Muito álcool, drogas, namoro e muita gente vestida com roupas pretas, que de longe já despertava a atenção daqueles que transitam por seus arredores. Tornou-se um local ainda mais comentado e cheio de controvérsias, especialmente por que os emos, não apenas pelas enormes franjas que lhes cobriam os olhos, eram estigmatizados pelos demais como sendo uma tribo adolescente de bissexuais, excessivamente emotivos, depressivos, que tinham propensão a se cortar e a exaltar o suicídio. Para muitos daqueles alheios a este contexto de sociabilidade, sobretudo entre os mais adultos, a Praça Portugal era vista de uma forma por vezes bastante negativa, um local para “jovens pervertidos”, um lugar de promiscuidade, um lugar que “só dá emo”.

É na PP, como os jovens da *cena* apelidaram a Praça Portugal, que dou início à nova fase da pesquisa, indo em direção aos encontros da galera *underground*<sup>53</sup>, ou “galera *under*”, como diria alguns *insiders*.

---

<sup>52</sup> Importante lembrar que Praça de emos ou Praça de otakus são termos que estão mais ligados a estereótipos do que definições coerentes sobre o estilo dos jovens que frequentam o local. Quando se observa mais de perto, e se interage com eles, sabe-se que muitos ali sequer se vêem pertencentes a alguma tribo urbana. Estão ali apenas para compartilhar de experiências e diversão, mesmo que aparentemente suas roupas, para os leigos, insinuem que este ou aquele indivíduo seja, por exemplo, emo ou gótico.

<sup>53</sup> Conforme discutido no capítulo anterior, a noção do que vem a ser *underground* é carregada de discussões, além de sua profundidade histórica, sendo, portanto, mais adequado tratar deste termo e das questões que suscita, sempre que oportuno, nos próximos capítulos. O que nos interessa mais nesta seção é como o termo aparece na fala dos informantes.

**Figura 7. Vista aérea da Praça Portugal, Fortaleza, Brasil<sup>54</sup>**



Fonte: Google Maps.

Inicialmente motivado por uma série de matérias e notícias de várias partes do mundo, acerca de uma suposta “onda emo suicida”, ou ainda, a “*growing wave*” da automutilação adolescente, adentro neste ambiente específico de interação e de práticas sociais, a partir de onde serei levado a conhecer outros lugares, inclusive virtuais, também relevantes como fontes de informações para o presente estudo.

Por se tratar de uma geração bastante conectada com as mídias eletrônicas, na medida em que me aproximo dos informantes, logo irei percebendo que o campo é atravessado pela interação *on-line* e por SMS de celular. O campo é também uma entidade virtual. Não é constituído, de forma simplista, por uma praça ou por uma rua, sobretudo quando lidamos com o universo da automutilação jovem do Tumblr, fenômeno este que cresceu em paralelo ao desenrolar desta investigação.

A conexão com o objeto passa tanto pela PP e demais lugares relevantes, como pela interação eletronicamente mediada, sendo este um elemento fundamental que envolveu todo o processo de pesquisa. O intuito do trabalho foi passar pela observação dos estilos, das sociabilidades e aspectos do comportamento e da

<sup>54</sup> Praça Portugal e outros quatro espaços menores, triangulares, que chamo de “mini-praças”, também ocupados à noite, em menor número.

interação em direção às “narrativas de intimidade”. Estas são o *locus* onde residem muitos dos conflitos internos que os adolescentes guardam para si mesmos e que os levam a adotar determinadas condutas, inclusive a determinadas páginas e redes da Internet onde tais conflitos são expressos.

### 3.2. Chegando à PP

A PP tornou-se a Meca dos adolescentes alternativos de Fortaleza. Muitos encontros que lá ocorriam, que antes se davam na PN (apelido para Pracinha do North Shopping), abandonada devido aos constantes assaltos que ameaçavam os adolescentes, nasceram de conversas pelo Orkut e pelo MSN<sup>55</sup>. As pessoas conversavam por estes ambientes digitais, conheciam-se e marcavam encontros na PP, ou então os encontros eram agendados pela comunidade virtual da PP no Orkut. Encontros estes que se tornariam uma moda e depois não dependeriam mais de agendamentos on-line. Ocorriam aos sábados e depois mudaram para os domingos, voltando tempos mais tarde para os sábados, mais ou menos no começo de 2014, sendo que a pesquisa se deu apenas na fase dos domingos.

Quando eu ainda estava explorando a literatura sobre o tema da autolesão<sup>56</sup>, dizia-se que os emos andavam se cortando na Praça Portugal. Mais tarde, caminhando pela PP e conversando com alguns interlocutores, estes me contavam sobre emos, sobre cortes e sobre “gente maluca que gostava de falar de suicídio”. À medida que ia me aprofundando, informantes passariam a interagir mais assiduamente, mesmo fora do ambiente de pesquisa, quando trocavam SMS ou usavam a Internet para se comunicar comigo.

---

<sup>55</sup> O MSN, programa de mensagens instantâneas, lançado pela Microsoft em 1995, útil para manter conversas com informantes durante algum tempo desta investigação, foi encerrado em abril de 2013. Por sua vez, o Orkut, rede social que fez bastante sucesso antes do Facebook, foi encerrado em setembro de 2014, embora já viesse “agonizando” há mais ou menos um ano. Era principalmente pelo Orkut que os encontros dos jovens da PP eram marcados.

<sup>56</sup> Vale salientar que a autolesão não ocorre apenas através do corte. Queimar-se, chocar-se contra a parede e o autoenvenenamento são formas de se autolesionar (alguns autores irão até citar o ato de provocar brigas e o sexo sem proteção com vários parceiros como formas de se autolesionar). Estas e outras questões serão melhor aprofundadas no Capítulo seguinte. Estas condutas precisam ser abordadas contextualmente e não simplesmente como sintomas, onde entraremos em diálogo com alguns autores e de como determinadas perspectivas teóricas têm encarado o fenômeno aqui abordado.

**Figura 8. Imagem de perfil público (sem restrições): adolescente no estilo emo fazendo corte vertical no braço na altura do pulso**



Fonte: Orkut, setembro de 2011.

Com esta frequência de contato, comecei a receber informações sobre alguns jovens e deles próprios a respeito de problemas familiares, de pessoas com estilo muito *under* que iam ao psicólogo e de tristezas decorrentes de relacionamentos amorosos; alguns informantes começaram a relatar sobre seus próprios cortes e até enviavam *links* de imagens postadas na Internet por amigos que “estão nessa de se cortar”, como na Figura 8.

O fato é que, para entrar na Praça Portugal<sup>57</sup>, uma primeira medida básica seria eu vestir roupas pretas e tênis, de modo a poder transitar e me aproximar das pessoas, conhecer alguém que pudesse me dirigir em um meio tão diversificado, que causava certa perplexidade.

Algo marcante que se pode perceber ao entrar no lugar, pela primeira vez, é a grande quantidade de casais gays, tanto de meninas como de meninos, bastante jovens, sentados nos bancos ou em pé namorando encostados nas árvores. Uma das primeiras perguntas que me fizeram foi “você é bi?”. Na Praça Portugal, a bissexualidade é uma realidade comum. Se você é heterossexual e de repente é visto aos beijos com alguém do mesmo sexo, por exemplo, ninguém te julgará.

---

<sup>57</sup> Não era fácil tentar atravessar a rotatória para se chegar à Praça, pois quase nenhum motorista diminuía a velocidade.

**Figura 9. Praça Portugal: Rodas de conversas de adolescentes e jovens na PP**



Fonte: Próprio Autor. Setembro de 2011 (captura de tela de vídeo).

Outro fato interessante são as vestimentas. Alguns garotos gays estavam vestidos como punks e, de fato, eram punks. Outros apenas um visual descolado, mesmo porque não é uma praça apenas de emos. Muitos deles usavam cabelos coloridos e com corte mais ousado. Havia os adolescentes usando franjas enormes que lhes cobriam os olhos, algo que mais ajuda a construir o estereótipo emo. Lá, pouquíssimos jovens passeiam com um visual comum, havendo aqueles com trajes bastante *fashion*: calção curto amarelo, camisa xadrez de todas as formas, calça *skinny* com modelagem bastante justa, cachecóis, braceletes de couro com espinhos de metal, de todos os tamanhos, alguns até cobrindo o antebraço inteiro, tênis All Star, adidas e outros bastante coloridos. Fora a grande quantidade de indivíduos usando roupas pretas com temas de rock e com imagens de bandas, *piercings* de todos os tipos e em locais diferentes, boca, nariz, orelha, muita gente parecia gostar de fazer o seu próprio estilo. Alguns não muito “estilosos” e outros até bem ousados. O que se percebe de lugares como este é que as pessoas definitivamente estão bem à vontade consigo mesmas. Se alguém não te condenará por ser bissexual, as roupas é que não causarão maiores problemas.

Muitos deles aparentam ter entre 14 e 17 anos. Alguns caminham de um lado para o outro em dupla, colocam os braços sobre os ombros do colega e saem circulando. Chegam a rodas de conversa, abordando os colegas com beijos e abraços, mesmo entre os meninos. Suas vestimentas, grosso modo, remetem ao universo do rock *underground*, especialmente ao mundo do punk rock: cabelo

espetado, botas militares e, claro, camisa dos Ramones, mas também há jovens pertencentes ou simpatizantes dos estilos gótico e metaleiro (em inglês, chama-se *metalheads*). Os roqueiros sentam-se em grupo na grama da PP e começam a encher os copos com bebida alcoólica, ao som de músicas pesadas tocadas pelo celular.

O modo como consomem é também um elemento marcante daqueles encontros. A PP é também um lugar onde o consumo de álcool, de cigarro e de drogas ilícitas, particularmente a maconha, ocorre em larga escala, mas não de modo generalizado, pois nem todos assim procedem. O consumo é intensivo para quem assim o faz; quando não estão bebendo, estão fumando e vice-versa. Alguns saem a pedir cigarros e copos de bebida a um e a outro. Tudo isso sempre em altas quantidades, embora o que seja muito para alguém de fora, pode ser pouco ou irrelevante para quem já é acostumado com este cenário. O parâmetro que tomei, portanto, quando pude interagir mais intensivamente, foi o que pensam os próprios *insiders* a respeito do uso de bebidas; afirmam achar que estão bebendo demais ou pensam que um amigo tem exagerado ou saído um pouco do controle.

Talvez por esta razão, uma característica que sempre faz parte do meu campo de investigação são os jovens embriagados, tanto na PP como em outros lugares. Parece uma meta primordial de muitos que vão à PP ingerir muito álcool e ingerir rapidamente. Quando alguém pede bebida para um amigo, às vezes colega ou desconhecido, também costuma perguntar "que tem aí dentro?". Por sua vez, quem oferece costuma dizer "toma! É só vodka". Não é muito raro haver drogas misturadas nas garrafas. Garrafas de refrigerante de dois litros cheias de vodka ou cachaça misturadas com refrigerante, podendo haver outras substâncias. Os jovens compartilham a bebida, ninguém vai para este lugar para beber sozinho. A bebida é consumida como uma meta, estando bastante vinculada às reuniões informais que ali ocorrem, embora, como ponderei, haja aqueles que não caem sob o efeito do álcool ou simplesmente não bebem.

Mas não é somente isso o que está ocorrendo, não se observarmos com um pouco mais de cautela. Na PP, as pessoas estão presentes para fazer escolhas e não para serem coagidas a não poder fazer algo, ou obrigadas a fazer alguma coisa. O indivíduo está mais sujeito, está propenso ao envolvimento, e este requer a adoção de algumas condutas que o grupo vê como autênticas, pois fortalece a identidade. Apesar do consumo de drogas lícitas e ilícitas ser bastante acentuado – ocorre em pontos estratégicos ou onde subgrupos já estão acomodados, havendo subdivisões:

mais para o centro é a droga, mais pelas bordas do “círculo” são as rodas de bebida ao som de rock. Os jovens dirigem-se até a PP aos domingos fundamentalmente para experimentar, ou até sair um pouco da rotina durante a semana, da vivência do lar e da escola, sem precisar ingerir algum tipo de substância, sendo o mais importante usar suas roupas como gostam e namorar como desejam. Mais tarde, alguns interlocutores irão revelar que bebem ou fumam apenas nos finais de semana e quando estão na presença de amigos, sendo que, mais raramente, sobretudo entre os mais velhos e experientes, alguns venham a afirmar ter passado a beber todos os dias.

O consumo de cigarros, de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas, mesmo que em excesso, como pude presenciar, são mais componentes de um “estágio existencial”, de uma passagem, do que essencialmente um comportamento ingênuo ou totalmente inconsequente por parte de indivíduos suscetíveis. É, no mínimo, razoável aceitar que por trás de atos e manifestações de determinados comportamentos e de interações, há um *background* familiar e emocional. Os indivíduos não aderem a certas modas jovens e a condutas que lhes são caras pelo simples fato de serem adolescentes e estarem expostos, como, por exemplo, a influência dos meios de comunicação eletrônicos. Os indivíduos mesmo muito jovens carregam consigo uma história, processos de vida em torno dos quais eles precisam aprender a lidar no fluxo da vida cotidiana, que também sofre influências de fenômenos globais (GIDDENS, 2002; WINNICOTT, 2005).

Até certo ponto, estas práticas podem configurar uma forma sutil, às vezes recorrente, de se autoprejudicar – exagerar no álcool até “apagar” pode ser, não obrigatoriamente, uma maneira de se autolesionar, similar ao ato de se cortar, o que, por sua vez, não depende de ser emo ou gótico, embora alguns dirão que estes atos autolesivos são inerentes a estas subculturas. Neste caso, podem ser a face de sentimentos oriundos de situações conflituosas na vida interpessoal que precisam ser extravasadas de alguma forma. Poderíamos pensar que, mesmo neste aspecto, as autolesões, do modo como ocorrem entre as subculturas, também não se sustentariam necessariamente para além dos limites do “estágio existencial” que é a adolescência, ou para além do sofrimento emocional resultante de determinados conflitos ou de situações que tenham trazido algum tipo de dano. Estas questões

dependerão de muitos fatores, pois grande parte dos jovens, acredito, não irá permanecer no vício e na automutilação indefinidamente<sup>58</sup>.

Mas há riscos? Obviamente. Sabemos que o vício está sempre à espreita, como o risco de passar por acontecimentos desastrosos. Se você é adolescente e, principalmente, se está passando por algum tipo de privação, *experimental* pode ser uma palavra de ordem, o que não significa essencialmente um problema, uma “falha moral” ou uma dificuldade psicológica de encarar situações difíceis ou lidar com emoções desgastantes decorrentes delas. No caso dos adolescentes que observei, experimentar e viver a rua nesta fase da vida é sempre também um risco. Eles têm que saber se situar, como em um processo de aprendizado, ainda mais quando a rua (a praça) e a intimidade interpenetram-se.

**Figura 10. Rotatória da Praça Portugal<sup>59</sup>**



Fonte: Próprio autor. Outubro de 2011 (captura de tela de vídeo)

---

<sup>58</sup> Vale lembrar que automutilação não é uma prática apenas na adolescência, mas entre adultos (por exemplo, em Klonsky, 2009). Ocorre que a onda de *cutting* a que esta pesquisa se preocupou está mais ligada à adolescência, período que já apresenta taxas altas deste comportamento (HANKIN; ABELA, 2011).

<sup>59</sup> Momento de travessia da PP em direção às “mini-praças” de seu entorno, em meio a um intenso e frequente fluxo de veículos.

### **3.2.1. A breve experiência de ser encarado como “nativo”**

Ao longo do tempo, as visitas à PP trouxeram certa inquietação. Observar todo este emaranhado de adolescentes, indo de um lado para o outro, em seus mais variados estilos e práticas de consumo, mas sozinho, sem saber o que fazer, tentando dar ordem ao “caos”, enxergar conceitos em meio à pequena multidão de jovens, que se aglomeravam, agiam, praticavam coisas e depois se dispersavam (o que estou fazendo aqui mesmo? Foi uma pergunta honesta nos primeiros contatos).

Mas não é apenas o pesquisador que tem ficado intrigado com o que ocorre na Praça Portugal, com o comportamento de seus frequentadores. Há os passantes que apenas observam. São estes olhares do fluxo rotineiro da vida da cidade que captam as informações que vêm da PP, como células receptoras que carregam substâncias daquele órgão do coração da cidade, e as levam para outros sistemas, espalham as notícias do que viram, seja no trabalho, seja em casa, etc. Como resultado deste complexo fluxo de informações, o contato visual e as ordens morais que processam as informações, alguns adolescentes dirão que saem escondidos dos pais. Outros só trocam de roupa fora de casa, antes de chegar à PP. De fato, muitos pais têm verdadeiro pavor da Praça Portugal. Mas, há outros agentes interessados naquela multidão, que possuem formas mais incisivas de categorizar e de investir nestes adolescentes e jovens, bem mais conscientes e firmes de suas convicções, quando comparados às do pesquisador.

Sentado em um banco, como já de costume, apenas observando o movimento, não demora muito e uma senhora aproxima-se e me aborda, identificando-se como membro de um grupo religioso da Igreja Católica e pede permissão para falar. Foi a única pessoa que me abordou até aquele momento, e não era o que eu esperava. Mas pensei que ela teria algo a dizer sobre o local, afinal de contas era uma *outsider* que daria sua visão sobre o “povo da Praça”.

Ocorre que, nesta interação, acabei sendo o “entrevistado”, encarado por ela como sendo um jovem da PP necessitando de livramento, como se observa do seguinte recorte da conversa:

E ai, o que você acha daqui? [Acho legal]. É?! O que tem aqui tu acha legal, é?! Tu é jovem, né?! Por que aqui rola de tudo num rola? [Por que vocês vêm pra cá?] Pra ajudar. Nós tamos aqui não é pra julgar, nós tamos aqui pra resgatar as pessoas. A gente hora por vocês, aqui tem gente com problemas... Tu num acha não que vocês precisam de oração? [E quem ora por vocês, lá?] Quem ora por nós?! É a autoridade que está no céu. E vocês? Vocês não gostariam, nem gostam, de que tivesse alguém orando por cada um de vocês não? Olha, nem todos é igual, mas aqui tem de tudo, tem de tudo um pouco... [Então percebo que ela se refere às mesmas coisas que tenho observado, mas reluta em ser direta] O que é que tu acha que é o centro de tua vida? O centro da vida de qualquer pessoa? [Não sei. Ainda estou me questionando]. Sabe não?! Ah, mas eu sei! E eu vou te dizer tudo bem direitinho... Se você colocar Jesus no centro de sua vida...

Depois de alguns minutos, rodeando e insinuando muitos elementos e características dos jovens que ali frequentam, sem “ir direto ao ponto” – basicamente ela representa uma visão particular de certo universo religioso: ou os adolescentes estão na luz ou estão nas sombras – ela encerra a conversa e pergunta se pode orar por mim. Então, ela se aproximou mais rápido e fez um gesto de tentar colocar o polegar na minha testa, no que me esquivei (confesso que o fiz por impulso), e fui embora<sup>60</sup>.

Na realidade, não havia ninguém naquela situação recebendo oração ou algum sinal na testa, em nenhuma das vezes que os cultos insistiram em criar seu próprio lugar naquele território já povoado por várias “tribos”.

Os adolescentes caminham de mãos dadas em frente ao culto católico sem demonstrar qualquer tipo de sinal de incômodo. A presença dos evangelizadores cria um espaço à parte dentro do espaço, pois eles se ordenam, posicionam-se de modo a criar o culto.

A PP, deste ponto de vista, quando se recorta este espaço, separando-o dos outros, parece mais um culto comunitário em um bairro popular, semelhante ao das igrejas pentecostais. Música em alto volume, pelo menos na minha percepção, pessoas de meia idade sentadas em cadeiras de plástico, ouvindo atentamente a mensagem e cantando juntas.

---

<sup>60</sup> A respeito deste breve evento, observe-se a seguinte proposição: “A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão e religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma. [...] A linha mantida pôr e para a pessoa durante o contato com outros tende a ser de um tipo institucionalizado legítimo. Durante um contato de um tipo particular, um participante da interação com atributos conhecidos ou visíveis pode esperar ser apoiado numa fachada em particular, e pode sentir que é moralmente apropriado que isto aconteça” (GOFFMAN, 2011, p. 14-15).

**Figura 11. Culto católico na PP<sup>61</sup>**



Fonte: Próprio Autor, outubro de 2011.

**Figura 12. Alguns agrupamentos de reuniões à direita do culto católico<sup>62</sup>**



Fonte: Próprio autor (captura de tela de vídeo), outubro de 2011.

<sup>61</sup> A experiência social de um “culto de vizinhança” ocorrendo em plena PP, nos dias de domingo dos encontros de jovens de várias “tribos”.

<sup>62</sup> Os cultos e estes agrupamentos, como os indivíduos que transitavam de um ponto ao outro da PP, mantinham uma relação de aparente invisibilidade com os poucos cultos que pude presenciar. São estas reuniões que mais tarde irei finalmente ingressar e participar mais ativamente.

Era como uma bolha de óleo em meio à água. Simplesmente parecia não haver possibilidade de encontros em meio a uma interação indiferente, tolerável; os jovens caminhavam, brincavam, bebiam, beijavam-se como se aquelas pessoas, de fato, não estivessem lá. Não surpreende que uma entidade religiosa voltada para jovens tenha ido montar seu “acampamento” por lá, dado a migração em massa de adolescentes “problemáticos” para a PP, como comumente eram vistos pelos de fora, e diante do que eles realizavam naquele microcosmo social. Mas não durou muito tempo, e os evangelizadores sumiram do local.

Pude sentir logo nas primeiras idas à Praça Portugal o desconforto de se caminhar sozinho em meio ao aglomerado, talvez algo parecido como estar numa festa sem ser notado (ao menos não percebia ser notado).

### ***3.2.2. Do plano da observação ao plano da interação: encontros e reuniões da cena under***

Sempre por volta das 22 horas, a PP começa a esvaziar, com o pessoal dirigindo-se às paradas de ônibus, transporte muito restrito após este horário, além do que, os adolescentes da PP em grande parte vêm de bairros da periferia, especialmente após a “fase otaku” da Praça. Estes bairros concentram a população com as rendas mais baixas, mas estes indivíduos, sobretudo quando passo a conversar com eles e obter mais detalhes de suas vidas, não sofrem necessariamente de carências materiais ou não estão ali por comungar tal condição, embora haja, como eu mesmo iria testemunhar, indivíduos com poucos recursos materiais.

Certa vez, aproveitando a Praça esvaziada, registro os objetos deixados por eles, vasculhando a Praça inteira. São muitos tipos de garrafas de bebida alcoólica, entre vinhos, cachaças e muitas marcas de vodka em grande quantidade. Há carteiras de cigarro de marcas variadas, com aquelas mensagens aterrorizantes de campanha antitabagismo no verso, que, diante da grande quantidade delas jogadas ao chão, parece não ter o menor impacto ou importância. Estes itens são componentes essenciais das atividades dos encontros, consumidos em excesso, ao menos naquele espaço de tempo.

Afora por ficar observando solitariamente o fluxo de gente e de atividades, nada ainda de diálogos fruto de empatia<sup>63</sup>. São garotos e meninas descontraídos, rindo juntos, caminhando de mãos dadas ou com os braços dados, casais namorando deitados na grama que fica na parte mais externa da PP, embaixo das árvores, uns mais “românticos”, outros mais “quentes”, mas todos no seu momento, sem serem importunados. Não importa se quem está se beijando são casais gays ou heterossexuais, e muitos estão até próximos uns dos outros, quando não estão como grupo – um casal gay e um casal heterossexual sentados embaixo de uma árvore. Cada indivíduo no seu espaço pessoal, gozando de distância íntima, oportunamente na ocasião da grande reunião subcultural. Sentados na grama da Praça, ficam reservados no silêncio da experiência afetiva em meio ao barulho do intenso fluxo de carros que isola o Círculo.

Punks, emos, metaleiros, gays jogando o cabelo de um lado para o outro ao som de Lady Gaga no celular. São vários momentos registrando imagens, nada muito entusiasmante além de ver toda aquela “festa”. Sim, por que às vezes parecia ser uma festa. E até havia música em algumas dessas reuniões de domingo, como se o espaço público fosse transformado em uma enorme sala, o que faz lembrar, por certas características – pontas de cigarro, garrafas de cerveja, ícones *undergrounds* – uma *squat*<sup>64</sup> punk inglesa (que são, em síntese, prédios abandonados que eram ocupados como moradia e como local para expressão artística de arte e música punks), mas adaptada aos tempos eletrônicos da Web. Além da paquera e da bebida, havia entretenimentos com o uso de aparelhos eletrônicos. Se alguém tivesse algum problema, ali não seria o local para se preocupar com eles. Estavam fora de casa, mesmo que escondidos dos pais, como alguns faziam.

---

<sup>63</sup> O grau de proximidade que iria precisar diante do recorte e do problema a que me propus investigar deveria ir além de abordagens fortuitas, entrevistas mais formais etc. Empatia é não apenas se colocar no lugar do outro para entender suas demandas, mas também confiança, como deixar o outro tranquilo para falar de temas delicados. Daí ser comum o uso de entrevistas por *email* ou usar a Internet para coletar estes tipos de dados.

<sup>64</sup> Ver, por exemplo, matéria no site *ramone.ca*, *Memoirs from Queen West: Abandoned Building at Queen & Beverly + Hug Me Tree*, sobre um *squat* de Toronto, que lembra o contexto descrito em *Mate-me por favor*. Disponível em: <<http://ramone.ca/2010/09/17/memoirs-from-queen-west-abandoned-building-at-queen-beverly-hug-me-tree/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

Diferentemente, sem estas interações, a PP (que ninguém chamaria de PP) seria apenas um círculo impessoal cercado por edifícios, uma rotatória de concreto e árvores para fluxo de veículos, reflexo de uma região bastante desenvolvida, ofuscando a história e a memória que a Praça Portugal tem para Fortaleza<sup>65</sup>.

**Figura 13. Entretenimento nas noites de domingo da PP<sup>66</sup>**



Fonte: Próprio autor, outubro de 2011 (captura de tela de vídeo).

Num desses finais de encontros das noites de domingo da Praça, aproximou-se uma garota pequenina e magra, aparentando não mais que 16 anos, branca, olhos verdes, cabelo curto e roupas que a fazem parecer bastante com um menino. “Tem crédito?”, pergunta. Então eu digo “claro!”, e empresto o celular para que fizesse sua ligação. Mal eu poderia imaginar que esta gentileza mudaria o modo como eu vinha trabalhando em campo. Esta é a Informante nº 1, a Flavis.

Tempos depois desta aproximação, quando estávamos mais seguros para conversar sobre questões “tensas” que envolvem a intimidade, por ela aparentar bastante ser um garoto quando se observa de não muito longe, eu novamente seria tomado por aquela experiência de ser um *under*, um diferente, como naquele encontro

<sup>65</sup> Para uma leitura sobre a história da Praça Portugal e seu momento atual, ver Fortaleza Nobre, disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/11/praca-portugal-o-coracao-da-aldeota.html>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

<sup>66</sup> Da esquerda para a direita, jovens jogando em grupo com o Nintendo Wii (*game* de última geração na época, para simulação de dança). Jovens assistindo a apresentações de dança de rua ao som do eletrônico, controlado por *software* por um usuário, DJ virtual, canto inferior direito da imagem.

no qual fui abordado por uma idosa de comunidade católica. Após uma longa conversa sobre sua vida e dilemas pessoais, num dos bancos da PP, a garota me abraça no momento em que um ônibus contorna o local: “vão se agarrar em outro lugar, seus veados!”, alguém grita com a cabeça de fora em uma das janelas, seguindo-se gargalhadas. Não eram incomuns agressões verbais. Algumas vezes, outros jovens que passavam de carro pela rotatória baixavam os vidros para xingar os garotos da PP.

Pouco antes de eu começar a observar os grupos de jovens na Praça Portugal, já haviam ocorrido problemas entre os adolescentes e o *shopping* vizinho; a presença de alguns destes meninos, aqueles com visual mais “chamativo”, deixavam os seguranças em alerta. De um modo geral, as pessoas olham com preconceito rapazes com vestimentas muito além do comumente observado e com maquiagens pesadas, particularmente, quando estas pessoas são clientes adultos do *shopping* e do supermercado utilizado também por aqueles garotos para comprar lanches e bebidas alcoólicas, liberadas para aqueles com 18 anos de idade. Parece que, quanto mais *under* o estilo, mais o indivíduo estaria sujeito a algum tipo de agressão: “às vezes, o motorista [do ônibus] não para pra gente. Ele pensa que a gente é vagabundo”.

Presenciar de perto, ou de dentro, este tipo de situação – embora não obrigatoriamente – torna-nos mais sensíveis para compreender o que é “*ser diferente*”. Não simplesmente as situações em si mesmas, reações (berros, ausências ou ruídos dirigidos a este *diferente*, por que não dizer, a força do social operando). Mas, as implicações envolvidas na *durée* da atividade individual, das escolhas envolvidas no curso da vida cotidiana, que são, vale lembrar, reflexivas e não uma maneira “mecânica” de se estar no mundo (GIDDENS, 2003, p. 69).

Observemos o seguinte recorte de uma conversa *on-line* com um garoto que se considera *diferente* (adepto de um estilo inspirado nas bandas pós-*hardcore* punk, como muitos outros de nosso campo), conversa ocorrida não muito diferente do episódio do ônibus:

Pesquisador:  
O colégio não é legal?  
Mr\_Reverend:  
Não gosto muito. Como eu sou o único assim, o pessoal enche muito o saco.  
Pesquisador:  
Assim como?

Mr\_Reverend:

Ser do jeito que eu sou... Não sou igual aos outros que se julgam normais. No meu colégio, só era eu assim: uso cabelo *From UK* e roupas de *metalcore* ou gótico.

Com 17 anos, ele morava com a mãe numa região periférica e comercial de Fortaleza. Estava sem ir ao colégio há quase um ano e, por esta razão, seu pai que, além de pensão, pagava-lhe mesada, já havia desistido de cumprir com as despesas da escola. The Priest namorava uma garota de 16 anos, com quem mantinha algumas coisas em comum: a garota vivia apenas com um dos pais, no caso dela, o pai, além de duas irmãs. Eles tinham também em comum os gostos musicais; ela era adepta do estilo *Scene Kids* (jovens da cena) que, assim como o *From UK*, é outra subcultura jovem urbana que se espalhou mundo a fora com o poder da Internet nos anos 2000<sup>67</sup>.

Quando o questiono sobre preferência musical, ele afirma “gosto de *screamo*, sabe? Música com gritos”, copiando e colando em seguida um *link* para mim: <http://www.youtube.com/watch?v=jXut97F2Qew>, que se refere ao videoclipe da banda pós-*hardcore punk* Black Veil Briges (ou BVB)<sup>68</sup>. Então completa: “Olha! Esta é a que eu mais gosto. É a mistura que eu te disse *que eu sou*, roupas e maquiagem tudo igual”. Cita outras bandas, tais como *Suicide Silence* e *Bring Me The Horizon*, que mais tarde saberei que estão muito presentes entre os sujeitos desta investigação. Comumente, os jovens que possuem tumblr sobre automutilação ou suicídio publicam imagens ou canções de bandas de pós-*hardcore*<sup>69</sup>, como também frases atribuídas a

---

<sup>67</sup> Estilos como estes estão associados aos subgêneros emo, metalcore e outros do universo musical do pós-*hardcore*. Vale destacar que faz parte da cultura de consumo jovem contemporânea o profundo envolvimento destas modas com as mídias virtuais, algo praticamente indissociável. Ver, por exemplo, o perfil da adolescente de nick SUICIDAL, na rede social SceneKids, disponível em <http://scenekids.com/SUICIDAL>, acesso em 13 nov. 2014, ou os jovens *Scene* no Tumblr, em <https://www.tumblr.com/search/scenekids>, acesso em 13 nov. 2014. A ambiguidade envolvida nas fronteiras entre estilo e gosto musical e os dilemas pessoais e as emoções, o que não é algo muito recente, como veremos oportunamente, será tratada melhor nos capítulos seguintes, posto que aqui é mais importante apresentar o relato e sua interseção com a análise de outros materiais de pesquisa.

<sup>68</sup> Um pouco sobre esta banda, formada em 2006, Califórnia, está disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Black\\_Veil\\_Brides](https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Veil_Brides), acesso em 12 jan. 2012. Um fato importante, que tem uma relação direta com os acontecimentos destacados no presente Capítulo, é que o vocalista da BVB, Andy Biersack, sofreu *bullying* na escola devido às suas roupas e ao seu gosto musical (encarado como um emo), o que foi retratado no videoclipe da canção *Knives and Pens*. “Com facas e canetas fizemos o nosso sofrimento”, diz um dos versos que alude à automutilação como algo de dor e de reflexão.

<sup>69</sup> Ver, como exemplo, <http://hate-my-fuckinglife.tumblr.com/>, acesso em 10 nov. 2014. Músicas são postas nos tumblrs pessoais por meio do *software* SMC Music Player, que funciona nas páginas Web como rádios *on-line*. Frequentemente são personalizados com *skins*, que são acessórios nos programas que permitem que o usuário o modifique e adapte-o ao seu gosto pessoal.

elas. As bandas de pós-*hardcore*, além das outras mais lendárias, como *Nirvana* e mesmo *The Ramones*, aparecem também com seus nomes e símbolos grafados em camisas do pessoal que circulava em meio a cena *under*, onde eu as anotava no celular.

Mas quanto à Flavis? A garota já acumulara certas experiências entre a galera alternativa ou *underground* quando a conheci num momento que, segundo ela, estava mais afastada “de certas pessoas”. Porém, não gostava de fumar nem de consumir álcool, no que entendi que este afastamento era em relação a certos grupos, que faziam certas coisas.

Quando eu tinha 12 anos, eu falei pra minha tia e pra minha mãe que eu gostava de meninas e que era emo. Aí elas me trancaram no quarto com medo de eu sair e fazer besteiras. Eu simplesmente usava roupa preta e penteava meu cabelo de lado, mas nunca fiz isso de se cortar não. Eu comecei a me afastar dos emos por que eles ficam querendo fazer besteiras. Pesquisei na Internet e aprendi mais umas coisas e deixei disso. Um dia desses, eu na casa da Carla... ah foi sexta-feira, que dormi lá. Ela me contou que a menina deu seis facadas aqui oh [braço]. Deus me livre disso, pra que tanta revolta?

Sua maior falta era não ter um pai como gostaria. “Fui falar com meu pai, mas ele disse que eu não fosse atrás de DNA, pois poderia trazer problemas pra família dele”. Foi uma informante fundamental não apenas pela riqueza de seus relatos e narrativas de sua biografia mais recente. Como uma excelente comunicadora, introduziu-me nos encontros e reuniões da galera da PP. Ajudou-me a interagir com outros informantes e chegar mais perto de temas íntimos. O fato de não beber era algo bastante positivo, pois estava sempre sóbria ao longo das noites, muitas das quais eu via o dia amanhecer.

Depois de estabelecido a confiança, além de falar sobre o que já tinha presenciado e o que pensava a respeito dos outros, daquilo que eles faziam, ela aprofunda mais os temas que dizem respeito a ela mesma.

Olha, tenho que te falar uma coisa também: eu sou bi! Eu sempre fui bi, nunca fui hétero. Desde os 10 anos eu sou bi. Eu fiz sexo com uma menina, mas não perdi a virgindade. Foi só com o dedo, e não teve oral. Ela com o dedo em mim, aí eu fiz nela também. Foi só uma vez. Eu era lésbica. Mas aí começou a aparecer muito menino atrás de mim, então eu tava ficando mais com menino do que com menina. Então eu também sou bi. Minha mãe, minha tia sabem. Todo mundo lá de casa sabe. Ninguém diz nada, mas eu sei que não é de Deus. A minha mãe é evangélica e ela diz que isso não é de Deus. Eu sei disso. [No começo isso te incomodava, achava que tava fazendo algo de errado?] Era, mas agora acho normal. Num tem nada não. Não gosto de falar muito da minha vida particular não. Não gosto de falar isso pra hétero, por que quando a gente fala, eles dizem assim: eca!

Seria, no mínimo, razoável considerar os elementos significativos da inserção nestes grupos, conforme exemplificados através de relatos e de observações, como sendo realizações ativas do seguir em frente da vida do indivíduo, algo que, sobre certas circunstâncias, envolve superar tensões e certos riscos. As "novas identidades" e a escolha de se aprofundar nelas, o *From UK*, o *Scene Kids*, o Emo, o Punk – a minha autonarrativa e como e com quem irei me relacionar – circulam o globo na velocidade da Internet, ampliando o conhecimento sobre formas e estilos de vida possíveis.

Obviamente há amplas variações em termos da abertura dos indivíduos a novas formas de conhecimento, e também no nível e na duração da dissonância que uma pessoa é capaz de tolerar. Mas todos os mundos fenomênicos são realizações ativas, e todos seguem a mesma psicodinâmica básica, desde os modos de vida mais locais até os mais cosmopolitas. "Viver no mundo", onde o mundo é o da modernidade tardia, envolve várias tensões e dificuldades distintivas ao nível do eu. Podemos analisá-las mais facilmente entendendo-as como dilemas que, em um ou em outro nível, devem ser resolvidos a fim de preservar uma narrativa coerente da autoidentidade (GIDDENS, 2002, p. 174).

Poderíamos, neste caso, pensar da seguinte forma: transformar o corpo adotando um estilo que fuja das convenções, embora, de forma controversa, este estilo esteja interligado com tendências globais de consumo e informação<sup>70</sup>, não é apenas um ato despropositado ou alienado de seguir uma moda. Até por envolver certos tipos de tensão na interação em público, como temos observado – a própria decisão de frequentar a PP é uma forma de obter um espaço mais fluído para experimentações e possibilidades – tal adoção é também, de uma maneira significativa, um ato de coragem. É uma forma de expressar a autoidentidade em detrimento de outras escolhas. Ocorre que estas escolhas não são carregadas somente por uma dimensão estética, mas, sobretudo ética.

No decorrer da presente exploração de campo, um garoto de estilo considerado bastante *under*, do pós-*hardcore* punk, esclarece os motivos do corte, numa conversa on-line, no extinto MSN Messenger, entre ele e outro informante, ambos frequentadores da *cena*:

---

<sup>70</sup> Estas e outras questões, a forma problemática e ambígua com que as subculturas e o *underground* se relacionam com o mercado e o *mainstream* serão melhor discutidos no Capítulo 5.

Sr. Douglas Stackhouse diz:

O que tu acha dessa tribo emo, de usar as franjas e todas aquelas coisas, as roupas?

Suicide Marverick diz:

Ridícula! Eles têm a capacidade de chamar a atenção por acessórios demais, e esquecem de que os outros tem que olhar pra eles e não pras roupas (Grifo nosso).

Sr. Douglas Stackhouse diz:

E o que tu acha deles cortarem os pulsos? Isso é outra coisa ridícula?

Suicide Marverick diz:

Não, isso são sentimentos... Mais pra se cortar pulsos, não se define pelo estilo e sim por sentimentos, acontecimentos, fatos.

Acho que você pode chamar atenção de outros jeitos, mas alguns são sim pra chamar atenção, outros por conterem problemas demais e tal.

"CADA UM CONHECE SEUS SENTIMENTOS" (Grifos do informante)

Suicide é um garoto de 16 anos de idade que teve uma infância complicada, marcada por tentativa de suicídio e depressão. Tinha uma namorada, também de estilo alternativo e morava com um dos pais. Na época, em que este diálogo ocorreu, ele acabara de livrar-se da automutilação. "Já tentei me matar na infância. Cortes? Parar em hospital e tudo. Mas hoje tenho consciência do que faço". Ele é o tipo de gente, talvez, que a Flavis, a nossa pequena "introdutora" das conversações de campo, dissera ter se afastado, após algum tempo de ela mesmo ter causado pânico à sua família, quando declarou ser emo. O jovem Suicide chama nossa atenção não apenas por tratar da importância de uma ética, uma postura que vai além das roupas, simplesmente. Mas ele chega a mencionar e destaca em negrito, algo que "não se define pelo estilo e sim por sentimentos, acontecimentos, fatos". Quando o Sr. Douglas o questiona sobre cortes e suicídio, "e o que te motivou?", ele devolve em um tom meio amargo "disso não falo, beleza? Psicólogo mandou nem falar isso".

Observa-se que estes garotos<sup>71</sup>, ambos tendo vivenciado conflitos interpessoais e a automutilação, pareciam sociólogos leigos com boa desenvoltura. Quanto à noção de motivo, sabiamente invocada pelo entrevistador-informante, é oportuno destacar que:

Os motivos estão envolvidos com as emoções ligadas às primeiras relações de confiança. Estas podem ser entendidas em termos da formação de *laços* sociais – laços emotivamente carregados de dependência em relação a outras pessoas, a começar por aqueles desenvolvidos com os adultos responsáveis. Os laços afetivos estabelecidos com os primeiros responsáveis, que deixam ressonâncias afetando todas as relações sociais próximas formadas na vida adulta, envolvem gestos emotivos de vários tipos (GIDDENS, 2002, p. 65).

---

<sup>71</sup> Conheci mais de perto apenas aquele que fez o papel de entrevistador e, de fato, foi o segundo informante de fundamental importância.

Talvez por isso, o “cada um conhece seus sentimentos” e as motivações subjacentes nem sempre serem discursivamente reveladas, algumas atitudes de “defesa do *self*” que fogem ao convencional, apresentarem-se de difícil compreensão. E por envolver tal dificuldade, a automutilação, ou mesmo um modo de vestimenta não muito comum (o jovem The Priest diria que os colegas do colégio “enchem muito o saco”), os sujeitos tornam-se mais expostos em meio ao desenrolar da vida social ou a “seus cursos espaço-temporais cotidianos” (GIDDENS, 2003, p. 99).

**Figura 14. Cena do filme *O Quarto do Suicídio*<sup>72</sup>**



Fonte: KOMASA, 2011.

Uma cena do filme *O Quarto do Suicídio* auxilia-nos a entender o que aqui expomos, especialmente sobre a tensão existente entre escolhas e riscos. A personagem Sylwia, dependente de automutilação, emocional e intelectualmente conectada ao atormentado Dominik, já combalido pelo violento *cyberbullying* que o privou da convivência social, faz a seguinte reflexão:

Você está com medo? Realidade te machuca, por que você é sensível. Assim como eu, também sou sensível. Bastante. Eles não nos entendem. Como são fracos! Nós somos estranhos, esquisitos. Fora da norma. Você é diferente. Valorize isso. Tudo o que está fora da norma, tudo... **está em perigo** (Grifo nosso). Não podemos ter medo (KOMASA, 2011, 44h00min).

<sup>72</sup> Personagem Dominik, retornando ao colégio após algum tempo ausente, agora com cabelos e roupas da subcultura emo, sendo perseguido por garotos da escola, e por pouco não saca um revólver que havia pegue escondido de seu pai.

De fato, o medo é algo que pode forçar o sujeito a trancar-se no *quarto*. Este deve ser entendido sobre dois aspectos fundamentais. Primeiro, o sentido que é oriundo do trabalho empírico, por ser uma categoria “nativa”, noção que diz respeito tanto aos relatos de campo como ricamente representada no Tumblr, o campo virtual (como explicitado no capítulo anterior). Segundo, o *quarto* é uma metáfora para as questões internas do indivíduo, para o isolamento e a depressão do universo adolescente, como descreveu Winnicott (2005; 2011); uma espécie de casulo protetor para o *self* (o quarto é onde Dominik e Sylwia também se isolam, mas acabam por recriar seus mundos, com a potencialidade oferecida pelo ciberespaço para aprofundar laços afetivos). O quarto é o lugar onde o sujeito sente-se protegido dos perigos. Mas, ao estar lá sozinho, ele pode também ser atormentado pelas vozes de suas questões existenciais.

Ainda assim, do outro lado do medo<sup>73</sup>, para além do quarto, que não é tudo o que está em jogo, temos a ocupação do espaço da cidade. Não simplesmente isso, mas a criação de espaços de possíveis, como na transformação da Praça Portugal, um círculo fechado por um trânsito agitado e impessoal, em uma noite qualquer, em “PP”.

### 3.3. Jovens da cena, vodka, rupinol

#### 3.3.1. Algumas lições dos encontros undergrounds

Estamos agora no Círculo, após enfrentar os veículos em fluxo incessante, em uma roda de conversa na qual estou inserido em um dentre outros encontros da reunião vasta que é a PP. Passo a ficar atento aos assuntos. Estou lá, atento ao desenrolar da *situação*:

“a menina morreu oh! tomou rupinol” [Uma garota do grupo aponta para outra bastante jovem desmaiada na grama, de outro grupo, com outros amigos. Logo em seguida, outra inicia um relato]. Uma vez eu tomei oito comprimidos de rupinol numa cerveja só, junto com cachaça, ainda. Tu é louco véi, todo mundo dormiu, eu ainda fui a única que agitava gritando naquele **Dragão do Mar**. Flavis, manda teu amiguinho parar com amizade com aquele carinha ali, sabe por que? Aquilo ali tudinho tem cafetão, é prostituto. Eu já te disse ne,

<sup>73</sup> Como exemplo, em um dos tumblrs depressivos, com *hashtags* #suicidio #solidao #cortes, um jovem publica a seguinte reflexão: “Você tem duas opções: Ou destrói os seus medos. Ou os seus medos destroem os seus sonhos”. Trazendo para a dimensão aqui discutida, o medo seria um fator inibidor para o sujeito revelar-se, conseqüentemente, inibindo também o deslocamento (ETERNA..., 2014).

Douglas?! [“Ah... eu só sou amigo dele, eu falo com ele...”] E tu já percebeu que o Douglas antigamente nem bebia assim, e agora todo fim de semana ele só vive bêbo junto com eles? Tipo assim, nada contra, eu tenho amigos assim. Todos eles se vendem tipo prostituto sabe? E todos eles usam droga e fazem o diabo a quatro, e tem cafetão ai, quando um não quer fazer... Pois uma vez os viados só faltaram matar ele [o Douglas] duma pisa. A única coisa que eu vejo é só eles se embebedando. Colocam LSD na bebida... Cara, num faz mais isso não! Tu sabe do meu passado, ne, Douglas?

Tanto a garota quanto seu amigo que recebe a reprimenda, apesar de terem apenas 14 anos, já detinham certo acúmulo de experimentações com drogas ilícitas, álcool e sexo. O garoto, que mora na periferia de Fortaleza com irmãos, mãe e padrasto, na realidade, seria mais tarde o informante nº 2, abrindo ainda mais espaços de interação para que eu pudesse “conviver” com os grupos, no desenrolar de suas experiências. “Olha, eu tenho já muita experiência sabe, até mais que muita gente de 30 anos que tem por aí”, referindo-se à sua vida sexual. Douglas me falou sobre o começo da PP. Segundo ele, em 2009, havia rodas de emos para saber quem ia se cortar, corroborando com as declarações da Flavis. Os outros grupos, geralmente os jovens mais velhos de outras tribos, “achavam tudo uma bobagem. Com o tempo, vem mais maturidade e as pessoas vão deixando de fazer essas coisas”. Certa vez, aponto para uma “bicha excêntrica” que passa por nós, e ele explica que é preciso conhecer todo tipo de gente para poder não correr riscos. “Essas aí são as lady gagas haha”. Cita o caso das rabissacas (gesto de desprezo ao olhar e virar o rosto para alguém, saindo da sua linha de visão), algo que não se deve fazer para alguns gays por ali, pois isso poderia gerar uma grande confusão, pois elas não toleram este ato.

Em uma das ocasiões, quando aparece com uma de suas colegas, ela volta ao tema dos emos: “O Dragão fecha e desce todo mundo pra estátua de Iracema. A gente *vira* e desce todo mundo pra lá. Eu pensei que nunca ia ver isso que eu vi ontem [O que você viu ontem?]. Os emos, cortando os pulsos. Eu olhei assim... vixe!”.

O retrato que faço aqui destes tipos de interações, através das quais vou conhecendo detalhes de vidas e de experiências pessoais, antes de despertar um senso de reprovação ética, baseado em pressupostos estes mesmos socialmente sancionados<sup>74</sup>, ou invocar o “protocolo de classificações” de sintomas de certa

---

<sup>74</sup> O exemplo da tentativa de evangelização da qual fui o alvo é ilustrativo a este respeito. Basicamente, o pressuposto é que, se eu estaria passeando por ali, é por que eu deveria ter algum tipo de problema – “aqui rola de *tudo*”. O que, de fato, poderá ser visto como um problema são questão não tanto de moralismo e de comportamento inapropriado, mas de uma maneira complexa e por vezes difusa,

vertente da psiquiatria<sup>75</sup>, remete à moratória referida por Erickson (1976). Esta é institucionalizada em cada sociedade para lidar com a adolescência, “um período para roubar cavalos ou para devaneios da imaginação [...], um período para ‘mocidade perdida’ ou vida acadêmica, um período para abnegação ou extravagâncias – e, hoje, frequentemente, um período para patologias ou delinquências” (p. 157).

Sendo assim, diante da condição através da qual os encontros proporcionam um aprendizado para o pesquisador, poderíamos pensar em termos da noção de *elasticidade*. Particularmente, em relação a este cenário alternativo, um *insider* poderia questionar: até onde posso ir de um modo que eu consiga retornar mantendo minha integridade? Isto remete a uma propriedade da vivência destes contextos, que são, sobretudo, espaços de autonomia<sup>76</sup>. Esta propriedade é o conhecimento tácito adquirido pelos jovens acerca dos limites de ações e de ingresso em certas atividades<sup>77</sup>, como sugere, por exemplo, o alerta que a garota faz para o amigo no diálogo acima, sobre ele estar sempre embriagado nos finais de semana ou sobre o tipo de pessoas que ele estaria se envolvendo (“prostitutos, cafetão”). Enquanto alguns adolescentes caem e desmaiam em calçadas e gramas durante estas reuniões (e outros até dirão que “um povo doido anda se cortando por aí em grupo”), outros parecem ter mais domínio sobre suas próprias condutas, e até conseguem ir longe, ao passo que separam e selecionam indivíduos e subespaços de práticas ou interações durante o seu deslocamento ou seu o exercício de autonomia.

---

questões afetivas, algo muito similar ao fenômeno micro tratado por Rolnik (1989), “um buraco negro, efeito do corpo vibrátil amortecido de uma subjetividade que ficou reduzida ao ego” (p. 41). Estes aspectos, relacionados também com uma discussão acerca da autodestruição e da autolesão, a um nível mais abstrato, será discutido oportunamente no próximo capítulo.

<sup>75</sup> Ver, por exemplo, Barreto (2012). Muitos estudos sobre automutilação e autolesão, mesmo que ofereçam dados estatísticos valiosos, particularmente sobre *self-harm* entre adolescentes, seguem a perspectiva da classificação internacional, como ressalta o autor: “Pela primeira vez na história, temos uma classificação internacional de transtornos mentais e de comportamento. Nas pesquisas, tornou-se exigência metodológica a quantificação mediante validação estatística. Nos ensaios clínicos, generalizou-se, para a referida quantificação, o emprego das escalas de avaliação, da randomização, do duplo cego, dos grupos de controle” (p. 4).

<sup>76</sup> Esta categoria tem uma profunda relação com o fenômeno das mídias eletrônicas, por onde se disseminam muitas modas jovens contemporâneas. Para se ter uma ideia, por exemplo, estes espaços de autonomia entram mais frontalmente em choque com os valores e normas de uma sociedade, como é o caso da tensão decorrente das “tribos ocidentais” no Oriente Médio. Discussões em torno das modas jovens e da abertura de valores e comportamentos serão melhor tratadas no Capítulo 6.

<sup>77</sup> Efetuar um ato ou abdicar de fazê-lo é ter consciência de prováveis consequências. Assim, é interessante colocar que a “abstenção pressupõe a consciência cognitiva de cursos de ação possíveis: não será o mesmo que simplesmente ‘não fazer’ coisas que poderiam ter sido feitas” (GIDDENS, 1996b, p. 92).

Pensando com Erikson (1976), a partir destes e de outros contatos face a face que tomam de assalto minha reflexão, sem desconsiderar outras fontes menos “vivas” de dados, acredito que:

As autobiografias de indivíduos extraordinários (e extraordinariamente dotados de autopercepção) constituem uma fonte de compreensão do desenvolvimento da identidade. Para se descrever a genética universal da identidade, desejaríamos estar aptos a traçar o seu desenvolvimento nas biografias de indivíduos “comuns”. Neste ponto, tenho de basear-me em impressões gerais colhidas na vida cotidiana, no trabalho de orientação com jovens moderadamente perturbados e na minha participação em um dos raros estudos “longitudinais” – uma fonte que exclui a publicação detalhada de dados biográficos (p. 155).

A garota que aparece na fala acima reproduzida, preocupada com seu amigo perigosamente próximo ao cafetão, e já detentora de algo que se possa chamar de “passado” (como quem já havia cometido falhas, “extravagâncias” que deveriam ficar para trás, ao equipará-las com os erros do amigo – “cara, num faz mais isso não! Tu sabe do meu passado, né?”), estava sempre vestida com um estilo meio *underground*, às vezes com meias longas perfuradas e rasgadas que lembram as *groupies* da época do punk, a exemplo de Nancy Spungen<sup>78</sup>. Não simplesmente pelas meias, mas lembra Nancy Spungen pelo modo de vida que vinha conduzindo. De classe média, morava apenas com a mãe e irmã em um dos bairros caros da cidade. Certa vez, em outro lugar que não a PP, demonstrou o rancor que tinha pelo namorado da sua mãe a uma amiga. “O bicho é tão idiota, mulher, que ele atropelou um gato de propósito, acredita? Eu gritei ‘seu ridículo’”.

Ela já havia sumido algumas vezes, como na vez que passou uns quatro dias “com um cara, na casa dele, em um daqueles ‘bairros perigosos’”. “Olha, eu realmente não sei com quem ela saiu”, uma informante próxima responde a uma das ligações da mãe da garota. Como muitos na PP, ela é uma daquelas que circula bem entre álcool e cigarros, fazendo uso de um estilo de vestir *rocker* a seu próprio modo.

Algumas vezes, as interações explodiam em vários assuntos, com muitos aspectos distintos (sexo, família, namoro, bebidas, sentimentos, vício, música...), tornando o andamento da pesquisa mais complexo; as coisas surgem e “saem pelo ar”, tornando-se de difícil acompanhamento, de focalização. Quanto mais o

---

<sup>78</sup> Nancy Spungen foi uma *groupie* que ganhou fama quase 10 anos após sua morte prematura, com apenas 20 anos, após o lançamento do filme *Sid and Nancy*. Foi namorada de Sid Vicious, baixista da banda britânica de *punk rock* Sex Pistols, morto de overdose com 21 anos.

pesquisador se posiciona para poder participar efetivamente de uma interação, ele sai de um modo observador, para um modo de monitoramento mútuo; ele vai correspondendo, recebendo os *feedbacks* gestuais e demonstrando que está atento a eles, respondendo e fazendo perguntas nesse tipo de contexto. É um grau mais acentuado do que aquele que se observa de fora, que se pode estar desatento, que anota, mas não participa<sup>79</sup>.

Ao mesmo tempo em que se interage de modo mais ativo, observa também o entorno. Enquanto este é um cenário comum para os informantes, para mim, como pesquisador, é invasivo, na medida em que há um interesse particular no que ocorre também fora da interação, o que a orbita e, de fato, estão todos lá pelo que o contexto representa e possibilita. É um lugar particularmente especial para o estilo de vida que o indivíduo sustenta e para os relacionamentos – tanto a “camaradagem da identidade partilhada” ou o amor e o namoro.

### **3.3.2. A autolesão adolescente: o fuck you => irrompe o espaço da interação**

Muito do meu progresso na psicanálise foi obtido a despeito do meu analista, que não concordava com minha “orientação”, como ele dizia. Por fim, ele abandonou a objetividade analítica e me botou pra fora, me acusando de “degenerado e fora-da-lei”. Eu estava mais satisfeito com os resultados da análise do que ele. [...] Percebendo que eu não ia me dar bem no exército, apelei para minha ficha do hospício. Certa vez, entrei numa de Van Gogh e cortei um pedaço do dedo pra impressionar uma pessoa em quem eu estava interessado na ocasião. Os médicos do hospício nunca tinham ouvido falar em Van Gogh. Me engaiolaram como esquizofrênico, acrescentando um diagnóstico de “tipo paranóide”, para justificar o fato de eu saber onde estava e quem era o presidente da República. (BURROUGHS, 1984, p. 14)<sup>80</sup>

<sup>79</sup> A este respeito, é oportuno fazer um apontamento. A ansiedade gerada por este processo de *estar em campo*, dado o volume de situações que decorrem no espaço, frequentemente pôde ser reduzida com a produção de vídeos e de imagens deles resultantes (congelamento da tela e *prints*, onde partes do vídeo que se julga relevante são fotografadas), pois deste modo se pode retornar às situações, deter-se em alguns detalhes, refletir sobre eles, mesmo após o evento ter ocorrido, algo como se voltasse a um texto para fazer consultas, diminuindo as prováveis perdas. A partir da polissemia existente nas imagens, é que o pesquisador também pode extrair interpretações, inferências através de outros dados (imagens e textos), e selecionar aspectos que parecem ser importantes. Muitas imagens que não estão dispostas no texto, mas que fazem parte do material de análise. Sobre a diferença entre linguagem e imagem, cabe aqui uma nota explicativa básica: “a imagem é sempre polissêmica ou ambígua. É por isso que a maioria das imagens está acompanhada de algum tipo de texto: o texto tira a ambiguidade da imagem – uma relação que Barthes denomina de *ancoragem*, em contraste com a relação mais recíproca de revezamento, onde ambos, imagens e texto, contribuem para o sentido completo. As imagens diferem da linguagem de outra maneira importante para o semiólogo: tanto na linguagem escrita, como na falada, os signos aparecem sequencialmente. Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente. Suas relações sintagmáticas são espaciais e não temporais” (PENN, 2002, p. 322).

<sup>80</sup> William Burroughs, um dos mais importantes escritores da “geração beat”, era homossexual e viciado em drogas. Este relato autobiográfico parece remeter a um dos primeiros casos de automutilação. A obra de Burroughs, *Junky – drogado*, que virou um ícone contracultural ainda na década de 1980, iria

A entrada nesta camada de sociabilidade significou uma segunda avalanche de informações. Os temas surgiam na complexidade dos fatos da vida de sujeitos ali presentes, interligados por interesses comuns: família, sexo, drogas, bebedeiras, tristezas, emos, cortes, loucura. Temas estes, às vezes, abordados em curtos espaços de tempo, entre dois ou mais participantes, o que era necessário minha intervenção, inserindo perguntas a respeito do tema para que este não se “perdesse no ar”, o que certas vezes trazia elementos interessantes, como novas pessoas e lugares, fatos, mas também, em várias ocasiões, era um empreendimento sem sucesso<sup>81</sup>. Continuemos na presente abordagem.

Estamos em uma roda de conversa na PP, ao som alto de uma música eletrônica. Uma das garotas grita para outra que estava mais distante do grupo no qual eu me encontrava: “Cazuza! Vem aqui, sua rapariga!” Ela sai da nossa conversa em direção à sua colega. As duas então se aproximam em um ponto um pouco mais afastado de onde estou. Falam alguma coisa, e aquela que saiu ao encontro parecia mostrar-lhe algo que tinha em um dos braços. Procuo saber do que se tratava. Eram marcas, cicatrizes. Logo eu soube que eram “cortes feitos por amor”, como os de Burroughs. Ela vai ao encontro da garota por quem tinha um interesse para confessar-lhe sentimentos, afirmar suas intenções, mesmo que de um modo nada convencional, com cortes, mostrando, com isso, a veracidade do que ela sentia, uma prova incontestável (penso se ela teria feito isso apenas por uma questão amorosa). Elas já haviam tido um envolvimento e parecia que a Cazuza, três anos mais velha, não queria arriscar novamente.

Com o tempo, em meio a idas e vindas à PP, a aproximação vai se tornando mais “natural”. Tive a oportunidade de estreitar conversas com a Cazuza. Esta garota, que recebera os cortes como “oferenda” – estava sempre com uma boa quantidade de álcool, mais precisamente, vodka. Oferece-me um gole de bebida de uma garrafa sem rótulo. “Toma! É só vodka. Você gosta de Vodka?” [Estou dirigindo, mas eu amo

---

influenciar diversas bandas de rock, inclusive da era pós-punk, como o Joy Division e mais tarde o Nirvana.

<sup>81</sup> Conforme discutido no capítulo anterior, será por meio de conversas de narrativas pessoais que este turbilhão de temas, emoções e fatos, será melhor direcionado, uma vez que a interação entre pesquisador e informante é ainda mais focada. Vale ressaltar que estas entrevistas, em campo não mais que uma dezena (todos os nomes foram substituídos por outros fictícios), não são tanto uma coletânea de depoimentos de alguém que procura contabilizar os *cutters* da *cena under*. Além das realizadas via Internet, e do material “congelado” do Tumblr sobre a automutilação, estas entrevistas são tomadas como outro ângulo de analisar os fenômenos aqui investigados, especialmente compreender o que viveram e como vivem pessoas que lançaram mão da automutilação para superar a dor dos sentimentos.

vodka]. “Ama não cara, tu não ama vodka”, interfere um rapaz que estava acompanhando-a; provavelmente percebeu que, de fato, eu não tinha a mesma “vivência” com a bebida como eu quis transparecer. “Não liga, ele está bêbado”.

Após intervir neste pequeno desentendimento em torno da vodka, ela me faz algumas revelações, a respeito da garota que lhe mostrara os braços com as marcas de ferimentos:

Ela faz parte de um grupo, o tal de *takers*. É um grupo de meninas, entendeu? A maioria dessas meninas – e *takers* significa, eu perguntei a ela – pegadoras. Elas fazem tipo macho sabe? Elas pegam a menina e separa, entendeu? Elas pegam, fazem tudo com a mulher e depois deixam. Mas tipo, ela gosta muuuito de mim, entendeu?! E tem um amigo dela que também está gostando de mim, está louco por mim. [A conversa é interrompida por algumas amigas, que também haviam bebido e aproximam-se bastante exaltadas]. Hei piranguera véia! Vamos pru Dragão sábado? – Vamos, te doído! Sábado tamo lá... **virar**... [Grifo nosso].

Logo irei descobrir que a própria Cazuzza estava “na onda dos cortes”, narrando para mim alguns momentos significativos da sua vida, os quais parecem se relacionar de perto com a questão da autolesão.

Antes das entradas de relatos íntimos – os *inputs* narrativos que passam a alimentar o processo de pesquisa – encontros deste tipo proporcionam o registro de temas-chave, que são trazidos na ordem da interação. Há a presença de termos “nativos” novos e fatos intrigantes. Aparece: (i) o corte no contexto do relacionamento amoroso, ao menos aparentemente (não se pode precisar que o motivo da automutilação foi mesmo por amor); (ii) o Dragão do Mar como ponto de encontro da galera alternativa durante os sábados, o “DM”; (iii) o termo “virar” (amanhecer o dia na rua após a diversão na Praça Verde do DM); (iv) as *takers*, que parece ser um modo de comportamento sexual intrigante, pois as garotas usam sexualmente outras reproduzindo comportamento do estereótipo masculino; (v) os anticristos, adolescentes que usam símbolos do demônio, pentagramas e cruz de cabeça para baixo, e que se drogam e “ficam tão loucos que o demônio parece estar dentro deles” (isso não deveria ser confundido com os góticos).

**Figura 15. Autolesão com lâmina de barbear<sup>82</sup>**



Fonte: Próprio autor. Outubro, 2011.

Assim, as interações vão sendo atravessadas por indivíduos que chegam bêbados, ou pedindo cigarro. “Cara, eu quero fumar, eu tô precisando de um cigarro cara, eu não posso ficar sem fumar”. Ou apenas com suas vestimentas e adereços de modo a expressar um estilo ou preferência musical. Os indivíduos transitam e adentram nas conversas mais focalizadas, fazendo referência a outros episódios e esferas de ação, quando não reforçando elementos já captados nas “anotações de campo”.

Mais tarde, um dos informantes mais próximos, que já havia bebido um pouco na ocasião, irrompe em uma dessas “entrevistas” informais, revelando seu corte (Figura 15): “Olha só! Eu me cortei. Eu briguei com a minha mãe. Eu estava com muita raiva e escrevi isso”. A segunda crise do garoto seria meses depois, após ele ter dado um tempo da PP, justificando por SMS: “Não vou hoje. Estou deprê. Quando eu tô assim, eu fico no quarto todo escuro. Não gosto de sair”. Nesta nova crise, ele não faz uso dos cortes:

Ela disse que desistiu de me consertar: “A partir de hoje esqueça que eu existo. Desisti de tentar te consertar”. Sabe, “a cabeça da boneca caiu. Vamos tentar CONSERTAR”. Chorei penkas ontem no meio da rua pelos cantos feito doido.... Foi feia a discussão. Eu ia me cortar com tanto desgosto de mim que eu tava tendo naquela hora.

<sup>82</sup> “Informante nº 2”, 14 anos, revela seu corte no braço, escrito “Fuck you =)” (foda-se, seguido de um *smile*). Cortes feitos em momento de raiva incontrolável.

A autolesão, como um tema que surge no decorrer das interações, por exemplo, uma bobagem de emos ou um povo doido que só fala nessas coisas, é mencionada como *cortar*. O ato irrompe o encontro da *cena* com a inscrição na pele *fuck you*, uma ofensa escrita pelo próprio garoto em seu braço de um modo *cool*, mas é também, como se pôde depreender, inscrição oriunda de emoções.

### **3.4. Entre o Dragão e o Fafi: apropriações espaciais e “narrativas do corte”**

Minha vida é uma merda. Minha família é uma merda. Minha escola é uma merda. Meu bairro é uma merda. Nada pra mim dá certo!  
Frase de uma informante, 17 anos, frequentadora do Dragão, com estilo alternativo, que já deixara de se cortar.

#### **3.4.1. Considerações iniciais à “largura de banda” da cena underground**

A PP vai saturando. Seus próprios usuários que constituem as “reuniões *under*” vão diminuindo no local. Os elementos vão se repetindo. Após diversas idas à PP, finalmente procuro investir no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado no bairro Praia de Iracema. Próximo à orla marítima, onde há a estátua de Iracema, o Dragão é formado por um complexo de prédios interligados e um anfiteatro. Mas não é só de eventos culturais que o local ganha usos sociais. Conhecido pela galera da cena simplesmente por DM, começo a frequentá-lo a partir do ponto de vista de dentro, e não tanto como um recomeço. Acompanho meus informantes em seus encontros, muitos dos quais irão terminar apenas quando o dia amanhecer.

Figura 16. Encontro de “tribos” urbanas na Praça Verde do Dragão do Mar<sup>83</sup>



Fonte: Próprio autor, novembro de 2011. (Captura de tela de vídeo).

Enquanto aos domingos meu tempo de observação participante iria até às 10hs da noite na PP, aos sábados passo a acompanhar as reuniões no DM: a sociabilidade e as práticas e conversações entre atores que a sustentam, o que se deu mais ou menos por volta do final de 2011.

Ao contrário da PP, o Dragão era mais acessível geograficamente para muitos jovens de bairros da periferia de Fortaleza, pois um maior número de linhas de ônibus passava pelo local. Por isso, concentra um número maior de jovens de visual alternativo, em meio aos quais estão punks, góticos, metaleiros, emos, *scene*, *moderninhos*, misturando-se em multidões<sup>84</sup> (ver Figura 16).

“Ah eu só vejo minha mãe 20 minutos. A semana toda não vejo ela. Vou chegar hoje e vai ser assim ‘oi mãe, vim do Dragão, vou dormir’. É assim”. Este é um diálogo entre um grupo de quatro adolescentes com visual emo sentados em um

<sup>83</sup> Entre este segmento, bastante diversificado, se reúnem góticos, emos e punks; as pessoas chamavam o complexo cultural de DM.

<sup>84</sup> A ocasião retratada na Figura 16 foi um episódio muito parecido ao que ficou conhecido popularmente no final de 2013 como “rolezinho”, encontros de jovens da periferia de São Paulo organizados através das redes sociais, no caso, o Facebook.

gramado, em uma penumbra do DM, tomando álcool e namorando; foi uma das primeiras conversações que pude ter acesso, dado à proximidade que eu podia manter dos grupos que lá se reuniam.

Algo muito comum naquele local era o consumo de vinho São Braz por aqueles adolescentes, uma bebida com preço bastante acessível, de baixa qualidade, vendida nas noites de sábado por ambulantes sem qualquer tipo de constrangimento ou de fiscalização por parte do Poder Público. Ao longo da noite, já se via muitos daqueles meninos e meninas com roupas pretas dormindo nas gramas ao redor do Dragão, alguns deles ainda em mal-estar devido ao exagero com que bebiam álcool ou misturavam-no com drogas; algumas vezes, era preciso se desviar de manchas de vômito vermelhas nas calçadas escuras das boates que cercam o Complexo Cultural. Os emos (ou *scene* ou *From UK* nunca foi fácil definir apenas observando), geralmente mais novos, aparentando ter 15 anos de idade ou menos, com suas camisas da banda NX Zero e duplo *piercings* nos lábios, dividiam espaço com roqueiros mais velhos, alguns góticos bastante incrementados, inclusive com rostos totalmente pintados ou usando longas capas pretas.

“Olha aquele estilo, aquela menina com cobertor quadriculado rosa, ali é um estilo emo. Olha só aquela ali, tá vendo? É a menina que te falei... E aquela coisa linda ali [ironia, risos] é o rapaz que ia se matando, que disse que ninguém ia sentir a falta dele. Fica ligado, cara, **nos estilos, nos modos**, entendeu?”. Diria um dos informantes mais próximos, em meio à gigantesca reunião, basicamente, de uma geração pós-punk. Já em meados dos anos 2000, o Dragão era frequentado por góticos ou *darks*; a galera do rock metal mais tarde iria se acostumar em dividir o espaço com os jovens da cena e os emos, que por volta dos anos de 2004 ou 2005 estavam com idades entre oito ou dez anos. O espaço do Dragão serviria como a “largura de banda” da cena *underground* da cidade, uma vez que concentrava a cada dia admiradores do rock alternativo e *underground* mais do que em qualquer outro lugar, inclusive onde passou a ser organizado festivais, como o Dragão Metal, reunindo muitas bandas do gênero menos comerciáveis (Obskure, Encéfalo, Agressivo, dentre outras). O espaço não se resume apenas ao uso de drogas e à bebedeira com o citado vinho. É representativo de modos de vida, que usam a música como uma forma de comunicação de crenças pessoais, assim como o estilo de vestimenta.

Figura 17. Trajeto DM (ponto A) até as imediações do Fafi Bar (ponto B)<sup>85</sup>



[Por que suas mãos estão sangrando?] “É de tanta raiva que eu senti, sabe. [Ele possuía unhas grandes]. Estou com raiva, estou com vontade de bater em alguém, mas estou me controlando... Misturei uns quatro tipos de bebidas”, me confessa um rapaz homossexual com estilo bem alternativo – algo entre o pop com incrementos punks, que estava junto a outros jovens, um casal *under* de lésbicas e uma garota de 17 anos já sob efeito de álcool; eram novas pessoas junto a um informante que eu já conhecera de outras ocasiões. Foi assim uma das primeiras travessias do DM até o famoso Fafi Bar (ver Figura 17), percurso que se tornaria cada vez mais comum entre estes sujeitos, uma nova rotina de encontros.

### 3.4.2. O nascimento do Fafi da galera *under*

A Rua Norvinda Pires, localizada na Aldeota, um dos bairros mais desenvolvidos de Fortaleza, a partir de 2003 seria palco para uma cena musical da cidade. Com a inauguração do Fafi Bar (marcação “A” da Figura 18), a rua passaria a ser conhecida como *rua do fafi* entre jovens de classe média, a maioria estudantes universitários, muitos com um perfil que se tem chamado de descolados ou mesmo

<sup>85</sup> Trajeto de ônibus, que leva em torno de 15 minutos ou mais, completando o caminho a pé.

alternativos. Um dos tipos de música propagados por lá, o *indie rock*, é um subgênero que um adolescente *underground* (não que necessariamente se reconheça como tal), do *metalcore*, *screamo* ou *emo-violence*, veria como algo normal, lento, sem os gritos e guitarras agressivas com as letras de temas adolescentes características.

**Figura 18. Vista aérea das proximidades do Fafi Bar<sup>86</sup>**



Fonte: Google Maps.

Ocorre que algo mudou dentro de poucos meses ao longo de 2012. O pequeno bloco de ruas como representado pela Figura 18, com exceção da *rua do fafi* (A), começou a ser “povoado”. Espaços vazios nas noites de sábado começaram a ser preenchidos pela legião de “adolescentes de preto” que vinha do Dragão do Mar. A rua que antes era completamente deserta (B), tornou-se ponto de venda e consumo de drogas ilícitas, como a cocaína, após pouco a pouco algumas figuras se estabelecerem por lá, (um nicho de encontro atrai outro). Tornou-se também um ponto de “pegação” para gays e heterossexuais, na penumbra das fachadas recuadas das várias lojas do local. Com o passar do tempo, após já tendo se estabelecido uma série

<sup>86</sup> Fafi Bar, localizado no centro da Rua Norvinda Pires (Marcação A): Bloco de ruas que passaram a ser palco de encontros da “galera *under*”, fato ocorrido durante a pesquisa de campo.

de práticas, chega à vez da avenida perpendicular ao Fafi Bar, a Desembargador Leite Albuquerque, a qual teve aquela pequena marcação “D” tomada por adolescentes (ver Figura 20). Não demora muito e o círculo “C”, um gramado antes vazio nas noites de sábado, torna-se um *locus* de sociabilidade intensa destes adolescentes, abrigando experiências mais específicas, mais restritas a indivíduos com visual mais *under* (em oposição a moderado), uma espécie de “DM em miniatura”.

Como resultado, a população do Fafi aos sábados explodiu. O que antes era a rua do fafi para os jovens universitários, transforma-se simplesmente no Fafi dos adolescentes que compõem os metaleiros, emos, punks e aqueles moderados que os orbitam, algo que compreende o bloco de ruas da Figura 18. Ir ao Fafi, neste sentido, é encontrar pessoas e circular por entre aqueles pontos.

Este processo de criação de espaços de sociabilidade foi antes uma bifurcação das experiências de rua daqueles envolvidos nesta cena (cena mais *under* contornando a cena *indie* do ponto “A”), assim também um incremento espacial a ela, e não um abandono do DM e da Praia de Iracema, os quais continuavam povoados, dividindo as noites de sábado com o Fafi. O *virar* (“ei, tu vai virar hoje?”) é uma prática daqueles que não voltam para casa antes das 23 horas e se dirigem, ao amanhecer, para o local onde fica a estátua de Iracema na praia.

Estariam pondo em operação a lógica do *squatter* punk (ver Figuras 19 e 20), uma ligação histórica com a ação de ocupar espaços para morar e como meio de vida e de autoafirmação, comum ao movimento punk em seus primórdios, mas ainda hoje representada por *squats* (habitações) importantes<sup>87</sup>. Isso representa uma tomada do espaço público a partir da política do estilo, e traz em seu bojo uma maior vivência das *experiências de rua*.

Com o passar do tempo, em questões de poucos meses, a rua concentrou, na penumbra das fachadas das lojas nas noites de sábado, microrreuniões permeadas por preservativos, bebidas e indícios de uso de drogas. A cena poderia ser descrita como uma reedição do punk na era da Internet, uma tomada da rua antes irrelevante e vazia em relação à sua irmã paralela, *a rua do fafi*. Nas palavras de quem está observando achados de reuniões *undergrounds*, como aquelas do famoso Chelsea Hotel de Nova York ou o *abandoned building* fotografado por Jonathan Castellino em Toronto:

---

<sup>87</sup> Ver, por exemplo, o Koepi 137. Disponível em: <<http://www.liveunsigned.com/blog/2011/01/squats-with-live-music-in-berlin-koepi-137/>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

As expected, squatters run amok, including walls being torn down to make easier entries/exits between the two mysterious buildings. The typical squatter trash was found, including “mattresses, beer bottles, punk posters, aerosol cans, cigarette butts, condom wrappers”<sup>88</sup>.

A lógica é muito parecida. “Paredes sendo quebradas para facilitar entradas e saídas entre os dois prédios misteriosos”. Estes adolescentes, punks da era digital, que compõem seus *looks* a partir do conhecimento adquirido na Internet, baseado em seus anseios mais íntimos de autoafirmação, abrem espaços urbanos, entradas e saídas para o fluxo da existência.

**Figura 19. Imagem de uma típica reunião em uma squat (no caso, residência) punk**



Fonte: Caty R, 2010.<sup>89</sup>

<sup>88</sup> Jonathan Castellino, *Toronto Behind the Boarding: Queen and Beverly*, 12 nov. 2008. Disponível em: <[http://www.blogto.com/city/2008/11/toronto\\_behind\\_the\\_boarding\\_queen\\_and\\_beverly/](http://www.blogto.com/city/2008/11/toronto_behind_the_boarding_queen_and_beverly/)>. Acesso em: 2 dez. 2014.

<sup>89</sup> CATY R. Flickr. Tirada 21 de abril de 2010. Disponível em: <[www.flickr.com/photos/caitlin\\_reeve/4540936214/in/photostream/lightbox/](http://www.flickr.com/photos/caitlin_reeve/4540936214/in/photostream/lightbox/)>. Acesso em: 10 nov. 2014.

**Figura 20. Galera *under* nas proximidades do Fafi Bar (D)<sup>90</sup>**



Fonte: Próprio autor, junho de 2012.

A apropriação do gramado (C) foi uma alternativa ao espaço do Fafi Bar já ocupado. O Fafi foi forçado a criar medidas para impedir a entrada de menores, que começou a trazer transtornos para os proprietários junto aos órgãos de fiscalização. Consolidada a ocupação do gramado, pertencente a uma pequena área externa do prédio da Associação Cearense de Avicultura, o local torna-se uma rotina de encontros aos sábados (ver Figura 21). Não de encontros quaisquer, mas encontros dos *unders*, como tenho procurado retratar, desde as primeiras visitas à PP. Podem ser definidos como uma *cena* particular de adolescentes, grande parte com menos de 18 anos de idade, apreciadores de música de *hardcore* punk e com visual alternativo, de camisas de bandas a duplos *piercings* nos lábios. Adolescentes mais moderados reúnem-se aos de visual mais *engajados* com subculturas, embora, do ponto de vista das atitudes, uns e outros parecem gozar do mesmo status ou condição.

Aqueles indivíduos, em particular, não apenas se conhecem, mas se reconhecem. A ocupação nunca é um ato gratuito. É uma reunião com interesses, é um desejo, uma experiência partilhada, em torno da qual resolveram a equação do ambiente do Fafi, criando uma alternativa para estabelecerem foco de interações, as

<sup>90</sup> Ocupação de calçada (região de pouca iluminação) próximo ao Fafi Bar, pelo que se tornou uma “microregião” de encontro das noites de sábado.

quais quase sempre não são possíveis de ser fixadas no ambiente do bairro, da escola e muito menos do lar<sup>91</sup>. Isso pode ser resumido da seguinte forma, nas palavras de Fischer (1994), em sua obra de psicologia social do ambiente:

Considerada como processo de transformação de um espaço, a apropriação constitui uma modalidade de mudança caracterizada ao mesmo tempo como processo conflitivo, na medida em que é de uma forma ou de outra confrontada com sistemas de imposições, e como processo mais de ordem microssocial que macrossocial, na medida em que ela manifesta não uma orientação das mudanças individuais para atingir uma mudança social, mas uma capacidade do indivíduo de produzir diversidade ao investir o espaço de intenções e atos que permitem ao indivíduo sobreviver à banalidade do cotidiano e dar-se a si mesmo uma identidade, ou seja, criar situações em que o espaço constitui para ele um refúgio (p. 83).

Frequentar o Fafi nestas condições era ouvir relatos incomuns, se comparados a outros encontros convencionais. Falava-se sobre jovens obscuros, que gostavam de sangue, de cortar-se; contava-se a respeito de uma jovem que, inclusive, tinha fotos no cemitério; de pessoas que, na verdade, tinham uma revolta devido a problemas com os pais; e de jovens que tinham tentado suicídio e que alegavam que ninguém iria sentir falta deles.

**Figura 21. Contexto de reuniões informais para encontros na área apropriada do gramado (C)**



Fonte: Próprio autor, setembro de 2012 (captura de tela de vídeo).

---

<sup>91</sup> Vale ressaltar que o ciberespaço tem importante dimensão, ao burlar barreiras geográficas, ele permite que o indivíduo tenha uma experiência comunal e de possibilidades de interação a partir de interesses e gostos.

### **3.4.3. Após a apropriação, as narrativas “autodestrutivas”**

Em meio à galera do gramado, conheço a Nina, 16 anos de idade, mais uma “guerreira anticonvencional” da geração pós-Web. Cabelos longos, de cor castanho claro, com mechas coloridas em tom violeta, lábios afilados e maçã do rosto que a faziam lembrar a Nico da banda Velvet Underground. Tinha um corpo belo, blindado com o estilo *rocker*, meias do tipo *groupie* punk. Mora na periferia de Fortaleza e tem preferência pelo rock “rasgante”, como o estilo screamo.

Assim como me relatou o namorado do Informante nº 2, na ocasião dos encontros do gramado, ela começa dizendo “eu não tenho amigos na escola, de jeito nenhum”. Ela já havia ficado com garotas, e naquela noite tinha se excedido na bebida. Estava bem no interior do novo gramado, onde adolescentes bem jovens estavam em “pegação”.

“Tô com vontade de bater em alguém... pra acabar com uma sensação ruim”, dizia para mim num lugar mais afastado, onde pudemos conversar sem interferências. Seu aniversário havia sido há pouco mais de uma semana e, no colégio, quando os colegas de sala terminaram de cantar “Parabéns para você!”, ela disparou: “vocês nunca falam comigo e agora querem bater parabéns! Danem-se”, segundo ela, deixando a sala perplexa.

Ela revelara, à sua maneira, que certa vez seus pais estavam separados: “o baitola do meu pai fez uma merda”. Passou mais ou menos dois anos com depressão após este momento difícil que marcou sua vida. Outro fato que a marcou de algum modo, quando tinha 13 anos de idade, foi o estupro que havia sofrido por um ex-namorado, que a ameaçou com um revólver, obrigando-a a ter relações sexuais e passando a agredi-la.

Em uma das ocasiões, mais precisamente num segundo encontro, pergunto sobre cortes. “Nesse instante eu vi alguém fazer isso ali, porque foi rejeitado”. Depois ela mesma iria revelar que se cortou acidentalmente quando de uma discussão com outro ex-namorado, inclusive necessitando de cuidados médicos, com pontos. “Mas eu não faço isso sempre, foi apenas nessa vez. Eu tenho tendência à depressão”. Embora tenha namorado (ou simplesmente beijado garotas no Fafi), ela dizia se considerar heterossexual. A garota acabara de ingressar na *cena*, e isso era uma oportunidade de explorar alguns elementos importantes na mudança de conduta ou adoção de modas urbanas como meio de autoexpressão.

O processo de ingressar no ambiente que aqui descrevo, os elementos anteriores e posteriores desta imersão, revela aspectos cruciais da vida do adolescente, que o marcam de alguma forma. Pode envolver tanto frustrações com aqueles em que ele depositava uma fé e uma confiança (pais ou aqueles que ocupam tal função), como também posicionamentos mais arrojados de sua experiência em criar uma identidade e de se relacionar com pessoas e grupos. Um ingresso em um cenário particular de interações vem a ser um despertar e um enfrentamento que pode ir de encontro a convenções. Antes de tecer outras considerações, continuemos dando atenção à Nina. A este respeito, vejamos o seguinte trecho de depoimento:

Comecei a andar no Fafi por que o Pedro pediu [amigo gay e “estiloso” da garota]. Quando eu ia pra lá, eu me sentia só mais uma, e eu não gosto disso, eu gosto de marcar, sabe? [Quando você começou a gostar de rock?] Eu comecei a gostar de rock quando meu pai foi embora. Bem, minhas notas caíram, eu vivia recebendo carimbo de taferas não feitas... ai comecei a virar roqueira. Primeiro o rock gay, coisa leve, ai depois foi ficando mais rock mesmo. Ah, lembrei. Eu comecei a andar no Dragão, sabe [refere-se ao fato de quando começou a sair, vez que o Fafi para todos eles veio depois]. Viviam me chamando, e ai me deu uma revolta, meu namorado na época me deixou. Eu estava esperando em casa super arrumada, ele não veio, e o Pedro me chamou e eu fui. Então comecei a ir por que eu queria mesmo. Comecei a beber e tal, mas não pra andar caindo por ai [Ela estava ficando com a primeira das minhas informantes. Então pergunto “você ficou com aquela menina por quê?"]. Não sei. Eu acho que por uma curiosidade. Eu via nela uma pessoa da mente pura, mas muito diferente, meio doida também haha; mas uma pessoa pura... parece até que ela era mais idiota do que eu. [Mais foi a primeira menina que você ficou?]. Não. Foi com a minha melhor amiga. A gente tava numa festa [ela já curtia rock] e o ex dela estava lá. Ela veio chorar e tudo. Então eu disse “se você chorar, eu dou um murro na sua cara”. Então eu tirei ela pra dançar e ficamos lá dançando. Então começou uma música lenta, e o ex dela veio pra perto da gente, apareceu lá com uma menina. Então eu olhei pra ela e beijei ela, a gente ficou se beijando. Quer dizer, ela *retribuiu* e então...

As experiências da infância, do modo como vinham ocorrendo, são interrompidas, sendo o marco “meu pai foi embora”. É um “final” de uma época que também é um ponto de partida para as novas experiências em torno das quais a música de rock passa a ocupar um papel importante na narrativa que o indivíduo procura construir e transmitir, tanto como uma forma de narrativa para si mesmo, como para comunicar algo sobre sua identidade, preferências e gostos para os outros. Neste sentido, é uma forma, uma estratégia de se conectar com outras pessoas que vivem situações e possuem gostos similares.

Esta postura não é apenas, simplesmente, exercida em público (como o beijo na amiga para chocar, mas sobretudo como um meio diferente de dizer “nós não

precisamos de você”), mas ocupa um papel crucial no âmbito das relações interpessoais, onde se pode discutir abertamente questões e, portanto, ser mais franco e direto. “Eu digo pro meu pai que ele errou. Num tô nem aí”. Estes elementos, como revelados em diversas outras situações (“eu cheguei prus meus pais e falei que sentia atração também por meninos. Então eles disseram que não tinha problema, que depois eu iria me decidir”), na realidade constituem uma propriedade da mudança de valores desta geração: ao contrário do modo velado e silencioso que determinados assuntos são administrados e “aceitos” nas relações interpessoais de gerações anteriores, eles “escancaram” suas identidades, como naquele caso aqui mencionado: “quando eu tinha 12 anos, eu cheguei pra minha mãe e pra minha tia e disse que gostava de meninas e que era emo. Aí elas me trancaram no quarto com medo de eu sair e fazer besteiras”.<sup>92</sup>

Em consequência disso, alguns adolescentes acabam por pagar um preço alto por assim procederem, como a indiferença. Não se perceber como importantes pode fomentar sentimentos de solidão, o que pode resultar, dependendo do contexto, das experiências vividas e do nível de sensibilidade de cada indivíduo, em sofrimento psíquico até maior do que aqueles resultantes dos confrontos verbais e agressões físicas.

Frequentar o Fafi dos *unders*, a partir de certo ângulo de proximidade, naquele processo de adensamento e apropriação do espaço, facilita a proposta de “atravessar” as camadas estéticas em busca dos relacionamentos, em busca da intimidade, o lar, o quarto, o “núcleo duro das emoções” ou o *emotional hardcore* como uma metáfora para compreender certas dimensões das subculturas pós-punks hoje.

\* \* \*

Após algum tempo, finalmente conheço um garoto muito comentado em conversas episódicas e entrevistas com outros informantes, descrito como “bastante emo”. O garoto, com apenas 14 anos de idade, tinha um visual bem alinhado ao que se entendia como sendo próprio desta subcultura. Relatou-me que havia confessado

---

<sup>92</sup> Estou aqui apenas exacerbando tipos ideias. Obviamente uma e outra manifestação dentre abertura, fechamento, velado, exposto, tem ocorrido no passado e agora. A ideia tem a ver com o conceito de relação pura (GIDDENS, 2002), onde a satisfação psicológica e o envolvimento são cada vez mais intrínsecos à própria relação do que as motivações externas ou tradicionais, de parentesco.

para os pais que era gay, e que estes não se importaram. O sentido envolvido aí, vale pontuar, é de indiferença do que de aceitação, algo como “curto-circuito no movimento de exteriorização dos afetos” (ROLNIK, 1989, p. 38). Observemos trechos de conversas que julgo serem relevantes para os propósitos deste estudo.

Eu sou Carlos [“Ei, doido! Ele é homem hehe”, ironiza um rapaz próximo a nós]. Por quê? Eu pareço uma mulher? Estou com sono. Doido para chegar em casa [Isso porque estamos no horário do *virar*, perto das 5hs da manhã]. [Você fala que os de fora nunca irão entender. Por quê?]. Eles sempre vão te jogar, mas eles não sabem os motivos que leva a pessoa a fazer isso. É uma coisa meio patética uma pessoa julgar outra. Como julgar um livro pela capa. As pessoas não sabem os motivos pelos quais... acham que é uma retardação. Mas é melhor do que descontar em outras pessoas ou... sei lá! Você tem alguma coisa e você vai quebrar pra descontar a raiva que você quer expressar? Já viu o vídeo “Antes de fazer o primeiro corte”? É bem legal. [Você já teve pensamento suicida?]. Já. Eu já tentei me matar enforcado. Eu já tomei amoníaco, um negócio pra pintar cabelo, bem, pra descolorir, na verdade. [Por que você simplesmente não se cortou ao invés de fazer isso?]. Por causa que... eu já tava todo cortado. Foi um motivo meio tosco... um cara que fez da minha vida um inferno. Ele me iluiu e depois brincou [o garoto reluta em falar detalhes]. [Voltando à questão do autoenvenenamento]. Tipo, na boa, acho que eu só não morri porque o cachorro começou a latir, e eu estava vomitando muito sangue. Ai minha prima foi lá em casa, e eu já tenho gastrite. Ai ela me viu e me levou para o hospital. Ai me deram carvão, velho!, passado no liquidificador. Ai fiquei uns três dias sentindo dor no estômago, vomitando sangue, às vezes, até. E depois no terceiro dia eu já tava bebendo na Praça [a PP]. E a garganta toda fudida e eu fumando, haha.

Como já vinha percebendo, “a questão emo” parece levantar mais controvérsias na cena *under* do que, por exemplo, a bissexualidade. Ser emo parece um tabu maior do que quaisquer outras incursões; praticamente ninguém se assumia como emo, ao passo que a expressão “bi” era um lugar comum.

[Pergunto sobre músicas e o estilo emo, dado seu visual bastante *insider*]. Eu escuto música emo. Eu não sou emo. Olha ali praquela menina, que você vê um emo, haha! [Aponta para uma colega próxima, que inclusive se cortava há época, no que ela devolve “olha pra ele que você vê um emo”]. Ele prossegue em sua descrição]. Não é só isso [estética, visual]. Um emo é sensível, num tem meio que uma sexualidade definida, ele não gosta de violência, é super amoroso... é super contra o preconceito.

Estes tipos de depoimentos trazem elementos bastante similares aos de outras pesquisas, como relatos em um dos raros estudos de antropologia sobre autolesão adolescente. Casadó e Marín (2009) cita a história de uma garota colombiana de 16 anos de idade que havia ficado longe de seus pais até os 9 anos de idade e praticado automutilação. Nesta idade, ela deixou de morar com os avós na

Colômbia e foi para a Catalunia ficar com os pais. Ainda na Colômbia, a garota relata ter se identificado com a subcultura emo.

Basically, it was about fashion at first. At the beginning when I started to be interested in Emos, the main attraction was their appearance. I didn't really know what an Emo is like, how an Emo thinks, but when I started looking a little deeper I realized how profound their philosophy is. Maybe I was also attracted to Emos because of the feelings I share with them, because I was feeling alone and gradually I started to identify with what it means to be an Emo...( p. 80).

A relação entre o *ser emo* ou *ser under*, a automutilação e os locais de interação parecem ter conexões complexas. Nos espaços de autonomia, onde pude manter contatos e interações, bem como pude observar as formas de consumir, às vezes assumindo riscos, como no caso em questão, (“bebendo na Praça”, “garganta toda fudida e eu fumando”), há uma ética que pode influenciar o comportamento (“super contra o preconceito”, “não gosta de violência”) a ir em direção à autolesão (automutilação e auto-envenenamento). A noção de autonomia como um valor ou uma ética pessoal, dentro de um contexto de perda de si mesmo, pode ser também inferida, como no seguinte relato de uma jovem de 17 anos de idade. Na época da coleta de dados, ela se cortava; outro informante referia-se a ela carinhosamente como “a emo doida, revoltada e rabugenta”. Ela havia terminado um relacionamento com o pai de seu filho e tentado sem sucesso reatar um namoro anterior com uma garota:

Estávamos super bem, mas eu continuava gostando da Raí. A gente se falava sempre no MSN e tals. Ele me prendia muito, me sentia uma presidiária, não podia nem respirar. Logo após terminar com ele, eu voltei pra Raí. Daí a gente tentou, mas aí acabou nem dando certo. Depois disso, passou uns tempos conheci um cara, mais velho, 10 anos mais velho. Ele me pediu em namoro. Daí foram momentos de muito sexo e Ozzy Osbourne. Era muito boa a convivência e tals, ia sempre pra casa dele, conhecia a mãe dele. Mas no fundo senti falta de algo... carinho e amor, coisa de pessoas que se apaixonam e tals, queria sentir isso novamente. Achava que só sexo não era o suficiente pra me sentir feliz. Então terminei com ele. **Ai fui levando uma vida estranha, andava sempre no Dragão e na PP, bebia exageradamente, fumava, e ficava com qualquer um que aparecia pela frente...**

\* \* \*

Como se pode observar a partir dos relatos acima, o modo um tanto “solto” com que o termo *corte* vinha aparecendo nas rodas de conversa (algo do tipo, “em 2011 não estudei, só me cortei hehehe”), em meio aos encontros do gramado, vão dando lugar a depoimentos que agregam maiores detalhes à investigação, como quando obtive as primeiras “confissões de rua”, a exemplo das anteriores.

A criação daqueles espaços no bloco de ruas do Fafi criou maiores oportunidades para aprofundar alguns temas e conhecer mais de perto a história das pessoas, antes que, devido ao enorme fluxo de jovens, o Bar viesse a fechar, em 24 de novembro de 2012, e a cena fosse desmanchada. Isso porque, após um tempo, com a chegada dos *unders* à cena indie do Fafi, vieram também os “oportunistas”, assaltantes que trouxeram instabilidade ao local, levando os donos do estabelecimento a não renovarem o contrato de aluguel com os empresários do bar (é importante ressaltar que mais dois bares vizinhos já haviam fechado)<sup>93</sup>.

Numas dessas noites agitadas do Fafi, conheço Juliana, com quem pude manter longos contatos, mesmo após a cena ter evaporado, assim como com outros jovens mais próximos a ela. Ela é uma garota de 17 anos de idade com feições e voz ainda de criança. Baixa, cabelos pretos, rosto arredondado, estilo alternativo, fã de bandas de rock *emocore*, mas também de rock pesado.

Mais afastados da agitação do gramado, em uma calçada próxima, ela me revelou detalhes de sua vida íntima. A garota me mostrou os cortes, apontando as partes do corpo onde desferiu a lâmina – barriga, pernas e até nuca. Ela se percebia como uma menina antipática e que não se achava bonita. Sempre que me revelava seus dramas pessoais, sentia vontade de chorar, porém explicava com muita clareza sua condição. Sem estremecer a voz, explicava sobre como funciona o “se cortar” (nos estudos acadêmicos, é automutilação, autolesão, sendo que *cutting* foi uma das formas que apareceu nos relatos).

---

<sup>93</sup> Estava ficando cada vez mais complicado fazer pesquisa de campo nas madrugadas, entre o Fafi e o Dragão. Isso fez com que as idas a estes locais fossem cada vez mais raras, no que fui me reservando mais ao ambiente da Internet, oportunidade também em que me aproximo do Tumblr, que conheci graças a uma informante que utilizava esta rede para falar de suas tristezas e de seus cortes. Vale ressaltar que durante o ano de 2013, a rede Tumblr explodiu em automutilação, como que um grupo tivesse se reunido e decidido fundar ali um lugar para sobreviverem, semelhantes ao gramado do Fafi. Como veremos, esta é uma das razões por que o Tumblr passou a inserir alertas para os conteúdos, inexistentes quando passei a navegar por lá.

Segundo ela, o *cutting* não se trata de uma autopunição, por se sentir culpado por alguma coisa. [Faça um corte em mim, então]. "Não, menino, até em mim vai doer se eu cortar agora. Tem que estar sentindo alguma coisa". O ato está relacionado a um sofrimento que deve ser contornado de alguma forma. Algo como "fico preocupado em estancar o sangue, e isso faz me esquecer do problema", como dirá outro informante pela Internet. Para a garota, o sangue é um substituto das lágrimas, que o indivíduo já esgotou de tanto chorar. Nessa condição ou estado, de acordo com ela, o corte não dói. Ele, na verdade, alivia o sofrimento.

A garota tem problemas sérios de aceitação por parte de sua mãe. Ela "já me bateu, inclusive à paulada nas costas. Só parou quando viu que tinha sangue". Quando foram ao médico, os motivos do ferimento foram disfarçados pela garota. "Eu não quis comprometer ela". Juliana ainda me revelou que sua mãe a acha uma garota feia, pois "ela disse que não gosta do meu corpo... Eu não tenho autoestima nenhuma".

A garota tinha um laço afetivo mais forte com o pai, que havia morrido há algum tempo em consequência do alcoolismo. A mãe dela era agredida por ele, e as duas tinham uma relação bastante difícil. "Tenho muito medo de minha mãe quebrar meu computador. A Internet ainda é tudo o que me resta". A pensão que o pai lhe deixou é usada toda para pagar as despesas da casa. Ela consegue também descrever o modo como sua mãe lhe dá as coisas ou dinheiro, "é muito frio". "Ela viaja e eu fico o final de semana em casa".

Ela me confessa que tentou suicídio bebendo gasolina que pegou de uma amiga. O combustível estava em uma garrafa há bastante tempo, na garagem da residência da colega. Levou-o para casa e tomou dois grandes goles, passando mal imediatamente, sendo resgatada por uma vizinha. Ela fez isso devido ao fim do namoro com um rapaz, algo como "o corte de Burroughs".

Em uma das interações via Internet, ela me contou que eu iria adorar conversar com uma garota com quem havia "ficado" (sabia que eu tinha um interesse de "estudar" por pessoas como ela): "Ah... você vai adorar conversar com ela. Ela é emo e usa craque. É bastante problemática". Basicamente, isso mostra como ela possuía plena consciência de sua condição, particularmente, dos seus cortes: "Não me orgulho de nada disso... Queira não precisar fazer isso".

Parecendo conhecer um pouco do que ocorre em sua cidade, a partir de situações que ela mesma presenciou, comparou o seu ato ao modo como outras pessoas o faziam:

Pensam que é bom. Eles se cortam na frente de todo mundo, na praça. Nan! Tenho coragem não [Qual praça?]. Lá em Pacajus. [cidade da Região Metropolitana de Fortaleza]. [Mas na sua cidade esse povo que se corta é muita gente?] Nan! Pacajus só tem pirangueiro, gangueiro. Esses meninos que gostam de forró, Racionais [uma banda brasileira de rap]. E playboy também, filhinho de papai. [Então você é da galera underground?]. É. Alias, eu acho que sou normal. Mas o gênero de música que mais gosto é o rock.

Nesta fala, ela faz uma associação que parece sutil, entre o gosto musical e a prática de cortes, que também é uma associação entre estilo de vida e felicidade, já que o corte é para ela algo de que não se orgulha. [Você tentou suicídio só uma vez?] “Nan! Um monte de vez! Eu já tentei me enforcar, já tomei água oxigenada, já tomei querosene, já tomei 56 comprimidos... Um monte de vezes. Da última vez, foi quando eu saí de casa”.

\* \* \*

Atentemo-nos para o depoimento do jovem Miguel, de 20 anos, que mora na periferia de Fortaleza e estava bastante ligado ao corte. Este rapaz revelou que estava escrevendo um livro sobre automutilação e enviou alguns de seus trechos via SMS, procurando transmitir a ideia de superação do corte e dos problemas. Apresento aqui as partes que julguei mais significativas do diálogo que tivemos:

Eu gosto mais da minha avó do que da minha mãe. Tipo assim, minha vó não entende muito essas coisas, ela sabe que eu sou [gay], mas ela me ama do mesmo jeito. Ela tem 69 anos. Eu sei que no fundo a minha mãe me ama, mas ela não me entende. É assim: você chegar a casa, não ter ninguém pra conversar. Fica sozinho no quarto, ninguém pra conversar [Ele tem Internet no quarto]. A única coisa que eu ainda tenho é notebook, telefone essas coisas. Por que em casa não converso com ninguém. Eu tentei fazer muita amizade com minha mãe. Tipo, eu contava pra ela com quem eu saía, com quem eu ficava, mas ela nunca compreendia. Sempre me criticava por alguma coisa. Sempre reclama de alguma coisa. [O namorado interfere e faz algumas revelações: “tipo, ele deu o dinheiro da faculdade todinho pra ela, e ela deu parte pru irmão, e este irmão não trabalha, ai ela pede tudo pra ele”]. Caralho! Me cortei, mas tá tão bom! Este assunto não me incomoda, na verdade desabafa. Por que tipo, ficar com aquele negócio entalado na garganta é horrível... é horrível! Quando você é sozinho, você fica com aquele sentimento. A minha mãe, aquela que deveria me dar maior amor, aquela que devia me dar muito apoio... Talvez eu seja uma pessoa muito ruim.

É importante compreender alguns dos aspectos que diferenciam ações autolesivas, especialmente a automutilação e o suicídio, e isso pode ser feito a partir dos contextos de fala dos próprios envolvidos, não apenas como uma forma de dar voz ao sujeito e perceber que existem elementos muito além das noções de desequilíbrio ou de fragilidade psicológica. Na realidade, um dos ganhos do estudo empírico, saindo dos consultórios e abordando fatores sociais mais abrangentes, é observar que, na realidade, esta geração da era da informação parece ser mais firme em suas posições, mais aberta ao diálogo, e talvez por isso, padeça mais da atual onda do corte. Mais abertos e, portanto, mais sujeitos às armadilhas e contradições em meio à sociedade e à vida interpessoal.

Sendo este o caso, observemos partes de publicação no Tumblr, ocorrida mais de um ano depois que obtive o relato acima, do *blog* de um adolescente, [byeternasolidao.tumblr.com/](http://byeternasolidao.tumblr.com/) (Eterna Solidão). Trata-se de algo que remete a uma condição básica, na qual o recurso tecnológico dá vazão a uma necessidade social, como discutido anteriormente na metodologia, acerca da “rede social do corte”, ou seja: ↻, onde um adolescente toma a publicação de outro, aqui no caso, Heroi-Ignorado, para o seu próprio *blog*. Ambos os *blogs* foram constituídos para vivenciar a depressão e o suicídio, para falar sobre isso, talvez uma forma de terapia (“este assunto não me incomoda... desabafa”, como diria o informante Miguel, quando questionei se o incomodava ao falar sobre temas que o afligiam).



**[byeternasolidao](#) ↻ [heroi-ignorado](#)**

**Meus pais nunca vão me aceitar, falo isso com toda certeza do mundo.** Não estou falando de pais que tem medo que seus filhos sejam mortos pelo preconceito e intolerância do mundo. Não estou falando de pais que nem sebe o que é homossexualidade... [...] Estou falando de pais que deixam de amar seus filhos e os jogam na rua. Estou falando de pais que espancam em nome da cura, que proíbem seus filhos de saírem na rua. Estou falando de pais que expulsão seus filhos de casa na madrugada para que os vizinhos não percebam. Estou falando de pais cegos pela religião. Estou falando de pais homofóbicos!!

No final, o Heroi-Ignorado completa:

"Jornal - Reporter: Morre garoto de 18 anos, vitima foi morta por ser gay. Meus pais: Só um? Deveriam matar todos!! - Colheu o que plantou".

Voltemos para o entorno do Fafi, em meio a toda aquela agitação, para a calçada: “Todos os dias eu penso em suicídio. Mas sei lá! Pra que eu vou me suicidar?”

Talvez melhore, eu sempre tenho uma esperança”. Esperança é um sentimento fundamental, e ele pode ser sustentado pelo compartilhamento e pela possibilidade de diálogo, como em “Este assunto não me incomoda, na verdade desabafa [...]. Quando você é sozinho, você fica com aquele sentimento”, ou como na Figura 23, oportunidade na qual o indivíduo, quando daquele pesadelo de estar sozinho, consegue apoio, mesmo que no anonimato.

Antes de apresentar outras questões e discuti-las, nos capítulos a seguir, a partir de outros estudos, da experiência com estes sujeitos em torno da dor e do sofrimento e de como isso também tem sido expresso nas suas mídias, trago aqui duas reflexões pontuais. Uma delas é a oposição que há entre o suicídio e a automutilação e, talvez por isso, a autolesão tenha sido denominada em alguns estudos por *non-suicidal self-injurious* (NSSI)<sup>94</sup>.

Enquanto o suicídio é uma desistência da coragem de seguir, ou evitar fortes constrangimentos sociais gerados por situações que para o indivíduo são intoleráveis de suportar, a autolesão em forma de automutilação parece ter se tornado em um método, às vezes intuitivamente aprendido, outras vezes por meio de pesquisas na Internet (conforme os próprios informantes me sugeriram pesquisar). Serve para sobrepujar dores emocionais, causando sensações de alívio. Aliviado, o sujeito pode seguir o seu deslocamento no tempo-espaco das suas experiências em meio às suas condições sociais<sup>95</sup>.

Em uma abordagem neurocientífica, Teixeira (2006), para quem a dor é um fenômeno biopsicossocial, afirma que “o sofrimento é a resposta emocional negativa à dor” (p. 47); sustenta que, após um processo de dor, fatores como a condição emocional e mesmo experiências pregressas e presentes afetam a eficiência das endorfinas na atuação do alívio físico e emocional.

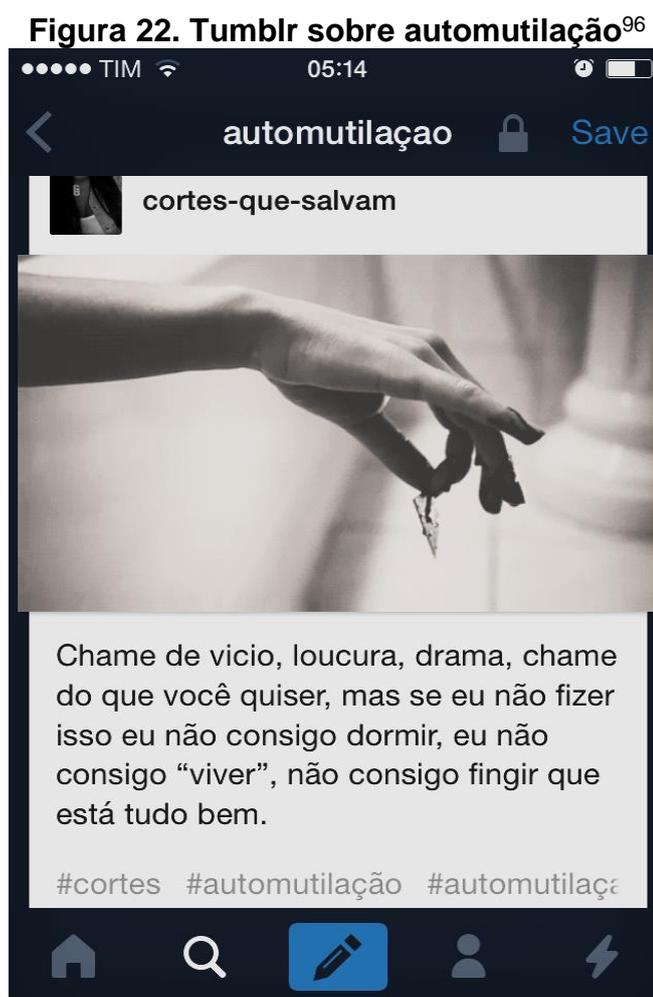
É preciso lembrar que alguns atos de autolesão ocorrem originalmente motivados por autopunição ou em momentos de fúria. Acidentalmente ou não, a sensação de relaxamento proporcionada pelo corte, a endorfina liberada, acaba fazendo com que o indivíduo “descubra” um efeito prazeroso, porque o hormônio atua na melhora das emoções. Em parte, isso faz retornar ao corte quando diante de uma

---

<sup>94</sup> Autolesões não-suicidas.

<sup>95</sup> Acerca deste aspecto, interessante que alguns comentários de críticos amadores sobre o filme *O Quarto do Suicídio* protestam que o diretor tenha matado o personagem Dominik, pois na visão deles “a juventude quer viver”.

nova experiência negativa. Este retorno, que pode ter características de vício, se dá não necessariamente pelo hormônio em si, mas pela continuidade da condição – poderíamos dizer, de um tipo de privação – que causa o sofrimento existencial. O curioso é que alguns adolescentes e jovens já nem lembram o motivo de terem se cortado, o que não significa que estejam vivendo de forma emocionalmente satisfatória (ver Figura 22).



Fonte: *Print* de tela do aplicativo Tumblr para celular

Isso remete à próxima reflexão: por que o corte? Sabe-se que o corpo produz analgésicos naturais, havendo a liberação de endorfinas (endo de interno, então, a morfina do corpo), quando ocorrem ferimentos. Basta uma pesquisa, no Google acadêmico, com a palavra endorfina e depressão, e seremos reportados a diversos artigos sobre as implicações deste neurotransmissor para a dor, a depressão e a ansiedade. Basicamente, a endorfina:

<sup>96</sup> Usuária do Tumblr com uma postagem que fala dos cortes como uma dependência.

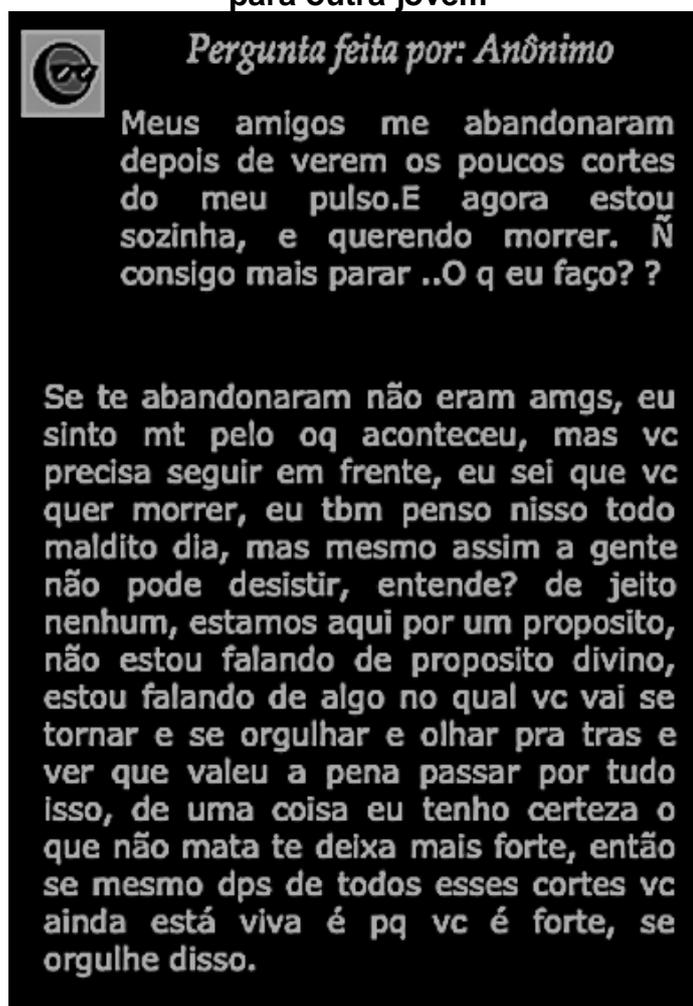
Atua como calmante natural: alivia a sensação de dor. Em um machucado, receptores na pele produzem sinais elétricos que vão da coluna espinhal ao cérebro. O cérebro então avalia a dor, que será negociada pelas endorfinas enviadas para ligação com receptores dos neurônios. A quantidade de endorfina liberada é relacionada à quantidade de dopamina. Em alguns casos, dependendo das concentrações de cada uma, a dor pode ser substituída pela sensação de prazer (DE ANDRADE *et al.*, 2003, p.).

Diante destas reflexões, é possível indagar sobre a complexidade envolvida na relação entre o contexto ou o ambiente externo (o mundo das relações e da cultura) e os atos que aparentemente parecem ser governados apenas por uma mente, de uma subjetividade frágil e confusa diante da necessidade de se relacionar com o outro, como é o caso do *cortar-se*. Quando os informantes falam do corte como algo viciante, ou do álcool e daquela necessidade inadiável de fumar, a endorfina parece não ser muito distante, por exemplo, do LSD da era hippie. Vale citar aqui uma breve história relatada por Crapanzano (2005):

No meu último ano de faculdade em Harvard, para ganhar algum dinheiro, amigos meus participaram de experimentos psicológicos em que lhes era fornecida uma droga – eles não sabiam do que se tratava – e tinham que relatar o que experimentaram. Eles viam luzes, estrelas, “efeitos de luz como a aurora boreal”, como disse um deles. Isso era tudo. Eles tinham tomado LSD. O psicólogo era Timothy Leary. Alguns anos mais tarde (se tanto), eles estariam viajando, encontrando seus duplos, banhando-se em êxtase, voando para os céus, descendo aos abismos infernais, experimentando o nirvana, sofrendo os prazeres boschianos do Jardim das Delícias Celestiais, em contato com seus arquétipos. Alguns atravessariam a última fronteira, perderiam seus rumos e nunca voltariam. Para quê? Nunca me esquecerei do dia em que um de meus alunos em Princeton veio à minha sala sob efeito de ácido, desejando, como ele me contou, nunca mais sair daquela viagem. Foi um dia depois dos assassinatos na Kent State University... (p. 371).

Tanto em um caso como no outro, somos levados a compreender que atos, substâncias e rotinas precisam de um contexto social para “para ter vida”, não tanto obscuros quanto parecem. As “loucuras” daqueles jovens que fazem ferimentos no próprio corpo, de quem procura lidar com uma determinada realidade, como aquele aluno de Crapanzano que esperava não sair mais da “viagem”, no clima de protestos contra a Guerra do Vietnã em 1970, parece não ser algo tão absurdo, irracional, quando observadas diante de uma determinada configuração ou contexto social num dado momento histórico.

Figura 23. Recorte de diálogo do Tumblr: conselho de uma jovem que se corta para outra jovem



Fonte: Cortes que salvam, Tumblr, [2013],<sup>97</sup>

Estes e outros elementos, de posse do presente relato e das primeiras interpretações dele resultantes, suscitam algumas reflexões, além de discussões junto a definições e categorias já existentes sobre a autolesão, no que passarei a deter-me na próxima seção.

<sup>97</sup> Cortes que salvam, Tumblr. [2013]. Disponível em: <<http://Cortes-Que-Savam.Tumblr.Com/>>. Acesso em: 20 out. 2014.

## 4. A ESCALADA DA AUTOLESÃO ADOLESCENTE

### 4.1. Considerações iniciais

A autolesão manifesta-se de várias formas e possui diversos tipos de motivações (ADLER; ADLER, 2007; BOUDEWYN, LIEM, 1995; HORNE, CSIPKE, 2009). Alguns indivíduos são capazes de fazer cortes nos braços, pernas ou barriga, às vezes acarretando em ferimentos profundos que levam à necessidade de cuidados médicos. Queimar a pele com pontas de cigarros ou machucar o corpo com pancadas são outras formas de autolesão.

Pela sua própria natureza, como anteriormente discutido aqui, o ato invoca ideias negativas e preconceitos dirigidos àqueles que assim se comportam, geralmente oriundas do senso comum e de reproduções apressadas da mídia. Ou seja, os indivíduos são vistos como pessoas mentalmente transtornadas, que não possuem amor próprio. O crescimento da autolesão, especialmente na sua forma de automutilação, não somente tem levado muitos jovens aos consultórios médicos e clínicas terapêuticas, mas também tem aberto um campo de publicações distinto<sup>98</sup>.

Em ambos os casos, os elementos importantes envolvidos no ato de se cortar podem ser subtraídos, sobretudo uma visão que dê mais relevo aos aspectos sociais e culturais, que pode induzir a pensar ou enquadrar toda conduta autolesiva como sendo de fato autodestrutiva, em *stricto sensu*. De um modo simplesmente objetivo, sim, qualquer ato contra o próprio corpo pode ser autolesão, seja ele fruto de desafio ou de sentimentos angustiantes, ou ainda de imitação como necessidade de ganhar aceitação de um grupo. Porém, para o pesquisador, interessa desvendar o ato que tem conexões mais profundas com as inquietações da personalidade, com os conflitos relacionados a contextos interpessoais emocionalmente problemáticos para os atores que os vivenciam.

---

<sup>98</sup> Relatórios de pesquisa e guias de ajuda, no intuito de esclarecer as pessoas sobre a automutilação e o suicídio e de como preveni-los têm sido recorrentes durante os anos 2000. Este foi o período também em que o *self-harm* tornou-se mais discutido e os primeiros casos de “suicídio emo” vieram à mídia. Ver, por exemplo, Lord Alderdice (2010), Richardson (2006), Strickland (2006), De Leo (2004), Lelliott (2004) e Prasad (2001).

**Figura 24. Reunião informal de jovens da cena<sup>99</sup>**



Fonte: Próprio autor, outubro de 2012 (captura de tela de vídeo)

Assim, o extenso trabalho de investigação empírica possibilita-nos propor algumas interpretações. Parte significativa deste trabalho, como visto no capítulo anterior, foi realizado nos locais onde os adolescentes da *cena* criaram uma rotina de encontros, onde é possível observar reuniões informais (ver Figura 24). De posse das primeiras elaborações decorrentes da observação participante, nos tópicos a seguir, tratarei da fronteira ambígua que envolve a conduta *underground* hoje e o que parece ser visto muitas vezes como “aderência positiva ao *self-harm*”, em meio a determinados mecanismos de controle socialmente engendrados.

#### **4.2. A conduta de risco e as fronteiras existenciais do *self-harm***

É comum, nos pontos de encontro de jovens *undergrounds*, o consumo de bebidas alcoólicas, cigarro ou mesmo de drogas. Estes encontros ocorrem nos fins de semana – não apenas nos locais escolhidos para esta pesquisa, mas também em

---

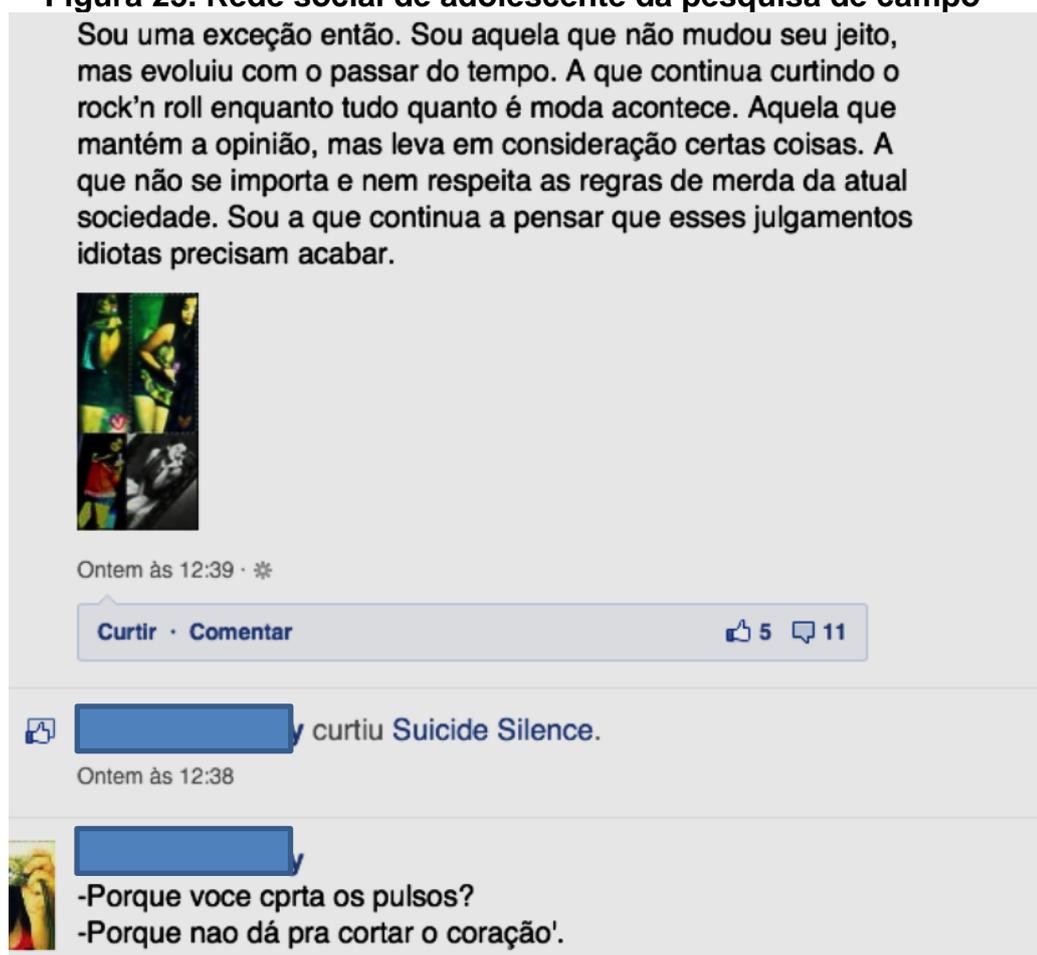
<sup>99</sup> Noite de sábado, movimentada calçada em frente ao começo da rua do fafi (Ponto D).

pracinhas de bairros periféricos de Fortaleza – em lugares públicos de grande circulação: a Praça Verde do Centro Cultural Dragão do Mar, a Praça Portugal e o entorno do Fafi Bar, todos, como vimos, com certa proximidade geográfica entre si. Estes três espaços, ao serem eleitos e apropriados por este segmento de jovens para suas atividades – um processo criativo, de fato – constitui o cenário *underground*, sem os quais estas mesmas atividades não seriam possíveis do modo como foi observado. “A apropriação é uma maneira de materializar uma parte do seu universo mental no espaço físico ambiente, para o fazer nosso” (FISCHER, 1994, p. 82). O ambiente assim recriado e rotinizado, a exemplo do gramado do Fafi, torna-se um rico campo empírico, por aglutinar uma diversidade de “tribos”, tanto os “extremos”, os moderados, os simpatizantes ou aqueles tachados de *posers*, quando vistos como alguém que copia elementos de uma determinada subcultura apenas para tornarem-se populares entre os grupos, mas que não são autênticos apreciadores de música de *hardcore*.

Nas reuniões informais são formadas diversas possibilidades de encontros, em meios aos quais os atores decidem e definem o que será feito e o que será utilizado para consumir, uma vez que consumir é um importante aspecto para a socialização e a identificação (SLATER, 2001). Isso dependerá do estilo dos participantes dessas reuniões e da sinergia resultante de suas interações. O que é feito e utilizado varia desde o simples papear até (às vezes nos encontros menos expostos publicamente), troca de carícias íntimas entre mais de duas pessoas, namoro homossexual, consumo de drogas, embriaguez decorrente do abuso de álcool e, mais raramente, automutilação em grupo. Para os de fora, muitos desses elementos que compõem as interações pareceriam inapropriados ou repulsivos. Desde a simples aparência até o comportamento (os modos, como dirá um interlocutor do campo), muitos destes jovens destoam dos padrões que a sociedade normativa tende a recompensar.

Mas não são todas as condutas presentes em reuniões que constituirão o que chamo de tendência autodestrutiva – termo este que, além do que foi tratado no Capítulo 2, merece uma problematização, como veremos no decorrer da análise nesta seção. Não basta simplesmente utilizar bebidas, drogas, cigarros e outros “elementos de risco”, sendo o vício o mais óbvio em termos de consequência. Os encontros dizem respeito antes a interesses ou motivos de reunir-se com indivíduos que partilham anseios e gostos em comum. Da mesma forma, adentrar em cenários desta espécie não é uma garantia de provar da automutilação.

**Figura 25. Rede social de adolescente da pesquisa de campo**<sup>100</sup>



Fonte: Captura de tela de rede social.

Por esta razão, embora ao final do *encontro*, após as atividades realizadas na reunião, alguns adolescentes terminem desacordados em calçadas, muito do que se observa pode não passar de experimentação episódica, atitudes mais ousadas que, na realidade, não são incomuns entre os 15 e 18 anos de idade, ainda mais quando se trata de sujeitos que se empenham em ser e agir de modo a fugir de enquadramentos “normais” (alguns interlocutores do campo “*off-line*” ou do meio virtual falam em “povo comum”, “sociedade hipócrita” ou, como no exemplo da imagem acima, “regras de merda”).

Nesta linha de raciocínio, mesmo a automutilação, especialmente quando é feita em grupo, deve ser interpretada com cautela. Nem toda automutilação pode ser definida nos moldes daquilo que, ao menos preliminarmente, se entende como resposta a um drama existencial crônico, originado por diversos fatores, como

<sup>100</sup> Na imagem recortada, a garota expressa opiniões que são comuns entre os frequentadores da *cena*, como também o gosto pela banda de *deathcore* Suicide Silence.

problemas familiares, situações econômicas ou emocionais caóticas (ALFONSO; KAUR, 2012). Acaba sendo não muito diferente das aventuras com álcool e drogas, como requisitos de sociabilização e integração a um grupo, da mesma forma como a escolha de vestimenta (duplo *piercing* nos lábios inferiores, tênis All Star, meias rasgadas, camisas de bandas de rock...) é selecionada quando o sujeito dar provas de seu interesse e envolvimento (CHOLACHATPINYO *et al.*, 2002).

O uso experimental de drogas, álcool e, mais raramente, o ato de fazer cortes nos braços em público são exemplos do que se pode chamar de condutas de risco. Para Le Breton (2012):

Las razones de poner en peligro su vida para poder existir son numerosas y conflictivas, sólo la historia personal del joven es susceptible de esclarecer el sentido de su pasaje al acto, mientras que otro, viviendo una situación cercana, parece estar satisfecho o toma conductas diferentes. Las conductas de riesgo tienen su origen en el abandono, la indiferencia familiar, pero también, a la inversa, en la sobreprotección, especialmente maternal. Muchas veces está presente la descalificación de la autoridad paternal (p. 2).

Empenhar-se, nestas condutas, pode fornecer um vínculo para que os adolescentes sustentem um conjunto mais ou menos comum de interesses, a partir dos quais determinadas práticas, por algum motivo, vão parecendo ser excitantes para eles, acabando por serem cultivadas numa rotina de experimentação e risco (ver Figura 26). Este quadro de experiência pode relativizar o impacto dos efeitos negativos de atitudes que, à primeira vista, parecem equivocadas, especialmente para os de fora. Ou seja, ao exagerar com drogas ou bebidas e perder a consciência em um dado momento, o adolescente não deixa de retornar ao cenário onde sofreu o incidente, mantendo sua trilha de interesse e escolha, talvez por que seja aquilo que ele dispõe, de fato, ou ao menos por que uma parte importante dos seus anseios por sociabilidade esteja direcionada para estes cenários alternativos. Daí porque a insistente reprovação dos *outsiders* – por exemplo, os pais que proíbem as idas à PP – não surtir qualquer efeito para impedir que o jovem mantenha sua rotina. Do ponto de vista do sujeito, o ambiente e aquilo que nele é realizado não é apenas uma forma de fugir dos problemas pessoais, mas uma maneira de construir sua identidade ao passo que lida com suas emoções.

**Figura 26. Reunião under no Centro Dragão do Mar<sup>101</sup>**



Fonte: Próprio autor, novembro de 2011 (captura de tela de vídeo).

Adolescentes, nestas condições, como na imagem acima, é algo bastante comum no decurso desses encontros, que duram até o amanhecer (virar a noite, ou simplesmente virar). O enquadramento temporal destas rotinas é o fim de semana. Assim, por exemplo, ao serem questionados sobre a frequência com que fumam ou bebem, os adolescentes afirmam que fazem isso mais durante os fins de semana, quando estão com amigos, embora alguns poucos tenham relatado que gostam de sair para beber todos os dias. Isso leva a crer que o entusiasmo para fumar ou beber está diretamente relacionado à necessidade do *encontro*.

O ponto crítico é que a fronteira divisória entre a adoção de moda e estilo e a conduta de risco é tênue. Como vimos, muitos jovens em conversas informais declararam que bebem ou fumam exageradamente. Quem se arrisca apenas na adoção de uma moda de rua ao encarar um pouco de excitação casual com excesso de bebidas ou misturas com drogas, pode atravessar a linha que divide a sociabilidade

---

<sup>101</sup> Garota de aproximadamente 15 anos em um dos pontos de encontro da “galera *underground*”, DM, apresentando estado de total descontrole (rasgando a pele e arrancando os cabelos) após ingerir álcool misturado a algum tipo de droga.

e livre expressão de uma individualidade de um lado, e o submundo autodestrutivo do outro.

A este respeito, podemos considerar que, enquanto a automutilação é um aspecto particular – sua popularização é também recente – a conduta autodestrutiva, por sua vez, é mais abrangente. Tem sido uma constante na história dos movimentos contraculturais na cultura jovem. Muito do que foi registrado na obra *Mate-me por favor*, uma espécie de “bíblia” do punk, compilação de diversos depoimentos daqueles que viveram a época de ouro do movimento, ajuda a refletir sobre este aspecto. Vejamos um breve relato sobre Nico<sup>102</sup>, uma das mulheres mais bonitas daquele cenário. Ela foi modelo e vocalista do Velvet Underground, banda avô do punk:

Nico parecia uma criança, era uma pessoa infantil, muito doce, mas as drogas deixaram-na medonha. Nos anos cinquenta, tinha sido uma modelo famosa por causa daquele visual loiro alemão. Mas com todo aquele veneno em seu organismo, ela quis ficar feia, porque, se você quisesse ser aceito no mundo da droga, devia ser repulsivo e fazer sons feios. Por isso ela se esforçou pra parecer feia e fazer sons feios, mas era apenas uma trilha autodestrutiva na qual ela entrou quando se ligou em heroína [...]. Ela levou bastante tempo para morrer. Ela usava aquelas detestáveis roupas hippies de lã para disfarçar sua aparência, que tinha se deteriorado com o vício (MCNEIL; MCCAIN, 2004, p. 225).

É preciso separar o consumo episódico de álcool do consumo como manifestação de um comportamento de risco, mais profundo em termos psicológicos e de história de vida do sujeito. A mesma coisa se aplica ao corte, que pode ser algo accidental e muito cedo descartado pelo sujeito, como pode ser uma prática difícil de ser abandonada. Especialmente no âmbito da juventude, o comportamento autodestrutivo, como uma tendência antissocial, apresenta inclusive conexões culturais mais amplas. É o caso da geração punk dos finais dos anos de 1970, que demonstrou um forte arsenal destrutivo existencial, a exemplo da citação anterior, do cineasta Paul Morrissey sobre Nico<sup>103</sup>.

---

<sup>102</sup> Um *site* dedicado à Nico (Christa Päffgen) compila várias de suas atuações no mundo artísticos, desde a música à moda. <http://smironne.free.fr/NICO/>, acesso 07 jan. 2012.

<sup>103</sup> Certamente há um abismo entre a “cultura da droga” da década de 1970 (Timothy Leary era considerado o “guru das drogas”), uma espécie de busca transcendente como alternativa ao mundo materialista e suas convenções, retratado poderosamente no livro *Junky*, de William Burroughs, e a droga da cultura hiperindividualista contemporânea, talvez resultado mais de um reino do vazio nas relações do que de uma imersão em ideologias. Algumas destas questões serão melhor abordadas no Capítulo 5.

Em meio a um cenário complexo, multifacetado, transitório e flexível é possível atravessar as primeiras camadas de condutas de risco, passando por comportamentos que podem ser interpretados por *outsiders* à cena como sendo autodestrutivos, chegando ao *cutting* ou automutilação.

### 4.3. Considerações preliminares acerca das camadas de desvio

Para uma investigação mais profícua, acredito que seja preciso procurar as motivações para o comportamento autodestrutivo para além de valores supostamente intrínsecos a uma subcultura ou “tribo” jovem. Do ponto de vista sociológico, seria discutível inferir que uma tribo urbana – como tem sido visto por *outsiders* aos emos e aos góticos – induza à automutilação ou ao suicídio<sup>104</sup>. Young *et al.* (2007), em uma pesquisa quantitativa realizada com 1258 jovens, sugerem que a automutilação pode ser um valor integrante de uma dada subcultura, no caso, a gótica; ou ainda, que indivíduos mais suscetíveis a se cortarem sintam mais atração pela proposta gótica:

Self harm could be a normative component of Goth subculture including emulation of subcultural icons or peers who self harm (modelling mechanisms). Alternatively, it could be explained by selection, with young people with a particular propensity to self harm being attracted to the subculture (p. 1060).

Ao contrário do que esta ideia transmite, embora não se descarte que, por ventura determinados indivíduos sejam mais suscetíveis à prática do corte, a experiência de campo junto ao cenário subcultural tem mostrado que muitos adolescentes que relataram se cortar sequer se percebiam como pertencentes a alguma “tribo” jovem. Mais do que filiação a componentes normativos de uma subcultura como a gótica, grande parte dos que frequentam os lugares como a Praça Portugal e o Centro Cultural Dragão do Mar está em busca de um meio de interação que possibilite expressar um estilo próprio, geralmente algo que se distancie daquilo que classificam como sendo convencional. Isso significa também uma fuga da monotonia do bairro ou do lar, sendo este, para muitos deles, um ambiente

---

<sup>104</sup> Novamente, é preciso ressaltar que a mídia oficial, mas também as mídias informais, sobretudo após o suicídio da adolescente britânica Hannah Bond, em 2008, popularizaram o emo como um culto depressivo em torno do suicídio. A consulta com o nome da garota no Google direciona para vários *sites* sobre o caso. Ver, por exemplo, [www.powerlinead.wordpress.com/tag/hannah-bond](http://www.powerlinead.wordpress.com/tag/hannah-bond) (acesso em 10 ago. 2012), onde há declarações em defesa do emo, além de uma compilação de *sites* que contemplam o ocorrido.

relacionado a diversos tipos de conflitos, envolvendo depressão, brigas, abandono afetivo do jovem por parte de pais ou daqueles que possuem esta função. Além disso, aqueles indivíduos que geralmente são enquadrados como representantes extremos (*hardcore*) de uma subcultura estão em menor número. Para Winnicott (2005), em relação à adolescência e aos tipos de condutas que muitas vezes não são tolerados pela sociedade:

Na raiz da adolescência saudável, em geral, é impossível dizer que exista, inerentemente, uma privação; mas há algo que é, de maneira difusa, a mesma coisa, embora num grau que só não é suficientemente forte para sobrecarregar as defesas disponíveis. Isso significa que, no grupo que o adolescente encontra para se identificar com ele, os membros extremos são os que atuam pelo grupo todo. Todos os tipos de coisas na luta do adolescente, o furto, a navalha, a fuga e o arrombamento, tudo isso tem que estar contido na dinâmica desse grupo sentado em círculo para ouvir *blue jazz* ou seja o que for que esteja na onda [o pós-*hardcore punk*, poderíamos acrescentar]. Estes acontecimentos pertencem ao grupo todo; o grupo muda e os indivíduos mudam de grupos mas, de algum modo, os membros individuais do grupo usam os extremos para ajudá-los a se sentirem reais, em sua batalha para suportar esse período de turbulência e depressão (p. 174).

Assim, no contexto desta pesquisa, muitos jovens da condição extrema não praticam a automutilação, ou quem a pratica está apenas orbitando os *hardcore*, embora estes tenham no álcool ou no cigarro um comportamento que os próprios informantes parecem às vezes encarar como “autolesivos”, ou como algo que precisa ser repensado. “Eu era muito alcoólatra. Moderei mais”. “Fui levando uma vida estranha... bebia exageradamente”. De fato, os elementos cruciais para a compreensão da autolesão estão mais ligados ao que os sujeitos demonstram através do comportamento e da fala, e não tanto pelo grau de adesão a uma subcultura.

Sendo assim, pensando a partir de mecanismos sociais de coibição (BECKER, 2008), trabalhemos com a hipótese de que o risco em potencial que conduz à prática da autolesão pode estar associado também à natureza da punição ou reprovação que o sujeito sofre por parte do ambiente externo. Grosso modo, estas reprovações (como vimos no Capítulo anterior, “trancado no quarto”, “ignorado”, “agredido”) decorrem do adolescente pertencer a uma subcultura que é vista como desvio, e os cortes são atos conscientes, reativos a este ambiente que cria opressão mental – o grau com que esta opressão se manifesta é relativo, porque os indivíduos possuem *backgrounds* socioafetivos diferentes, ainda que vivam situações semelhantes, assim como a dor é uma experiência subjetiva e não reativamente

mecânica –; os cortes não são tanto consequência da inserção à subcultura em si mesma. É fundamental considerar que:

Os controles sociais afetam o comportamento individual, em primeiro lugar, pelo uso do poder, a aplicação de sanções. O comportamento valorizado é recompensado, e o comportamento negativamente valorizado é punido. Como seria difícil manter o controle caso a imposição se tornasse sempre necessária, surgem mecanismos mais sutis que desempenham a mesma função. Entre eles está o controle do comportamento, obtido influenciando-se as concepções que as pessoas têm da atividade a ser controlada e da possibilidade ou exequibilidade de se envolver nela [...]. Tais situações podem ser ordenadas de tal maneira que os indivíduos passam a conceber a atividade como desagradável, inconveniente ou imoral, não devendo portanto ser praticada (BECKER, 2008, p. 69).

Por este motivo, na análise do comportamento social das cenas jovens urbanas, muitas vezes lidamos com o que denomino de *camadas superpostas de desvio*, ou seja, manifestações distinguíveis de modos de ser ou de condutas que são desigualmente definidas entre agentes que ocupam posições diferentes na interação social (ver Figura 27). Mesmo quando um jovem adota um estilo demasiado anticonvencional, seja um emo ou um gótico, ou mesmo que não se autodefinia dentre uma ou outra destas tendências, ele está sujeito a ser encarado como inapropriado para uns e bastante apropriado ou *cool* para outros. Este é um processo contínuo no deslocamento do sujeito na vida social, uma variação de acordo com o contexto situacional (GOFFMAN, 2010), que é sempre reflexivamente monitorado pelo agente<sup>105</sup>.

Em relação a estas questões, no entanto, fazer cortes no próprio corpo (pulsos, braços, pernas, barriga ou até na nuca) seria encarado como um distúrbio sério, como também um ato inautêntico (apenas para chamar atenção dos outros), assim interpretado mesmo por aqueles que estão inseridos nos cenários *underground*.

---

<sup>105</sup> Embora isso tenha sido discutido no Capítulo 2 juntamente com outros pontos relacionados, a monitoração “é o caráter deliberado, ou intencional, do comportamento humano, considerado no interior do fluxo de atividade do agente; a ação não é uma série de atos discretos, envolvendo um agregado de intenções, mas um processo contínuo” (GIDDENS, 2003, p 443).

**Figura 27. Agrupamentos de encontros de reuniões undergrounds aos sábados: Ponto “D” criado pelos adolescentes da cena**



Fonte: Próprio autor, junho de 2012 (captura de tela de vídeo).

Na Figura 27, a seta mostra uma espécie de meia usada nos braços, comum a subcultura emo. Segundo informantes, pode ser além de estético, uma forma eficaz utilizada para esconder as cicatrizes deixadas pelos cortes. É provável que o indivíduo que as utilize seja um *cutter* e, neste caso, o ato de ocultar é carregado de sentidos (mais ou menos semelhante ao que o indivíduo faz quando usa *nicknames* para criar seus tumblrs de automutilação). Protege-o de algo que poderia ser encarado como um tipo de comportamento inapropriado, uma camada de desvio compreendida como dependente do contexto de interação (não desvio em comparação a um padrão saudável, como insistentemente discutido no Capítulo 2).

Nestes encontros, por exemplo, alguém que esteja se cortando em seu espaço íntimo (ou de um modo comunal vivido no ciberespaço) pode praticar a bissexualidade e exibir um estilo *under*. Uma vez neste espaço apropriado que é o Fafi, são condutas aceitáveis e toleráveis, diferentemente de desvio, e mesmo tal apropriação é consequência da necessidade de partilhar experiências diversificadas.

Quanto aos cortes, mesmo no espaço mais abrangente da cena, podem vir a ser ocultados. Ocultar é uma ação consciente que prever antecipadamente outras prováveis ações de sujeitos presentes no ambiente de interação. O outro que é visado por aquele que oculta pode ser aqui representado como alguém que limita a faixa disponível para entrar em interação focalizada: “deixei de andar com aquele pessoal que só vive se cortando. Quando passam por mim e falam, digo só assim ‘oi, e aí?’”, ou simplesmente uma valoração “os emos doido, tavam tudo se cortando lá na estátua [local onde os adolescentes amanhecem após virar]”.

Embora quando revelados, e de fato isso ocorre, como vimos nos relatos de campo, os cortes não suscitam na *cena under* o tipo de reação que normalmente geram quando flagrados em escolas ou em casa. Presume-se que apenas um *cutter* pode entender como se sente outro *cutter*: “os de fora nunca vão entender. Eles sempre vão te julgar, mas eles não sabem os motivos que levam a pessoa a fazer isso. É patético uma pessoa julgar a outra”. De igual modo, podem perceber quando o ato não passa de uma “brincadeira ou tolice”.

Pelo fato de o indivíduo ser *underground*, passa a sofrer, em cada caso, certos graus de rejeição social, levando-o a sofrer desde a rotulação (“as pessoas me rotulam só pelo meu jeito de se vestir”), ao isolamento social, muitas vezes agravado pela rejeição dos pais ou daqueles que ocupam esta função. Tem-se aí um estado *otimizado* para o desencadeamento de ações autodestrutivas. Observemos o seguinte relato de um jovem *underground* que tem problemas com automutilação, conhecido entre os informantes como alguém muito antissocial ou bastante problemático (não por menos, é conhecido como Elemento Tóxico):

Moro próximo ao Castelão [periferia de Fortaleza]. Tenho 19 anos, e moro com minha mãe.

Eu me corto pra passar **as raivas e angústias**. Eu não aprendi com ninguém, apenas quando eu tô com raiva eu fico com vontade de matar ou quebrar tudo, aí em vez de fazer isso desento minha raiva me cortando e a raiva passa.

Eu não me considero de nenhuma tribo urbana, eu mesmo crio o meu estilo. O meu modo de eu me vestir é que fazem com que **as pessoas fiquem me rotulando**. [O que você acha sobre os emos?] Sobre os Emos: eu não tenho nada, absolutamente nada contra. São pessoas carinhosas e de fácil convívio.

Este diálogo, entre um frequentador assíduo do Dragão, assim como os relatos citados neste trabalho, fornece uma melhor compreensão de como o cenário e as delicadas questões que compõem sua dinâmica é atravessado por outros contextos de experiências socioafetivas. Trabalhar com a angústia e a melancolia no meio jovem urbano é dar voz ao agente, de um modo distinto da perspectiva clínica (o sujeito não é um paciente). De fato,

Clinical research on the emotional aspects of self-injury is limited in a number of ways. The importance of the socio-cultural context of emotions is rarely, if ever, acknowledged. Emotions tend to be treated as universal and relatively unproblematic categories, with data generally collected through the use of highly structured clinical questionnaires (CHANDLER, 2012, p. 444).

Concordamos com a posição segundo a qual os pesquisadores deveriam se concentrar tanto nas técnicas de administração do estigma por parte de quem se corta, como no contexto onde se dão as motivações que conduzem a esta e a outras formas de autolesão.

Entender suas motivações para uma atitude um tanto extrema implica uma pergunta básica para a análise: Quem são aqueles que se cortam? Imediatamente, esta questão nos coloca outra indagação também primordial: Em que contexto se encontra o indivíduo que se corta? Perguntar em que contexto social ou em que condições o agente que despeja a lâmina em si mesmo vive, é também levar em consideração o contexto emocional e afetivo subjacente à vida social.

Ao invés de considerar uma subcultura em particular, como uma experiência singular a ser separada de outros elementos, pressuponho que as atividades que estes grupos concentram em espaços por eles mesmos reinventados relacionam-se a outros contextos como meio de vivenciar emoções. É, neste sentido, que deveríamos entender a expressão *dar voz ao sujeito*, como nas interpretações possíveis, tendo em vista o que foi relatado no capítulo anterior por meio de outros tipos de embasamento, que são outros meios que os sujeitos se apropriam para expressar a autolesão. A automutilação, assim, tem sido abordada até aqui em relação a contextos de sociabilidade e a condições socioafetivas em meio às quais os indivíduos percebem os seus cortes.

Figura 28. Recorte de tela de tumblr de cortes<sup>106</sup>

Fonte: <http://myheadtroubled.tumblr.com/>, acesso em 19/11/2014.

Nestes termos, a noção de segurança ontológica parece ser esclarecedora para as colocações subsequentes. De acordo com Giddens (2002), “é ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, ‘respostas’ para questões existenciais fundamentais que toda vida humana de certa maneira coloca” (p.49). É a garantia de que o indivíduo poderá prosseguir com sua rotina ao longo do tempo-espço. Este senso de segurança pode não se manter coeso o suficiente para o agente prosseguir em meio a adversidades, que podem ser materiais, mas, sobretudo emocionais, a “batalha para suportar esse período de turbulência e depressão”.

<sup>106</sup> A postagem, retirada de um tumblr de uma adolescente, faz menção, dentre outras coisas, à tolerância e compreensão (cada um tem seu jeito), e ao fato de a automutilação ser distinta do suicídio (sair do sofrimento).

Em meio a este processo, os indivíduos podem dar lugar a ações diversas como alternativas de recuperar o autocontrole e a autoconfiança. Isso é um aspecto profundamente emocional, e não pode ser visto isolado como em um laboratório, ou “*clinical settings*” (WHITLOCK, 2006). Quando estas alternativas tomam forma de cortes e lâminas, estas ações são geralmente vistas por aqueles que as observam “de fora” como algo estritamente autodestrutivo, um desvio (ver Figura 28). De posse destas considerações, aqui cabe a seguinte reflexão, tomada de empréstimo de Le Breton (2010):

O dano psíquico é absorvido por uma pele que não é totalmente sua, já que o corpo não é aceito, enraizado numa existência negada, nem totalmente outro, já que é lugar inevitável da presença no mundo. O desvio pela agressão física é uma forma paradoxal de apaziguamento. O corpo é matéria de cura, já que é matéria de identidade. Ele é suporte de um remédio severo, mas eficaz. A dor purifica o sujeito de seus “humores” infelizes, ela o põe na trilha após quitar a dívida momentânea (p.30).

O desvio pela autolesão, nestes termos, pode ser um desejo de expressar algo que vai muito além do pressuposto de demência ou incapacidade para integrar-se de forma saudável à sociedade. O *cutting*, ato intencional sem o propósito de suicídio, conforme os trabalhos de Hodgson (2004), Alfonso (2007), Harris (2000) e Whitlock (2006), pode ser uma espécie de fuga, um método rápido e eficaz – do ponto de vista de quem o pratica, para que o sujeito não sucumba às suas próprias angústias, que, de outro modo, o lançariam em direção a uma espécie de ansiedade insuportável, sem condições de lidar cara a cara com uma realidade emocional marcada por conflitos, insegurança e indiferença<sup>107</sup>.

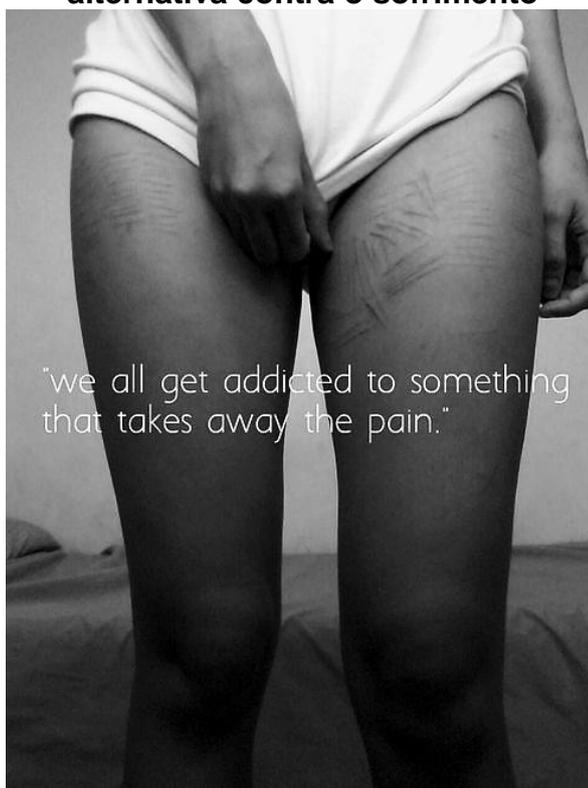
O fato é que, como se pôde observar a partir de relatos e outros dados, estas tensões trazem momentos de grande desestabilização emocional. Talvez, sem o método do corte, as atividades mais banais da vida cotidiana fossem suspensas. Como o indivíduo usa o recurso para poder prosseguir, acaba por estabelecer uma estranha espécie de dependência, um vício que tem sido uma queixa comum entre muitos adolescentes, tanto entre aqueles que eu obtive contato direto, como entre aqueles que disponibilizam sua dor através de seus *tumblr*s. A noção de vício como

---

<sup>107</sup> Praticamente todos os jovens com os quais criei maior aproximação, e muitos outros que tive um contato mais superficial, relataram muitos tipos de tensões de relacionamento com seus pais. Além disso, os indivíduos também lidam com certas formas de preconceito. Já no Tumblr, a sociedade frequentemente é vista como um terreno injusto, que julga, critica e afasta, o que será tema das próximas seções.

uma dimensão variante da automutilação (cortar não é necessariamente um vício) pode ser mais bem representada pelos meios virtuais eletrônicos, pois aí os *cutters*, “protegidos” pela tela digital, estetizam o corte e os sentimentos, o que é facilitado também pelos recursos de *software* hoje disponíveis, como discutido em seções anteriores a respeito do Tumblr.

**Figura 29. Imagem de tumblr de automutilação: A noção do corte como vício e alternativa contra o sofrimento**



Fonte: Tumblr.com

#### **4.4. Ambivalência e crise do eu no cenário jovem underground**

Uma das grandes batalhas travadas na contemporaneidade é a batalha do indivíduo com seu próprio eu, sua autoimagem e sua autoestima. Colocando o *self* na ordem social moderna, para Giddens (2002):

A falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia. Devemos entender esse fenômeno em termos de uma repressão de questões morais que a vida cotidiana coloca, mas às quais nega respostas. “Isolamento existencial” não é tanto uma separação do indivíduo dos outros, mas uma separação dos recursos morais necessários para viver uma existência plena e satisfatória (p. 16).

Aflições, medo, angústia, sensação de perda ou de impotência cada vez mais parecem ser aspectos da vida moderna contemporânea, particularmente críticos para indivíduos mais jovens que se encontram em condições materiais e afetivas determinadas. Muitos dos jovens, no contexto onde o estudo foi realizado, encontram-se um tanto sozinhos diante das exigências de agir em conformidade com expectativas sociais às quais eles não aderem integralmente, pois os recursos emocionais de que dispõem podem não ser suficientes; de diversas formas, eles podem sucumbir diante das pressões sociais. O ato de se cortar, talvez por isso, segundo muitos estudos, incida mais entre os jovens:

The emergence and increasing prevalence of this behavior during adolescence suggest that self-injury in clinical or nonclinical settings, in part, a developmental phenomenon: aspects of the behavior (e.g., offers immediate reduction in stress), the individual (e.g., difficulties regulating emotion and coping with stress), and the environment (e.g., social reinforcement) during this period of development have resulted in its spread (ALFONSO, 2007, p. 15).

Todos os indivíduos jovens logo cedo precisam aprender a agir em conformidade com as normas e expectativas que garantem um grau de enquadramento diante da oferta de modos de vida mais aceitos ou recompensados por sua sociedade.

As condições ambientais, quando precárias para o desenvolvimento de relações afetivas satisfatórias e de um senso forte e positivo de si mesmo, oferecem ainda mais dificuldades para a fase já complicada que é a adolescência, pois a busca por uma identidade e afinidade a um grupo se torna uma atividade intensa. Pensamos, então, no caráter relacional e contextual das escolhas de desvio, e não tanto em algo inerente a um tipo de indivíduo ou a uma “tribo” urbana. A este respeito, a partir de Erikson (1976), podemos destacar o seguinte:

É o potencial ideológico de uma sociedade que fala mais claramente ao adolescente que está tão ansioso por ser afirmado pelos seus pares, confirmado pelos professores e inspirado por “modos de vida” que valham a pena ser vividos. Por outro lado, se um jovem pressentir que o meio tenta privá-lo radicalmente de todas as formas de expressão que lhe permitiram desenvolver e ingressar o passo seguinte, ele poderá resistir com o vigor selvático que se encontra nos animais que são forçados, subitamente, a defender a própria vida. Pois, de fato, na selva social da existência humana, não existe sentimento vivencial sem um sentimento de identidade (p. 130).

Grande parte dos jovens, nos pontos de encontro alternativos, são personagens de uma “aventura arriscada” da vida social moderna, marcada por conflitos familiares, negligência afetiva, intolerância, insensibilidade, abandono ou não aceitação por parte de pais ou daqueles que ocupam esta função. Significa dizer, fundamentalmente, que indivíduos que mantêm padrões de comportamento como aqueles observados nesta pesquisa, antes de serem encarados como inapropriados, são vitimados por condições que orbitam o nível macrossociológico.

Apesar das diferentes formas de privação, como a de caráter emocional que é tão crucial para o desenvolvimento psicossocial e até maior do que a material ou econômica<sup>108</sup>, eles conseguem criar o que Copes e Williams (2007) chamam de *técnicas de afirmação*. Esta é a condição que envolve a capacidade dos sujeitos neutralizarem os aspectos negativos imputados a eles por não aderirem aos padrões convencionais do *mainstream* – mesmo que numa relação ambígua com este, o que não deixa de resultar em alguns tipos de sanções – criando na subcultura um sentido positivo para suas ações. É um recurso fundamental em torno do qual os adolescentes sobrepujam as dificuldades da trajetória de vida frente à “aventura arriscada” que nos referimos há pouco. Para os autores:

Typically, techniques of neutralization are used by people who transgress conventional norms. Techniques of affirmation, on the other hand, enable people outside the dominant culture to actively resist engaging in behaviors they see as morally reprehensible. [...] Although it is important to catalogue the different affirmations, the individual use of specific affirmations should be understood within the wider context of narrative sense-making and subcultural frames of reference (COPES; WILLIAMS, 2007, p. 268).

Ainda acerca desta questão, o que os autores denominam por quadro subcultural de referência está intimamente ligado à postura empírica que temos adotado até então. O uso de afirmações observadas mediante um cuidado com o contexto de experiências mais amplo é importante não apenas no sentido ora empregado (o significado a partir de rede de relações), mas tem um peso considerável especialmente quando tratamos da autolesão para além do contexto clínico ou macrossociológico. A autolesão, mesmo que objetivamente possa trazer um dano ao

---

<sup>108</sup> A este respeito, é importante lembrar que a subcultura emo dos anos 2000, com seus casos marcantes de melancolia e suicídio, ao contrário do que foi o punk original, que “recrutou” jovens filhos de operários em um contexto de recessão, foi um movimento basicamente entre jovens da classe média das economias avançadas (MIERNIK, 2013), em um dos períodos de maior prosperidade econômica da História até o ano de 2007.

organismo, pode estar envolvida em um conjunto de referências mais complexas, que englobam as atitudes do adolescente que confrontam as condições de privação a que temos nos referido até então. Por isso, a autolesão não pode ser sempre encarada de um modo restrito, como sendo essencialmente um comportamento autodestrutivo.

Este ambiente interpessoal vem a ser um fator decisivo, dado certas condições, para favorecer um quadro de experiências no qual a construção da autoidentidade do sujeito atribui um peso considerável às modas urbanas. Em outras palavras, a solidariedade conquistada através dos grupos alternativos passa a ter uma presença maior no modo de vida adotado pelo indivíduo. Este tipo de solidariedade, é preciso ponderar, não pode ser tomado de forma simplista, como propriamente positivo, mesmo quando comparado à opressão do lar, por exemplo, pois mesmo, neste caso, há vínculo entre papéis – por isso mesmo que daí se origine fortes tensões. A solidariedade entre indivíduos e grupos pode ser problemática, certas vezes conscientemente, como encarada por nossos interlocutores, quando há uma espécie de descrença ou suspeita por parte deles em relação ao próprio ambiente interativo:

[O que você chama de lugares podres?] Se te drogam, se te embebedam, se ainda te injustiça e são falsos, é só matar a "saudade" que nem eles dizem. Isso é lá querer ver o bem de alguém! Lugares podres me refiro a esse tipo de gente.

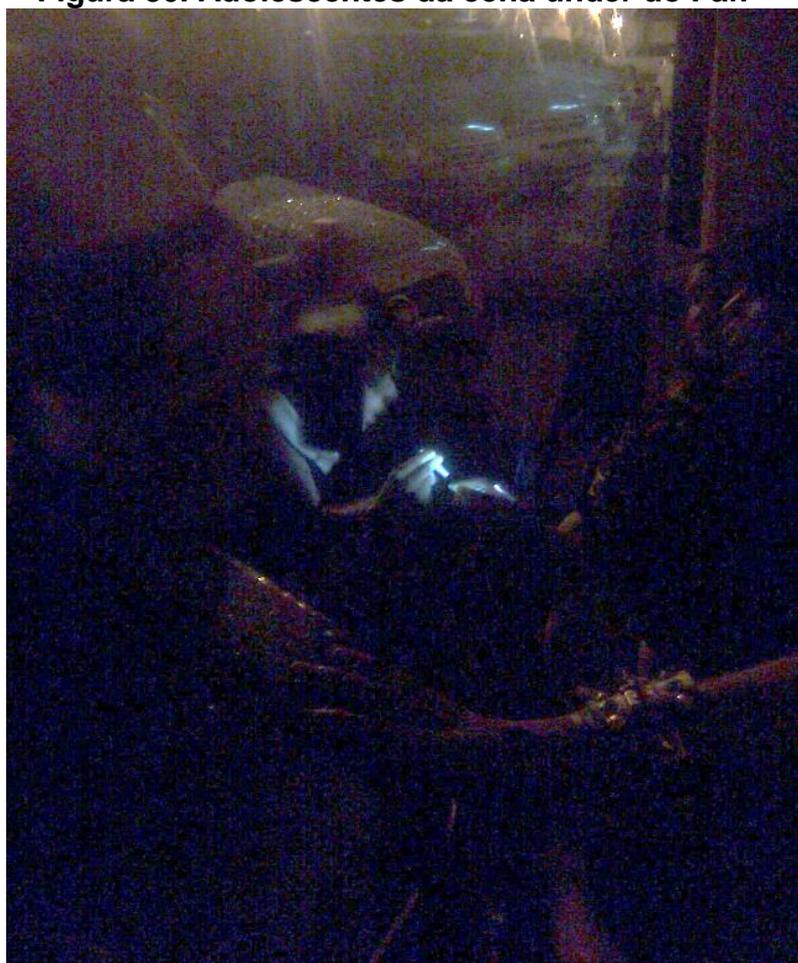
Este nível de percepção, obviamente, não deve ser generalizado à totalidade dos sujeitos que vivenciam estas experiências, podendo ser muito particular àqueles que detêm um grau de maturidade maior. “Te doido véi, eu sempre quando tô nesses cantos eu fico com meu copo, pra ninguém colocar alguma coisa. O pessoal hoje quer vê é a putaria. Tão nem aí”. De algum modo, mesmo para quem se considera da galera *underground* e convive de perto com ela com certa intensidade e frequência, o uso abusivo de drogas ou de álcool passa pelo crivo dos agentes conscientes. Não é incomum alguns jovens relatarem sentir um misto de arrependimento e de frustração, quando reincidem em práticas que eles próprios julgam como nocivas. “Eu disse que não ia mais fumar... mas não adianta! Olha aí, já tô fazendo isso. Eu não consigo”.

O fato de os contextos estarem disponíveis não significa adesão automática ou irrefletida às suas práticas. Se por um lado alguns não medem esforços para ingressar em tais práticas, outros procuram a moderação de suas escolhas e ações,

quando, por exemplo, já bastante inseridos nas *experiências de rua*, passam a manter uma distância de vários tipos de práticas de consumo (ver Figura 30).

No lar, os adolescentes podem ter um ambiente em condição deficitária de afetividade e de contato físico, mesmo em uma fase difícil da relação (“cara... faz muito tempo que minha mãe não me abraça oh, JP, num tem mais isso não... acho que era mais quando eu tinha até uns 10 anos”). Por essa razão, as fontes de apoio se tornam justamente aquilo que pode oferecer risco de outra ordem: os grupos subculturais. Os ambientes *undergrounds* exercem uma força de sedução que, para muitos, chega a ser irresistível (“o sábado pra mim é o melhor dia, não aguento ficar em casa” ou “prefiro ficar brigada com minha mãe do que com meus amigos, porque se estou de bem com ela, eu não saio de casa”). Mesmo que tal imersão ofereça riscos e danos, é fonte de prazer e de usufruto da liberdade.

**Figura 30. Adolescentes da cena under do Fafi<sup>109</sup>**



Fonte: Próprio autor, Fortaleza, abril de 2012.

---

<sup>109</sup> Pequena reunião informal *underground* de adolescentes em um ponto um pouco mais reservado da rua do extinto Fafi Bar, utilizando luz da tela de celular para manusear drogas (cocaína).

Algumas relações afetivas são abaladas quando situações de extremo conflito, com ou sem agressão física, tornam-se um imperativo. Neste caso, o relacionamento gira em torno da perseguição e da intolerância entre duas pessoas interdependentes (mãe e filho, por exemplo):

Minha mãe tentou me matar porque eu sou homossexual. Tentou me matar com uma faca. Você sabe o que é ter medo de ir pra casa? Você sabe?! [Por que você tem medo de ir pra casa?]. Por que minha mãe me agride! [Neste momento, outro jovem pergunta por que ele ainda não saiu de casa]. Por que eu não consigo sair de perto da minha mãe, eu amo tanto ela que não consigo me afastar dela. Mora ela, eu e meu irmão. [Por que ela te agride?] Por muitos, muitos fatores... homossexualidade... Ela não tem nenhum problema mental, ela bebe raramente. Quando assumi que era homossexual [aos 15 anos], meu pai parou de falar comigo.

Há casos em que a pobreza afetiva não vem tanto da indiferença, do abandono ou da agressão física ou psicológica. O agente desviante reconhece que sua relação de excessiva liberalidade com seus pais ou figura similar guarda uma falta de autenticidade. Um jovem homossexual, que se veste muito parecido com um emo, mas se autoafirma otaku<sup>110</sup>, faz o seguinte comentário:

[Sua mãe não reclama do seu estilo, por exemplo, dessa sua franja longa sobre seus olhos?] Não. É ela que quer que eu corte assim, ela gosta disso, sempre apoiou que eu fosse bem estiloso. Minha mãe é bem liberal. Certo dia, ela chegou pra mim e confessou que era gay, que sentia atração por mulheres [...]. Ela se aproximou de mim, mas sei muito bem que é apenas por interesse, para pedir dinheiro.

Ou seja, uma relação social construtiva entre o polo dependente e a figura protetora não se sustenta sem um senso básico de afeto, fundamental para as relações com outros atores em outros contextos mais amplos. É necessário que exista uma percepção mútua da veracidade daquela relação e do que ela representa. A esse respeito, para Giddens (2002),

A confiança que a criança, em circunstâncias normais, investe nos que cuidam dela – argumento – pode ser vista como uma espécie de inoculação emocional contra ansiedades existenciais – uma proteção contra ameaças e perigos futuros que permite que o indivíduo mantenha a esperança e a coragem diante de quaisquer circunstâncias debilitantes que venha a encontrar mais tarde. A confiança básica é um dispositivo de triagem em relação a riscos e perigos que cercam a ação e a interação. É o principal suporte emocional de uma carapaça defensiva ou casulo protetor que todos

---

<sup>110</sup> Subcultura urbana de viciados em animes e mangás, desenhos animados e quadrinhos japoneses respectivamente. Nasceu no Japão na década de 1980 e hoje é um estilo de vida globalizado. Ver Cavalcante (2008).

os indivíduos normais carregam como meio de prosseguir com os assuntos cotidianos (p. 43).

Se estes argumentos estiverem certos, é possível sustentar que, no cenário de encontros *undergrounds*, além de liberdade, modas e estilos, temos núcleos críticos de conflito com o eu e as difíceis estratégias de construção de identidade; ambientes de risco e de controle da ansiedade no seio da juventude, onde se presencia certo envolvimento e socialização em torno de práticas abusivas deliberadas (consumo de bebidas, cigarros e drogas).

Um jovem de 15 anos de idade, homossexual, de visual *underground*, fumante há dois anos, desses facilmente qualificados como emo, revela fatos íntimos de sua vida. Fala dos problemas de relacionamento após os pais descobrirem sua preferência por garotos e que estava fumando. Ao ser questionado sobre as razões que o levaram a cortar-se, confessa que se devem aos desentendimentos no lar:

É. Para aliviar as tensões, as raivas... Meio que eu já fazia isso desde os meus doze anos. Sempre foi me aliviar com... Só que eu não me cortava assim, eu... Eu cortava meu cabelo, eu me rasgava assim com as unhas... Nunca quebrei minhas coisas, mas eu sempre descontava em mim. Ai tal dia eu vi uma tesoura e eu enfiei no meu braço, e puxei a ponta. Ai eu achei prazeroso e comecei a me cortar.

Só que tem horas que dá vontade de parar. Ai depois você se arrepende, e depois se arrepende mais ainda... faz mais depois. É porque é meio que um ciclo vicioso. É pior do que uma droga você se cortar. Você se corta uma vez ai se alivia, passa a raiva... É uma dor superficial. Pra mim é como se meu braço vai sarar, como que as minhas dores, as minhas raivas também vão passar, com o tempo.

Nestes cenários, não é nada incomum encontrar indivíduos, ainda que muito jovens, que possuam um “portfólio” de experiências autodestrutivas, embora, evidentemente, nem todos assim o fazem na mesma proporção de intensidade, de autocontrole e de frequência.

[Quando você bebe, você bebe muito? Você não pede só uma ou duas?] Tu é doido! Eu bebo demais... Pior que eu não era assim. Caralho, eu ficava bêbada assim oh [facilmente] Acho que era iniciante né, praticamente? Nunca bebia! Bebia uma aqui, outra lá... Hoje em dia, tu é doido! É difícil eu ficar bêbada, cara! Tu é doido! Não tem mais como eu ficar bêbada... Não tenho por que... eu não consigo, eu não consigo mais... Eu acho que quem fica bêbado bem rápido não tem... não tem prática. [E esses cortes ai, você faz isso quando está com raiva é? Em que situação?] Quando eu brigo com a minha mãe. Muita raiva. Tu é doido! Eu faço com gosto! No outro dia é que eu vou sentir a dor. No outro dia dói pra caralho! Sangrava muito. Eu não era assim.

Mesmo que alguém se drogue e também se corte, os comportamentos autodestrutivos não estão vinculados entre si de forma causal. A maior parte dos *undergrounds* parece detestar a ideia de que alguém possa usar uma lâmina para se ferir, embora, por outro lado, muitos façam uso deliberado do álcool, tendo como fim embriaguez em alto grau, o que não deixa de ser também uma forma de autolesão. As rodas de bebidas, constantes nos pontos de encontro, constituem um fim em si mesmo, como que um pequeno ritual de interação, porque não dizer, de autolesão no sentido mais amplo do termo.

**Figura 31. Praça Portugal: Garrafas de bebida amontoadas em um pequeno local reservado da PP**



Fonte: Próprio autor, em 21 jun. 2011.

O fato de não se importarem com as consequências de suas ações não significa que tenham anomalia intrínseca de caráter. São capazes de, discursivamente, associar suas ações mais extremas ao ambiente externo a que respondem emocionalmente:

[O garoto pergunta a outro o porquê de ele se cortar] Tem que ter um motivo para você se cortar! Geralmente é família, é família... [Neste momento ele acende um cigarro e prossegue na fala] Tipo: eu já comprei seis bombons e em três eu injetei veneno. Tipo assim, “vamos ver se eu vou morrer ou sobreviver [Que tipo de veneno?] Chumbinho um bocado de coisa, sabe?!. Ai tentei a sorte. Desses seis, comi dois e não morri, não aconteceu nada... Sei lá! Você não é compreendido! Você mora numa casa, e você não tem

atenção, você não tem carinho, você não tem amor. Você não conversa com ninguém, é só você!

O ato de cortar-se pode ser encarado pelos de fora como um desvio, fraqueza ou incapacidade para regular as próprias emoções. Pode, ainda, ser encarado por indivíduos e grupos como um ato superficial, um tipo cínico ou infantil de atitude. Neste caso, quem o faz supostamente não carece de autocontrole, mas age cinicamente para chamar a atenção dos outros para si. Um jovem que se corta pode encarar o comportamento de outros *cutters* (mesmo que, por ventura, esteja equivocado) a partir da autopercepção que tem sobre seu próprio ato, que para ele é íntimo e tem consequências sérias:

Modinha! Pensam que é bom! Eles se cortam na frente de todos na praça. Não tenho coragem não! [Quem se corta na frente de todo mundo é mais para chamar atenção?] Como é que a pessoa se corta na frente de todo mundo?! É uma coisa muito pessoal, lógico! [E você já se cortou muito profundo?] Já, eu já ponteei meu braço. Três pontos no hospital.

Os *cutters*, quando tem sucesso em esconder seu comportamento desviante, fazem com que os não-*cutters* acreditem que eles encaram o estresse e a frustração de maneira normativa (ADLER; ADLER, 2007; HODGSON, 2004). O fato é que, no contexto das reuniões *undergrounds*, a autolesão, enquanto estranha conexão de rebeldia, perde boa parte de seu aspecto “vergonhoso”, sendo encenada, em público, até em tom de “brincadeira” quando o indivíduo já tem um histórico de vários cortes. Nos lugares dessas reuniões, onde o abuso de substâncias é mais ou menos generalizado, a automutilação pode sair do anonimato, momento quando não se distingue das outras formas de autolesão, pois perde o ocultamento característico (ver Figura 32).

**Figura 32. Noite de sábado no Fafi: Cortes do garoto gay que relatou “tentar a sorte com os bombons”<sup>111</sup>**



Fonte: Próprio autor, em 03 jun. 2012.

Apesar do ato de automutilação, registrado na Figura 32, ter ocorrido em cenário *underground*, ele não é ensinado neste ambiente. Grande parte dos jovens simplesmente aprende de forma acidental ou através da Internet. De um modo geral, em um momento de crise, aquela dor física acaba por proporcionar prazer, ao desviar a dor emocional para algo visível e controlável (estancar o sangue, por exemplo). Para alguns estudiosos (STRICKLAND, 2006; MUEHLENKAMP, 2012), uma das funções da automutilação é restabelecer o conforto psicológico, fazendo com que os indivíduos transmitam às pessoas a impressão de que conseguem levar uma vida sóbria, sem que esteja lançando mão de algum tipo de recurso de uma maneira compulsiva.

No início era um pouco estranho, comecei ter esses tipos de vontades, mas sempre tive consciência de que aquilo não era algo certo, era mais por desespero. Eu me sentia tão inferior a tudo. Tudo me feria, tudo me atingia, era minúsculo a minha estima, meu ego em queda e cada vez mais caindo, era como se eu estivesse **caindo em um poço e tentando se agarrar nas estruturas**. Tinha medo, aquilo era viciante.

<sup>111</sup> Ele é cortado por uma de suas colegas que usa um caco de vidro. Como camadas de desvio, além de se automutilar, e ser gay, tanto ele como a garota usam drogas, embora talvez ainda não sejam junkies.

Estes incidentes momentâneos em torno dos quais os jovens aprendem a automutilação e entram no “mundo dos cortes” é um fenômeno singular para a análise social. O fato do indivíduo subtrair sentimentos complexos de angústia e depressão por meio de um ato físico, potencialmente doloroso e por vezes perigoso, levaria a crer que há um processo de redução da capacidade de simbolizar, de extrair sentido das situações de adversidade comuns a todo ser humano e à fase adolescente em especial. Olhando de outra perspectiva, diante desse e de muitos outros relatos, poderíamos concordar com a visão antropológica de Le Breton (2010):

O momento de ataque ao corpo é precedido pelo sentimento de perda de si, de uma perda de qualquer substância num tipo de hemorragia de sofrimento que destrói os próprios limites. Ele faz parte da vertigem que caracteriza todos os comportamentos de risco, este sentimento de cair em si mesmo que evoca uma perda de controle e lucidez, como se o solo do pensamento entrasse em colapso, momento da ruptura com o real, de turbilhão. Quando ocorre nessas circunstâncias, sem qualquer premeditação, ele não é todavia desprovido de uma consciência residual. O sujeito não se deteriora, não importa onde ou como. Há uma (antropo)lógica da ação, uma coerência, uma busca de conciliação e não de destruição pessoal (p. 28).

O sangue que escorre traz alívio, pois os problemas emocionais inerentes à vida não são tratados ou contornados necessariamente pelo ingresso em uma atividade simbólica e interacional, como religião, arte, envolvimento afetivo, etc. A dor do sentimento resvala no próprio corpo, mas isso não significa dizer que seja desprovida de sentido, como, por exemplo, as escalas estatísticas de classificação de patologias sugerem.

Obviamente, nem toda angústia e dor emocional leva o indivíduo a se autolesionar, mas alguns acabam cometendo o *self-harm*, pelas razões expostas como vimos até aqui; alguns indivíduos, inclusive, reconhecem que são portadores de transtorno *borderline*, termo marcado em postagens de seus tumblrs – não descartando a hipótese do sujeito estar adotando para si o discurso médico –, a exemplo da usuária Thin-razor, com o cabelo que é praticamente um ícone desta nova geração de seguidores do rock alternativo.

**Figura 33. Adolescente “underground” no estilo *scene kid* fala sobre *borderline* em seu tumblr<sup>112</sup>**



Fonte: Thin Razor, Tumblr, [2010?] <sup>113</sup>

Basicamente, as emoções são fundamentais para o processo de interação social, como também são socialmente construídas (BARBALET, 1998). Esta seria uma das razões por que o indivíduo, quando em desequilíbrio comportamental causado por emoções incontroláveis diante de fatos e situações, adote algo para restabelecer o autocontrole. Neste meio, o *cutting* se perpetua quando o praticante se convence de que não pode lidar com emoções negativas de outra forma que não seja se cortando.

As pessoas geralmente não estão preparadas para lidar com algo que elas julgam ser incomum ou irracional. Não possuem um plano prévio para comunicar-se frente à revelação de uma conduta que pode ser vista como bizarra. Não é pouco

---

<sup>112</sup> A garota apresenta cicatrizes de ferimentos graves no rosto e nos braços, vistas de forma atenuada na presente imagem.

<sup>113</sup> Thin Razor, Tumblr, [2010]. Disponível em: <<http://thin-razor.tumblr.com/tagged/pictures>>. Acesso em: 12 jan 2013.

frequente que os indivíduos, numa relação social, prefiram manter suas contradições, ambiguidades ou conflitos para si mesmos. É comum, devido a este motivo em particular, que os indivíduos que se cortam, ao serem descobertos, sofram críticas ou percebam que as pessoas têm procurado se afastar. Um comportamento que seja encarado pelos de fora como sendo impróprio, torna o indivíduo altamente exposto frente a outros indivíduos e grupos, sobretudo em se tratando de algo como a automutilação, referida por muitos como loucura, doença ou transtorno de personalidade.

Diante disso, podemos supor que as experiências de rua da população adolescente, dentre aqueles que apresentam algum tipo de ação deliberada que possa ser definida por outros como desvio, sobretudo quando há presença de práticas de autolesão, são indícios de relações altamente problemáticas do ponto de vista dos afetos, e não tanto resultante da subcultura ou *cena* em si mesma. O jovem que abusa de álcool até o desmaio ou se corta, durante seguidos finais de semana, está criando uma condição mediante uma escolha deliberada, sendo, por isso, uma conduta desviante dentro de uma dimensão interacionista (BECKER, 2008). Ou seja, não é natural, e sim, como discutimos inicialmente neste trabalho, desenvolvida em um contexto mais amplo de sociabilidade, no qual temos o adolescente que pratica um dano contra si mesmo e suas condições de segurança emocional e de expressão de sua autoidentidade.

Considerando a perspectiva contextual de tais condutas, uma vez que não podem ser apreendidos em ambiente clínico, mas por investigação social, temos o indivíduo dentro da sua rede de interdependência socioafetiva. Aquilo que ele transfere através de seu comportamento, ou mesmo em suas indagações a respeito das razões de seus atos, em termos emocionais, é uma construção mútua com sua história familiar e suas condições de sociabilidade. Suas estratégias, contudo, ainda precisam ser relacionadas a outras esferas institucionais.

#### **4.5. Liberdade e controle social em torno do pós-hardcore punk emocional**

Encarar a automutilação como escolha voluntária de desvio é radical do ponto de vista sociológico, uma vez que rompe com uma interpretação estritamente médica e psicológica que atribuem a este comportamento características internas de um distúrbio de personalidade. No que se refere à autolesão, como tem sido discutido

no início desta investigação, poucos estudos têm adotado uma postura menos ortodoxa, embora reconhecendo que as intervenções biomédicas sozinhas não são tão efetivas quando não se consideram aspectos como desvantagens sociais e circunstâncias pessoais caóticas.

Conforme visto em alguns relatos, os agentes sociais estão sujeitos a vários tipos de pressão, muitos dos quais muito presentes no contexto de vida daqueles que sentem uma forte necessidade de se sociabilizarem nas reuniões descritas na seção anterior. Talvez por isso, nos locais onde ocorriam aqueles encontros, não tenha sido difícil descobrir jovens que praticam ou já praticaram o corte em diferentes níveis de intensidade e de frequência. Pela mesma razão, fora destes ambientes, talvez tivesse sido inviável adquirir a confiança mínima para uma aproximação e posterior diálogo com alguns desses jovens que lançam mão do corte para resolver seus “pesadelos existenciais”.

Diante destas pressões, a automutilação é uma *escolha autodestrutiva* para lidar com um contexto marcado por conflitos interpessoais e, em certos casos, formas severas de desconfiança e de isolamento do convívio social. Se para os punks do passado a heroína era uma alternativa de fuga de uma realidade marcada pela opressão econômica, os jovens “anormais” de hoje, devedores do próprio punk desde a roupa até a linguagem, parecem ter sua droga na automutilação. Enquanto o punk vivia sobre uma alta dosagem de ideias políticas (anarquista ou anarcopunk), o indivíduo pós-punk encontra o suporte no consumo e na Internet, ficando cara a cara com o esvaziamento ideológico.

Muitos *cutters* procuram as reuniões *undergrounds* por sua grande tolerância, além de permitir a interação com outros que, embora não pratiquem a automutilação, compartilham de muitos dos seus problemas, como viver em famílias separadas ou não ser aceito devido à condição homossexual ou interesses culturais do lazer. As bandas de rock que apreciam e os tênis da moda que usam não deixam de chocar os *outsiders*, no seio dos quais alguns irão se empenhar na tarefa de impedir que as subculturas emirjam rumo ao *mainstream*, constringendo as novas modas urbanas e estigmatizando-as. Por trás disso, as pessoas “normais” parecem manter a crença de que as instituições correm o risco de degeneração pela propagação de “loucuras, aberrações e manias” sem propósito aparente.

Exemplo disso é que muito da subtração que certas visões fazem da complexidade mais abrangente do comportamento “anormal” não decorre exclusivamente da área médica especializada. Portanto, pode-se sustentar que os maiores problemas para os seguidores de subculturas alternativas têm sido ocasionados pela forte associação arbitrária destas modas ao suicídio, à depressão e à automutilação.

As posições da mídia institucional podem fazer aumentar o preconceito próprio de convenções sociais e do senso comum, seja divulgando informações equivocadas, seja reproduzindo estereótipos, o que se configura perfeitamente como mecanismos de controle moral. A este respeito, dentre muitos casos<sup>114</sup>, trago um caso que se tornou famoso, bastante representativo para o que está sendo analisado.

É assim que Tom Rawstorn, do tablóide britânico Dailymail, intitula sua matéria sobre o perigo das modas jovens de hoje: “Hannah was a happy 13-year-old until she became an 'emo' - part of a sinister teenage craze that romanticises death. Then she hanged herself. Her devastated mother tells other parents: No child is safe (RAWSTORNE, 2008)<sup>115</sup>”. Aqui, o jornalista ocupa o status de empreendedor moral. Tomemos de empréstimo esta esclarecedora passagem de Becker (2008),

Regras não são feitas automaticamente. Ainda que uma prática possa ser prejudicial num sentido objetivo para o grupo em que ocorre [automutilação, sequelas de tentativas de suicídio, **Grifo nosso**], o dano precisa ser descoberto e mostrado. Para que uma regra seja criada, alguém deve chamar a atenção do público para esse assunto, dar o impulso necessário para que as coisas sejam realizadas e dirigir as energias suscitadas na direção certa. O desvio é fruto de um empreendimento no sentido mais amplo; sem o empreendimento necessário para que as regras sejam feitas, o desvio que consiste na infração da regra não poderia existir (p. 167).

Neste caso, o citado jornal elege um grupo e, de uma só vez, define-o e desqualifica-o (**sinister teenage craze**), destituindo-o de sua autonomia e originalidade como um tipo particular de expressão, reduzindo-o a uma dimensão *entorpecente*. Este e outros empreendedores morais (médicos, professores, cientistas) têm obtido relativo sucesso ao popularizar o estilo emo não só como uma subcultura, mas também como um desvio de comportamento, uma definição que se

---

<sup>114</sup> Outros casos, como o duplo suicídio na Austrália, Jodie Gater e Stephanie Gestier, levaram a mídia focar suas matérias, em forte tom alarmista, nas redes sociais e na subcultura emo (SARGEANT, 2007).

<sup>115</sup> Tradução livre: Hannah era uma típica garota de 13 anos feliz, até que se tornou emo: parte de um culto adolescente sinistro que glamuriza a morte. Então ela se enforcou. Sua mãe, devastada, diz para outros pais: nenhuma criança está segura.

distancia ainda mais do sentido artístico e *underground* de que gozava em meados de 1980. É preciso destacar que essa estigmatização reforça ainda mais, mediante uma visão equivocada, o preconceito, resultando num maior nível de rejeição àquilo que parece ser estranho, tolo ou até ameaçador e, por sua vez, levando a um maior nível de isolamento do indivíduo. Neste caso, os riscos e, portanto, os custos envolvidos ao assumir uma identidade desviante aumentam potencialmente:

[Então você se veste às vezes mais “normal” por que tem medo de agressões?] Sim, porque eu tenho medo mano. A sociedade tem preconceito, fazem piadinha, e tem gente que tem medo pelo estilo muito *under* [As pessoas temem alguém muito estranho]. Pensam que a gente é vagabundo, e sou muito medroso e evito essas coisas moderando meu estilo.

A intensidade do empreendimento moral depende também do contexto cultural onde o processo é desencadeado. Enquanto em algumas democracias liberais, “jovens emos suicidas” podem ser desdenhados e até sofrer o agora famoso *bullying* (ou *cyberbullying*), em outras culturas, a punição pode ser rígida, como é o caso da controversa lei antiemo na Rússia<sup>116</sup>, feita para evitar a propagação desta moda, considerada afeminada e depressiva; ou extremada, no caso das sociedades tradicionalistas comuns no Oriente Médio. Em contextos sociais onde a autoridade moral é mais evidente, sobretudo a religião, a postura da sociedade frente às novas tribos jovens pode ser extremamente agressiva. Neste caso, na qualidade de desviantes, os sujeitos não são tolerados e têm todos os seus direitos destituídos.

---

<sup>116</sup> Ver, por exemplo, o sítio NME Disponível em: <http://www.nme.com/news/my-chemical-romance/38392>. Acesso em: 12 jan. 2015; e também no sítio de notícias G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL689504-7085,00-NOVA+LEI+PODE+PROIBIR+EMOS+NA+RUSSIA.html>, acesso em 10/10/2011>. Acesso em: 12 jan. 2015.

**Figura 34. Adolescentes iraquianos com visual inspirado na subcultura emo ou pós-punk<sup>117</sup>**



Fonte: Mark Le Vine, 2012.

Enquanto nas sociedades democráticas liberais muitos dos dilemas que um adolescente sofre podem ser difíceis de associar a uma causa evidente – supostamente uma jovem de classe média com Internet em seu quarto não tem razões para tristeza e melancolia, como a menina inglesa Hannah Bond – os jovens que vivem em meio a regimes autoritários, opressão e guerras (Figura 34), acabam sendo grandes receptores de música de estilo alternativo, como hip-hop, punk, heavy metal e mesmo o pós-*hardcore* emo. São verdadeiras válvulas de escape e fontes de autorepresentação para a pressão externa a que são submetidos.

A Figura 33, retirada do site de notícias Al Jazeera, de autoria do Professor Mark LeVine (2012), especialista em História do Oriente Médio, a imagem é carregada de elementos ocidentais. Não somente pelas roupas – a gravata é um símbolo recorrente, que aparece entre os membros de bandas como *Green Day* e *My Chemical Romance* – os garotos transmitem um ar de individualidade e de desprendimento típico da juventude punk e *post-punk*. Ela também evidencia a fluidez ou porosidade própria do mundo da era da informação – uma proposta ou modo de vida como o *hardcore* melódico é adotado por atores sociais, mesmo em contextos culturais com

<sup>117</sup> Jovens árabes com estilo *underground alternativo emo*. Matéria trata dos frequentes assassinatos contra emos e gays no Iraque. “After several killings, many young Iraqi fans of emo music now avoid public identification” (“Após vários assassinatos, muitos jovens iraquianos fãs de música emo agora evitam ser publicamente identificados”. Tradução livre do Autor).

contrastes tão evidentes entre si. Imediatamente, este dado nos leva de volta à questão já colocada na introdução deste trabalho, remetendo ao caráter universal das angústias e dilemas que são próprios da fase da vida adolescente e início da vida adulta. Isso faz com que músicas com sons pesados e vocais guturais<sup>118</sup>, no estilo *metalcore* e *screamo*, sejam tão bem recepcionados pelos jovens roqueiros.

Attacks on young people in the Muslim world because of their taste in music is neither new nor unique to the region. So-called "extreme" forms of heavy metal, hip-hop, punk and hardcore music have long been popular, not merely in the West but globally - precisely because the anger, despair and intensity of the music reflects the tumult of emotions and uncertain identities that define adolescence and young adulthood in every culture (LEVINA, 2012, *on site*).

Este contexto social é um exemplo empírico de situações extremas dentro do que denomino como *escala normativa de tolerância*. Nesta escala, um tipo brando de coerção seria a rotulação, agressões verbais, evitação de olhar em lugares públicos ou olhares de reprovação, enquanto uma coerção extrema resulte em mortes, como na figura abaixo, que relata um episódio de assassinatos de jovens com visual alternativo.

**Figura 35. Apedrejado até a morte por ser um emo: noventa estudantes iraquianos mortos por ter 'cabelo e apertadas roupas estranhas'<sup>119</sup>**



Fonte: Mail, 2012.

<sup>118</sup> O gutural é típico do gótico, do emo e sobretudo do screamo, mas também ocorre em outros estilos de rock, em menor frequência. Estes gritos são tão populares e queridos pelos jovens do *hardcore* que há muitos vídeos ensinando as técnicas deste tipo de vocal, como mostrando as bandas com tal performance. Ver, por exemplo, <http://www.youtube.com/watch?v=g3tth8HIHFQ> e <http://www.youtube.com/watch?v=twkiz0JSV4k>, acesso em: 10 dez. 2013.

<sup>119</sup> Tradução livre de: "Stoned to death for being an emo: NINETY Iraqi students killed for having 'strange hair and tight clothes'". Mail Online. 10 March 2012 Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2112960/90-students-Iraq-stoned-death-having-Emo-hair-tight-clothes.html>. Acesso em: 4 mar. 2013.

Vê-se que não se pode dar pouca importância, numa perspectiva interacionista, aos elementos que atuam na criação de condições depressivas ou de tensões, como a mídia, a cultura de consumo e as pressões de “grupos estigmatizadores” ou empenhados na rotulação. Embora pareça pouco viável considerar elementos tão difusos para o desenvolvimento dos estados de melancolia e de risco, na realidade, estas pressões, além de comprovarem o lado sombrio de tumultos na integração social, têm demonstrado sua força, podendo levar o indivíduo a cometer atitudes bem mais extremas do que os cortes, como é o caso do suicídio.

#### **4.6. A conexão entre o cutting e as subculturas do pós-hardcore punk**

O *cutting* tem sido aqui investigado em meio à dinâmica social fora dos ambientes controlados de pesquisa. Isso significa trabalhar em um contexto mais amplo de sociabilidade, no caso em questão, as subculturas jovens ligadas ao pós-*hardcore* punk. Como tem sido colocado aqui, é preciso ter cautela ao analisar as conexões entre comportamentos autodestrutivos, tais como a automutilação, o suicídio e o abuso de drogas, e o âmbito de grupos que cultuam gêneros musicais “pesados”. Tais comportamentos poderiam ter origem em falhas no ambiente externo que envolve os processos de desenvolvimento psicossociais comuns aos adolescentes (WINNICOTT, 2005).

Sobretudo nas sociedades modernas, esses processos sempre foram marcados por conflitos e mudanças que afetam de muitas maneiras o jovem, o que tem se intensificado especialmente a partir dos anos de 1960. Já nesta época, a este respeito, Winnicott (2011) afirma:

Muitos estudos dessa fase do desenvolvimento estão sendo feitos, e vem surgindo toda uma nova literatura ligada à questão, incluindo romances que tratam das vidas de meninos e meninas adolescentes e autobiografias escritas pelos próprios jovens. É-nos permitido supor a existência de uma conexão entre esse desenvolvimento de nossa consciência social e as condições sociais específicas da época em que vivemos [...] esta é uma fase que precisa ser efetivamente vivida, e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal. Cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema do existir (p. 115).

Considerando tal conexão a que o autor se refere, é preciso partir do pressuposto de que não é a música *hardcore* em si mesma que conduz ou estimula o indivíduo a adotar práticas vistas como autodestrutivas. A música – o vocal gutural, a guitarra estridente e as letras “*down*” ou melancólicas – é antes de tudo um dos instrumentos que o indivíduo lança mão para expressar determinados tipos de angústia e de estados emocionais, que podem ser uma atitude reativa ao contexto de vida. Pensando na dinâmica dos grupos, nas palavras de Ferreira (2000), é possível assegurar que:

O início e o desenvolvimento da identidade e das manifestações não conformistas têm como base o contexto do grupo. A ação não conformista, como qualquer outro tipo de ação social, assenta em definições e orientações adquiridas e assimiladas em contacto íntimo e intenso com os outros, que, em virtude desses contactos, passam a assumir enorme importância e significado, tornando-se referências fundamentais na estruturação do *self*. É por isso que no grupo se consubstancia a ruptura com a conformidade e se desenvolvem as aprendizagens e as motivações favoráveis ao desvio (p. 59).

A automutilação, a partir do contexto de culturas jovens urbanas, é ambígua no sentido de que muitas vezes o indivíduo está apenas forjando uma prática para ser aceito ou ganhar admiração diante do grupo. Mas, em outro aspecto, indivíduos ligados a modas jovens, como a emo, por ventura podem ter uma sensibilidade maior diante de informações acerca da automutilação, sendo isto outra forma de encontrar confissões adolescentes em torno do *cutting*, como se pode constatar, por exemplo, em um dos muitos comentários sobre vídeos autobiográficos de jovens viciados em automutilação:

Na verdade, eu comecei a chorar enquanto assistia isso. Eu estive viciada em automutilação por dois anos e eu nunca entendi que as cicatrizes efetivamente ficarão no meu corpo para sempre. No dia em que eu me casar, elas estarão lá. Meus filhos irão perguntar por que eu tenho tantas cicatrizes. É assustador o fato de que eu era viciada em uma coisa tão terrível, mas eu nunca olhei para isso desta maneira. Obviamente que isso foi executado pela minha mente, mas isso nunca foi claro. Estou com medo e eu odeio que tenha que lutar, porque eu quero me entregar todos os dias” [reincidir no corte]. (Vídeo YouTube)<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=KOVvRs40Rwl>. Acesso em: 05 nov. 2012.

O presente depoimento pertence à adolescente Mathilda Fredlund, que, segundo seu perfil público na rede social Facebook<sup>121</sup>, possui um gosto musical voltado para o *emocore*, mais especificamente, para uma vertente deste subgênero conhecido como *screamo*. Isso também é observado a partir de seu perfil no site Youtube<sup>122</sup>. Estes subgêneros de rock que, em conjunto, fazem parte do pós-*hardcore* punk parecem não exatamente influenciar ou atrair adolescentes para o submundo da automutilação. A música alternativa em menção é um porta-voz de estados emocionais e de gostos estéticos que se propagam entre a juventude. Pela mesma razão, muito da estética propagada nas páginas de cortes do Tumblr podem estar fazendo referências diretas ou sutis às subculturas pós-punk, inclusive com músicas inseridas nos blogs, que é uma forma de expressar o tumulto emocional a que nos referimos no começo do presente trabalho.

Ainda na rede social Tumblr, a estética emo pode ser associada ao mundo do corte de uma maneira mais problemática. Ao criar um diário pessoal on-line para o compartilhamento de experiências de automutilação, os jovens divulgam, no Tumblr, muitas mensagens que parecem enaltecer o corte, dando-lhe um tom romântico ou transmitindo a mensagem de que cortes são *cool*, sugerindo uma imersão mais contundente na direção de uma suposta “subcultura do corte” (ver Figura 36).

---

<sup>121</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/mathilda.fredlund/photos?ref=ts>. Acesso em: 10 mar. 2014 (É preciso estar conectado ao Facebook para ter acesso ao link).

<sup>122</sup> Ver, por exemplo, <http://www.youtube.com/user/mathildafredlund>. Acesso em: 20 mar. 2014.

Figura 36. Exemplo de imagens que podem remeter à ideia de cortes como algo cool<sup>123</sup>



Fonte: [tumblr.com/tagged/cortes](https://www.tumblr.com/tagged/cortes).

<sup>123</sup> Posituação daquilo que é visto pelos de fora como algo inapropriado. Estes são exemplos dentre outros que à primeira vista transmitem certa glamorização da automutilação, como algo *cool*, além do estilo emo. As marcações na primeira imagem, no canto inferior esquerdo, são #love #cut (corte) #casal #amor. Adolescente em estilo emo. A segunda imagem remete à liberdade e individualidade através do cigarro.

Os precursores do rock emotivo estavam transformando em estética uma resposta a um contexto social. Contudo, é importante ressaltar que se trata da exacerbação de uma condição ou estratégia de vida muito mais do que uma filiação a uma subcultura, visto que nem sempre quem vivencia tanto o emo quanto o screamo é de fato pertencente a essa ou àquela subcultura. A estratégia precursora trouxe o introspectivo para dentro do punk, entre 1986 e 1987, recebendo o nome de *emotion*, emocore, como se observa no trecho da canção *Give me back*, da banda precursora do emocore *Embrace*:

“I’m pissed at my anger / But if he don’t want to fight / I turn to my conscience / But he just thinks I’m right / My insecurities / They got nothing to hide / My emotions are my enemies / For being on my side / Give me back my feelings<sup>124</sup>.

Na letra da música acima, há uma forte ênfase na busca do interior, o psicologismo, uma preocupação exacerbada com os sentimentos. Isso tem sido referido como um movimento punk dentro do próprio punk, de modo a subdividi-lo e renová-lo através de outra proposta que é o suprimento de uma demanda social, mesmo que ainda em estágio embrionário (O’CONNOR, 2002). Indo mais além, foi a partir do movimento emo que o suicídio adolescente e a automutilação vieram à tona na grande mídia nos anos 2000, após casos como o da garota britânica Hannah Bond, fã da banda emo *My Chemical Romance*, encontrada morta em seu quarto:

Despite the commercial success of the music, the general public was distrustful of emo music, but somewhat tolerant. Perceptions changed dramatically in 2008 when a 13 year-old girl named Hannah Bond committed suicide after becoming a fan of the My Chemical Romance. Shortly before Hannah committed suicide she had shown her father cuts on her wrists and explained that were part of her “emo initiation” (CHRISTENSON; BOLT, 2011, p. 73).

Ao contrário do pânico moral que muitas vezes é difundido pela mídia acerca das modas adolescentes, a visão em torno do contexto, como uma das formas de investigar o comportamento e suas motivações, pode facilitar também um melhor entendimento das características do que denomino *canais estéticos*, seja música, estilo de vestimenta ou combinação de ambos. Neste caso, o *hardcore* emotivo – que

---

<sup>124</sup> Tradução livre: “Estou chateado com a minha raiva / Mas se ele não quer lutar / Eu me viro para a minha consciência / Mas ele acha que eu estou certo / Minhas inseguranças / Eles não têm nada a esconder / Minhas emoções são meus inimigos / Por ser do meu lado / Devolva-me meus sentimentos”. Disponível em: <<http://blogcritics.org/embrace-st-dischord-1986>>. Acesso em: 15 mar. 2014).

não cria por si mesmo as condições do corte e da depressão – foi muito bem assimilado por aqueles segmentos *undergrounds* que lidam cotidianamente com ansiedade, solidão e toda uma gama de conflitos da ordem do mundo jovem.

## 5. A AUTOLESÃO E O UNDERGROUND: CONEXÕES HISTÓRICAS E ESTÉTICAS

### 5.1. Considerações iniciais sobre as conexões históricas da cena alternativa e a virada emocional do pós-punk

Lembro de estar dirigindo pela Rua 53 com a Terceira Avenida e ver Dee Dee Ramone parado lá. Ele estava com uma jaqueta de motoqueiro, de couro preto, a mesma que usaria depois na capa do primeiro álbum. Estava simplesmente parado lá, então saquei o que ele estava fazendo, porque sabia que aquele era o ponto dos michês gays. Ainda assim eu ficava meio chocado ao ver alguém que eu conhecia circulando por ali, tipo: “Putá merda, olha só, é Doug fazendo ponto. Ele está mesmo nessa.

McNeil & McCain, *Mate-me por favor*, 2004.

A produção de atividades sociais que trazem mudanças significativas, tanto no plano mais institucional, quanto no modo como as pessoas levam suas vidas cotidianas, são partes do caráter consciente do *agir no mundo* dos atores sociais. Muitas vezes, para que ocorram as mudanças ou transformações, estas atividades não são acontecimentos necessariamente predeterminados.

Neste sentido, se falarmos de quebra de paradigmas, no âmbito da cultura moderna, a partir de onde um espaço de identidades possíveis tem começado a florescer ao longo das últimas décadas, desafiando as convenções e o poder da “burocratização da vida”, talvez episódios tão improváveis e remotos no tempo, como a Revolta de Stonewall<sup>125</sup>, tenham o mesmo grau de importância para os fenômenos da galera *under*, assim como têm as inovações tecnológicas em ambientes virtuais que aumentam o poder de livre expressão, a exemplo do Tumblr.

Seguindo este raciocínio, formas culturais aparentemente distantes ou sem conexões no tempo-espaço, como um “fragmento de significado” do Tumblr dos cortes, um texto de poesia *beat*<sup>126</sup> ou um agrupamento de interação entre adolescentes no final de noite na “rua da droga” podem estar em sintonia ou em conexão de sentido mais íntimo, se olharmos para os processos de mudança cultural a partir de um plano mais abrangente.

<sup>125</sup> Ocorrida em junho de 1969, em Nova York, “quando centenas de gays lutaram contra policiais durante três dias em reação a mais uma incursão violenta no ‘The Stonewall’, um bar gay”. Ver Castells (2001, p. 248).

<sup>126</sup> Sabe-se que a geração Beat rejeitava a sociedade convencional em favor do jazz, das drogas como recreação e sexualidade livre.

O relato da epígrafe acima pertence a Mickey Leigh<sup>127</sup>. Ele se refere a Dee Dee Ramone, um importante personagem do cenário onde se criou o punk rock há mais ou menos 40 anos, no famoso CBGB's clube, antes da versão inglesa do movimento nos finais de 1970 expandir ainda mais sua energia. Logo em seguida experimentaria uma bifurcação rica, fruto de outros anseios sociais, quando a palavra “pós” viria antes de punk e de *hardcore* punk. Dee Dee é um daqueles construtores do *underground*, em uma Nova York sucateada, cheia de “garotos esquecidos”, de meados da década de 1970. Ele escapou da morte pela heroína quando muito jovem, para mais tarde, com meia idade, ser encontrado morto em seu apartamento em Hollywood, no ano de 2002, vítima de overdose.

Aquele cenário foi, em vários aspectos, uma frente de abertura para a liberdade individual e a expressão livre de diferentes possibilidades de identidades e de estilos. Em meados de 1970, Richard Hell e Paty Smith, ainda jovens, começaram a usar roupas de um jeito punk antes que a palavra tivesse sido atribuída ao movimento. “Por que a gente não chama de *Punk*”? A palavra punk pareceu ser o fio que conectava tudo o que a gente gostava – bebedeira, antipatia, esperteza sem pretensão, absurdo, diversão, ironia e coisas com um apelo mais sombrio<sup>128</sup>. Este estilo de vida tem extrema semelhança com aqueles que pude presenciar em lugares como a PP, o DM e o que presenciei nascer naqueles subespaços no agora extinto Fafi (Bar)<sup>129</sup>.

O *Velvet Underground* e o CBGB's formaram o protótipo da ética “faça você mesmo” (*do it yourself* ou DIY)<sup>130</sup>, que está por trás de invenções e experimentações independentes da grande indústria, e apesar dela, nas artes e na música *underground* em especial. Em particular, essa ideia foi o fundamento por trás da onda das gravadoras independentes, a exemplo da Dischord Records<sup>131</sup>, criada por Ian Mackaye e Jeff Nelson na cena *underground* musical de Washington, D.C. (AZERRAD, 2001). A ética “*do it yourself*” também está envolvida nos aspectos contraculturais da tecnologia computacional, tendo como principal responsável a

---

<sup>127</sup> “Mitchell Lee Hyman, mais conhecido como Mickey Leigh, (Nova York, 15 de julho de 1954) é um músico norte-americano. É o irmão mais novo de Joey Ramone. Mickey Leigh trabalhou em várias bandas entre essas o The Ramones” (Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mickey\\_Leigh](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mickey_Leigh), acesso em 20 jul. 2011).

<sup>128</sup> Legs McNeil, o punk de plantão falando sobre o início do movimento e a criação da revista *Punk*, sobre cultura e música pop de 1970, em McNeil e McCain (2010a, p. 266).

<sup>129</sup> Ver filme *CBGB*, 2013, dirigido por Randall Miller.

<sup>130</sup> Ver Moran (2011, pp. 4-5).

<sup>131</sup> Ver [http://en.wikipedia.org/wiki/Dischord\\_Records](http://en.wikipedia.org/wiki/Dischord_Records). Acesso em: 02 ago. 2014.

subcultura *hacker*, quebrando códigos e reinventando programas para além das leis de *copyright*, expandindo informação via Internet, de forma livre e não hierárquica (CASTELLS, 2003). Esta seria então a cultura base que viria a moldar a arquitetura das futuras redes sociais dos nossos dias, como o Tumblr, um ambiente para livre expressão e troca de ideias entre microblogs interconectados.

Se pudéssemos sobrepor dois espaços e tempos distintos – uma rua de alternativos em Nova York de 1978 e a rua do Fafi ou o gramado, com a chegada da gelera *under* do Dragão – começaríamos a detectar afiliações estéticas, atitudes e objetos similares: em ambos os tempos-espacos embaçados, veríamos a mesma bota militar, rapazes com rostos maquiados, experimentações andrógenas, a homossexualidade sem culpa e sem olhares sancionadores alertando normas, garrafas de bebida vazias e muitas pontas de cigarros ao chão, até garotos com a camisa do Ramones, algo que é recorrente de se encontrar na PP e no DM. Ao olhar por este ângulo, percebe-se que estes locais são microcosmos da cultura *underground* de uma forma muito particular. Dado as devidas proporções e especificidades históricas, o modo desafiador e anticonvencional é revivido e agenciado, o que permitiu inclusive a criação da expressão *galera under*.

A geração de Dee Dee ajudou a fundar uma cultura alternativa ainda mais agressiva contra o moralismo e a burocratização da vida nas grandes metrópoles capitalistas – o punk! “*I’m sick to death/ I’m a nervous wreck/ This business is killing me*” (THIS BUSINESS..., 1981) –, na continuidade do processo de ruptura empreendido pela geração Beat, grupo boêmio de poetas e escritores que pregava um estilo de vida antimaterialista e que abriria espaço para os hippies, geração mais otimista, anterior ao niilismo *punk*. “Às vezes, acho que aquela bicha feia, aquele quatro-olhos, é o homem mais bravo da América”<sup>132</sup>, como diz um poema em homenagem ao poeta beat Allen Ginsberg (1984), que disparou o seu poderoso Uivo<sup>133</sup> (livro *Howl and Other Poems*, de 1956) em meio à ideologia do *american way of life*.

---

<sup>132</sup> Devido sua homossexualidade, dentre outras coisas, diante da cultura puritana da época, Ginsberg foi internado em um hospício, o que influenciou a criação de Uivo, poema que iria revolucionar toda a poesia e uma geração. Ver documentário *A Inspiração Beat*, esclarecedor para se compreender sua importância para os movimentos de contestação das culturas jovens posteriores. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Ik-4B2\\_QdsU](https://www.youtube.com/watch?v=Ik-4B2_QdsU)>. Acesso em: 20 set. 2014.

<sup>133</sup> Ver o artigo “O Uivo Vivo de Allen Ginsberg” de Rodrigo Garcia Lopes (LOPES, [2010]). O mesmo é autor de “Vozes e Visões: Panorama da Arte e Cultura Norte-americanas Hoje” (LOPES, 1996).

Os estardalhaços contraculturais podem ser percebidos nas culturas juvenis contemporâneas, apesar da profunda imersão delas no mercado e na mídia, como recursos incontornáveis para composição de um estilo de vida que se pretende autenticamente anticonvencional. A este respeito, Connor (1996), em sua crítica cultural à pós-modernidade, faz uma ponderação à visão necessariamente liberalizante de Hebdige (2002) e outros sobre o rock marginal, ao colocar que:

Celebrar o marginal ou aberrante no rock é afirmar uma emergência constantemente negada ou ao menos contida pelas formas e convenções institucionais em que essa marginalidade se tornou um termo tão valorizado. Esse tipo de comentário cultural pode tornar-se facilmente uma quase-mercadoria, que faz parte de uma troca ritualizada numa economia comercial e institucional de ideias e estilos intelectuais (p. 153)

Este debate, importante trazê-lo aqui, foi profícuo no contexto da década de 1980, período no qual muito do que era originalmente *underground* estava entrando na lógica mercadológica – a *new wave*, a moderação do estilo para maior assimilação e aceitação no largo da sociedade. E mesmo que ainda não esgotado, a discussão em particular sobre a áurea do que seja ou não verdadeiramente *underground* torna-se infrutífera no presente momento, e a síntese de Connor (1996) das principais correntes do pensar a cultura pós-moderna também é interessante por deixar isso mais evidente. O autor ainda destaca, citando uma entrevista de Stuart Hall de 1988, que o discurso pós-moderno acerca da busca de originalidade e enfrentamento pode ser extrapolado para a questão da identidade cultural e étnica.

Em síntese, ele coloca:

Não é que a indústria de moda capture e fossilize de alguma maneira as energias antes livres e autodirigidas do estilo subcultural; em vez disso, a indústria da moda, ambiciosa como é por imagens novas e diferentes, funciona como parte de uma economia que depende mais e mais de formas de visibilidade como mercadoria, da “publicidade”, e cada vez menos da troca de bens reais ou mesmo de serviços. Nessa circunstância, a visibilidade e a autopromoção podem ter se tornado antes um requisito de mercado do que um modo de libertação (CONNOR, 1996, p. 158).

Não se deveria pensar, simplesmente, que os signos combativos vão sendo transformados e dispostos numa prateleira de mercadorias (fossilizados), perdendo assim o caráter autenticamente crítico ou original, de tal modo que alguns daqueles inseridos na galera *under* de Fortaleza apenas estariam indo nestas prateleiras para compor seus *looks*, viver seus desejos e lamúrias como reprodução e influência do mercado fonográfico, por exemplo, do pop-punk.

Sabemos que os indivíduos se defrontam com dilemas característicos de sua época. A vida cotidiana é o *locus* onde ocorrem escolhas e estratégias em torno de modos de vida possíveis que dão respostas, não apenas cognitivas, mas também emocionais a estes dilemas. Como parte da vida do sujeito e de um estilo de vida que ele ajuda a expressar, o *emotional hardcore* de meados de 1980 foi sendo modificado mediante adaptações comerciáveis, e outros segmentos ainda relutantes ao *mainstream*, alguns do *screamo* ou *emo-violence* e o pós-*hardcore* foram sendo mesclados a outros ramos, como *deathcore*. Essa transformação é o movimento frenético, como visto em síntese a partir de Connor (1996), em torno da criação e bifurcação de estilos.

Ao nível empírico, o pesquisador, particularmente ao adentrar nos encontros e reuniões, logo percebe que o bando de emos aos olhos dos motoristas e curiosos que passam pela Praça Portugal, na realidade, é um pouco daquele movimento em torno do qual há uma criação ou mistura de estilos passados e presentes, punk e pós-punk. A lógica envolvida nisso, como se pode depreender do que foi discutido até aqui, não é tão mecânica ou consequência direta dos fluxos de informações da mídia digital informal. Ela tem relações diversas com experiências íntimas e interpessoais que afetam as decisões de estilos de vida e de lugares para se interagir.

## **5.2. Ressonâncias musicais e literárias das transgressões da dor**

O som barulhento do *punk* inicial de *Dee Dee Ramone* parece ter migrado de temas voltados para o ataque ao inimigo que está externo para, em meados de 1980, começar a por em prática uma espécie de *grito que vem de dentro*. Surge aí uma revolta contra os dilemas existenciais e as mazelas cotidianas, pondo as privações emocionais – o que engloba também identidade de gênero, de sexo ou étnica – na centralidade da agenda de protestos e de mudanças frente a outros tipos de condições opressoras, como as de ordem econômica. Este ponto de vista, como uma maneira de compreender os fenômenos, talvez nos possibilite pensar sobre elementos que poderiam passar despercebidos, dado o emaranhado de informações e a aparente superficialidade do que têm sido chamados de “modismos” urbanos adolescentes. Por este motivo, não deveríamos tomar o pop punk de bandas

altamente comerciáveis como o aspecto mais significativo e que supostamente influenciaria os adolescentes a aderirem à subcultura emo.

Isso pode ser retratado em diferentes níveis de ação e de produção simbólica. De fato, podem-se entender as razões pelas quais determinados estilos de expressão ganharam espaço nas produções da arte (“a coisa acabou pegando”), especialmente no meio musical. A este respeito, trata o seguinte fragmento de texto: “Eu tenho tido dias que acabam no fim/ Onde nada mudou porque nada começou. Um movimento agitado numa sala vazia/ Reunindo sombras de uma tristeza obscura”. Este fragmento, uma forma poética, parece retratar o universo entrópico, por vezes sufocante, observado nos *tumblrs* de depressão e automutilação, a exemplo das milhares de imagens e textos neles publicados, como na Figura 37.

**Figura 37. Imagens de tumblrs de jovens depressivos que praticam a automutilação**



Fonte: Tumblr<sup>134</sup>

<sup>134</sup> Disponível em: <https://www.tumblr.com/search/depress%C3%A3o>. Acesso em 02 set. 2014.

A força dessas e de muitas outras imagens não vem apenas da “ambientação” acinzentada aliada a rostos vazios e desolados que, quase sempre, são unidas a frases como espelhos do mundo real. Com estes recursos, os usuários da rede objetivam e, até conseguem de forma eficaz, sintetizar dimensões complexas da vivência da autolesão e da tristeza. Outros usuários lançam mão de textos longos, alguns com mais requinte de elaboração. Mas a força dessas imagens e prosas vem mais do fato de se constituírem como *links*.

Como a palavra sugere, um link – um elo, ou vínculo –, é uma maneira de traçar conexões entre coisas, uma maneira de forjar relações semânticas. Na terminologia linguística, o link desempenha um papel conjuncional, ligando ideias díspares em prosa digital (JOHNSON, 2001, p. 84).

São conexões entre milhares de usuários espalhados pelo mundo, que “reblogam” entre si este tipo de informação. A GUI (Interface Gráfica do Usuário) do Tumblr, sofisticada em termos de recursos interativos e visuais atrativos, reúne as pessoas no mesmo ambiente, a rede, fazendo-a uma ferramenta, uma máquina de expressão, eficazmente intuitiva em sua manipulação. Sem a rede, que foi recebendo um número cada vez mais surpreendente de usuários com blogs que retratam a automutilação e a depressão, os jovens que lidam com isso estariam em seus quartos com suas tensões para si mesmos. A informação contida, nesses blogs, defende muitas ideias, utiliza-se de reflexões e combinações de imagens, como vimos, para fortalecer a retórica da dor. Muitos deles lembram diários nos quais se percebe estados de melhora e de piora que levam ao corte. “Fazia tempo que não chorava no banho, velhos hábitos voltando e isso não é nada bom”<sup>135</sup>.

Diante disso, a frase poética acima citada, em referência à Figura 37, trata-se da canção *End on End*<sup>136</sup>, de 1985, da banda *post-punk Rites of Spring*, uma das precursoras do que viria a ser o *emotional hardcore* dos dias de hoje (não necessariamente o pop punk que veio recebendo a denominação de *emocore*). Como temos observado, as canções do *hardcore* melódico são executadas com gritos (o gutural), o que se torna um recurso para o adolescente extravasar suas emoções. Esta canção, de meados de 1980, faz-nos refletir sobre a atual onda da autolesão, melancolias e pensamentos suicidas que muitas vezes a acompanha, de uma maneira

---

<sup>135</sup> Usuário tristeza-nos-olhos.tumblr.com/, acesso em: 10 set. 2014.

<sup>136</sup> 13ª canção do Álbum *Rites of Spring*, de 1985, banda de mesmo nome, Washington D.C., EUA.

que ainda não tem sido discutida, uma vez que se tem concentrado mais atenção para entender as fraquezas internas dos indivíduos.

Vale lembrar que a canção a que este fragmento de texto faz parte é uma das expressões mais significativas do movimento dentro do movimento da música punk (mudança de temas sociais para o ambiente introspectivo, aliado a novos recursos sonoros), o que nasce em um cenário marginal bastante criativo nos subúrbios de Washington. D.C.

O estilo passional, confessional e abrasivo fez com que muitas bandas fossem batizadas como emo, mesmo a contragosto dos principais responsáveis por esta ideia. A energia com que este gênero surgiu pode ser assistida na performance do *Rites of Spring* no *Old 9:30 Club*, pelo Youtube (END ON...,1985), numa apresentação eletrizante com uma estética que faz lembrar muitas bandas atuais, não apenas do *emocore*, mas de outras ramificações deste gênero, como o *emo-violence*.

A riqueza das bandas precursoras, como *Embrace* e *Rites of Spring*<sup>137</sup>, vem tanto da sofisticação de suas letras, como das inovações na execução dos instrumentos. Observe-se mais uma vez outra parte de *End on End*: “Eu tive uma sensação de acabar no fim/ Tentando segurá-la antes que comece de novo/ Impedido de afastá-la para forçar um sorriso/ Mas não tenho respirado por dentro” [Grifos nosso].

Neste trecho de *End on End*, canção pós-*hardcore*, a partir do potencial artístico ou de sua dimensão para além do tempo e do autor, a música parece ecoar a dimensão dos sentimentos como forma de posicionamento no mundo. Conduz o observador do universo dos cortes àquela experiência de fracasso insistente relatada em depoimentos, tanto on-line como na vida “off-line”. Este fracasso, dentre outras coisas, está ligado às tentativas frustradas para evitar recaídas nos cortes, e a necessidade forçosa que muitos que estão, neste tumulto emocional, sentem de ter que usar máscaras para interagir no mundo (“para forçar um sorriso”, como costumam escrever em seus *tumblr*s), como quem está protegendo o eu do ambiente externo.

---

<sup>137</sup> Outras bandas que logo seguiram estas duas foram Gray Matter, Dag Nasty e Fire Party, depois Sunny Day Real Estate e Mineral. O próprio Ian MacKaye, vocalista do Embrace, em uma das apresentações da banda Embrace em 1986, chegou a dizer que o *emocore*, o “*emotional hardcore*... hum... *stupid and shit!*”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mbdh0Qm\\_5A0&list=RD6lhANYFwS6s&index=8](https://www.youtube.com/watch?v=mbdh0Qm_5A0&list=RD6lhANYFwS6s&index=8). Acesso em: 4 set. 2014.

Figura 38. Imagem do Tumblr



Fonte: Recorte de Tumblr.

De outro modo, mas com a mesma intensidade e conexão do *hardcore* melódico, para ajudar a compreender o mundo da autolesão, cito aqui alguns elementos do livro *Junky*, de William Burroughs (1984), uma descrição de riqueza sociológica em forma de relato autobiográfico e linguagem literária inovadora. Trato-o aqui para elucidar sobre a diferenciação de modos de vida que oscilam entre gostos musicais e aflições adolescentes. *Junky* poderia ser visto como um tipo muito particular de etnografia urbana, a partir de um relato único, em que as drogas foram intimamente descritas para além dos estereótipos, falas de especialistas e do discurso do Estado. É um testemunho de como funcionava a vida do drogado em meio às relações entre médicos desonestos, policiais corruptos, psiquiatras e suas clínicas e a burocracia do sistema. “Trata-se de uma escrita franca em relação à própria existência, o que implica que a produção artística e vida estejam imbricadas, e que a arte seja o testemunho da vida” (WILSON, 2014, p. 25).

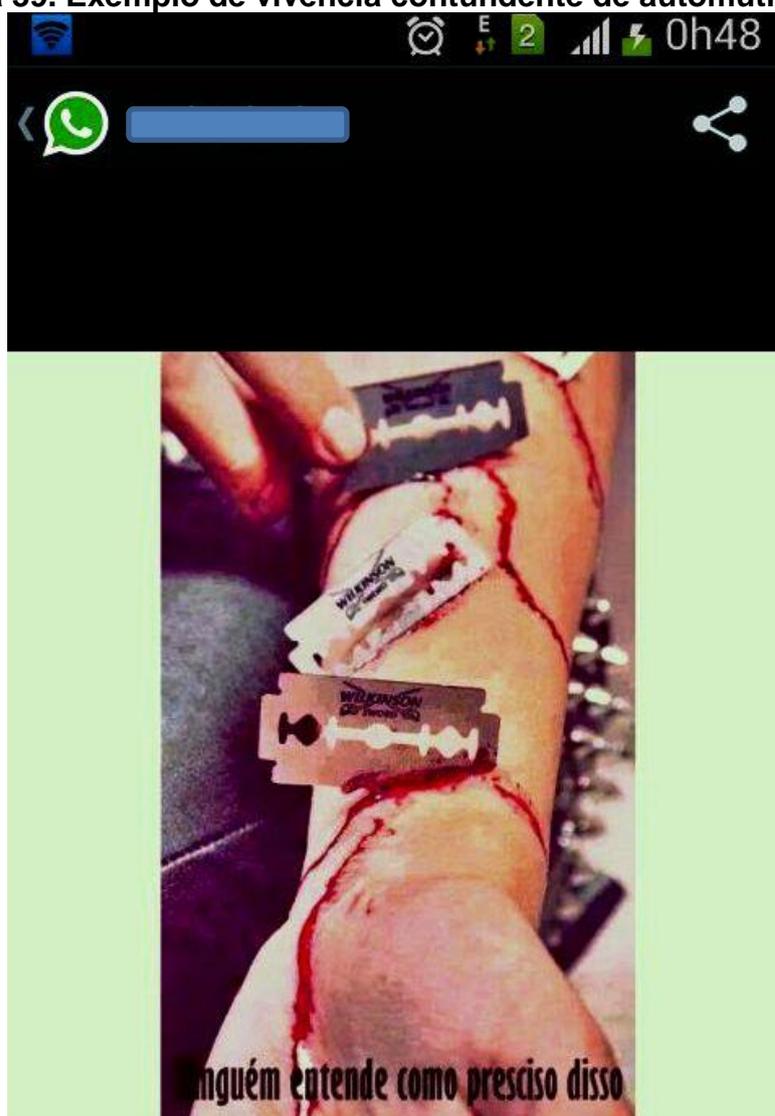
A profundidade – ou “superficialidade” – com que um indivíduo ou um grupo abraça certas condutas frequentemente sugere para os de fora que este ou aquele sujeito pareça estranho ou socialmente inapropriado, sobretudo quando tais condutas são socialmente definidas como sendo de risco. Tipos sociais “esquisitos”, consagrados desde a década de 1960, os *fumetas* e os *junkies* usam drogas, mas em essência cada um representa modos de vida distintos. Na visão de Burroughs (1984), com base em suas próprias experiências, um junky (drogado) não tolera, por exemplo, o jeito de ser do maconheiro, o *fumeta*. A vida do junky é a droga pesada (junk).

Senti a privação agônica da droga – a chamada “fissura” – e o alívio prazeroso quando as células sedentas de junk bebiam da agulha. É possível que todo prazer seja apenas alívio. Aprendi o estoicismo celular que a droga ensina ao usuário. Vi uma cela repleta de junkies fissurados, silentos e imóveis em suas misérias estanques. Eles sabiam o quanto era inútil reclamar ou se mover. Sabiam que ninguém ali podia ajudar ninguém. Não há nenhum recurso, nenhum segredo que alguém possua e possa te oferecer. Aprendi a equação junk. **Droga pesada não é um meio de aumentar o prazer de viver. Junk não é um barato. É um meio de vida** (Grifo nosso) (BURROUGHS, 1984, p. 16).

Esta imagem, uma das primeiras narrativas em primeira pessoa de um mundo até então reservado ao anonimato e reproduzido pelos estereótipos do discurso oficial, leva-nos a refletir comparativamente sobre a vida emocional em torno da automutilação.

Alguns adolescentes relatam suas experiências com os cortes como algo acidental e que eventualmente, em momentos de crise, voltaram a ocorrer, sendo depois completamente descartados, porque não mais necessário. Algo que pode ser definido como *corte episódico*, mesmo já tendo realizado ferimentos nos braços, em momento de fúria ou de tristeza, o sujeito avalia o ato como algo “estúpido e que não leva ninguém a nada. Só faz te deixar cicatrizes e não resolve o problema” (informante que teve experiência esporádica com cortes). Além deste tipo de experiência pessoal com os cortes, há provavelmente o caso mais comum, que o encara como um meio de suplantar emoções fortes, o *corte moderado*. É uma relação ambígua com o tipo extremo, o *corte junk*, pois ambos tomam a autolesão como uma forma de expressar sentimentos e de “sufocar a dor”. Acreditando que a realidade é mais complexa e difusa, consideremos estas noções como uma forma de interpretação lógica ou ideal para melhor compreensão do fenômeno.

Figura 39. Exemplo de vivência contundente de automutilação<sup>138</sup>



Fonte: Print de tela do aplicativo para *smartphone* Whatsapp.

Sendo assim, observe-se o seguinte trecho de uma situação ocorrida durante os trabalhos de campo, mais precisamente durante a “colonização *under*” do entorno do Fafi. Em grupo, um dos informantes fala a respeito de uma amiga que se encontrara em outro ponto de encontro, o Dragão.

Ela tá lá, tá no Dragão agora. Ela se cortou ontem, ontem. Ela tá com o braço enfaixado. Tá com um ponto. Ela quer se matar. Eu tava lá com o Davi, ali perto da lagoa do Dragão e ela tava lá sofrendo. E você sabe, ne? O Davi é muito engraçado e tava tentando animar ela. [Davi: Ela se cortou na minha frente e o sangue espirrou na minha cara, “ai que nojo!"]. Ela mandou mensagem dizendo que iria se cortar e eu chorei, “Juliana, por favor, não faz

<sup>138</sup> Irmão mais novo de uma adolescente, informante da pesquisa de campo que já abandonara a autolesão na ocasião em que o garoto havia feito esta imagem (quatro lâminas de barbear cravadas no antebraço). Com 14 anos, passara também a usar adereços punks, como o cinto atrás do braço, e ouvir rock *hardcore*.

isso!”. Eu chorei ontem, eu chorei... pedi pra ela parar. **A gente se cortar é pra expressar o que a gente tá sentindo.** Eu tenho uma gilete na minha janela lá no quarto, tipo tem uma aberturazinha, e quando eu tô com muita raiva, muita raiva, ai eu me corto. Mas ela não! Ela se corta pra querer se matar. Ela toma um monte de remédio pra parar disso.

Ao contrário do moderado, há quem faça dos cortes “um meio de vida” similar à visão *Junky* como anteriormente retratada. Alguns *tumblr*s são mais imersivos que outros no que diz respeito à automutilação. Existem blogs que postam imagens e frases de amor, sexo, tatuagens, rock, jovens fumando e bebendo com ar de liberdade e de individualidade, eventualmente atravessados por postagens que tematizam situações que levam ao corte ou apenas reflexões mais abstratas sobre este ato. Outros *tumblr*s são mais focados e personalizados para falar da vida de quem se corta e de si mesmo neste caminho onde “as lâminas são a única solução”. São *tumblr*s que, ao se navegar por suas postagens, com conteúdos mais substanciais, levariam facilmente aquelas pessoas que têm pouco contato ou conhecimento acerca deste mundo a pensar que se trata de jovens muito doentes.

Uma dimensão que torna esta característica imersiva mais visível é quando os jovens, ao ficarem longe por um tempo, sofrem recaídas nos cortes, o que, por exemplo, leva alguns a se perceberem como fracos, semelhante ao viciado que, após um período no controle, volta às substâncias que o mantêm seguro. Como em muitas postagens de *tumblr*s, algumas trazidas ao longo deste texto, eles não conseguem se livrar dos cortes tão facilmente e, embora não se orgulhem disso, não encaram como algo tolo e irracional, mas, fundamentalmente, se pudermos resumir em uma frase, como *um meio de superar depressões*.

Figura 40. Postagem de imagem e texto em rede social<sup>139</sup>



Fonte: Página em rede social de informante da pesquisa de campo, agosto de 2012.

Administram isso e usam o poder das redes sociais para tecer com detalhes e sutilezas, às vezes com esmero literário, suas dores da alma. A rede também ensina como se cortar, parar de se cortar, não se importar com as críticas e também desencorajar o suicídio. Há ainda um aspecto fundamental deste “*junky* emocional” por trás dos cortes no ciberespaço: a capacidade de criar conexões através da estetização da dor que é essencialmente estetizar a dimensão dos sentimentos e de como se vem lidando com a vida e com a sociedade ao redor. Ao contrário de uma pessoa doente e louca, no universo on-line da autolesão, os jovens estão falando de si mesmos e entre eles; a automutilação é representada como uma forma de atravessar o sofrimento existencial: “– Raiva, medo, solidão, decepções, abandonos e perdas. Mas lembrando de que isso não se trata de uma tentativa de suicídio, como provavelmente pensou” (trecho dos escritos de Miguel para seu livro, enviado por SMS).

<sup>139</sup> Partes da legenda da imagem: “Primeiramente’, eu queriia coomeçaar pediindo desculpas a todos os meus amigos, a todas as pessoas que conseguem tirar sorrisos verdadeiros de mim’ #Mais eu fui fraca novamente ‘;/ esse pesadelo .. essa dor .. vooltoou ! eu nunca me senti tao sem rumo assim.. e como já falei fui fraca de novo.. todos vooces que conviivem comigo sabem dos meus problemas.. e por favor não me perguntem o motivo .. não me perguntem o porque eu fiiz isso mais uma vez comigo mesma, porque vaii doeer maaais ;/ e eu sou fraca demais”.

No que se refere ao sofrimento existencial, voltando-se para os dilemas da juventude de sua época, o *Joy Division*, banda que inicialmente tocava o punk, e, logo no primeiro trabalho de estúdio, ingressou no pós-punk de modo revolucionário. Assim, diferente da onda *new wave*, mais dançante, que iria entrar nos anos de 1980 com força, suas canções tornaram-se mais melancólicas, com temas que envolviam a depressão e as aflições em torno da vida cotidiana.

Figura 41. Vocalista Ian Curtis na capa da MOJO, edição de abril de 2005<sup>140</sup>



Fonte: Static<sup>141</sup>, 2005.

A desolação humana retratada por canções do *Joy Division* ecoava muitos dos temas inaugurados pelos poetas e escritores *beats*, sendo o próprio vocalista Ian Curtis influenciado pelos escritos de Burroughs. Paralelamente ao *new wave*, conforme pontua Souza (2005),

<sup>140</sup> Uma das mais importantes publicações especializadas em rock, produzida no Reino Unido. Nesta edição a MOJO traz uma extensa matéria sobre a vida e o legado de Ian Curtis. Não por menos, a Mojo volta ao Joy Division trazendo como matéria principal os elementos revolucionários da banda em edição de novembro de 2007.

<sup>141</sup> Disponível em: <<http://static.hsw.com.br/gif/joy-division-1.jpg>>. Acesso em: 12 jul. 2014

Havia também um lado diametralmente oposto iniciado pela banda Joy Division, que foi uma espécie de ponte entre o *punk* e o *rock* inglês dos anos de 1980. Explorando o lado mais obscuro das questões humanas, a banda lançou dois discos sombrios, o *Unknown Pleasures*, de 1979 e *Closer*, de 1980. Na canção *Atmophere* Ian Curtis canta em tom baixo (grave) toda a melancolia e a quase tristeza de sua geração. Parecem faltar forças ao vocalista para chegar até o final da canção. As sombras tornam-se mais densas com a batida seca da bateria ao fundo, sobreposta por um teclado espaçado. O som dessa banda parece sempre estar encoberto por um forte nevoeiro em noite escura (SOUZA, 2005, p. 24).

As páginas dos blogs do Tumblr.com/cortes fazem lembrar este “nevoeiro em noite escura”, não simplesmente pelas imagens potencialmente impactantes de automutilações – o que muitas vezes não é onde reside a riqueza da rede – mas por descrições a partir de textos que beiram o vazio e a desesperança fatídicos.

Assim como as músicas altamente elaboradas de bandas como o *Joy Division*, as narrativas em torno da dor e das angústias vão além de pregar a desesperança – não é um mundo que sucumbe em si mesmo, como “junk não é um barato”. Ao contrário, são poderosos recursos de embate e de não-conformismo, cada um em seu contexto: ou a Manchester de filhos de operários pobres ou os adolescentes que não conheceram o mundo antes da Web. Se a música pode ser contestadora ou um modo de extravasar emoções, da mesma forma a interface gráfica digital apropriada e personalizada pelos usuários do Tumblr da #automutilacao, #cortes, #cutting são partes dessa cultura pop da sociedade de consumo. Ambos são discursos e, como recursos simbólicos, por vezes se sobrepõem.

Do ponto de vista de ações de atores conscientes, os diferentes recursos propiciam a sociabilidade nos encontros das noites de sábado da galera *under*. Em meio às realizações ou práticas que, juntamente com o estilo, dão substância à identidade neste contexto de interação, os sujeitos eliminam a ansiedade e a vergonha por ventura trazida quando estas identidades são confrontadas com outros contextos (para muitos deles, como o do lar ou da escola). O uso de códigos e a expressão do desejo criam os ambientes alternativos tal como pude presenciar nascer – deslocam-se entre si com mais espontaneidade – a exemplo do *gramado* próximo (e certamente distante) ao Fafi *indie* de classe média universitária. A este respeito, colocando-se na posição de observador, nas palavras de Rolnik (1989),

Esse viço, segundo indicava teu corpo vibrátil, corresponde à energia gerada no atrito de matérias de expressão heterogêneas forjando territórios para os afetos desterritorializados. [...] O que nosso corpo vibrátil nos faz descobrir é que **o pleno funcionamento do desejo é uma verdadeira fabricação incansável de mundo** – ou seja, o *contrário de um caos* (Grifos da autora) (p. 40).

### 5.3. Subcultura, consumo e a autolesão

Aspectos das subculturas jovens influenciadas pelo estilo musical pós-*hardcore* punk, especialmente o que tem sido chamado de *emocore*, podem ser vistos por aqueles que as observam de fora como obscuros, incompreensíveis ou mesmo perigosos. Quando associados ao risco de automutilação, depressão e ao suicídio, os adolescentes, sob influência destas “tendências sinistras”, são vistos por alguns médicos como indivíduos emocionalmente incapazes de lidar com as dificuldades comuns ao curso da vida, devendo, portanto, serem medicados. Geralmente, este tipo de noção é visto pelos *insiders* ao emo como estereotipada e preconceituosa.

Além disso, uma discussão mais aprofundada acerca das razões que giram em torno dos aspectos autodestrutivos no âmbito do *hardcore* punk ainda tem sido pouco explorada, devido, em parte, a uma supervalorização dos aspectos tanto de estilo quanto de sociabilidade, dado o volume extraordinário de imagens e de objetos em constante *bricolage*. A mídia alternativa baseada na arquitetura aberta da Internet representa uma avalanche de estilos, modas e comportamentos, através dos quais o pós-*hardcore* punk varre o planeta, da Tunísia à Fortaleza, do Cairo e a Moscou. Para ter-se uma noção da envergadura deste fenômeno (além do que já vimos, como nas Figuras 34 e 35), em uma matéria publicada no [theguardian.com](http://theguardian.com), de Jack Shenker, é discutida a tensão entre a comunidade emo do Egito, uma onda vinda do Ocidente, e as autoridades locais.

Up to 10,000 Egyptians were members of emo-related **Facebook groups**, we were informed; all were adherents to a western cult which glorified homosexuality and threatened to undermine Islam. Discerning readers were offered tips for identifying emos: they were "driven by punk and emotion", wore "guyliner" and "manscarer" and were to be found "**loitering in streets...** often dismal and in tears" (Grifos nossos) (SHENKER, 2009).

As redes sociais possuem um papel decisivo, porque são suportes para a expressão de novos anseios sociais, o que deve ser compreendido na visão da dialética local e global, como estabelecido no início deste trabalho.

Esta supremacia da mídia e da moda no cenário subcultural adolescente pode nos seduzir a dar um peso maior às estruturas de informação e de consumo, em torno das quais os indivíduos, como agentes conscientes, parecem não ter muita autonomia de escolha. As transformações do mercado, da mídia e o novo papel de agentes especialistas que alimentam todo este sistema estão no centro dos debates pós-modernos já há alguns anos (HARVEY, 2004; JAMESON, 1996). Colocar um peso considerável nas estruturas de consumo e de informação pode deixar pouco espaço para entender o papel do sujeito na criação de redes autônomas de expressão da identidade e de sentimentos, algo que pode ir muito além do apelo à moda e ao estilo.

Por meio de redes como o Tumblr, os jovens exteriorizam a dimensão íntima da automutilação, da depressão e do suicídio. Estetizam pensamentos em frases, unindo-as a *hashtags*, imagens e a GIF's. Com estas ferramentas, um enorme contingente de indivíduos vincula-se a estes temas, os quais são acima de qualquer coisa uma condição de vida, como vimos ao longo deste percurso. Deste ponto em diante, a rede, como mais um produto de consumo, uma moda tecnológica, algo *cool*, onde se publica informações sobre outros tipos de consumo, comportamento e estilo de vida, tem o "véu rasgado" por uma condição de existência indigesta, antes relegada ao *quarto* e aos consultórios médicos e a ambientes terapêuticos.

Estas mesmas mídias, potentes ferramentas para falar de si mesmo, máquinas de personalização e de conexão, ao mesmo tempo em que dão o suporte para a fusão de diferentes estilos hoje disponíveis – o *From UK* ou o *metalcore* do The Priest mencionado no Capítulo 3 – (alguns também irão dizer que o emo roubou elementos de outras subculturas), a adoção desta mescla, no entanto, não significa que os jovens estejam menos vulneráveis aos perigos e armadilhas quando são sensíveis e *diferentes*, sobretudo do ponto de vista das experiências da sexualidade. Em relação a tais experiências, é preciso lembrar, a liberdade não é uma consequência lógica da difusão das tecnologias da Internet, mas, em sentido profundo, resultado de uma progressiva abertura, uma batalha inicialmente travada pelo movimento *hippie* frente à emergência do consumismo, antes mesmo da

explosão do *punk*. A este respeito, a reflexão de Fromm (1992) é oportuna, a qual separa a autenticidade de uma minoria em relação à padronização de mercado:

O sexo como artigo de consumo é um produto da segunda revolução industrial; seu impacto é algo reacionário e, na verdade, não é revolucionário, político nem pessoal. Contudo, a parte consumidora do movimento de liberação sexual não representa o todo. Ao lado da maioria padronizada dentro desta orientação de personalidade de consumo, há uma minoria que representa, exatamente, a oposição. Esta minoria, representada amplamente pelos *hippies* e por uma parte do braço radical da juventude, é crítica radical da cultura de consumo, tanto nas ideias como na sua prática de vida. [...] Para muitos deste movimento, prazer sexual é alegria e, primitivamente, parte de sua fome por uma afirmação de vida. É uma expressão de amor, de vida, embora, talvez, não em termos de amor individual, suposto existir na vida de casado. É parte do ser e não do possuir e, pela superação do estigma tradicional do sexo, mostra uma falta de sensualidade que o sexo tem para os praticantes alienados no mundo do compromisso (p. 113).

Movimentos como o *hippie* e o *punk* na década de 1960 e 1970, respectivamente, empreenderam grande abertura neste campo, porque o que estava em jogo era a busca por autenticidade em confronto com a massificação e as imposições de padrões de vida moralistas e alienantes. Neste sentido, de acordo com Wolf (2007), a subcultura *punk* (entre 1974 a 1985), herdeira dos *beats* e *hippies*, a partir de diversos tipos de produção artística e de estilo de vida, permitiu uma sensibilidade em torno da qual era permitido a seus participantes expressar sentimentos e comportamentos, a raiva, a angústia, o hedonismo, o que representou uma celebração da individualidade, indo de encontro aos modos de vida de classe média, à educação tradicional, à autoridade institucional e à produção massificante, além do modo de ocupação do espaço urbano, tendo nas *squats* (residências *punks* em prédios abandonados ou alugueis baratos) uma alternativa para manifestar o estilo e realizar concertos musicais. Talvez por isso estas minorias fossem facilmente tomadas de assalto por agentes institucionais (pela mídia ou pela polícia), enquadrados como figuras altamente transgressoras.

Na atualidade, por sua vez, diante de mudanças complexas na estrutura moral das sociedades e de uma supremacia mercadológica, é difícil conseguir enquadrar um comportamento como transgressor ou não, sobretudo no contexto das democracias ocidentais. Já naquela época, os processos de negociação entre a contracultura e a ordem vigente estavam em expansão via indústria, particularmente no lançamento de produtos, e o rock ocupando um espaço mais robusto no mercado

fonográfico com suas estrelas e fama<sup>142</sup>. Estes processos de negociação não ocorriam, e talvez não deixem de ocorrer, sem antes haver algum tipo de reação, como lembra Bollon (1993) a respeito do *punk*:

O fato era particularmente claro no caso dos Sex Pistols, o grupo mais emblemático da onda e da “idéia” *punks*. “A maior vigarice do rock and roll” [...]. Os Sex Pistols queriam mostrar, *demonstrar*, com seu exemplo o absurdo daquela “sociedade do espetáculo” que os cercava, levando ao extremo seus mecanismos até o ponto em que estes, se embaraçando em sua própria lógica fatal, caíam na irrealidade e no vácuo. Sua estratégia consistia em se introduzirem cada vez mais profundamente, como cavalos de Tróia, nas engrenagens do show-business e da mídia para destruí-las do interior, ou melhor: levá-las a se autodestruírem. Procuravam desestabilizar o sistema. [...] Os Sex Pistols reinavam no show-business e na mídia, ao mesmo tempo em que o pouco de realidade que tinham desaparecia. Eles nunca souberam tocar, nunca omitiram tal fato, e tocavam cada vez pior [...]. Assim, era que de uma demonstração de teses “situacionistas”, e segundo seus métodos, provinham os Sex Pistols: os Sex Pistols queriam *desmistificar* a “sociedade do espetáculo” através de um espetáculo da maior mistificação possível [...] (Grifos do Autor) (p. 148-150).

Quando o desviante é cooptado e visto como *cool*, transformado em tendência por agentes especialistas (GIDDENS, 1990), a revolta ou alguma espécie de denúncia resultante de suas condutas e dos estilos que apresenta parece ter sua eficácia diluída. No entanto, é preciso considerar que:

the market not only accepts subcultures and post-subcultural movements, but it is willing to satisfy the demands of this niche. The negotiation of values does not deprive such movements of all its anti-mainstream features. All in all, society has become more tolerant toward (post-)subcultures, which are not seen as a threat, unless some kind of moral panic arises, and even subcultural movements have access to the media. Subcultures primarily express individual tastes, values and styles (MIERNIK, 2013, p. 187).

No âmbito do que foi discutido até o momento, estamos no epicentro dos fenômenos que afetam as culturas jovens contemporâneas. Adolescentes e jovens lidam com a força da mídia virtual e do mercado expandindo gostos e formas de pensamento e éticas comportamentais. Por sua vez, temos nos situado no momento em que agentes institucionais voltam-se para os adolescentes *undergrounds*,

---

<sup>142</sup> BIVAR (2001), um dos textos mais instigantes sobre o *punk*, fala da “nova onda, o *glamour rock*... A idade média desses caras novas é... 28 anos (e isso quando não diminuíam a idade). Brilhantes, todos; artitas uns, oportunistas talentosos, outros. Cínicos, a maioria deles. É o rock-*gay*, bissexual (Bowie e Lou Reed se assumem. Lou casa-se com um travesti chamado Rachel). Questionado pela revista *Playboy* de como conheceu Angie, então sua mulher, Bowie responde: ‘Nós estávamos saindo com o mesmo homem’. Roupas, cabelos, maquilagens, assim eles se comportam (pp. 28-29). Vê-se também que alguns elementos glamourosos da estética emo, scene e From Uk, muito forte e presente nas mídias sociais informais por eles construídas, parece resgatar aspectos deste período, no qual, alias, o transgressor também era midiaticado no *mainstream*.

especialmente diante do pânico moral gerado após o suicídio de adolescentes, que o teriam feito em razão de serem emos, bem como o crescimento da automutilação atribuído a esta e outras subculturas.

Em meio à maior tolerância das sociedades ocidentais diante das subculturas jovens e a tensão que tal abertura acarreta, como expressa em parte nos estudos que as avaliam com ênfase na saúde mental (BAKER, BOR, 2008; FERREIRA *et al.*, 2011), alguns autores têm sido enfáticos sobre a subcultura *hardcore* punk constituir um fator de risco psíquico e outros têm dado ênfase ao caráter eminentemente autodestrutivo de certos tipos de comportamento, o “emo *cutting*” ou a Internet *pro self-harm*, como apresentados em meios de comunicação institucionais.

Tendo em vista este quadro, a partir de contextos de sociabilidade e de interação, os modos como estes adolescentes se percebem e relatam suas condições é algo que deve ser privilegiado na investigação social, para além das representações dos fluxos de imagens e de mensagens da mídia institucional e do mercado, em torno dos quais parece que há um esvaziamento de sentido crítico e de referências políticas, dada a efemeridade do consumo, modas que vêm e que vão como pura demonstração, às vezes sem sucesso, de individualidade e autenticidade (“essa coisa de emo já passou, ninguém é mais emo hoje em dia”, como diria um informante bastante *under* fã de *screamo* e *metalcore*). Em se tratando de mídias alternativas, propulsoras por excelência das novas modas jovens globais, a dimensão crítica entre jovens inseridos em contextos de sociabilidade tidos como menos convencionais, até mesmo *undergrounds*, parece totalmente diluída (ou então, alguns campos de estudo restringem o fenômeno da autolesão na cena subcultural à autodestrutividade)<sup>143</sup>.

A pesquisa empírica nas ciências sociais pode ser não apenas uma investigação sobre o comportamento autodestrutivo presente entre determinados seguimentos de adolescentes, em particular aqueles inseridos no cenário alternativo do pós-*hardcore*, mas uma investigação sobre até que ponto tal comportamento é uma confusão da mente individual ou uma expressão de sentimentos diante do modo como a sociedade lida (cuida) de suas crianças e jovens, com seus anseios, sentimentos e as diferenças que eles carregam internamente. Neste sentido mais abrangente, sim,

---

<sup>143</sup> De certa forma, até mesmo estudos etnográficos sobre autolesão, como em Adler e Adler (2007), conforme discutido no Capítulo 2, apresentam uma visão bastante sintética, o que reduz a dimensão do significado cultural das subculturas oriundas do *punk*.

é que deveríamos compreender os diferentes tipos de reações e adaptações às tensões adolescentes, as técnicas de afirmação, como alguns preferem se referir. Em torno destas atitudes, a onda da automutilação adolescente abrange as tentativas de libertação do eu, apesar de todo ônus que isso por ventura acarrete, custos estes que a sociedade talvez deva aprender a lidar, por meio de sujeitos coletivos e instituições<sup>144</sup>, como discutirei no Capítulo a seguir.

---

<sup>144</sup> A automutilação já é referida como uma doença e alguns especialistas já falam em epidemia, o que se pode depreender de pesquisas na Internet sobre o assunto. Ver, por exemplo, *Redes sociais exibem drama da automutilação entre jovens*, Litza Mattos, 01/10/2014 (Disponível em: <http://www.otempo.com.br/>, acesso em 2 jan. 2015).

## 6. A POLÍTICA DA AUTOLESÃO

Que os jovens modifiquem a sociedade e ensinem aos adultos a ver o mundo com olhos novos, mas onde houver o desafio do rapaz ou da moça em crescimento, que haja um adulto para aceitar o desafio. Embora ele não seja belo, necessariamente.

D. W. Winnicott, *O Brincar e a Realidade*, 1975

### 6.1. O universo do corte no contexto das interações em redes de computadores

Até aqui temos visto que, mediante a observação e coleta de dados do [tumblr.com/tagged/cortes](https://www.tumblr.com/tagged/cortes), tais como imagens, textos e sons, os jovens de posse de seus *tumblrs* alegam enfrentar problemas ou circunstâncias de vida os quais são absolutamente parecidos com aqueles relatos citados por pesquisadores em seus estudos qualitativos (MARÍN, 2011; ADLER & ADLER, 2007), bem como nos depoimentos e falas da presente investigação.

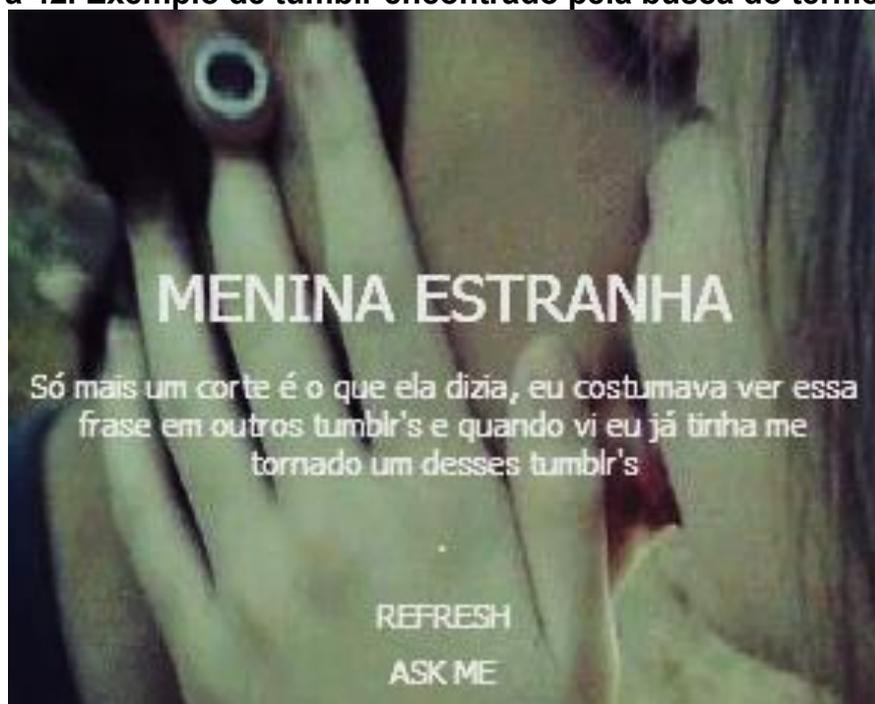
A partir de modernos recursos de interatividade e de personalização da interface, o Tumblr baseia-se na construção mútua da informação e no compartilhamento dos blogs ou diários. Estes diários são criados e suas postagens se vinculam a vários temas, tanto quanto são os interesses, gostos, ideias e processos oriundos da dinâmica da vida social (CASTELLS, 2003): cidade, moda, estilo, cibercultura, amizade, sexo, relacionamentos. O *tumblr dos cortes* é um segmento temático dentre tantos outros criados na rede, a partir da reunião de diversas postagens de blogs que estavam aumentando em quantidade e criação de conteúdo, no momento em que este trabalho estava sendo desenvolvido (ver Figuras 42 e 43).

Fruto de um processo ativo e consciente – criar *hashtags* como *#cutting*, *#corte* ou *#dor* após reblogar uma publicação sobre isso ou mesmo postar o próprio corte – o amálgama de sofrimento assim gerado é permeado em grande parte por imagens degradantes de rapazes ou moças com cortes e cicatrizes, imagens que retratam o suicídio ou a anorexia, relatos longos ou frases sobre problemas interpessoais, amor, angústia, solidão e desprezo pela sociedade, alguns trazendo ainda rock alternativo com o aplicativo SCM Music Player.

A constatação mais óbvia por trás disso é que, assim como amor, amizade, viagens, etc. congregam blocos de conteúdos, estes mesmos oriundos de modos de vida fora da Internet, os blogs da autolesão – cortes, lâminas, pulso, suicídio,

depressão, dor – expressam estados emocionais no mundo das relações humanas, os quais têm trazido preocupação e alarmismo entre pessoas e instituições. Sem algum interesse ou sem fazer parte deste universo de dor, talvez somente acidentalmente alguém venha a encontrar os blogs de autolesão no Tumblr.

**Figura 42. Exemplo de tumblr encontrado pela busca do termo “dor”**



Fonte: Strange Beautiful smile Tumblr, [2012]<sup>145</sup>

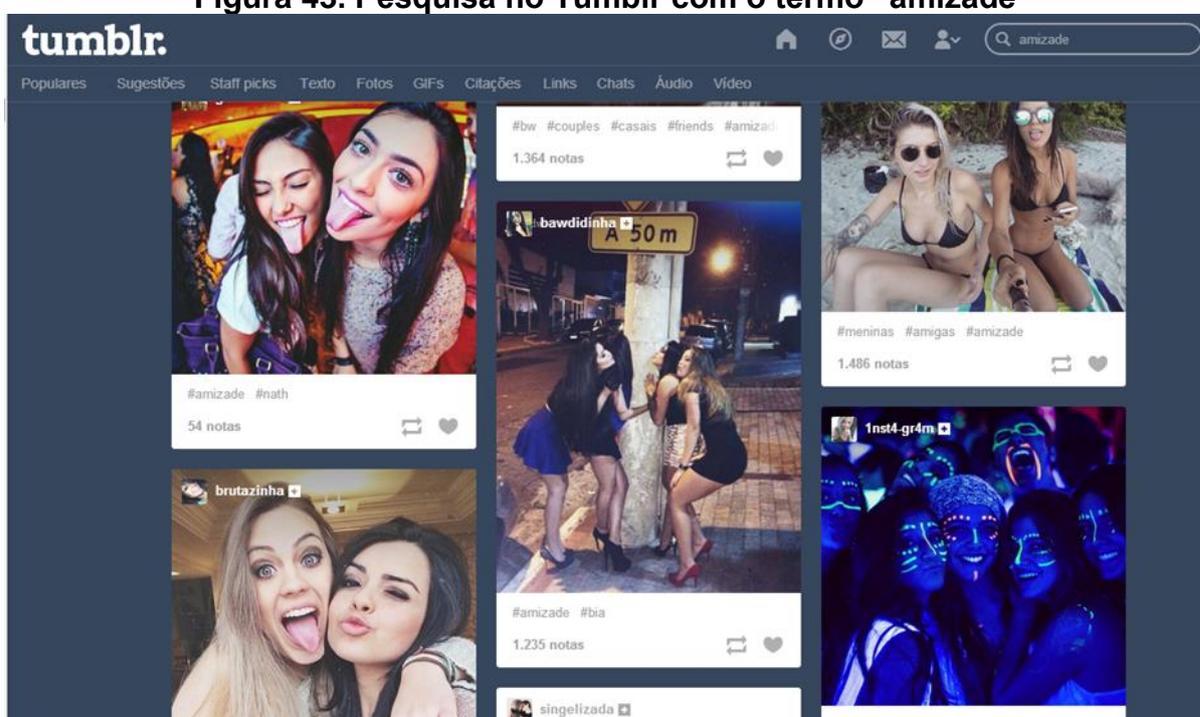
Outra constatação é que, assim como nossos livros, nossos veículos, nossas cidades, a tecnologia digital, mais precisamente os ambientes de interação eletrônicos, são partes de nossa cultura, são nossas mídias que ajudam a moldar o modo como interagimos e pensamos (BAUDRILLARD, 1991; JOHNSON, 2001). Portanto, o tumblr dos cortes é um ambiente de interação. Mas um ambiente onde, diferentemente do quarto e da clínica, respectivamente, o indivíduo não se isola em seu tumulto emocional e ainda utiliza os recursos disponíveis de *software* da plataforma para criar seu próprio discurso em torno dos seus sentimentos e dos seus valores, como exposto na imagem anterior. No que se refere a este importante aspecto do discurso, assim como os espaços apropriados pela cena *under* possibilitam encontros entre aqueles que possuem identidades que expressam gostos e necessidades afins, o indivíduo que lida com algum tipo de transtorno, assim tenha

<sup>145</sup> Disponibilidade: <<http://the-strange-beautiful-smile.tumblr.com/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

sido diagnosticado ou assim venha percebendo a si próprio, pode lidar com o seu problema de uma maneira mais autônoma e menos solitária no ciberespaço, um ambiente não-institucionalizado, sobretudo para interação, mas não menos policiado, como espero discutir mais adiante.

Colocando a questão sob o prisma da interação social, tanto no mundo online como fora dele, muitos jovens parecem manifestar estados de relativo isolamento afetivo. Os indivíduos que praticam a automutilação, como demonstração de depressão, tristeza ou revolta, podem até manter um considerável grau de sociabilidade e, de fato, têm insistentemente construído brechas para isso.

**Figura 43. Pesquisa no Tumblr com o termo “amizade”**



Fonte: Tumblr.com, em 10 jan. 2015.

Mas quem se corta lida com algum tipo de dor, protegendo uma parte de si em meio à sociabilidade. Nas redes sociais, o indivíduo pode manifestar esta dor e seus cortes, como também pegando de empréstimo o corte dos outros para falar de si mesmo, evitando punições e constrangimentos, como em contextos de co-presença.

Tendo isso em vista, bem como o que foi anteriormente discutido, um dos aspectos mais marcante até aqui – não tanto para ser tomado como causa e efeito ou como fator isolado – é o fato de as diferentes formas de demonstração de tristeza, seja nos relatos de campo ou no Tumblr, parecem remeter a privações afetivas. Do

ponto de vista de reflexões teóricas, estas privações têm sido relacionadas à pobreza de autenticidade e segurança primária – ou relações primárias, para usar uma terminologia sociológica – que o sujeito recebe daqueles indivíduos que são responsáveis pelo seu cuidado e proteção. De muitas formas relacionadas às mudanças que a modernidade tem acarretado, mesmo para os aspectos mais íntimos da vida pessoal, as privações geram um estado de ansiedade existencial (GIDDENS, 2002, pp 40-49).

Falas como “Ninguém em casa para conversar. Se não fosse a Internet, era muito foda!”, ou o medo relatado por uma informante no Capítulo 3, de que sua mãe poderia lhe quebrar o computador, bem como os usuários que fazem de seus *tumblrs* um lugar seguro para expressar seus sentimentos e serem compreendidos<sup>146</sup> fazem refletir também sobre uma condição fundamental do sujeito social que é a necessidade da interação. Isso faz da Internet um terreno propício para os jovens extravazarem emoções, e para o indivíduo concluir que não está tão sozinho na prática da automutilação. Se um ambiente emocionalmente satisfatório é negado ao adolescente, ele encontrará ainda mais dificuldades durante seu percurso numa fase que já é marcada por incertezas e ansiedades.

Muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam das más condições ambientais; este fato apenas serve para enfatizar a vital importância do ambiente e da família para aquela imensa maioria de adolescentes que de fato chega à maturidade adulta (WINNICOTT, 2011, p. 117).

Frente às privações, especialmente da ordem dos relacionamentos, os jovens encontram mecanismos para construir seus mundos, com seus códigos e barreiras não conformistas. Daí a Internet ocupar um lugar central na vida de adolescentes que, de um modo ou de outro, sentem-se tristes, de alguma forma e por certos motivos, “acuado”, isolam-se de certos ambientes de sociabilidade mais rotineiros, como é o caso da escola. A este respeito, observemos um trecho de postagem de um destes usuários que usam a rede Tumblr para lidar com a automutilação:

---

<sup>146</sup> Uma das informantes que usava o tumblr para postar seus cortes e pensamentos foi quem me levou até esta rede, quando ela ainda não possuía avisos de alerta do conteúdo, por volta de 2012.

Ontem na escola estava calor, eu por alguns segundos hesitei em levantar um pouco de minhas mangas, nas aulas de educação física, eu nunca as fiz, são idiotas. E ao verem um de meus cortes, rasgaram minha blusa, para rirem de minha dor, e eu só consegui correr ate o banheiro e passar as lâminas novamente sobre meu braço. Ligaram da escola para meus pais, dizendo que eu era uma ameaça, e que deveria ser mantida longe da escola pois os pais dos outros alunos estavam com medo de eu fazer algo com os filhos deles, afinal para eles eu era um psicopata. Medo que eu machuque seus preciosos filhos, mesmo sem saberem que seus filhos me machucavam todos os dias ( Postagem de usuário do Tumblr).

Nestas condições, as redes sociais on-line têm se configurado como fontes alternativas de interação para jovens que se encontram em condições de conflito interpessoal e vazio afetivo. Neste aspecto importante, o ciberespaço não é muito diferente dos espaços criados pelos jovens da *cena*, muitos dos quais têm relatado depressão.

O [tumblr.com/tagged/cortes](https://www.tumblr.com/tagged/cortes), ele mesmo um fenômeno da cultura jovem contemporânea, possibilita não apenas que o estudioso tenha acesso a discursos e relatos de experiências em torno da automutilação, como pontua Whitlock (2006):

Because self-injury is typically a private, secretive behavior, the Internet provides a unique opportunity to study exchange between members of a group rarely assembled outside of a clinical setting. As such, it may provide a valuable for means of accessing information and perspectives useful in clinical settings (2006, p. 416).

De um ponto de vista ainda mais importante, a interação no ciberespaço, conforme problematizado em seções anteriores, acaba disponibilizando relatos, opiniões ou manifestações de estados emocionais, tendo seu valor não apenas para quem lida com a pesquisa a respeito deste tema.

Os blogs e as diversas formas que compartilham conteúdos são uma forma de ajuda (palavras de incentivo à vida por parte de outros usuários) e de autoajuda (manter uma espécie de diário é manter uma determinada condição de auto-reflexividade), pois criam um espaço não institucional, livre de protocolos farmacológicos e de constrangimentos por parte daqueles que não conhecem ou ignoram o problema. Aqueles indivíduos e grupos que se encontram do lado de fora do mundo de aflições do adolescente podem representar para ele o ambiente externo ameaçador, visto como perpetrador de *bullying*, o local da indiferença, das humilhações que geram o sentimento de vergonha, como de outras formas mais veladas de violência, algo que foi um dos temas centrais em *O Quarto do Suicídio*.

Vejamos, por exemplo, o seguinte fragmento de texto, feito por uma garota de 13 anos de idade, com o *nickname* (apelido) *menininha-com-cortes*, em sua página no Tumblr:

Aqui estou só para expressar meus sentimentos, fiz do meu tumblr um diário, um rascunho do que se passa na minha vida e na minha mente. O mundo lá fora e as pessoas já me julgam e me machucam de mais, não façam o mesmo aqui no meu único refúgio, da minha dor e solidão... (Menininha com Cortes, Tumblr, [S.D])<sup>147</sup>.

Depreende-se desta passagem que a dinâmica da interação dos indivíduos nessas redes gira em torno do interesse particular pela automutilação, onde há a possibilidade de lidar de um modo mais confortável – e menos normativo – com seu mundo emocionalmente conturbado, uma vez que a prática de cortes pode ser vista tanto como um capricho adolescente, desvio de comportamento ou mesmo como um distúrbio psicológico grave.

Se as redes possibilitam um espaço onde o discurso sobre a própria experiência de vida é compartilhado entre os pares, elas fornecem interação ou até mesmo afeto para os adolescentes na condição de “dor e solidão”. De forma mais abrangente, isso se aproxima do que Castells (2003) chama de “comunidades especializadas”:

Formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos. Como as pessoas podem facilmente pertencer a várias dessas redes, os indivíduos tendem a desenvolver seus “portfólios de sociabilidade”, investindo diferencialmente, em diferentes momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos (p. 110).

Trazendo esta definição para a realidade empírica aqui tratada, a comunidade especializada em questão vem a ser uma “comunidade do corte”. Não no sentido tradicional de comunidade<sup>148</sup>, mas uma ligação entre indivíduos que vivem situações parecidas e, por esta razão, criam blogs que são seguidos por outros *blog cutters*. Se o corte possui uma conexão com o esvaziamento afetivo, reflexo de pobreza das relações sociais que formam o ambiente externo para o qual a subjetividade se dirige, esta talvez seja uma provável razão de o indivíduo que pratica a autolesão desejar lidar com a dor física, ao invés de ter que encarar a dor emocional (HODGSON, 2004).

<sup>147</sup> Fonte: <http://menininha-com-cortes.tumblr.com/page/2>, acesso em: 18 jan. 2014

<sup>148</sup> Ponto que foi discutido no Capítulo 2, sobre a representação do Tumblr como fenômeno social.

A automutilação, assim, poderia ser compreendida como um problema da ordem da interação, e não tanto como distúrbio psicológico de alguém incapaz de desenvolver a personalidade. Neste caso, o crescimento destas “comunidades” no ciberespaço, de indivíduos que relatam solidão, medo e depressão, encaixar-se-ia no panorama de isolamento emocional e de individualização exacerbada que alguns pensadores atribuem às sociedades materiais contemporâneas (LASCH, 1990; GIDDENS, 2002; BAUMAN, 2004; LIPOVETSKY, 2007b). No livro *Sociedade dos Filhos Órfãos* – trago-o aqui não por questões de teoria ampla – é discutido temas que se relacionam de perto ao processo de individualização ao nível mais teórico que pensadores clássicos e contemporâneos têm se debruçado. A partir de dados estatísticos e de sua própria experiência profissional em psicologia, sobre problemas como obesidade infantil epidêmica, aumento de consumo de álcool e drogas por adolescentes, consumismo e outros, Sinay (2012) faz a seguinte reflexão:

O amor não se impõe nem se decreta, não é fruto de um mandado nem se compra feito. Não é uma abstração que preexiste aos sujeitos que se amam. É uma construção deles, neste caso de pais e filhos. Nem os filhos são obrigados a amar seus pais simplesmente porque devem, nem os pais são obrigados a amar seus filhos porque estes o são. Este dogma deixou, na história humana, inumeráveis vítimas emocionalmente mortificadas ou afetivamente incapacitadas. **O amor é fruto de uma interação, nutre-se da mesma** [Grifo nosso], e, por sua vez, a alimenta, lhe dá direção e sentido. Cada ser humano é único e, por isso mesmo, sua condição essencial é aquela que Erich Fromm denominou de *separatividade*. A busca do outro, o encontro profundo dos diferentes permite construir uma ponte entre a *separatividade* de ambos e essa ponte que se chama amor. Sua construção é uma obra de arte (p. 200).

Refletindo sobre o campo empírico, podemos sustentar que a vivência on-line do mundo da automutilação coloca um paradoxo: ao mesmo tempo em que os indivíduos estão extremamente envolvidos a partir de interações por meio de recursos sofisticados do ambiente on-line, eles também se queixam constantemente de estarem sofrendo em decorrência de solidão ou vazio. A limitação da interação on-line de jovens em torno da automutilação e da depressão refere-se, portanto, à dimensão moral inerente às relações humanas.

A dificuldade de “viver uma existência plena e satisfatória”, como se refere Giddens (2002, p. 16) às condições da modernidade tardia, conduz potencialmente a uma imersão maior no mundo on-line do #corte, #depressao e #suicidio, resultando ou não em outra camada de isolamento, já que estas redes são bastante exclusivas. Essa excessiva individualização diz respeito ao fato de a “comunidade do corte” ser,

de certa forma, um reflexo do próprio estado de ânimo do indivíduo, uma dedicação ou uma “segunda vida” em torno do próprio *self* atribulado. Isso não invalida, contudo, as investidas no sentido de esperança e apoio, que outros usuários publicam na rede. Cria-se um lugar seguro, ao passo que a sociedade é personificada como uma espécie de rival – “o mundo lá fora”. Para tentar explicar este aspecto, observe-se, por exemplo, o seguinte trecho extraído de uma usuária do Tumblr que tem como *nickname* *Cortes-que-salvam*:

Meus cortes, minhas cicatrizes, minhas escolhas, as vezes eu não sei por que faço isso, só sei que foi assim que eu aprendi a lidar com a minha dor, sozinha. E se você acha que eu sou só mais uma garota idiota que se corta para chamar atenção, tenho uma solução para você, saia do meu tumblr, obrigada pela (in)compreensão. (Cortes-que-salvam, Tumblr)<sup>149</sup>.

A ideia de que os cortes são uma saída viável diante de um mundo opressor ou excessivamente incompreensível é bastante comum na rede Tumblr/cortes. É exatamente por isso que, do ponto de vista sociológico, a forte integração entre os indivíduos via redes on-line interativas – o fenômeno do aumento na quantidade de conteúdo que propaga a automutilação, a depressão e o suicídio – pode ser indicativo de pobreza moral para além destas redes em si mesmas, em um sentido durkheimiano. Durkheim (2000) falava em:

“correntes de depressão e de desencanto que não emanam de nenhum indivíduo em particular, mas que exprimem o estado de desagregação em que se encontra a sociedade. Elas traduzem o afrouxamento dos vínculos sociais, uma espécie de astenia coletiva, de mal estar social [...] (p. 265)”.

Assim, por exemplo, a imagem da Figura 43, de um braço ferido na qual se lê “*I hate myself*” (Eu me odeio), chega a ser “reblogada” mais de quinhentas vezes. Os usuários que republicam a imagem em seus próprios tumblrs possuem *nicknames* como *cortes-fundos*, *mundo-obscur*, *minha-querida-lamina*, *uma-navalha-em-meu-pulso*, *mente-suicida* dentre vários outros<sup>150</sup>.

A este respeito, a seguinte passagem de Durkheim (2000) é oportuna para se pensar a febre do corte num mundo marcado pelo virtual:

<sup>149</sup> Fonte <http://cortes-que-salvam.tumblr.com/>, acesso em: 24 jun.2014. (Imagem após a epígrafe desta tese).

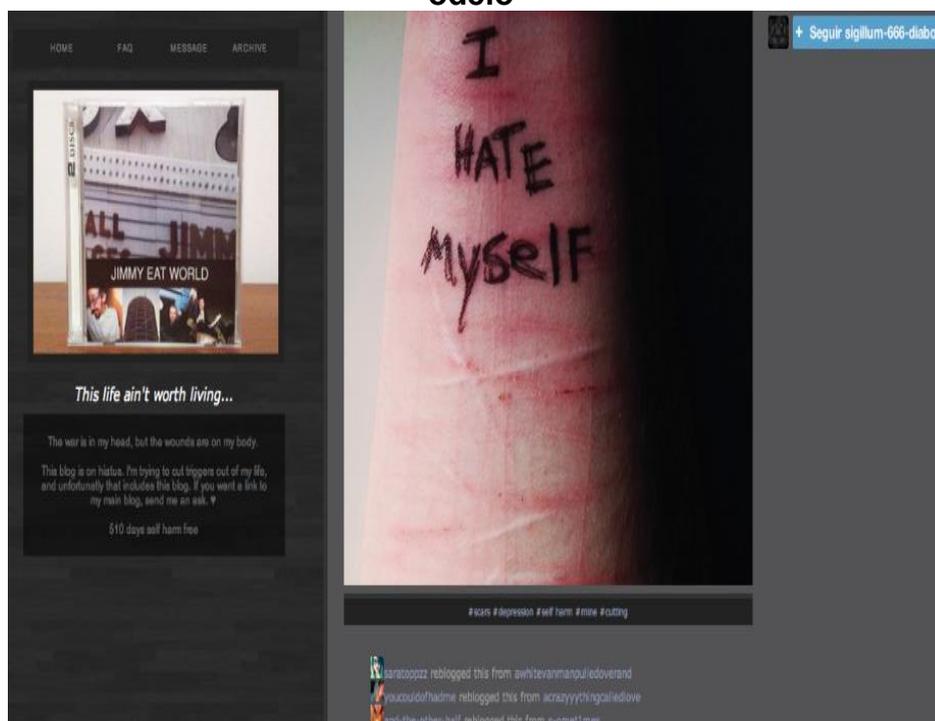
<sup>150</sup> Fonte: <http://sigillum-666-diaboli.tumblr.com/post/34310485511>, acesso em: 20 fev. 2014.

“Por mais individualizado que seja cada indivíduo, há sempre algo que continua sendo coletivo: a depressão e a melancolia resultantes dessa individuação exagerada. Comungamos na tristeza quando não temos mais nada para viver em comum (p. 266)”.

Isso tem levado alguns pesquisadores, ao interpretarem estes conteúdos em si mesmos – seja dando pouca importância ao ambiente afetivo, seja por não perceberem a ironia e o ceticismo que lançam contra a sociedade – a concluir que as redes sociais on-line podem atuar como fatores de risco, corroborando ideias como automutilação e o suicídio:

As technology develops and new forms of communication media emerge, the potential for new forms of contagion develop. It was therefore the aim of this research to examine this new technology and determine whether or not social media in the form of social networking sites, has the potential to offer a platform for the promotion of suicide and suicidal behaviour. Focusing on the teenage subculture of emo, which developed on the internet (Simon & Kelly 2007), and examining their use of the social networking site Facebook, it was determined, using a thematic content analysis, that the emo groups studied were being used as a tool to promote positive perceptions of self-injury and suicide. The use of this type of media as a means to promote and justify self-harming and suicidal behaviour highlights the concern that the internet is an often unsafe and risky place for children and teenagers to spend their time (ZDANOW, WRIGHT, 2012, p. 98).

**Figura 44. Postagem de imagem com cortes e cicatrizes onde se lê “eu me odeio”**



Fonte: Print de tela de Tumblr sobre automutilação, abril de 2013.

Ao contrário, a partir de outro ponto de vista, os tipos de relato aqui tratados, sobre depressão, cortes, indivíduos que se queixam de ansiedade ou de solidão, ou ainda o crescimento de *tumblr*s de #cortes e #automutilacao, em diferentes graus de intensidade, parecem transmitir a mensagem de que a vida tem sido mais um tormento psicológico do que uma fonte de satisfação e de crescimento pessoal e emocional. As razões para tanto parecem ir mais além do que tem sido apontado em muitos estudos que focam nos fatores internos individuais ou na influência de subculturas e de comunidades virtuais. Ou seja, ou os indivíduos sofrem de problemas para regular as emoções, ou se tornam mais vulneráveis a adotar práticas anormais por influência tanto de uma subcultura emo ou gótica, como devido a conteúdos on-line potencialmente perigosos.

A respeito de altas taxas de suicídio e de depressão entre jovens atualmente na França, Lipovetsky e Serroy (2011), em obra que trata da desorientação cultural em tempos de consumo e individualismo exacerbado, sustentam que as relações íntimas estão mais fragilizadas e o cotidiano é afetado de uma forma estrutural.

Desvanecimento das culturas de classe, recuo do sentimento de inclusão em uma coletividade, fragilização da vida profissional e afetiva, desestabilização dos papéis e das identidades sexuais, afrouxamento dos laços familiares e sociais, enfraquecimento das orientações religiosas: todos esses fatores acentuaram fortemente a sensação de isolamento das pessoas, a insegurança interior, as experiências de fracasso pessoal, as crises subjetivas e intersubjetivas. Quanto mais o indivíduo é livre e senhor de si, mais aparece vulnerável, frágil, desarmado internamente. Dão testemunho disso a multiplicação dos suicídios e as tentativas de suicídio, a espiral de ansiedade e de depressão, o crescimento da toxicomania, dos psicotrópicos e das demandas psiquiátricas (p. 55).

## **6.2. O Poder crítico da melancolia em rede: a máquina narrativa por trás da autolesão**

Uma das causas mais apontadas para o crescimento da automutilação entre adolescentes tem sido atribuída às redes sociais, fenômeno relativamente atual, como o Myspace<sup>151</sup>, o Orkut e o Facebook, lançadas no início dos anos 2000. Para

---

<sup>151</sup> Interessante lembrar que um dos primeiros casos que gerou alarde sobre as modas jovens alternativas e as redes sociais foi o episódio da noite de 29 de novembro de 2005, Praga, República Checa. O adolescente Joshua Anson Ballard, de 17 anos, publicou na sua página do Myspace que iria cometer suicídio, deixando o endereço para que a polícia fosse ao seu encontro, sendo achado morto 15 minutos após a publicação na rede social, com um tiro na cabeça. O garoto era adepto do

citar apenas uma das muitas matérias que têm circulado na mídia, no *site* de O Globo, o tema da automutilação é tratado da seguinte forma, a partir da fala de alguns especialistas, no que recortei o seguinte trecho:

A psicóloga clínica Elisa Bichels diz que já atendeu a mais de 80 pacientes de 13 a 16 anos com casos de automutilação, todos de classe média e alunos de escolas particulares do Rio. Segundo ela, além dos cortes, há outras formas de autoagressão como queimaduras, menos usuais. Ela também afirma que o aumento da incidência está ligado às redes sociais: “Há quem se utilize de um ato autolesivo pela dor, mas outros (o fazem) porque todo mundo está fazendo, para ver qual é. Há blogs que ensinam qual a melhor lâmina, em que parte do corpo você tem mais alívio. A questão maior é convencê-los de que as informações da internet não são verdadeiras” (NETO, 2014, *on site*).

Obviamente que pode haver casos nos quais o adolescente se corta para aderir à moda supostamente propagada nas redes e “fazer parte do grupo”, ou situações nas quais os indivíduos já predispostos emocionalmente acabam aprendendo a fazer os ferimentos, encorajados em contato com outros nas redes. Mesmo nos casos em que o corte é exibicionismo, o efeito resultante ainda choca e confunde os *outsiders* dos *cutters* (pais, professores, etc.). De qualquer forma, a mera exposição às “redes do corte” não cria a condição nem explica por si só a disseminação da autolesão. Muitas explicações giram em torno das noções de vício ou de contágio, como o que é sustentado no seguinte estudo, que aborda propostas de terapias para comportamentos autolesivos:

Perhaps one of the most striking trends in self-injury is that the rate seems to be increasing among adolescents. One possible reason for this observation may be related to the phenomenon of "contagion". Contagion is derived from social learning theory, which posits that individuals are likely to reproduce the behavior they see in others (CHRISTENSON, BOLT, 2011, p. 74).

Este raciocínio é aplicado em estudos de contextos isolados, e os indivíduos são vistos como excessivamente passivos. Por outro lado, pensando de uma forma diversa do que tem sido comumente discutido, as informações da Internet são verdadeiras em um sentido que ainda tem sido pouco explorado. Quando se

---

*emocore*. Além das roupas e franja característica do estilo, havia na sua página canções da banda pós-*hardcore* Senses Fail, formada em 2002, Nova Jersey, Estados Unidos. Fonte: [http://news.newamericamedia.org/news/view\\_article.html?article\\_id=6d8134fbbe964d76f864b3b9682dcb19](http://news.newamericamedia.org/news/view_article.html?article_id=6d8134fbbe964d76f864b3b9682dcb19), acesso em: 10 nov. 2014.

observa uma grande quantidade de dados, em blocos maiores de informações<sup>152</sup>, é possível perceber uma criação coesa de discurso e de ideias, estas mesmas sendo vinculadas através das *hashtags*. Além deste aspecto, frequentemente a sociedade aparece no Tumblr de diversas formas: em imagens, histórias fictícias, frases de reflexões, relatos de situações constrangedoras vivenciadas por indivíduos depressivos ou que alegam não conseguir livrar-se dos cortes. “Ninguém sabe o quanto a sociedade e seus padrões machuca as pessoas” (Frase do Tumblr), é um tipo recorrente de texto em redes sociais.

Jovens que possuem algum tipo de sofrimento psíquico ou simplesmente vivem situações difíceis e não sabem lidar com isso, muitas vezes, ao postarem suas imagens retratando falta de esperança e dependência em cortes, são encorajados por outros usuários a continuar, como na seguinte frase que comenta uma postagem de corte em um *tumblr*:

Eu amo você, sem mesmo te conhecer, você merece o meu respeito, porque você aguentou o que pode e teve que optar a se cortar, eu sei como é boa e deliciosa a sensação do sangue escorrendo, mas é muito melhor a sensação de rir verdadeiramente com as pessoas mais especiais da sua vida... E esqueça a SOCIEDADE, tem pessoas que te amam do jeito que você é, nunca se esqueça disso, eu te amo do jeito que você é, você é forte e batalhadora por ter aturado isso durante tanto tempo (Comentário a uma postagem em um *tumblr* sobre cortes).

A melancolia difundida nas redes sociais que compartilham ideias em torno da automutilação e do suicídio entre adolescentes ***não é essencialmente uma apologia à morte e à tristeza***, como também as letras de música do pós-*hardcore* punk não deveriam ser encaradas como expressão estética de uma manifestação de revolta alienada, que transforma fãs em indivíduos antissociais. Tanto as redes como as músicas fazem parte do mundo da vida<sup>153</sup>, e dialogam entre si, como também dialogam neste mundo. Não são frutos de mentes problemáticas que vivem fora do mundo intersubjetivo, mas fazem parte qualitativamente tanto da construção como da resistência às circunstâncias sociais, pois estas “não são separadas da vida pessoal,

<sup>152</sup> Algo que pode ser realizado observando e mapeando palavras e expressões a partir de quantidades maiores de textos, ao se importar dados do Tumblr para o HD do computador, como planilha eletrônica ou um editor de texto (Ver Capítulo 2, a rede Tumblr como fonte de dados).

<sup>153</sup> Cabe lembrar que “nossos movimentos corporais [e poderíamos acrescentar comunicacionais no ciberespaço] – cinéticos, locomotivos e operativos – afetam o mundo, modificam ou transformam seus objetos e suas relações mútuas. Por outro lado, esses objetos oferecem resistências a nossas ações, as quais temos que superar ou às quais temos que nos conformar. [...] O mundo, assim concebido, é algo que temos de modificar com nossas ações ou que as modifica” (SCHUTZ, 2012, p. 85).

nem são apenas pano de fundo para ela. Ao enfrentar problemas pessoais, os indivíduos ativamente ajudam a reconstruir o universo da atividade social à sua volta” (GIDDENS, 2002, pp. 18-19).

Por tudo isso, o indivíduo também, ao concentrar suas energias em outros processos de interação, com sua técnica de afirmação entre a *cena*, apesar dos aspectos autodestrutivos, se considerado em um sentido restrito, ele acaba propiciando "as condições de esperança", a partir de onde consegue "seguir em frente" em suas atividades cotidianas. Suas convenções interacionais, mesmo que provoquem indiferença, zombaria, repúdio ou potencial agressão física entre outros que não as toleram, contribuem para dar uma pausa, por entre parênteses a ansiedade mais aguda, que é frequentemente superada pelos jovens.

A experiência empírica da presente investigação, bem como relatado em outros trabalhos, parece apontar para o fato de que poucos são aqueles que acabam morrendo acidentalmente com o uso das lâminas ou com o autoenvenenamento, muito menos venham a cometer suicídio. A prática de se cortar, neste sentido mais abrangente, não é tanto um comportamento autodestrutivo, mas uma reação de se manter o eu acordado em condições de privação emocional.

O Tumblr das *hashtags* #depressao, #suicidio e #automutilacao, que vão unindo pessoas e conteúdos é, em um sentido mais amplo e profundo, um *squat punk*. A autolesão, assim entendida, propagada pelas redes on-line, não apenas no Tumblr, mas, por exemplo, no Facebook<sup>154</sup> e no Pinterest<sup>155</sup>, é uma forma de ocupação; um *occupy* subpolítico – para fazer um paralelo com a ideia de Beck (1997) – em sua forma silenciosa, triste, vistas por *outsiders* como repugnante, intolerável e alarmante. “Na subpolítica (*sub-politics*), o “instrumento de poder” é o “congestionamento” (em sentido próprio e figurado), como a forma modernizadora da greve involuntária” (BECK, 1997, p. 36). Os jovens, o que inicialmente nos anos 2000 era visto como uma prática da subcultura emo, ao praticarem a automutilação e publicarem imagens e reflexões nas redes que são ícone da modernidade e da cultura de consumo contemporâneas, congestionam as páginas com uma realidade que muitas vezes nem mesmo pais e outros familiares parecem perceber ou se importar.

---

<sup>154</sup> Ver *Automutilação, suicídio, depressão está no Facebook*, Disponível em: [www.facebook.com/AutoMutilacaoSuicidioDepressao](http://www.facebook.com/AutoMutilacaoSuicidioDepressao), acesso em 2 nov. 2014.

<sup>155</sup> Ver *Self harm/ depression/ suicide/ quotes*, <https://www.pinterest.com/pandagurl228/self-harm-depression-suicide-quotes/>, acesso em 2 nov. 2014.

O corte feito de *bits* é como a versão digital de um Rotten (de Johnny Rotten, vocalista da extinta banda *punk Sex Pistols*). Ele entra nas mídias e de uma forma muito honesta, abre a pele, ao mesmo tempo em que lança dúvidas sobre o real, articulando via *reblogagens* discursos sobre a sociedade: *bullying*, intolerância, pais egoístas, anorexia. “Não dá, eu tentei, eu juro que tentei parar. Isso é como um viciado que precisa da sua droga pra se sentir livre e longe dessa SOCIEDADE estúpida. Aí vem aquelas pessoas que não conhecem a nossa história ou os nossos motivos e começam a criticar, aí a gente vai lá e se afunda cada vez mais” (Depoimento retirado do Tumblr. Muitas das bandas e mensagens, como na Figura 44 são melhor absorvidas por indivíduos jovens nestas condições).

Durante o início da presente década, com o aumento ou a tomada das redes pelo universo da autolesão adolescente<sup>156</sup>, ao se entrar no Instagram e no Tumblr e usar os recursos de busca, digitando termos como depressão ou automutilação, o usuário ou visitante pode ser conduzido ao Reach Out (<http://us.reachout.com>). Contra esta onda de tristeza e automutilação, o Instagram, talvez por ser uma rede social especializada em fotos e vídeos, lança uma política (a *policy*), banindo e excluindo contas direcionadas a mostrar conteúdos sobre automutilação e suicídio.

Isso obviamente não *deleta* o problema, não elimina as condições que conduzem os jovens a vivenciarem estas aflições. “Teens – and adults – have long turned to the internet to grapple with mental health. But there will always be new, evolving ways to talk about internal pain” (YANDOLI, 2014, *on site*). Os jovens sempre encontram e continuarão a encontrar formas de serem ouvidos, mesmo que as *hashtags* sejam retiradas. Esta tecnologia recente, de modo algum pensada para aglutinar jovens *cutters*, pegando a *policy* de surpresa e, no instante em que os sujeitos se apoderam dela e dão os usos sociais, ocorre uma forma de produção de vínculo de sentido. Quando não atende ao socialmente aceitável, positivamente sancionado, a *policy* percebe que há este vínculo e age para desmontá-lo.

Observa-se que a política contra a “promoção” da automutilação do Instragram, no que recorto e destaco partes importantes do texto para os propósitos da presente discussão:

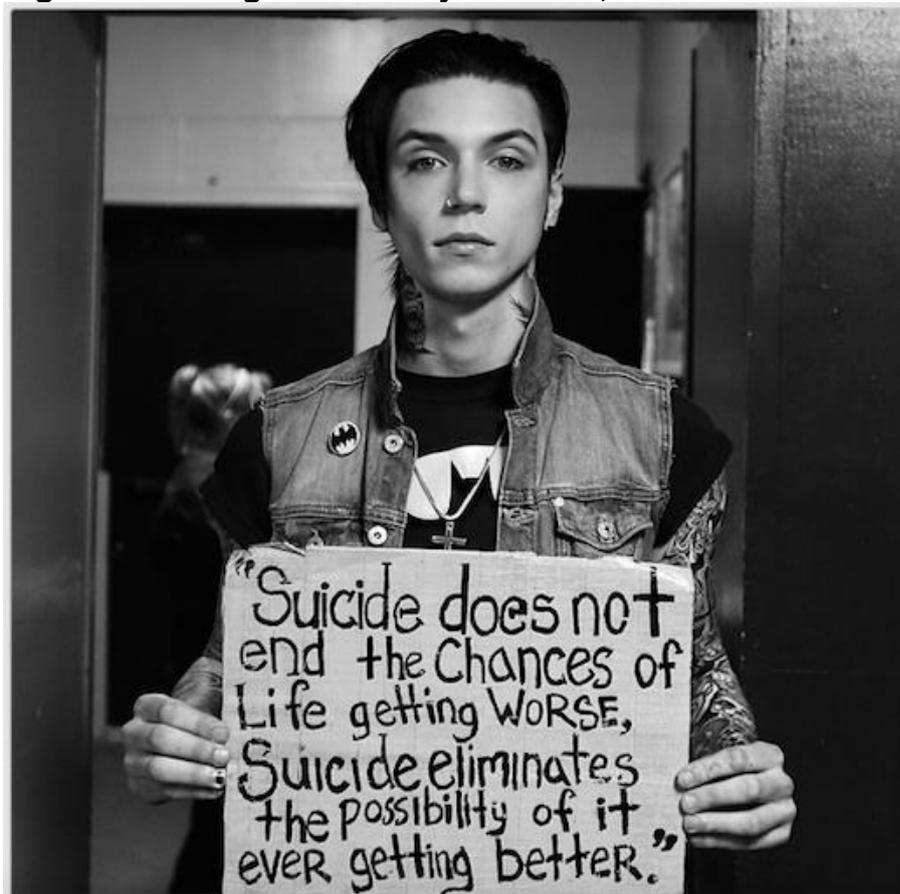
---

<sup>156</sup> Ver *Self harm hashtags may be driving increase of cutting in young people*, em New.com, [www.news.com.au/lifestyle/health/self-harm-hashtags-may-be-driving-increase-of-cutting-in-young-people/story-fniym874-1227056210456](http://www.news.com.au/lifestyle/health/self-harm-hashtags-may-be-driving-increase-of-cutting-in-young-people/story-fniym874-1227056210456), acesso em 12 nov. 2014.

The language we have added to our Community Guidelines can be found below:

Don't **promote or glorify** self-harm: While Instagram is a place where people can share their lives with others through photographs, any account found encouraging or urging users to embrace anorexia, bulimia, or other eating disorders; or to cut, harm themselves, or commit suicide will result in a **disabled account without warning**. We believe that communication regarding these behaviors in order to create awareness, come together for support and to facilitate recovery is important, but that **Instagram is not the place for active promotion or glorification of self-harm**<sup>157</sup>.

Figura 45. Instagram de Andy Biersack, vocalista da BVB<sup>158</sup>



Fonte: Andy Biersack, [2012]<sup>159</sup>.

<sup>157</sup> Fonte: <http://blog.instagram.com/post/21454597658/instagrans-new-guidelines-against-self-harm>, acesso em 18 nov. 2014.

<sup>158</sup> Na imagem postada em seu Instagram, Andy deixa uma mensagem sobre o suicídio para seus fãs, algo que lembra a postura do MCR na ocasião do suicídio da garota Hannah Bond. "Suicídio não põe fim a uma vida que pode ficar pior. Suicídio elimina a possibilidade de que ela venha a ficar melhor" (Tradução do Autor). Em um dos comentários à publicação desta imagem, uma garota escreve: "You save me from my self destruction. I love you more than myself", ou "Você me salvou da minha autodestruição. Eu o amo mais do que a mim mesma" (Tradução do autor).

<sup>159</sup> Fonte: <http://instagram.com/p/usQfVMukfP/?modal=true>, acesso em 5 nov. 2014.

Autoridades britânicas têm se referido ao Tumblr do *cutting* ou do *suicide* como conteúdos “tóxicos”, que precisavam ser retirados; um flagelo que se espalha pela sociedade<sup>160</sup>. Isso nos lembra do nosso jovem informante Elemento Tóxico, que, se olharmos para o que foi discutido até aqui, nada mais é do que um sobrevivente psíquico, como diria Lasch (1990), de uma sociedade onde os indivíduos podem estar cada vez mais conectados, porém solitários e melancólicos, tendo a lâmina como única companheira, diante de lares onde os papéis sociais se diluem, e cada um parece ter um projeto de vida próprio, que muitas vezes o outro não é agregado satisfatoriamente.

Os pais às vezes são bem egoístas. Se um dia você for pai, não seja assim. Tipo meus pais vivem falando "Um dia vamos recuperar o tempo que perdemos". Da vontade de mandar passear. É um lixo, esses bitch! Quando me cortava claro que me sentia tristeza ou raiva. Ou então eu pensava que ia melhorar depois que eu me cortasse. Daí eu me cortava e pronto. Eu fazia quase todo dia mas ai eu comecei parando parando.. [Você ainda tem suas lâminas?] Sim, ainda as tenho. Carrego comigo na minha mochila da escola. (Conversa via rede social com garota de 12 anos que estava há quatro meses que não fazia uso dos cortes para aliviar sua depressão e raiva que sentia de seus pais, os quais haviam se separado e ido embora para outros estados, deixando-a sob os cuidados dos avós).

**Figura 46. Show do MCR em Kansas City**



Fonte: Neil Krug, [S .D], <sup>161</sup>.

<sup>160</sup> Ver *Social networks to face government grilling over suicide content*, Disponível em: <<http://www.theguardian.com/technology/2014/jan/27/social-networks-to-face-government-grilling-over-suicide-promotion>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

<sup>161</sup> Disponível em: <<http://www.mychemicalromance.com/media/photos>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

Mas, nas redes da Internet, a partir da criação de ambientes de compartilhamento, os jovens não estão no ciberespaço para pregar o corte e o suicídio como algo louvável, supostamente ameaçando outros usuários expostos, conteúdo supostamente fruto de indivíduos mentalmente perturbados e influenciáveis. Isso muitas vezes foi atribuído pela mídia a bandas como *My Chemical Romance (MCR)* e *Black Veil Brides (BVB)*<sup>162</sup> que, em parte, influenciariam o comportamento inapropriado dos adolescentes.

A este respeito, Phillipov (2009), acerca do comportamento da mídia na ocasião dos suicídios que ocorreram na Austrália, em 2007, fala da lógica do pânico moral:

Moral panics in relation to youth music and subculture are not uncommon in the news and other media. Moral panics related to social networking technologies have also been subject to academic study. In these cases, moral panic is typically understood as a force of normalisation and social control. The media discourses surrounding the deaths of the three young women possessed many of the features of moral panic described in this literature, including a build-up of concern disproportionate to “real” risk of harm (p. 1).

Ocorre que as letras de canções do pós-*hardcore*, das bandas que muitos de nossos jovens do DM são fãs, intencionam retratar a sociedade a partir de temas que envolvem dor e sofrimento, em meio a um mundo por vezes encarado por uma parcela de jovens como indiferente e intolerante, o que os leva a identificarem-se com elas, pois compartilham de problemas comuns aos temas nelas tratados. Hill (2011), em suas pesquisas utilizando materiais de mídias, pontua que muitos fãs de *emocore*, através de suas publicações autônomas sobre o que os jornais dizem, particularmente a respeito do MCR e o suicídio, têm percebido que:

My Chemical Romance had become a scapegoat [bode expiatório] for a generation’s misery only perpetuates and entrenches feelings of frustration amongst teenagers as they continue to be misunderstood and silenced. In fact older letters to Kerrang! suggest that some My Chemical Romance fans use the band as a form of self-medicating music therapy: “If anything, I think that emo music can stop teens from committing suicide and doing things they are going to regret. Feeling someone else’s pain can help you get over your own. You understand that lots of other like-minded people know what you’re going through and that you’re not alone in feeling down” (HILL, 2011, p. 6).

---

<sup>162</sup> Esta noção não é tão recente. Acreditar que determinadas mídias acabarão por trazer problemas comportamentais aos indivíduos simplesmente por estarem expostos a determinados conteúdos que possam afetá-los negativamente foi uma corrente já na época de *boom* da televisão (BRIGGS; BURKE, 2004).

A banda MCR faz um pronunciamento oficial em seu site acerca da ideia propagada de que é uma das estimuladoras de problemas mentais entre adolescentes, como, por exemplo, a tendência suicida:

A mensagem e o tema do nosso álbum “The Black Parade” é esperança e coragem. Nossas letras são sobre encontrar a força para continuar a viver através da dor e de tempos difíceis. A última canção no nosso álbum afirma “Eu não tenho medo de continuar vivendo” – um sentimento que encarna a posição da banda sobre as dificuldades que todos enfrentamos como seres humanos. Se você ou alguém que você conhece tem sentimentos de depressão ou suicídio, nós pedimos que você encontre o seu caminho e sua voz para lidar com esses sentimentos de forma positiva (MY CHEMICAL..., 2008).

O grupo terapêutico Goodtherapy.org, após publicar uma matéria com o título “Adolescentes em subculturas alternativas são mais propensos à automutilação”, citando estudos psiquiátricos estatísticos, recebe a seguinte crítica em seu site, por parte de uma jovem punk, uma mãe de 26 anos:

People don't harm themselves, generally just because they're part of an “alternative” group. The kids you'll find turning to punk rock are usually the ones everyone refuses to accept main stream. Again, this isn't all of them. Punkculture is built on the “**come as you are**” concept. We accept the bullied, beaten, rejected, angry, lost, and lonely. You don't have to apologize for who you are or try to be someone else. (...) Don't blame the music. **Take care of your kids** (Alyssa) (VILLINES, 2014, [s. p]).

A filosofia por trás do “*come as you are*” (venha como você é) é justamente aquela envolvida em espaços como o DM, a PP e o Fafi, onde, como pudemos ver, muitos adolescentes acabam tendo um espaço em torno do qual podem exercer suas identidades sem receio.

Para analistas mais cautelosos, não se trata de redes *pro-self harm*, *pro-cutting* ou, em suma, pró-autodestruição, como alguns têm se referido a elas. O pró, advérbio *a favor de* algo, mesmo que em certas ocasiões haja nas redes alguma publicação que faça jus ele, de longe representa a amplitude por trás desta onda, pelas razões expostas na presente seção, bem como na discussão a seguir.

### 6.3. Rumo à dimensão crítica da autolesão na era informacional: uma leitura possível

Considerando o que pôde ser observado e interpretado ao longo desta pesquisa, estabeleci uma relação entre as subculturas de hoje e a contracultura em

suas origens, apesar de muito daquilo que se considera pós-*hardcore* punk, tanto em música como em estilo, esteja inserido na mídia e no mercado<sup>163</sup> (MUGGLETON, 2002, p. 131-155). Mesmo assim, mais do que um pano de fundo histórico, as identidades por trás delas têm se constituído até hoje numa forma de ocupação da vida pública, de enfrentamento em muitos sentidos, mesmo que sutis, tanto no ciberespaço como nos locais públicos. Ocupações estas que, como vimos, não apenas, e simplesmente, foram um empreendimento de gerações anteriores, mas acima de tudo, num sentido mais pragmático, a geração da era digital vem fazendo novas incursões no espaço, ou fechando ruas como no Fafi ou sendo retirados da Praça Verde do DM.

As letras do pós-punk que retratam a dor e a tristeza, a indiferença e os sentimentos, elas mesmas são expressões das inquietações da juventude de nossa época, foram um meio que os sujeitos encontraram para falar sobre a dor interna. Da mesma forma, se pensarmos a partir da noção de ocupação por trás da automutilação, não haveria somente um amontoado de distúrbios isolados, mas um tipo de linguagem (que não tem relação com o louvor ao corte, ideia que vem de análises apressadas, como no jornalismo) e de protesto, numa forma distinta do modo de fazer política dos punks, mas não totalmente distante e muito similar em termos de vestimentas e estilos de vida, conforme se constatou em diversos adolescentes da pesquisa empírica que já se cortaram, em diferentes graus de intensidade e duração<sup>164</sup>.

Como tem sido discutido, a autoidentidade, dentro da dimensão do que temos visto ser o *underground* – no sentido de uma realidade empírica, a galera *under* como formulação nativa e seu significado histórico – implica no controle do corpo<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup> O que não quer dizer que não existam ainda as vertentes subculturais mais *undergrounds* e pouco “digeríveis” para o mercado de massa, em termos de sonoridade e de estilo de música.

<sup>164</sup> Sabe-se também que os punks se automutilavam com cacos de vidro e pontas de cigarro (BOLLON, 1993, p. 130), quando não modificações corporais, o que certamente não era tudo por trás daquele movimento.

<sup>165</sup> Lembramos que a ética punk se assentava num potencial uso do corpo como instrumento político. O político estava marcado no corpo, quebrando convenções sociais, rasgando o tecido normativo, invertendo lógicas de poder. É oportuno, a este respeito, sobre a questão do corpo, o que nos ensina Foucault (2014, p. 259): “O domínio, a consciência de seu corpo não puderam ser adquiridos senão pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exércitos, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso está na linha que conduz ao desejo de seu próprio corpo por um trabalho insistente, obstinado, meticuloso que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, soldados, sobre o corpo em boa saúde. Mas, a partir do momento em que o poder produziu esse efeito, na própria linha de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, aquilo pelo que o poder era forte se torna aquilo pelo que é atacado... O poder avançou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... Lembra-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre ou do aborto...”

como meio de comunicar gostos e sentimentos. Compreendida desta forma, dentre outros aspectos, este controle traz possibilidades de posicionamento do ator social em meio ao caráter rotineiro e institucional do fluxo da vida cotidiana, o que não ocorre sempre sem alguns tipos de tensões<sup>166</sup>. E os posicionamentos desejam espaços, outros espaços, e, de fato, criam-nos, em meio à autoridade moral, ou seja, o valor de uma vida ocupacional, o estudo e o trabalho etc., no campo do que se espera ser atitudes e escolhas “saudáveis” e aceitáveis (DURKHEIM, 2000; GIDDENS, 1998, p. 150-152).

Os espaços podem ser, em um sentido mais objetivo, aqueles virtuais ou os da vida “off-line” urbana, como a PP e o DM; noutro aspecto, não se trata simplesmente da Praça Portugal e do Dragão do Mar, mas das possibilidades que lá foram criadas por grupos que mantiveram uma rotina de reuniões informais em dias do fim de semana (a propósito do Capítulo 3, os termos nativos PP e DM aludem a estas reuniões e à forma como estes espaços foram apropriados).

Problematizando mais um pouco, tendo em vista a discussão da presente seção, quando os *beats* e os *hippies* criaram modos de vida e de pensamento alternativos, estavam também criando a possibilidade de interação para além do mundo do trabalho e da vida burocratizada, de padrões sexuais rígidos, de mecanismos sociais de rotulações de indivíduos – a exemplo do emo, do Dominik real-ficcional ou do nosso informante Suicide, rotulados e, por isso, incrustados em suas próprias dores; suas roupas como máscara ou então confinados no quarto, porém em busca de conexão e de *esperança*<sup>167</sup>). Assim também, o processo de rotulação ocorre com grupos, como, por exemplo, os doentes mentais ou os “*jazzman fumetas*”,

---

De fato, a impressão que o poder vacila é falsa, porque ele pode operar um retorno, deslocar-se, investir em outra parte, ... e a batalha continua”.

<sup>166</sup> Tomando por base os diversos materiais aqui citados, dos nossos “*jovens cutters*”, do ponto de vista da ação do ator no “mundo da vida”, poderíamos resumir as questões existenciais, tal como são descritas por Giddens (2002, p. 50-57), da seguinte forma: o que ser e como agir em determinados ambientes, frente a amigos, pais, professores...? Devo sorrir e alegrar-me quando na verdade dentro de mim há um tormento? A resposta pode ser um campo defensivo, um estilo *under*, até combinado com um *blog* na rede social Tumblr, para expor os dilemas pessoais.

<sup>167</sup> Destaco que o termo *esperança* é emprestado de D. Winnicott (2005, p. 135-147; 163-175). Importante lembrar, a propósito do que foi discutido no Capítulo 2, Erikson (1976; 1976), cujas as ideias Giddens (2003) baseou-se para fundamentar elementos importantes de sua teoria da estruturação (p 59-69), tem uma proximidade com o pensamento de Winnicott (1983), que, já em finais da década de 1960, apresenta escritos inovadores para a época, ainda atuais, sobretudo por expurgar uma noção cartesiana de doença em torno da observação de crises no comportamento de crianças e adolescentes.

desviantes, aqueles cujas disfunções apresentariam dificuldades à integração na sociedade “saudável”.

Em termos de crítica a partir do estilo, das atitudes e de ocupação – olhando para a *squat* do DM e do Fafi como descritas ao longo deste trabalho – os punks e os pós-punks, como o *hardcore* “emotivo” e suas repercussões, parecem deixar uma lição, um significado social que conecta o corte ao grito de um segmento de jovens. As seguintes palavras de Bollon (1993), a respeito da crítica *punk* ao social, pode perfeitamente ser trazida aqui, como uma reflexão possível sobre a autolesão:

Os *punks* *mimavam* o mal ou envergavam o traje do grotesco para dinamitar as convenções e mostrar à luz do dia uma “verdade” recalçada. Suas provocações buscavam primeiramente *desestabilizar* a consciência social, cavar o abismo sobre o qual ela estava sentada e que ela procurava prudentemente esquecer, levando-a assim, por uma espécie de recuo, se não de “cisão” crítica, a aceitá-lo; como cínicos, os *punks* buscavam “desencantar” a sociedade para lhe trazer de volta uma ordem mais “natural”, sem hipocrisia (Grifos do Autor) (p. 156).

De posse desta visão mais abrangente, poderíamos chegar a seguinte pergunta: tem algo mais *punk* do que um braço todo cortado? O corte é *punk*! Ele não está nas redes on-line apenas como uma “modinha” *teen* inconsequente, não somente envolve – ou pode ser reduzido a – uma brincadeira perigosa na qual alguns especialistas e jornalistas afirmam que a exposição ao virtual é uma das causas do aumento da automutilação entre os jovens<sup>168</sup>.

Via Internet, a automutilação ganha ares de estética e se torna pública, com suas imagens em animações e reflexões textuais “contaminando” o sistema, incomodando-o. Aqui voltamos à questão da ambiguidade em torno da transgressão nas democracias ocidentais. O #corte, a #automutilacao e seus correlatos vínculos de sentido (estas *hashtags* quase sempre são criadas nos *posts* junto com #triseza, #depressao ou #suicidio) parecem desejar o mal, como se suspeitavam acerca dos punks. Quando não são encarados como espaços “terapêuticos”, onde as pessoas podem conversar a respeito de seus “vícios” em automutilação sem reprimendas e

---

<sup>168</sup> Alguns têm se dirigido aos jovens como indivíduos por demais vulneráveis e de pouco senso crítico, diante do conteúdo disponível na Web. Ver, por exemplo, *Prática de automutilação entre adolescentes se dissemina na Internet e preocupa pais e escolas*, O Globo.com, de 26 set. 2014. Disponível em: <oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-adolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas-14050535>. Acesso em: 30 dez. 2014. Ou, *Self-harm fears over parental surveillance of children's 'digital life'*, de 7 out. 2014, Telegraph.co.uk, Disponível em: <telegraph.co.uk/news/health/children/11145958/Self-harm-fears-over-parental-surveillance-of-childrens-digital-life.html>. Acesso em: 4 jan.2015.

olhares críticos, por exemplo, em fóruns on-line, são interpretados por especialistas e instituições como atitudes positivas e, portanto, doentias, em direção ao sofrimento e à morte, especialmente nas redes sociais, onde a estética e a estetização do sentimento de dor e tristeza reinam soberanas.

Tendo em vista o que tem sido apresentado, a visão sobre o corte ultrapassa a noção de doença psíquica mais propensa na adolescência, doença que se alastra diante de sociedades consumistas e de relações afetivas esvaziadas. As condutas autolesivas impõem discussões mais profundas – não apenas olhar para quem as pratica, mas se questionar sobre a sociedade e a cultura atuais – indo além de soluções rápidas, definições e classificações de novas doenças em meio à onda de *cutting*, crescente ainda no período ao qual este estudo era concluído. Trazendo para a realidade da problemática em torno desta investigação, podemos resumi-la da seguinte maneira, nas palavras de Winnicott (2005), que indaga em 1961:

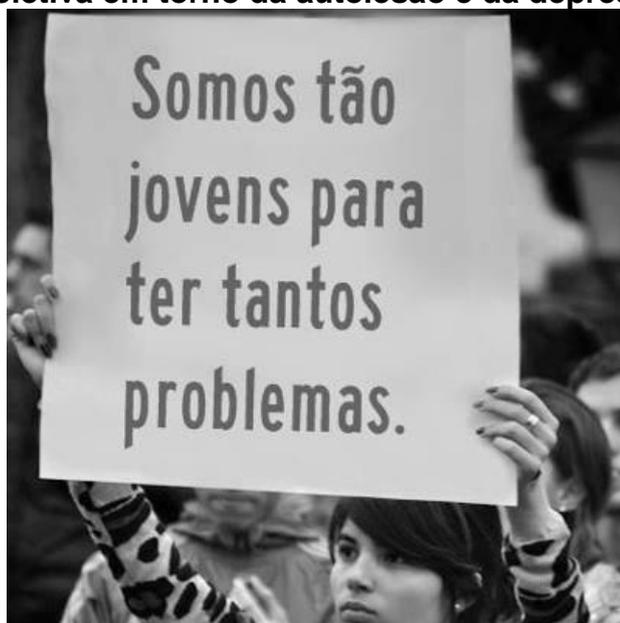
Se o adolescente quiser transpor esse estágio do desenvolvimento por processo natural, então deve-se esperar um fenômeno a que se poderia dar o nome de *depressões adolescentes*. A sociedade precisa incluir isso como característica permanente e tolerá-la, enfrentá-la, mas não a curar. Coloca-se então uma pergunta: **a nossa sociedade terá saúde para fazer isso?** (Grifos nosso) (p. 173).

Diante de tudo, ao contrário de perfis que podem ser vistos como sendo comuns ou “descolados”, que procuram retratar felicidade (nem que seja aparente), estes adolescentes poderiam ser comparados a *hackers*. Eles agem coletivamente, por utilizarem artifícios que são compreendidos no âmbito da comunidade de interesse. #Sue (suicídio), #Ana (anorexia), #Mia (bulimia) e #Secretysocitey123 outros são códigos que tomam posse de recursos tecnológicos para, a partir daí, burlar os *guidelines* das redes sociais. Os adolescentes “se encontram” nestas *hashtags*, em torno das quais agem como *flânerie* ou entram em interação focalizada, quando os indivíduos trocam mensagens e conselhos com aqueles que entendem e respeitam os seus motivos, ou seja, indo mais além das ações como curtir, favoritar ou reblogar postagens.

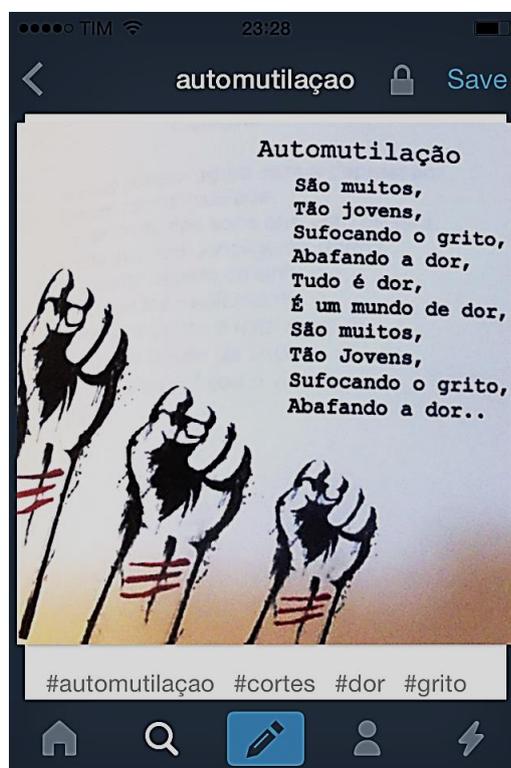
Através desta autonomia criativa, onde as *hashtags* vinculam um espaço de dados, temas específicos, eles burlando “as regras de conduta”, postam imagens de jovens com corpos em estados deploráveis, romantizam cicatrizes com braços já totalmente marcados com cortes profundos. Este movimento que vem tomando grandes proporções nas mídias eletrônicas é uma forma de chocar a sociedade,

mesmo que a intenção não seja uma autoconsciência de grupo, como se tivesse sido pensada previamente por um ente coletivo. É o resultado aleatório de múltiplas conexões, através das quais os jovens expõem suas dores e angústias.

**Figura 47. Visão coletiva em torno da autolesão e da depressão adolescente<sup>169</sup>**



Fonte: Tumblr.com/cortes.



Fonte: Tumblr.com/cortes.

<sup>169</sup> Propagada através de ações como “favoritar” ou “reglobar”, imagem que traz o simbolismo do punho cerrado, ou seja, luta e resistência.

Este movimento não deixa de ter uma conexão com a ideia punk. A autonomia que observamos na tomada de ruas e calçadas, onde adolescentes e jovens carregavam suas identidades para compartilhá-las de um modo mais aberto, sem restrições (lembremo-nos da oposição entre o lar e a cidade, o quarto e a rua, que é, sobretudo, fruto de construtos emocionais), em torno do qual a imagem da *squat punk* é a mais aproximada, é revivida na rede, como uma ideia punk, de fazer do corpo sua forma última e elementar de expressão; o punk e o *cutter* parecem gozar do status de criar o caos, o *no future*, mas na realidade, entrando nas engrenagens do sistema – e no caso do *cutting* povoando justamente os últimos espaços da moda no momento, Instagram, Pinterest e Tumblr, antes de vangloriar a autodestrutividade, entoam mensagens, que aqui poderiam se traduzir nas imagens a seguir:

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a partir da década de 2000, o fenômeno do crescimento da automutilação entre adolescentes tornou-se público através de notícias veiculadas pela mídia e de matérias on-line, nas quais muitos especialistas têm se pronunciado a este respeito.

Foi durante este processo de popularização da conduta autolesiva, especialmente na sua forma de cortes intencionais, que a mídia on-line ajudou a propagar a ideia de que a subcultura emo era propensa ao corte, às ideias suicidas e à depressão. Talvez esta tenha sido uma forma também de estes adolescentes atraírem os olhares da sociedade.

Estes dois aspectos importantes, então, se conjugavam. Se por um lado diversos tipos de conteúdos relacionados à automutilação vinham crescendo em redes sociais entre adolescentes, por sua vez, uma subcultura juvenil alternativa – uma espécie de porta voz do comportamento autodestrutivo – extrapolando a dimensão da afiliação estética e da veneração a um subgênero de rock, conduziram o fenômeno dos cortes a um patamar nunca antes visto entre as sociedades.

O resultado foi que, como nas matérias sobre “*self-harm growing...*”, algumas citadas neste trabalho, em meio às notícias dos suicídios de adolescentes emos, as redes sociais ou as comunidades virtuais do ciberespaço e a subcultura juvenil alternativa, sobretudo emos e góticos, seriam um dos principais responsáveis por estas práticas tão “corrosivas” para a mente e para o comportamento de crianças e jovens atualmente; algo que poderia ameaçar a saúde e o equilíbrio da convivência familiar (como visto no último capítulo, isto seria algo como o pânico moral, para alguns autores, ou ainda o pânico das instituições, como diria Foucault).

Obviamente, não há o que ser comemorado em relação ao crescimento da autolesão entre adolescentes. É preocupante o fato de muitos indivíduos, tão jovens, tenham que fazer uso de cortes, nos mais diversos graus de intensidade e de frequência, para lidar com aflições e outros estados perturbadores. Embora seja comum a adolescência ser um período da vida marcado por descobertas, desafios e incertezas, as aflições em torno da autolesão trazem ainda mais complicações para que o indivíduo leve uma vida de forma satisfatória, e isso não tem relação apenas com o fato de ter que esconder as cicatrizes em casa ou em ambientes públicos.

Por sua vez, a respeito da subcultura emo dos anos 2000, o preconceito lhes era dirigido tendo em vista o estereótipo do melancólico e andrógino, que tolera ou pratica a bissexualidade, mas também glorifica a automutilação. No entanto, o que tem ocorrido é que, enquanto o emo foi perdendo força no começo da presente década, o pós-punk e o estilo alternativo de ser, no sentido de “eu faço meu próprio estilo, não pertencço a nenhuma tribo” continuam como uma forte representação de originalidade e de individualidade entre os indivíduos mais jovens.

Esta áurea alternativa, permeada por música e símbolos do rock, oriundos da visão *underground* de mundo, é também elemento convergente tanto para os sujeitos da pesquisa de campo que praticaram a autolesão, como para o universo dos “tumblrs do corte”, ocupado por aqueles que utilizam esta ferramenta para falar de suas experiências ou ter um ambiente mais confortável e livre para expor suas reflexões e formas de encarar a vida. Tanto num caso como no outro, estes sujeitos possuem uma visão diferente do mundo, uma sensibilidade dentre muitas outras possíveis. Esta é a razão pela qual a referida convergência não significa um processo mecânico e causal: o fato de o indivíduo ter certo tipo de gosto musical não o conduzirá necessariamente à prática de cortes.

Como foi defendido ao longo deste trabalho, a música de *hardcore*, seu som e suas letras ou mensagens, é uma maneira de lidar com os sentimentos dolorosos e aflições, de extravasar emoções e de manter uma identidade, algo que ocorre quase sempre relacionado ao ambiente ou contexto afetivo e ao *background* resultante para o indivíduo que estar a se deslocar na vida social. Isso implica que a música e o estilo a ela subjacentes não possuem um fator mentalmente desestabilizador intrínseco que possa levar o indivíduo à autolesão, pelo menos no âmbito da pesquisa empírica aqui empreendida, tanto em relação aos diversos atores com os quais foi obtido razoáveis contatos e por observação de campo, mas também diante do vasto universo de dados que a rede Tumblr representa (com as *hashtags* #cortes #cutting #automutilacao e #dor).

Tudo isso implica que, se não há o que ser comemorado nesta onda de cortes, também não deveria haver motivos para que fosse enquadrado um ou mais responsáveis de uma maneira tão apressada e aparentemente consistente. O que tem ocorrido muitas vezes é a propagação de ideias que se travestem de definições, mas que resultam de visões estereotipadas sobre adolescentes depressivos ou subculturas alternativas urbanas, algo que foi mencionado em muitas ocasiões ao

longo deste trabalho. Isso foi a razão primeira da pesquisa empírica como aqui compreendida. Lidar com o mundo dos cortes, a partir de um cenário de contextos práticos de experiências sociais, onde se acreditou poder chegar aos sujeitos e suas falas. Mas antes de prosseguir, vejamos uma segunda frente de abordagem sobre a automutilação além daquelas das mídias e jornais.

Tendo em vista a popularização do *cutting*, em síntese, pudemos avaliar que muitos estudos acadêmicos também começaram a se referir ao que lhes parecem ser a *next teen disorder*, em que a automutilação engrossaria a fila de transtornos como a ansiedade, bulimia e anorexia, comuns nas sociedades industriais. Ou seja, a automutilação não mais seria tida com um dos sintomas do transtorno de personalidade limítrofe ou *boderline*, mas, em si mesma, um novo distúrbio de comportamento, o qual passou a ser dimensionado estatisticamente a partir de modelos prévios de tipos de desvios.

Afinal de contas, para tal perspectiva, quem se corta não está considerando – ou não tem capacidade para – outras possibilidades normais de lidar com o sofrimento emocional, em que o ato de ferir a pele é demonstração grave e perigosa de comportamento desequilibrado. Nesta linha de pensamento, o comportamento *self-harm*, uma vez estabelecido os critérios que o definem, poderia ser correlacionado a outros fatores, de modo a evidenciar relações. Assim, por exemplo, seria possível perguntar se, dentre os jovens que têm se cortado durante um determinado período de tempo, quais aqueles que teriam também usado drogas ou tiveram ideações suicidas e se, dentre aqueles que assim o fizeram, a incidência do corte foi maior.

A partir de então, a noção de subcultura, neste quadro de referência, passaria a ser vista como um dos fatores de risco à autolesão ou à saúde mental, ou um fator de estímulo a mais para indivíduos já emocionalmente vulneráveis virem a se cortar. Descontextualizada do seu sentido histórico e cultural mais amplo, por exemplo, o gótico e o pós-*hardcore* punk, estas subculturas, em algumas interpretações, teriam na prática dos cortes um valor interno, uma de suas normas.

De um modo diverso em relação à perspectiva acima, a partir dos mais variados dados e da abordagem qualitativa como foi aqui delineada, o mundo dos cortes, a partir do campo dos cenários urbanos da PP, DM e do Fafi, e das *hashtags* das aflições no Tumblr, revelam não tanto indivíduos ingênuos e imaturos. Na realidade, para fazerem os cortes muitos deles precisam ser fortes e acabam superando as depressões e sentimentos de raiva, abandonando a autolesão. Uma

constatação importante também é que este campo mostra indivíduos repletos de revolta, de sentimentos de rancor, ambientes interpessoais de pouco afeto e muito preconceito e indiferença. Talvez por este tumulto presente na vida daqueles que autolesionam, frequentemente quem assim o faz, afirme que as pessoas nunca irão entender os motivos que o levam a fazer o que faz e, por esta razão, as pessoas venham a criticá-lo ou achar que tudo é uma maneira de atrair atenção, algo superficial.

Portanto, ao contrário da visão racional e essencialmente interna propagada em sites de grupos e instituições terapêuticas, como o [goodtherapy.org](http://goodtherapy.org) e o [villaramadas.com](http://villaramadas.com) – espaços institucionais para os quais, basicamente, os doentes escondem os cortes, não desenvolvem estratégias saudáveis para lidar com angústia e possuem fragilidade na construção da personalidade – o sofrimento em torno do qual o adolescente vale-se de cortes na pele e outras formas de autolesão, é uma forma de estar no mundo apesar do ambiente, uma luta para superar o sofrimento psíquico diante de conflitos e pobreza de relações afetivas. É uma maneira que, por muitas razões, têm se propagado entre os jovens e parece ter sido uma solução, uma opção frente ao suicídio, para lidar com angústias e ansiedades mais intensas.

A onda de automutilação que tem se espalhado pelas redes sociais, um dos fenômenos mais marcantes da sociedade de consumo hoje, em alguns aspectos não é muito diferente do LSD da contracultura dos finais de 1960, não tanto diferente disso se comparada à noção de falhas no desenvolvimento da personalidade ou na regulação de emoções do conjunto psíquico que é um ser humano.

Os jovens sempre estiveram empenhados, como têm defendido acadêmicos e artistas, em criar as condições de esperança para sobrevivência, um meio de ter voz em um contexto social e econômico tão conectado, mas onde também cada vez mais as pessoas e seus projetos estão tão desencontrados.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Patricia A. ADLER, Peter. The demedicalization of self-injury from psychopathology to sociological deviance. *Journal of Contemporary Ethnography*, 2007, v. 36, n. 5, p. 537-570.

\_\_\_\_\_. *The tender cut: Inside the hidden world of self-injury*. New York: NYU Press, 2011.

ALFONSO, M. L. *The tip of the blade: Self-injury among early adolescents*. ProQuest, 2007.

\_\_\_\_\_.; KAUR, R. Self-Injury Among Early Adolescents: Identifying Segments Protected and at Risk. *Journal of School Health*, 2012, p. 537-547.

AZERRAD, Michael. *Our Band Could Be Your Life: Scenes from the American Indie Underground, 1981-1991*. New York: Little, Brown and Company, 2001.

BAKER, Felicity; BOR, William. Can music preference indicate mental health status in young people?. *Australasian Psychiatry*, v. 16, n. 4, p. 284-288, 2008.

BAKER, T. D.; SMITH-ADCOCK, S.; GLYNN, V. R. The Ghost of "Emo": Searching for Mental Health Themes in a Popular Music Format. *Journal of School Counseling*, 2013, 11(8).

BARBALET, Jack M. *Emotion, social theory, and social structure: A macrosociological approach*. Cambridge University Press, 1998.

BARRETO, Francisco Paes. Como vejo a psiquiatria hoje: Entre as aves e as feras. *Escola Brasileira de Psicanálise*. 2012. Disponível em: <[http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Francisco\\_Paes\\_Barreto\\_Como\\_vejo\\_a\\_psiquiatria\\_hoje1.pdf](http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Francisco_Paes_Barreto_Como_vejo_a_psiquiatria_hoje1.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2013.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1991.

BAUMAN, Z. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: \_\_\_\_\_.; GIDDENS, A.; LASH, S. (orgs). *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BOLLON, Patrice. *A moral da máscara: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BOUDEWYN, Arne Cornelius. LIEM, Joan Huser. Childhood sexual abuse as a precursor to depression and self-destructive behavior in adulthood. *Journal of Traumatic Stress*, 1995, v. 8, n. 3, p. 445-459.

BRIGGS, Asa.; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BURROUGHS, William S. *Junky – drogado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ editora, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Poder da Identidade. A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. v.2. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHANDLER, Amy. Self-injury as embodied emotion work: managing rationality, emotions and bodies. *Sociology*, 2012, v. 46, n. 3, p. 442-457.

CHOLACHATPINYO, A. *et al.* A conceptual model of the fashion process – part 1: the fashion transformation process model. *Journal of Fashion Marketing and Management*, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2012.

CHRISTENSON, Jacob D.; BOLT, Kirsten. Self-Injurious Behavior: Who's Doing It, What's Behind it, and How to Treat It. *Journal Therapeutic Schools and Programs*. Aspen Achievement Academy, Loa, Utah, 2011, p.71-87.

CLEAVER, K. Characteristics and trends of selfharming behaviour in young people. *British journal of nursing*, 2007, 16(3), p. 148-152.

CONNOR, Steven. *A cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo (SP): Loyola, 1996.

COPES, Lopes, H.; WILLIAMS, J. P. Techniques of affirmation: Deviant behavior, moral commitment, and subcultural identity. *Deviant Behavior*, 28(3), p. 247-272, 2007.

CRAPANZANO, Vincent. A cena: lançando sombra sobre o real. *Mana*, Rio de Janeiro, 2005, v. 11, n. 2, p. 357-383.

DE ANDRADE, Rosângela Vieira *et al.* Atuação dos neurotransmissores na depressão. *Sistema Nervoso*, v. 2, p. 3, 2003.

DE LEO, Diego; HELLER, Travis S. Who are the kids who self-harm? An Australian self-report school survey. *Medical journal of Australia*, v. 181, n. 3, p. 140-144, 2004.

DEFINIS-GOJANOVÌC, M.; GUGIC, D.; STLOVIC, D. Suicide and Emo Youth Subculture: a case analysis. *Collegium Antropologicum*, 2009, 33(2), p. 173-175.

DURKHEIM, É. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Suicide: a study in sociology*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

END ON END. Intéprete: Rites Of Spring. Live 1985, Old 9:30 Club, 1985. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6lhANYFwS6s>>. Acesso em: 15 set. 2014.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

ETERNA solidão. Tumblr. [2010]. Disponível em: <<http://byeternasolidao.tumblr.com/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

FERREIRA, Mafalda; GASPAR, Margarida; DINIZ, José Alves. Preferências musicais e culturas juvenis e a sua relação com o consumo de substâncias na adolescência. *Adolescência e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 13-26, out/dez, 2011.

FERREIRA, P. M. Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas e Práticas*, p. 55-85, 2000.

FISCHER, Gustave-Nicolas. *Psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget: Lisboa, 1994.

FLICK, Uwe. Entrevista episódica. In BAUER, M. W. GASKELL, G. G. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

FOOTE WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 28ª ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2014.

FROMM, Erich. *A descoberta do inconsciente social: contribuição ao redirecionamento da psicanálise*. São Paulo: Manole, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. IS. reimpr (1926). Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GENERATION Hredes-Emo-black-Punk-GoTh TunisiA, comunidade de jovens da Tunísia no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Generation.Hardrous?fref=nf>>. Acesso em: 13 set. 2013.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo e moderna teoria social: análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

\_\_\_\_\_. *Durkheim*. Glasgow: Fontana, 1978.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. *Novas Regras do Método Sociológico: uma crítica positiva às sociologias interpretativas*. Lisboa: Gradiva, 1996a.

\_\_\_\_\_. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva*, 73-133. São Paulo: Unesp, 1996b.

\_\_\_\_\_. *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 1998.

GIRL Depressed. Tumblr, 2013. Disponível em: <<http://cortes-de-uma-garota-solitaria.tumblr.com/>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

GLADWELL, Malcolm. *O ponto de desequilíbrio: como pequenas coisas podem fazer uma grande diferença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

GOFFMAN, Ken.; JOY, Dan. *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro, 2005.

HANKIN, Benjamin L., ABELA, John RZ. Nonsuicidal self-injury in adolescence: Prospective rates and risk factors in a 2 ½year longitudinal study. *Psychiatry research*, 2011, v. 186, n. 1, p. 65-70.

HARRIS, Jennifer. Self-harm: Cutting the bad out of me. *Qualitative Health Research*, 2000, v. 10, n. 2, p. 164-173.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEBDIGE, D. *Subculture: The meaning of style*. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 1995.

HILL, Rosemary. Emo Saved My Life: Challenging the Mainstream Discourse of Mental Illness around My Chemical Romance. *Can I Play with Madness?*. p. 143, 2011.

HODGSON, S. Cutting through the Silence: a Sociological Construction of Self-Injury. *Sociological inquiry*, 74(2), p. 162-179, 2004.

HOME, Stewart. *Assalto à cultura: utopia, subversão, guerrilha na (anti) arte do século XX*. 2 ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

HORNE, Outi; CSIPKE, Emese. From feeling too little and too much, to feeling more and less? A nonparadoxical theory of the functions of self-harm. *Qualitative health research*, v. 19, n. 5, p. 655-667, 2009.

IF I NEVER Thought About It. Interpret: Embrace (US). In: EMBRACE. Washington DC (EUA): Dischord Records - No 24. Formato: Vinyl, Faixa: B5, 1987.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo (SP): Ática, 1996.

JOHNSON, Steven. *Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

KELLEY, Trevor; SIMON, Leslie. *Everybody hurts: an essential guide to emo culture*. New York: Harper Entertainment, 2007.

KEROUAC, Jack. *Big Sur*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

KLONSKY, E. David. The functions of self-injury in young adults who cut themselves: Clarifying the evidence for affect-regulation. *Psychiatry research*, 2009, v. 166, n. 2, p. 260-268.

KOMASA, Jan. O Quarto do Suicídio (Título original: Sala Samobójców). Varsóvia, Polônia: Wolfe, 2011, 110 min.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*, 1998, vol. XXXIII (148), 1998 (4.º), p. 871-883.

LASCH, C. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LE BRETON, David. Conductas de riesgo. De los juegos de la muerte a los, *Instituto Latinoamericano de Estudios de la Familia A.C.* 2012. Disponível em: <<http://www.ilef.com.mx/>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, v. 16, n. 33, p. 25-40, 2010.

LELLIOTT, Paul *et al.* Self-harm: the short-term physical and psychological management and secondary prevention of self-harm in primary and secondary care. *National Clinical Practice Guideline*, n 16. The British Psychological Society & The Royal College of Psychiatrists, 2004. Disponível em: <[www.bps.org.uk](http://www.bps.org.uk); [www.rcpsych.ac.uk](http://www.rcpsych.ac.uk)>. Acesso em: 02 abr.2014.

LEVINA, Mark. Killing emos, and the future, in Iraq. *Al Jazeera*. 20 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/03/201231911938716976.html>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal*: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

\_\_\_\_\_. *A sociedade da decepção*. Barueri (SP): Manole, 2007b.

\_\_\_\_\_.; SERROY, J. *A cultura-mundo*: resposta a uma sociedade desorientada. Lisboa: Edições, 2011.

LOPES, Rodrigo Garcia. O uivo vivo de Allen Ginsberg. *Revista Cult Online*. [2010]. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-uivo-vivo-de-allen-ginsberg/>>. Acesso em: 4 set. 2014.

\_\_\_\_\_. *Vozes e Visões*: Panorama da arte e da cultura norte americanas hoje. São Paulo: Iluminuras, 1996.

LORD ALDERDICE, John *et al.* Self-harm, suicide and risk: helping people who self-harm. *Royal College of Psychiatrists*, Disponível em: <<http://www.rcpsych.ac.uk/files/pdfversion/cr158.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

MARÍN, Lina Casadó i. Identity, emotions and the language of the body: Readings and meanings of bodily self-harm in young people. *MAT - Medicine Anthropology Theory*. 21 (1) 2009, pp. 75-92. Disponível em: <<http://www.medanthrotheory.org/read/2754/identity-emotions-and-the-language-of-the-body-readings-and-meanings-of-bodily-self-harm-in-young-people>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Los discursos del cuerpo y la experiencia del padecimiento. Acciones autolesivas corporales en jóvenes: tesis doctoral. 2011. Tese de Doutorado. Universitat Rovira i Virgili.

MCNEIL, Legs. MCCAIN, Gillian. *Mate-me por favor*. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2004.

MIERNIK, Mirosław Aleksander. The Evolution of Emo and its Theoretical implications. *Polish Journal for American Studies*, 2013, p. 175.

MITCHELL, William J. *E-topia*: a vida urbana, mas não como a conhecemos. São Paulo: Senac, 2002.

- MORAES, Breenda. Minha Automutilação :/. *YouTube*, publicado em 16 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4unIFRaEF2E>>. Acesso em: 05 jun. 2014.
- MORAN, Ian P. Punk: The Do-It-Yourself Subculture. *Social Sciences Journal*, v. 10, n. 1, p. 13, 2011a.
- MUEHLENKAMP, J. J., CLAES, L. HAVERTAPE, L. PLENER, P. L. International prevalence of adolescent non-suicidal self-injury and deliberate self-harm. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, 2012, 6(10), p. 1-9.
- MUGGLETON, David. *Inside subculture: the postmodern meaning of style*. New York: Berg, 2002.
- MY CHEMICAL Romance speak about 'emo' suicide. 25 maio. 2008. Disponível em: <<http://www.nme.com/news/my-chemical-romance/36873#qFIEJUmqkq4yu7e.99>>. Acesso em 14 dez. 2012.
- MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. In BAUER, M. W. GASKELL, G, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petropolis (RJ): Vozes, 2002.
- NETO, Lauro. Prática de automutilação entre adolescentes se dissemina na internet e preocupa pais e escolas. *O Globo*, 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-adolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas->>. Acesso em: 22 jan. 2014.
- NOCK, Matthew K. *et al.* Non-suicidal self-injury among adolescents: Diagnostic correlates and relation to suicide attempts. *Psychiatry research*, 2006, v. 144, n. 1, p. 65-72.
- O'CONNOR, A. Local scenes and dangerous crossroads: punk and theories of cultural hybridity. *Popular Music*, 2002, 21(02), p. 225-236.
- PAES, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, 1990, p. 139-165.
- PATTON, M. Q. *Qualitative evaluation and research methods*. Beverly Hills, CA: Sage, 1990.
- PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In BAUER, M. W. GASKELL, G, G. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.
- PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. L'Homme, (1982). *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 25, 2º sem. Niterói (RJ): EdUFF, 2008, n. 1, 2.

PHILLIPOV, M. "Just Emotional People"? Emo Culture and the Anxieties of Disclosure. *M/C Journal*, 2009, 12(5).

PRASAD, Vibhore. OWENS, David. Using the internet as a source of self-help for people who self-harm. *Psychiatric Bulletin*, v. 25, n. 6, p. 222-225, 2001.

PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. *Design de interação: além da interação homem-computador*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

RAWSTORNE, Tom. Hannah was a happy 13-year-old until she became an 'emo' – part of a sinister teenage craze that romanticises death. *The Mail*, 15 maio 2008. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/femail/article-1019750/The-tragic-story-happy-popular-intelligent-13-year-old-committed-suicide-emo.html#ixzz2HkOK11J2>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

RICHARDSON, Celia. The truth about self-harm: for young people and their friends and families. *Camelot Foundation & Mental Health Foundation*. Disponível em: <<http://www.thesite.org/healthandwellbeing/mentalhealth/selfharm>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSS, S. HEATH, N. A study of the frequency of self-mutilation in a community sample of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 2002, 31, p. 67-77.

SARGEANT, Jack. It's Hard to Be Emo and Be Respected. *The Australian*, v. 3, n. 10, 2007. Disponível em <<http://www.theaustralian.com.au/opinion/jack-sargeant-its-hard-to-be-emo-and-be-respected/story-e6frg6zo-1111113456829>>. Acesso em: 03 out. 2014.

SCHUTZ, A. Sobre fenomenologia e relações sociais. In: *Sociologia*. Petropolis (RJ): Vozes, 2012.

SHENKER, Jack. Egypt's emos, the latest hate figures. *The Guardian On line*. 6 maio 2009. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2009/may/06/egypt-emo-backlash>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

SINAY, Sergio. *A sociedade dos Filhos Órfãos: quando pais e mães abandonam suas responsabilidades*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

SLATER, Don. *Cultura do consumo e modernidade*. São Paulo: NBL Editora, 2001.

SMITH, Gerry. Teen bullying: Tormented boy's short life ends in suicide. *Chicago Tribune*, Julho, 2009. Disponível em: [http://articles.chicagotribune.com/2009-07-01/news/0907010138\\_1\\_bullying-suicide-youth-violence](http://articles.chicagotribune.com/2009-07-01/news/0907010138_1_bullying-suicide-youth-violence)>. Acesso em: 23 jan. 2014.

SOUZA, Fábio Francisco Feltrin. *Canções de um fim de século: História, música e comportamento na década encontrada (1978-1991)*. 2005 (Dissertação). Programa

de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STRICKLAND, Matt. An information booklet for young people who self harm & those who care for them. *Logan-Beaudesert Mental Health Service Queensland Health*. 2006. Disponível em: <[http://www.decd.sa.gov.au/speced2/files/pages/chess/hsp/Information/revise\\_d\\_selfharm\\_finalweb.pdf](http://www.decd.sa.gov.au/speced2/files/pages/chess/hsp/Information/revise_d_selfharm_finalweb.pdf)>. Acesso em: 23 jan. 2015.

SZEMERE, Anna. *Up from the underground: the culture of rock music in postsocialist Hungary*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001.

TEIXEIRA, M. J. Chronic pain and depression. *Rev Neurocienc*, 14 (2), 2006, pp. 044-053. Pain, 1976, v. 2, p. 361-378.

THIS BUSINESS Is Killing Me. Intérprete: Ramones. Compositor: Joey Ramone. In: Álbum. Pleasant Dreams, [S. l]: Sire Records Company, 1981. Disponível em: <<http://letras.mus.br/ramones/90954/>>. Acesso em: 30 set. 2014.

VILLINES, Zawn. Teens in Alternative Subcultures More Likely to Self-Harm. *Good Therapy Blog*. 27 maio. 2014. Disponível em: <<https://www.goodtherapy.org/blog/teens-in-alternative-subcultures-more-likely-to-self-harm-052714>>. Acesso em: 3 set. 2014.

WERTHEIM, Margaret. *Uma História do Espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

WHITE, Edmund. *City boy: minha vida em Nova York*. São Paulo: Benvirá, 2012.

WHITLOCK, J. L. The Cutting Edge: Non-Suicidal Self-Injury in Adolescence. *Research Facts and Findings*. f, Stand, 3, 2012. Disponível em: <[http://www.actforyouth.net/resources/rf/rf\\_nssi\\_1209.pdf](http://www.actforyouth.net/resources/rf/rf_nssi_1209.pdf)>. Acesso em: 03 nov. 2014.

\_\_\_\_\_.; POWERS, J.; ECKENRODE, J. E. The virtual cutting edge: Adolescent self-injury and the Internet. *Developmental Psychology*, 42, pp. 1-12, 2006.

WILLIAMS, J. Patrick. Youth-Subcultural Studies: Sociological Traditions and Core Concepts. *Sociology Compass*, 2007, v. 1, n. 2, p. 572-593.

WILLIAMS, Rosalind H. *Notes on the Underground: An Essay on Technology, Society, and the Imagination*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008.

WILSON, Wander. O comissário do esgoto: William Burroughs, coragem da verdade e uso de substâncias psicoativas. *Ecopolítica*, 2014, n. 10.

WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

\_\_\_\_\_. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLF, Mary Montgomery. "We Accept You, One of Us?": Punk Rock, Community, and Individualism in an Uncertain Era, 1974--1985. *ProQuest*, 2007.

YANDOLI, Krystie Lee. Inside The Secret World Of Teen Suicide Hashtags. *BuzzFeed Staff*. 7 set. 2014. Disponível em: <[http://www.buzzfeed.com/krystie\\_yandoli/how-teens-are-using-social-media-to-talk-about-suicide](http://www.buzzfeed.com/krystie_yandoli/how-teens-are-using-social-media-to-talk-about-suicide)>. Acesso em: 27 dez. 2014.

YOUNG, Robert *et al.* Why alternative teenagers self-harm: exploring the link between non-suicidal self-injury, attempted suicide and adolescent identity. *BMC psychiatry*, v. 14, n. 1, p. 137, 2014.

\_\_\_\_\_. SWEETING, Helen. WEST, Patrick. Prevalence of deliberate self-harm and attempted suicide within contemporary Goth youth subculture: longitudinal cohort study. *BMJ*; 332:1058–61, 2006.

\_\_\_\_\_. VAN BEINUM, Michael, SWEETING, Helen, WEST, Patrick. Young people who self-harm. *British Journal of Psychiatry*, 191, 44-49, 2007.

ZDANOW, Carla; WRIGHT, Bianca. The Representation of Self Injury and Suicide on Emo Social Networking Groups. *African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie*, v. 16, n. 2, p. 81-101, 2013.

## APÊNDICE

### Questionário exploratório usado na Internet e com alguns informantes

Sexo:

Idade:

Bairro

Gosto musical:

1. Há quanto tempo você se corta? (Se hoje já não se corta mais, quanto tempo levou?) Fale um pouco sobre o
2. Qual a parte do seu corpo é ou foi mais afetada pelos cortes?
3. Você se considera um viciado em cortes? Porque? Ou por que não?
4. Qual a parte desse lance de se cortar você acha mais ruim?
5. E o que tem nisso que você gosta (ou gostava), que você acha mais proveitoso?
6. Liste 5 atividades que faz você se acalmar.
7. Qual é a melhor coisa que alguém já disse a você sobre se cortar?
8. Você já tirou fotos dos seus ferimentos? Por que, ou então por que não?
9. Como você se sente ou se sentia com suas cicatrizes?
10. Qual o lugar mais estranho (escola, praça etc.) que você já se cortou?
11. Qual a maior compreensão sobre você mesmo ou sobre a vida que o ato de fazer cortes te levou a ter?
12. Você visita algum site sobre *cutting*, cortes, automutilação e tal? Se sim, quais?
13. Que conselho você daria para alguém sobre a prática de se cortar?
14. Você conhece alguém mais que se corta? Mais ou menos quantas pessoas?
15. Você já tentou parar de fazer isso antes? Se sim, o que te levou a querer abandonar?
16. Em que lugar você se sente mais tranquilo?
17. Qual é a coisa em sua vida que faz você se sentir mais feliz?
18. Você segue algum blog de cortes ou posta em alguma comunidade de cortes da Internet?
19. Você se considera alguém que recebeu muito afeto?

**ANEXO A**

Algumas imagens complementares dos temas mais relevantes da pesquisa.

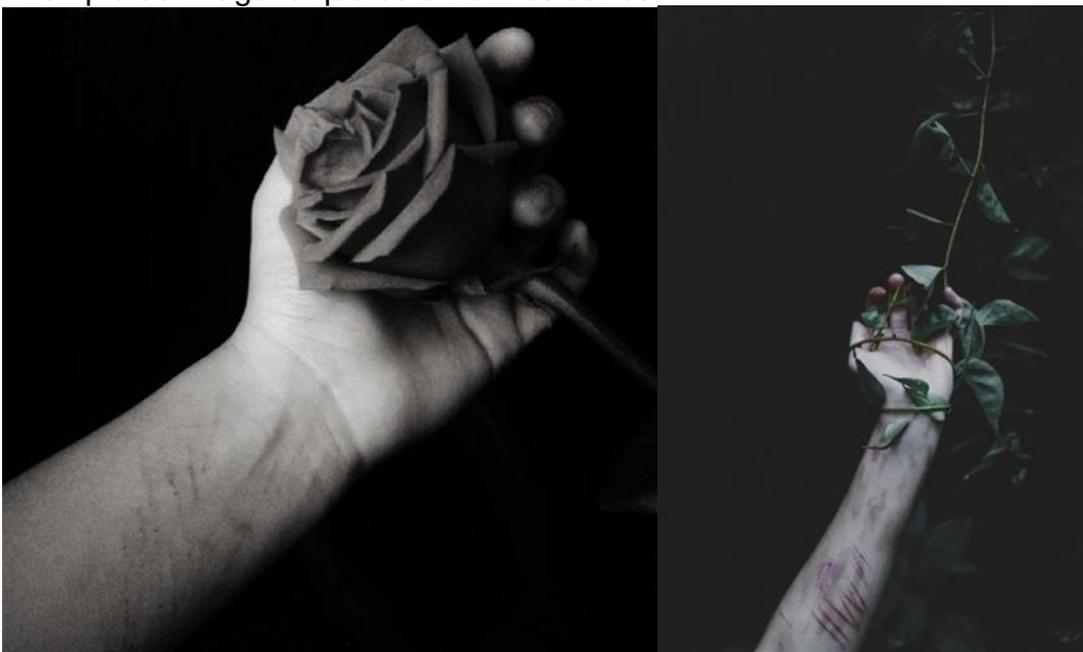


Fonte: recorte da página do Tumblr.



Fonte: recorte da página do Tumblr.

Exemplo de imagens que estetizam os cortes.



Fonte: Tumblr.com



Fonte: informante da pesquisa de campo.

Espaços institucionais entre os blogs de *cutting*. Números de telefone em meio ao ambiente virtual.

**Tudo certo?**

Se você tem tendência para comportamentos de automutilação ou conhece alguém que se encontra nesta situação, a equipe da PRO-AMITI pode ajudar: basta telefonar para (11) 2661-7805 ou enviar um email para [contato@amiti.com.br](mailto:contato@amiti.com.br).

Caso você esteja passando por algum outro tipo de problema, poderá conversar anonimamente com alguém da associação 7 Cups of Tea. Selecione seu país no menu de opções.

[Voltar](#)

[Ver resultados da busca](#)

Fonte: recorte da página do Tumblr.

#self harm #cutting #cut #cutter #self h  
301 notas

youmatterlifeline  
**KEEP CALM AND CALL 1-800-273-TALK**

Reblog this for suicide prevention.  
#suicide prevention #Suicide  
58.798 notas

learning-2love-myself  
NOT TALENTED ENOUGH  
NOT PRETTY ENOUGH  
NOT SMART ENOUGH  
NOT THIN ENOUGH  
NOT FUN ENOUGH  
NOT GOOD ENOUGH  
//  
#alone #cutting #depressed #depression  
219 notas

pink-emo-kitty  
It's getting bad again  
Delivered  
I'm on my way.

School sucks.  
#Depression #depressed #selbstverletzung  
290 notas

bluexprincessx  
It fucking hurts.  
#alone #depressed #unloved #unwanted  
374 notas

Fonte: recorte da página do Tumblr.

Exemplos de tumblrs de jovens que se definem como sendo indivíduos *borderline*.

Kiliano - Sunday SCM Music

The Life is so B

### Todo dia...

Alguém escreve uma música, todo dia uma criança nasce e outra morre, todo dia uma pessoa se apaixona e outra tem o seu coração partido, todo dia acontece alguma coisa, seja um acontecimento insignificante ou um marco que pode mudar a história da humanidade. Todo dia, sem excesso, o mundo não fica parado, não nos dias de hoje, não quando qualquer notícia leva menos de cinco segundos para percorrer o globo, seja uma pessoa rica ou miserável o personagem principal desse fato, muitos crescem e caem com a mesma facilidade. ... Li em algum lugar que uma pessoa leva cerca de 0,2 segundos para se decepcionar com a outra, certo ou não, posso dizer com a máxima certeza que com o *borderline* é instantâneo, sendo o acaso ou não, isso é uma constante em sua vida, seja por ter recebido uma má resposta ou por ter visto algo que não devia, criamos sonhos muito rapidamente, temos esperanças, e tudo isso nos é tirado também, os culpados? Algumas pessoas, algumas lembranças, alguma coisa, qualquer coisa, e isso, meus caros, acontece todo dia.

[post details](#) | [reblog](#)

Simon, 20, Belém-PA, Brasil, calado, sarcástico, metido a escritor e compositor, gosta de uísque, cigarros e boa música, não se considera mas dizem que é PC gamer, um tanto irritante e viciado em DotA, tem um tumblr por que gosta de compartilhar seus pensamentos *borderlines*, portador de tpb, não sabe o que é? Procura no Google. Ah, me procura no skype também: sailmonv ----  
Visitantes on line: 1, Nº total de: 1945772 visitantes!

Fonte: Captura de tela do Tumblr.com.

what-you-see-today [Seguir](#)

## What You See Today

Louanne Isabelle, 18 anos. Apaixonada por tecnologia, cultura oriental e nórdica, MMORPG e livros de ficção científica.

Eu e minha mania de achar que uma dor vai acabar com outra dor, de que uma dor superior pode aliviar uma dor menor (ou maior).

#Automutilação #Cutting #Transtorno de Personalidade Borderline #depressão

Fonte: recorte da página do Tumblr

Imagens da pesquisa de campo.



Fonte: Próprio autor.

Amanhecer na “rua da droga”, após *virar* no Fafi. Calçada *squat* próximo ao Fafi.



Fonte: Próprio autor.

Galera *under* no DM. Beijo triplo.



Fonte: Acervo do autor, 2013.

Encontro na calçada Ponto D próximo ao Fafi.



Fonte: Acervo do autor, 2013.

Exemplo de imagens que fazem crítica à sociedade.



Fonte: Tumblr.com

Exemplo de imagens que fazem crítica à sociedade.



Fonte: Tumblr.com

Imagens dos locais onde nasceram as reuniões e encontros do Fafi.

Fachada do extinto Fafi Bar.



Fonte: Google Maps.

Gramado próximo ao Fafi onde foi criada microreuniões da galera *under*.



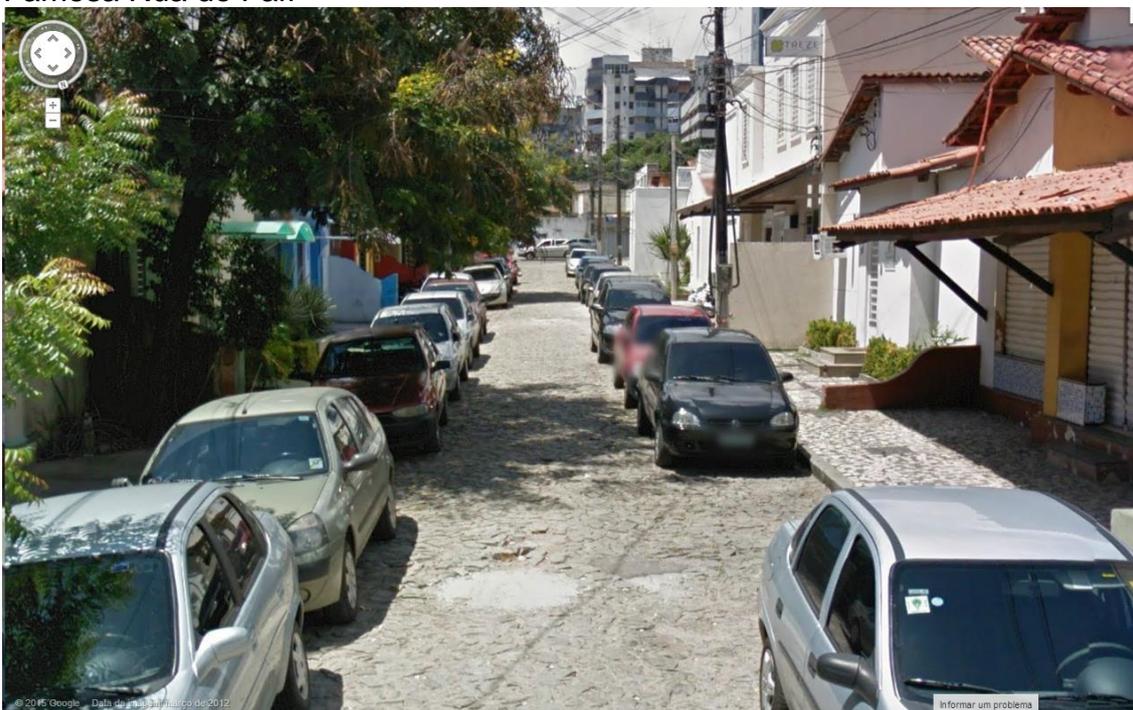
Fonte: Google Maps.

Rua da “Droga”, apropriada para uso após a chegada da gelera *under* do DM.



Fonte: Google Maps.

Famosa Rua do Fafi



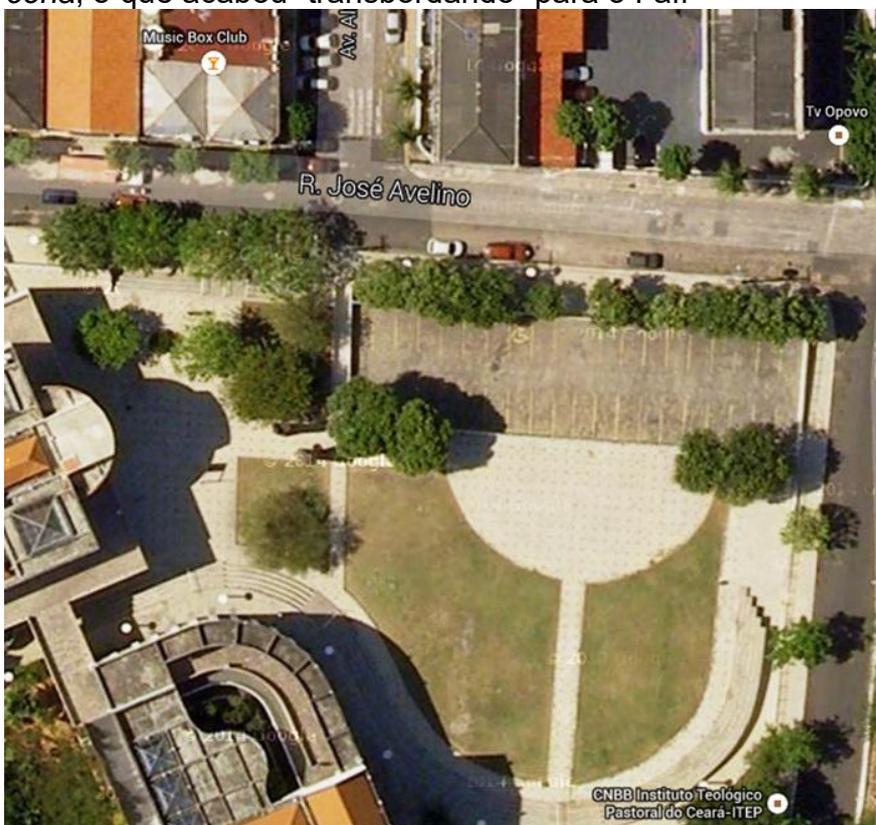
Fonte: Google Maps.

Calçada e muro branco apropriados, similar às squats punk. Perpendicular à rua do Fafi.



Fonte: Google Maps.

Praça Verde do DM que costumava agregar uma grande quantidade de jovens da *cena*, o que acabou “transbordando” para o Fafi

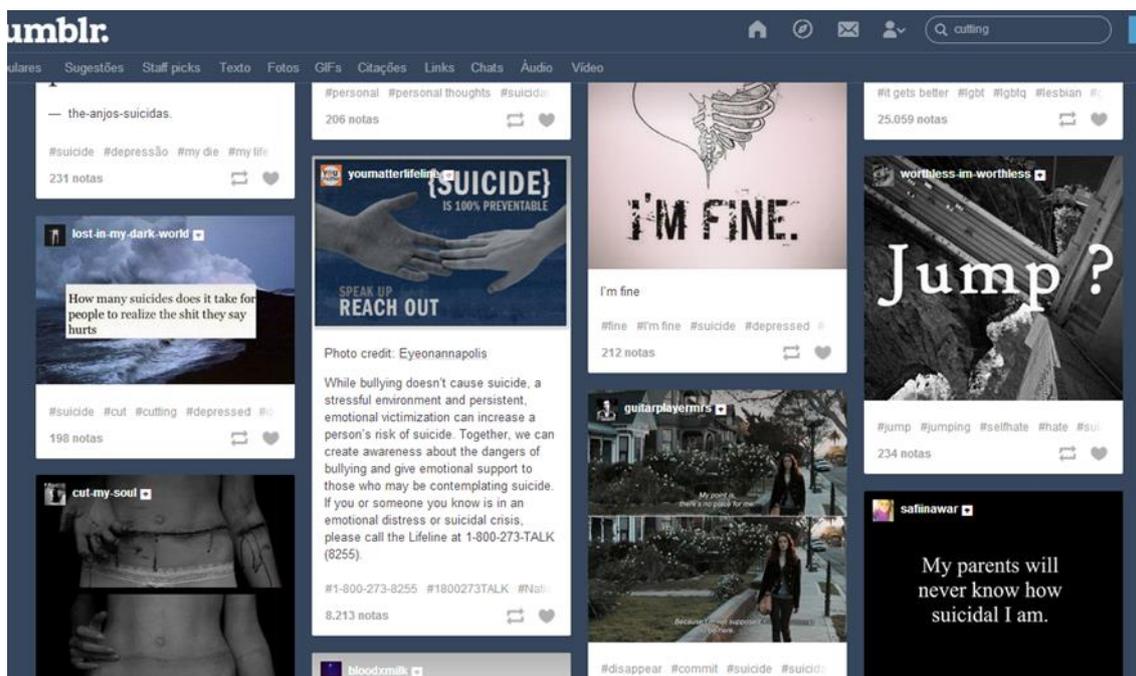


Fonte: Google Maps.

*Squat* punk X Plataforma de *blogs* do Tumblr. Em ambas as figuras, sobreposição de imagens e sentidos em um mesmo espaço tomado ou apropriado, os quais se distanciam das convenções sociais mais amplamente aceitáveis.



Fonte: Blizgigs, 2010<sup>170</sup>.



Fonte: Tumblr.com, 2010.

<sup>170</sup> Disponível em: <<http://www.blitzgigs.de/wp-content/uploads/2010/02/kopi-e1265207967542.jpg>>. Acesso em: 12 jul. 2014.